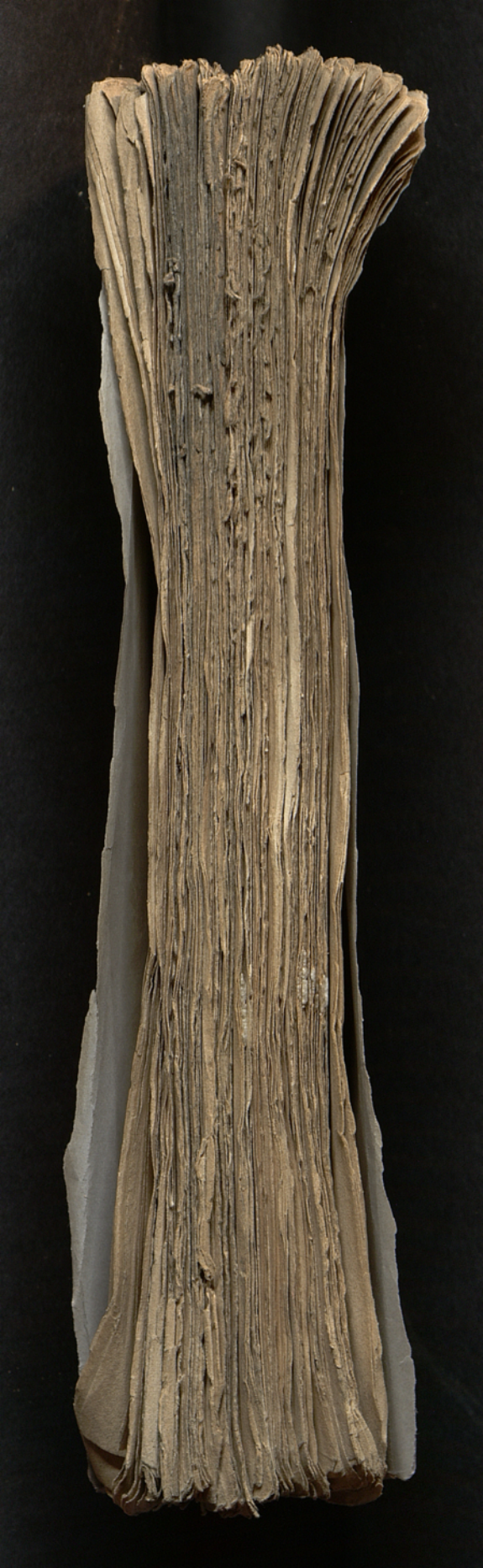
533592

VISCONDE
DE BRIGANTIÇOR

GUIA DOS
SEGUROS

PREÇO
1$000 RÉIS

533592



GUESTO ANSURES

QUADROS DA VIDA NEO-GOTHICA

ROMANCE HISTORICO

DO

VISCONDE DE FIGANIÈRE

SEGUIDO

DE

APONTAMENTOS ARCHEOLOGICOS

RELATIVOS AO SECULO VIII

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

LISBOA
LIVRARIA FERREIRA — Editora
132 — RUA AUREA — 134
1883

Δ 53592
Hommage de l'auteur
Δ 53592 FA

GUESTO ANSURES

QUADROS DA VIDA NEO-GOTHICA

ROMANCE HISTORICO

DO

VISCONDE DE FIGANIÈRE

SEGUIDO

DE

APONTAMENTOS ARCHEOLOGICOS

RELATIVOS AO SECULO VIII

LISBOA
LIVRARIA FERREIRA — Editora
132 — RUA AUREA — 134
1883

Ficam reservados todos os direitos

LISBOA — TYPOGRAPHIA DA VIUVA SOUSA NEVES — RUA DA ATALAIA, 65

INDICE

	PAG.
Dedicatoria	V
Advertencia	VII
Introducção historica	1
I O Esperadouro	7
II Em Jornada	22
III O Presbytero de Tolsun	28
IV A Noiva do servo	40
V A Azenha de Subrego	52
VI O Conde Froya Gutheres	62
VII O Dilemma	68
VIII O Mosarabe	78
IX O Presor	87
X O Amontado	103
XI Sempronio	107
XII As Arrhas do capitão	120
XIII Um Assumpto do dia	131
XIV A Apparição	148
XV O Soccorro	164
XVI O Condemnado	169
XVII O Alto de Folgoso	184
XVIII A Feiticeira	192
XIX O Castro	202
XX A Denuncia	208
XXI O Magnate da Curia	220
XXII A Força das cousas	229
XXIII Negociador e Espia	236
XXIV Alpe	244
XXV O Convento duplex	253
Guesto e a Lenda	264
Conclusão historica	266
Notas	268
Glossario	274

Apontamentos archeologicos :

I Do Nascimento do rei Mauregato 279
II Dos Castros 282
III Da Nobreza 287
IV Da Acclamação de Mauregato 290
V Dos Condados de Lugo 292
VI Da Presúria, e modo de povoar 293
VII Das Revoltas populares 298
VIII Das Fronteiras meridionaes 299
IX Dos Clerigos-servos 302
X Da Provincia de Lugo, com referencia á civilisação 304
XI Das Feiticeiras 311
XII Da Servidão 312
XIII Do Mosteiro de Sámanos 314
XIV De Theudas 317
XV Dos Conventos duplices 318
XVI Das Formulas de anathema e maldição empregadas nos diplomas antigos 322

Vous jugez de mille sortes d'ouvrages, et en jugez bien.

Vous savez dispenser à propos votre estime:
Le pathétique, le sublime,
Le sérieux, et le plaisant,
Tour-à-tour vous vont amusant.
Tout vous duit, l'histoire et la fable,
Prose et vers, latin et françois.

LA FONTAINE, *Lettres.*

Á Excellentissima Senhora

D. Adelaide Perfumo de Almeida e Vasconcellos

Em testemunho de profundo respeito

Dedica

O author.

ADVERTENCIA

N'este livro apresentam-se ao leitor typos das diversas classes da sociedade neo-gothica com referencia aos fins do periodo de transição em que predominou no governo a influencia mosarabica, fundado n'um estudo dos documentos coevos.

A descripção dos sitios em que se desenvolve a acção, que occupa o espaço de quatro dias e meio, é conforme aos apontamentos do author, tomados por ensejo de uma viagem ás provincias de Orense e Lugo, e especialmente ao districto montanhoso entre os rios Sil e Sárria.

Foi ali que Affonso o Casto passou bastantes annos da sua juventude, vivendo ainda hoje na memoria d'aquelles povos, depositarios de tradições legendarias concernentes ao dito monarcha, designadamente em Sobredo, chamado outr'ora Subrego.

Para commodidade do leitor menos versado em locuções priscas e palavras obsoletas damos no fim, como nos foi suggerido, um breve glossario de algumas que occorrem em um ou outro trecho dos dialogos e hoje constituem archaismos.

Os Apontamentos Archeologicos com que remata o volume, são um como supplemento dedicado aos curiosos e áquelles que se não sentirem repellidos pela aridez do assumpto.

ERRATAS MAIS IMPORTANTES

PAG.	LINHAS	ERROS	EMENDAS
9	ultima	caixotes	coixotes
38	24	aljama	jami
109	29	o sonho	o somno
143	6	Ascario	Ascarico
196	31	sortejando	cortejando
	34	cendo	sendo
202	3 (da epig.)	Cancione	Cancioneiro
322	24	*Patriarchum*	*Patriarcham*
325	38	**N. B.** Os 318 Padres são os do primeiro Concilio Niceno. Foi isto mesmo que nos occorreu logo á mente ao darmos com a respectiva formula; mas seria longo, sobre ser inutil, narrar o incidente que depois deu logar á duvida.	

INTRODUCÇÃO HISTORICA

E no seu tempo se perdeo a terra ataa a sturias e cobraramna os mouros.

CHRONICA BREVE DE SANTA CRUZ.

«Ao effeituarem os arabes a sua primeira sahida do deserto, não deixariam de maravilhar-se da facilidade e rapidez com que se realisava a conquista. Mas quando no decurso da victoria, attingiram as margens do Indo e as cumiadas dos Pyreneos, depois de haverem provado a miudo a tempera dos seus alfanges e a energia da sua fé, ter-lhes-hia causado não menos admiração que uma nação qualquer pretendesse fazer rosto ás suas armas invenciveis, ou que o senhorio do successor do Propheta fosse determinado por fronteira alguma.»

É n'estas palavras que o historiador Gibbon começa um dos capitulos mais notaveis da sua obra monumental sobre a decadencia romana, palavras que bem caberiam, quasi textualmente, na historia privativa da conquista das Hespanhas pelos sarracenos. Pois que, na verdade, quando Tarik e Muza, tendo atravessado o estreito de Septum a Calpe, seguidos de bandos compostos de diversas tribus orientaes, contemplaram o resultado da sua empreza arrojada após uma campanha de poucos mezes, ficaram sem duvida pasmados da boa fortuna que os acompanhára sempre; e, senhores absolutos de toda a Peninsula, desde a Lusitania até á Tarraconensis, e desde a Betica até ás serranias das Asturias, teriam desprezado ou compadecido a

demencia do homem que ousasse vaticinar que antes de meio seculo um punhado d'entre os vencidos reivindicaria victoriosamente uma parte do territorio perdido, como primicias de triumphos ainda mais relevantes, até que por fim a antiga capital dos reis wisigodos fosse de novo o assento predilecto da côrte dos seus netos coroados.

Não vamos provar a paciencia do benevolo leitor, repetindo aqui o que se acha consignado nas narrativas que tratam da quéda dos godos e invasão dos sarracenos em Hespanha. Mas afim de facilitar a prompta intelligencia de allusões que se acharão disseminadas pelas paginas d'este livro, não será, talvez, fóra de proposito recordar n'um esboço rapido a origem e progresso do reino neo-gothico das Asturias, até á epoca a que se referem os successos que fazem o assumpto do romance.

Vendo a patria irremediavelmente perdida, e seguro o dominio dos conquistadores, determinaram muitos wisigodos procurar um asylo nas montanhas do norte para escaparem ao jugo estrangeiro; ao passo que outros com o mesmo fim se reuniram a Theodomiro, que em Murcia conseguira estabelecer um pequeno estado independente. Com quanto este ultimo tivesse a garantia de um pacto celebrado entre aquelle chefe e Abdelaziz, de pouco lhe serviu pelo tempo adiante, não chegando aquelle estado a completar meio seculo de existencia.

Não succedeu o mesmo com a nação que se ia formando no norte. A aspereza das brenhas asturianas, cujo ingresso oppunha tantas difficuldades a um exercito, e a pobreza da terra e dos seus habitantes, parece que deviam ter affiançado a estes uma tranquillidade obscura, attento o desprezo que aos capitães arabes havia de ter merecido este ultimo recanto da Peninsula. Consta todavia que poucos annos depois da conquista, o wali Ayub ben Habib mandou contra aquelle territorio alguns destacamentos de tropa que tomaram varias povoações, estabelecendo-se em Gijon. Foi então que os asturianos se sublevaram.

Tinham escolhido por chefe a Pelagio, cuja geneologia não é certa, posto que haja quem o chame filho de Favila, duque de Cantabria e descendente do rei Chindaswinth. Em vida de Roderico, ultimo dos reis wisigodos, achava-se a

guarda real sob o mando de Pelagio, que, depois de pelejar com denodo na batalha do Chryssus, ou Guadalete (julho de 711), tão fatal para os christãos, se havia acolhido aos montes do septentrião.

Ayub fôra demittido do governo pelo kalifa, e quando rebentou a sublevação das Asturias, Alhaur ben Abderrahman, mais conhecido pelo nome de El Horr, tinha o mando supremo na Peninsula, com o titulo de emir. Tanto que teve rebate d'esse successo, enviou Alkamah para aquelles sitios á frente de uma força consideravel. Deu-se uma lide junto ao monte Auseba, á bocca do algar tão celebrado com o nome de Covadonga. Ali soffreu Alkamah uma derrota completa. Este acontecimento verificou-se em 718, sendo Pelagio acclamado logo em seguida rei das Asturias. Os chronicons nada revelam tocante ao reinado d'este principe, constando sómente que falleceu em Cangas no anno de 737.

Favila, filho de Pelagio, foi eleito, conforme o costume antigo dos godos, para successor de seu pae, mas nenhuma noticia a seu respeito tem chegado até nós, senão que seguindo a montaria fôi morto por um javali em 739.

Com quanto Favila deixasse geração, a escolha não recahiu n'ella, provavelmente por não ter attingido a idade adulta; e o throno coube por eleição a Affonso, filho de Pedro duque de Cantabria, e genro de Pelagio, com cuja filha, Ermesinda, era casado.

Aproveitando-se do estado de anarchia a que chegára a Hespanha musulmana, começou (em 742) este principe bellicoso as suas correrias pelo territorio do inimigo, continuando-as com fortuna por uma larga serie de annos.

As victorias de Affonso I não são conhecidas na sua ordem chronologica; pois que os chronistas se limitaram a dar uma relação d'ellas, omittindo as respectivas datas. Invadiu a Galliza, tomando posse permanente de Lugo, Orense e Tuy; transpoz o Minho, apoderando-se de Braga e de todo o districto até as margens do Douro. Dilataram-se igualmente as suas conquistas para a parte do oriente e sueste; internou-se no paiz que medeia entre as serras asturianas e os montes Pyreneos; e tomou por assalto muitas villas e cidades em Leão e Castella, chegando até Vizeu na Lusitania.

Affonso não dispunha de forças sufficientes para pôr presidios nas numerosas praças que cahiram em seu poder; mas com quanto não podesse conservar todas as suas conquistas, consta que á sua morte abrangia o seu imperio a Galliza e a Cantabria até aos confins da Vasconia.

Diz-se que foi em attenção ao grande numero de templos que este rei fundou ou restaurou, que os seus lhe deram a antonomasia de *O Catholico*; ao passo que foi tamanho o pavor que elle soube incutir no animo dos mahometanos —mercê da constancia com que a fortuna o favoreceu, e dos grandes estragos commettidos todos os annos pelos guerreiros capitaneados por elle—que acabaram por designal-o com os appellidos: *o Terrivel*, *o Matador dos homens*, *o Filho da espada*.

Fallecendo Affonso em 756, foi acclamado seu filho Fruela, ou (conforme o estylo dos monumentos coevos a que havemos de nos cingir) Froila, que deixou nome de valente guerreiro, posto que a historia seja escaça em commemorar os seus triumphos, dizendo em geral «ganhou muitas victorias», e individuando apenas uma d'ellas, a de Ponthumium na Galliza, logar que os antiquarios não tem podido identificar, cifrando-se tudo em conjecturas (a *Historia Iriense*, no cap. 20.º, diz porém que esta batalha deu-se entre Douro e Minho). Mas por outro lado não pôde impedir que os sarracenos regressassem para Cordova com captivos, e carregados de despojos, em seguida a uma invasão que effeituaram pelas fronteiras da Galliza em 765.

Este principe teve tambem de arrostar as revoltas dos seus subditos: reprimiu uma na Galliza, e outra em Alava no terceiro anno do seu reinado. É notavel este ultimo acontecimento por ter proporcionado a Froila a escolha de uma consorte. Entre os captivos que trouxe na sua volta de Alava, vinha uma joven chamada Munia, que, passado algum tempo, tomou por mulher, como fizera Clothario I de França com a sua captiva Radegonde, aprisionada com seu joven irmão, depois do desbarato dos thuringios.

Attribue-se a Froila uma lei prohibindo o matrimonio aos ecclesiasticos, e determinando que se separassem das mulheres aquelles que porventura fossem casados; providencia que passa por ter produzido no clero muita indis-

posição contra o seu author. Cumpre porém observar que a existencia de semelhante lei não se apoia em provas certas ou sufficientes, ao passo que a aversão contra Froila não se limitava sómente ao clero. O seu genio era colerico e despotico; e parece que pela sua crueldade e tyrannia provocou a ira dos seus subditos. Fosse como fosse, o que se sabe positivamente é que, tendo Froila apunhalado seu irmão Vimarano, por ser este principe bemquisto do povo em consequencia da amenidade do seu trato e da sua pericia militar, foi morto o rei ás mãos de alguns grandes da côrte, no anno de 768.

Este monarcha instituiu varias fundações pias; e deu principio á cidade de Oviedo, que em reinados posteriores veiu a ser capital do estado.

O rei assassinado deixou um filho em curta idade, chamado Affonso; mas o sceptro passou para as mãos de Aurelio, filho de outro Froila, irmão de Affonso o Catholico, e portanto primo co-irmão do ultimo rei. O reinado de Aurelio durou seis annos, sem que d'elle ficasse outro monumento mais que a sublevação dos servos contra os senhores de terra; acudindo porém o rei em pessoa, foram aquelles reduzidos á obediencia.

Á morte de Aurelio em 774, desattenderam-se de novo as pretenções de Affonso, ou dos seus parciaes, recahindo os votos em Silo, casado com Adosinda, filha de Affonso o Catholico. Ignora-se a origem d'este rei; mas de um trecho da chronica Albeldense a seu respeito (*cum Spania ob causam matris pacem habuit*, significando Spania, «terra dos sarracenos») se póde inferir que sua mãe fosse arabe, e seu pae «um d'esses godos nobres que, sujeitos ao dominio musulmano, se haviam enlaçado com as filhas dos conquistadores, enlaces de que tantos exemplos subsistem,» segundo conjectura Alexandre Herculano (*Hist. de Portugal*, T. 3 p. 180, da 1.ª ediç.). De Silo só consta que viveu em paz com os sarracenos, como affirma o trecho citado acima, e que subjugou no monte Cuperio (hoje Cebrero) uma revolta do povo que rebentára em Galliza.

Nos reinados anteriores o assento da côrte fôra em Cangas; mas Silo transferiu-o para Pravia, villa situada no rio Nalon. Para ali chamou o joven Affonso, que desde a morte

do rei seu pae residira no mosteiro de Sámanos, ou Samos como hoje se diz. É provavel que Affonso devesse a boa vontade do novo rei á influencia de sua tia a rainha Adosinda; e parece que viveu na côrte até ao obito de Silo, succedido em 783.

N'esta conjunctura conseguiu Adosinda que fosse acclamado na curia regia o principe Affonso seu sobrinho; mas havendo um partido que lhe era contrario, não pôde o filho de Froila conservar-se na posse do sceptro, de que Mauregato, o escolhido dos descontentes, se apoderou, ao passo que Affonso teve de se acoutar em Alava, patria de sua mãe, clausurando-se Adosinda no convento de S. João de Pravia, de que era fundadora, o que aliás era costume das rainhas-viuvas, segundo o estabelecido no Concilio XIII de Toledo, tit. 5, citado por Florez (*Reynas Cathol.* T. I, p. 53).

Mauregato era filho natural de Affonso I, o Catholico, e de uma serva. Ao nome d'esse rei anda vinculada a bem conhecida lenda do tributo das cem donzellas, cuja origem não se deriva das fontes puras da historia contemporanea, sendo geralmente desacreditada pela critica moderna como invenção de tempos posteriores. O historiador Mariana não duvida, até, referir o pretendido tributo tanto ao rei Aurelio, como a Mauregato.

A proposito d'esta tradição, diz Alexandre Herculano: «A lenda ácerca do tributo das donzellas pago por Aurelio e Mauregato aos sarracenos, a qual já se encontra em Lucas de Tuy (*Hisp. Illustr.* T. 4, p. 74) e em Rodrigo Ximenes (L. 4, c. 7) é, quanto a nós, um mytho tradicional, que symbolisa as tendencias de fusão nos fins do seculo VIII, e a preponderancia transitoria do mosarabismo» (*Hist. de Portug.* T. 3, p. 181. not. 2, da 1.ª ediç.). Assim é, deveras, que a philosophia da historia deve encarar aquella noticia legendaria, assás antiga aliás para que se não rejeite com o desdem que merecem patranhas, com quanto se não possa acceitar como facto substancial.

Suspendemos aqui o nosso summario, por termos chegado ao momento historico em que se intercalam os dias do romance.

I

O ESPERADOURO

Que tu, falsa Esperança,
Como de casa, sabes
Estreitos passos della em que te escondas.
Quem pois de si te lança?
No peito aflito cabes,
Que já se vê no mar bebendo as ondas.

Fernão d'Alvares do Oriente, *Lusit. Transf.*

A linha divisoria entre as provincias de Lugo e de Leão, é indicada por altas serranias, que, seguindo do norte ávante para o sul, e como opprimidas, alliviam a propria pujança com despedir de si extensas ramificações por um e outro lado em diversos pontos da sua carreira.

Uma d'essas parcellas agigantadas é a chamada serra do Caurel, que, começando não longe do paiz do Vierzo, corre com direcção S. O. n'uma distancia de cinco legoas, até entroncar com a serra de Quiroga que vem morrer á confluencia dos rios Sil e Lor. Em quatro pontos culmina a do Caurel; e são, partindo do seu extremo N. E., os altos montes Capeloso, Faro, Formegueiros e Pico Pajaro, o mais levantado dos quatro, e o segundo em elevação d'entre todos os cabeços da provincia de Lugo.

D'esse ultimo — conhecido dos povos da localidade pelo nome corrompido de *Piapájara*, mas que por conveniencia designaremos sempre pela sua traducção *Pico Passaro* —

partem duas ramificações para o occidente; desviando-se porém, uma com inclinação norte, a outra em sentido opposto, e indo ambas formar ribeiras á esquerda do rio Lor. A primeira constitue a serra de Ferreirós. A que se desvia para o sul, fórma uma serie de tres montes com gradual diminuição de altura, os quaes se chamam Alto de Abezul, o Traspando, e o monte de Outra-Banda.

Ladeadas por estas duas ramificações, cahem as faldas occidentaes de Pico Passaro até irem lavar-se nas aguas do Lor. Um pouco abaixo do seu triplice cume, nasce um riacho que, correndo pelo denominado Valle Escuro, banha os lados de uma baixa chamada Seixo e do alcantil do Susfurado, ao sopé do Abezul, e, formando ali queda de sessenta a oitenta pés, segue por uma funda ribanceira, para desaguar no rio. D'ahi lhe veiu o nome de riacho ou arroyo da Ribanceira.

As ourelas do Lor são geralmente mais ou menos aprumadas, dando pouco ou nenhum piso á riba d'agua. Mas de quando em quando desafoga-se esta estreiteza de formação, com o que se poderiam chamar enseadas, em que porém as aguas se não admittem por causa do declivio, podendo apenas espraiar-se um pouco. É nas taes enseadas ou abertas que estão sitas quasi todas as povoações, sendo por isso que se acham invariavelmente a alguma distancia das margens, escondidas acima nas ladeiras arborisadas, cuja queda menos ingreme produz esses respiradouros do angusto, fundo, e sinuoso valle do Lor.

É pois n'uma d'essas quebras das alterosas margens do rio, na praticada pelas faldas de Pico Passaro, que se aninha hoje a aldêa de Folgoso. Jaz em amphitheatro á esquerda do rio, e á direita do riacho; passante meio kilometro do primeiro, e a um quarto de kilometro do ultimo.

Mais acima, ao N. E. da aldêa,, vê-se uma eminencia, aliás de pouca altura com relação á ladeira que lhe serve de base, sobre a qual havia outr'ora um castro romano. Comquanto as reliquias d'esse passado hajam desapparecido, vivem hoje na memoria do povo pelo nome que a tradição conserva áquelle sitio: CASTRO DA TORRE.

No tempo da nossa historia, as fortificações subsistiam ainda em grande parte, e eram aproveitadas, como se ve-

rá opportunamente; pois que, como residencia de nossa heroina, o castro de Folgoso é destinado a figurar por muito nos successos que se irão seguindo.

Entre os declivios, aliás mui accidentados, em que está a aldêa, e os extremos da serra de Ferreirós, corre uma cadêa de montes rio-acima, da qual o Bustilho fórma o primeiro elo da parte de Folgoso, que é dominado pelo dorso do mesmo.

Castanheiros de dimensões colossaes formam um bastissimo souto, assim em todo o recanto de Folgoso, como pelas encostas fronteiras do monte de Outra-Banda, e ainda pelas de Pico Passaro até certa altura, e para lá do sitio chamado Castro da Torre.

Corria o anno de 789. Era no mez de outubro, e ao trasmontar do sol.

Na encosta do monte Bustilho, coberta de bosque até perto do rio, havia, a mais de meia distancia d'este, um como terrado natural que, sahindo por assim dizer da matta deixava desempedida a vista em frente e do lado do sul, sendo fechada ao norte por uma sinuosidade do rio, onde as duas margens pareciam confundir-se. Na direita, um pouco rio-abaixo, e opposta á enseada de Folgoso, abria-se a ladeira em meio circulo; e lá por cima, atravez do arvoredo, apparecia em parte a quinta ou, como então se dizia, «villa» de Eiroriz, com o seu «assentamento», ou casas de habitação, abegoarias, curraes, etc. e choças das familias servis. Por traz erguia-se alta e escura a serra viva de Miranda. Mais adiante, e sempre na direcção da corrente, a vista lançava-se pelo fundo e estreito valle, até que, alargando este, se descobria ao longe, n'uma collina separada da serra, e ainda na margem direita, uma das maiores propriedades que então havia na visinhança, denominada Villa-mór e pertencente ao fisco, cujas eram as pastagens e terras cultivadas que a rodeavam até certa distancia.

No sitio desviado, e por costume solitario, d'onde se gosava esta scena, vamos agora encontrar duas pessoas de diverso sexo, assentadas sobre o tronco de uma arvore cahida. O homem vestia um laudel ou saia de malha, que lhe chegava até perto dos joelhos, e se completava com o gorjal, ou gollilha; e nas pernas tinha caixotes e caneleiras de

aço. Do hombro esquerdo passava-lhe pelo peito e pelas costas, uma banda cramesim, tão cheia que fazia pregas, atando-se em nó na cintura, do lado direito. Ao pé d'elle jaziam o elmo comante, o escudo, e as manoplas de que se tinha desembaraçado.

Mostrava a idade em que predominam os sentimentos generosos, e na qual a alma tende a diffundir-se, ainda nos temperamentos reservados. Tinha rosto comprido e feições regulares. Uma testa elevada imprimia-lhe o cunho da intelligencia e sinceridade. Certa proeminencia na articulação da mandibula inferior, e o bem marcado de cada feição, davam um ar de firmeza e de vigor áquella physionomia, cujo aspecto habitual era grave e composto, suavisado todavia pela expressão pensativa, e não raro distrahida, dos olhos castanhos. Os cabellos compridos da mesma côr, que lhe cahiam sobre os hombros, eram indicio, bem como o estylo do trajo guerreiro, de que o mancebo pertencia á classe nobre.

A sua companheira inculcava ter menos alguns annos, sendo de rara formosura. Tudo harmonisava n'aquelle rosto onde cada feição se desenhava com delicadeza. Nos seus olhos azues, guarnecidos de pestanas negras compridas e aveludadas, com sobrancelhas ligeiramente arqueadas, respiravam em alto gráo os sentimentos da alma: ali se divisava a doçura, a qualidade mais preciosa da mulher, constituindo a quintessencia do seu poderio. A parte inferior do rosto tinha a regularidade do typo grego, ao passo que a linha superior da testa, alargando e curvando-se graciosamente, indicava uma preponderancia do ideal. O que sobresahia na expressão da joven, era uma mescla de ternura e de certa altivez que poucas vezes se combinam; mas altivez que não deixa de agradar n'essas physionomias; porque, sem revelar orgulho, é apenas uma manifestação natural da consciencia que temos do que nos é devido. Esta combinação só se verifica n'aquelles que no intimo são o que parecem: não coaduna com a minima sombra da falsidade.

Apesar do pouco que a favorecia o córte do vestuario, bem se adivinhava que as fórmas do corpo esbelto e airoso, deviam condizer com a belleza do semblante e a graça

do gesto. Enroupava-a um vestido de lan branca de fina textura, o qual descia-lhe do pescoço aos pés, sem ser preso pela cintura, comquanto aqui perdesse em largura. Ia aberto de cada lado desde o sobaco, e apenas unido por uma serie de presilhas ou alamares cujos extremos seguravam-se com botões, deixando apparecer por baixo outro vestido tambem de lan, mas de côr alaranjada. As mangas, pertencendo a este ultimo, eram bastante largas em cima, diminuindo gradualmente até os punhos. Nenhum ornato se notava, a não ser que as ordens de botões continuavam por cima dos hombros, ou melhor, das articulações d'estes com os braços, para seguirem pelas costas abaixo, do outro lado das aberturas. Tinha a cabeça descoberta, e os cabellos pretos cahiam-lhe soltos, bastos e compridos, até abaixo dos joelhos.

A pequena distancia, um cavallo atado a uma arvore, pascia da herva. Tinha brida e redeas, com adereços no pescoço, e uma sella de arções elevados e estribos abertos.

«E hasde te pôr em jornada a taes horas? Vaes ao menos acompanhado? — perguntou a joven.

«O meu bucellario, Itaultus, que veio commigo de Lugo, adoeceu na mesma noute da nossa chegada, e cá o deixo em S. Miguel, ao cuidado de Vimaredo. Mas que tem isso? Vou bem armado; e d'aqui a Sámanos são apenas seis leguas.»

«Não podes demorar a ida até madrugada? Porque tanta pressa, Guesto?»

«Porque assim m'o intimou Bermudo — respondeu o mancebo. — Foi o recado, que me dirigisse para Sámanos tão depressa o recebesse. Chegou pela hora de sexta. Não parti logo, e bem sabes porque: ir sem te ver, depois de tanta ausencia; faltar ao nosso esperadouro, isso não, minha Ermesinda!»

«E o diacono não te fez saber o motivo?»

«Não; nem me admira que deixasse de confiar ao andador o que deve ser cousa de grande momento?»

«De todo não te hade ser desconhecida — replicou Ermesinda, insistindo.

«Pela fé de cavalleiro que nada sei; e mal me atrevo a suspeitar.»

«Ainda bem! Suspeitas!»

«Occorre-me ao pensamento o malaventurado filho de Froila.»

«Como? E elle tão longe em terras de Alava!»

«Longe está deveras, mas não da mente dos amigos; nem que estivesse presente nos tinha mais lembrados d'elle e dos seus direitos. Olha, Ermesinda, não ha cousa que eu saiba com força para distrahir Bermudo dos seus livros, do remanso de sua casa, e do bello bosque de loureiros que a cerca, salvo o que possa ser de vantagem a seu primo. Elle partia de Lugo para o mosteiro, na mesma hora em que me mandou seu proprio; e deve estar esperando a minha chegada.»

«Assim, suspeitas que se trata de Affonso?»

«Ha quasi um mez a esta parte que o diacono anda inquieto, como que sob o peso de algum cuidado maior, elle que se paga tanto do seu socego! Na antevespera da minha sahida de Lugo, veiu-lhe alguma nova, não sei de quem, nem d'onde. Quiz reter-me; e como eu não estivesse por isso, replicou com umas palavras que me tem dado em que scismar.»

«E que te disse Bermudo?»

«'Pois vae, filho, em boa hora', disse, com certa malicia no sorriso; 'vae, se tens tanta devoção em S. Miguel de Subrego; mas dá-me antes a tua palavra que ao primeiro aviso meu, voltarás sem detença'. Não fiz difficuldade em lh'o prometter, observando comtudo que me admirava estar no caso de ter parte, como parecia, em negocio de alto segredo, sem no emtanto merecer-lhe toda a confiança. Então accrescentou, com aquelle ar benigno que tu lhe conheces: 'Se fosse minha a puridade, dar-t'a-hia a guardar, amigo Guesto, por muito que estejas com o coração rendido; pois eu de ti me fio. Mas andarei por tal guisa que heide manter a fé que se tem em mim. Quando for tempo, o segredo de que sou depositario se descobrirá a ti e a outros sem que n'isso eu tome parte'.»

«Elle que sabe do nosso amor, e nos quer tanto bem, se te não revelou mais, é porque deveras o sigillo lhe foi imposto. Mas sabes tu o que me lembra agora?»

«E que te lembra, Ermesinda?»

«A transferencia de meu tio Tructesindo de Lugo para Mendumeto, cujo territorio, que ora governa, fica mais sob a mão da curia; e a chegada n'estes ultimos dias do conde Gondemir com poder supremo em Lugo, que ainda é mysterio até para meu pae, senão que suspeita seja signal de desvalimento do valido. Quiçá não fosse estranha tal mudança ao negocio que preoccupa o bom diacono.»

«Não é mal lembrado, e póde bem ser. Quanto ao mais, tenho para mim que o conde Froya não acertou. Mauregato não é homem da sua vontade: como todo o rei fraco e cobarde, não governa, é governado; sua mesma sombra o assombra, e quem lh'a faz parecer maior, maior segurança tem de se assegurar d'elle, conservando-o firme e esforçado na propria fraqueza. É o que faz a curia. Ainda que Mauregato se aggravasse d'aquelle agareno-christão, Gondemir, que se poderia bem chamar seu *hahgib*, não teria animo para afastal-o do paço, sem prasme da curia, onde predominam os advendiços a que o proprio rei é vendido em corpo e alma, e dos quaes Gondemir é o mais poderoso. Anda ahi cousa encoberta. O certo é que o conde Tructesindo mantinha trato com Bermudo; e ha quem diga que não é muito firme no seu desamor a Affonso, cuja causa póde ser que esteja ora mais uma vez em via de acordar, sem quebra de boa fé, mas com melhor promessa para quando o tempo der váo.»

«Deus encaminhe! pois sabes que não quero mal ao foragido.»

«Ai de ti, Ermesinda, se taes palavras chegassem aos ouvidos de Froya Gutheres! Mas não ha sopro esta noute com força para lh'as levar — disse o mancebo, gracejando, e apontando para traz na direcção do castro de Folgoso, que porém se não via de ali.

«Estás um tanto enganado, Guesto. Elle sabe que sua filha não é affeiçoada a Mauregato, homem indigno e refece. Sabe tambem quanto lastimo a morte dada a el-rei Froila, o que hei tido sempre por feito torpe, sem porém dizer tanto a meu pae...»

«Se elle foi um dos sete condes!»

«Sim, foi dos conjurados; mas estou bem certa que não deu o golpe.»

«Ninguem sabe quem foi o matador; nem saberá nunca, talvez. Mas todos elles têm-no por feito glorioso, e não torpe, e, com elles, outros: matar um tyranno é matar um cão damnado. Sobrepõe elles a isso a razão de homizio. Acoimar morte pertence porém aos parentes; e o proprio Froila era o mais chegado a Vimarano, que trucidou. Não colhe pois o argumento, e fôra melhor aterem-se sómente ao primeiro. O fraco d'ess'outro bem o sentem elles, e conhecem que se tornaram homiziados legitimos perante Affonso, a quem compete o maior de todos os encargos da desaffronta e vindicta: remir o sangue de um pae. Por isso o não querem rei.»

«Por isso têem-no sempre perseguido.»

«Não é maravilha. O que porém se me afigura tal, é ver quanto se tem conformado a altiveza e isenção de genio que se conhece em Froya Gutheres, cujo peito é tão livre de temor, com tanta parcialidade e obsequio a um intruso infame e féperjuro, que com tamanha fraude e cobardia se apossou do solio.»

«N'isso pelo menos não foi consentidor meu pae. Mas tenho ouvido contar o caso por tão diversos modos, que não sei qual deva acreditar.»

«É certo que ao pintal-o, muitos lhe têem dado a côr das proprias paixões; e por isso variam tanto as versões, que, acceitando-as, como acceitamos os quatro Evangelhos, não seriam conciliaveis, como estes o são. Eu me acosto, comtudo, áquella que nos dá Bermudo.»

«Ó quero ouvil-a, Guesto; pois que, só enganado, faltaria elle á verdade.»

«Reduzido a poucas palavras, eis como refere o facto: Á morte de Silo, o rei mosarabe, foi Affonso eleito e alçado rei em Pravia por quantos ali tivessem voz, instigados a isso pela rainha Adosinda, como todos sabem. Ora bem: São passados poucos dias, chega Mauregato vindo de Cangas com sua mesnada, em que entravam os mais poderosos d'entre os advendiços, e tambem alguns optimates e capitães do reino, bem como antigos condes, proceres e primates da curia e paço de Froila, sabidos amigos de Vimarano; mas tudo, tudo em som de boa paz...»

«Entre elles não ia meu pae; estavamos n'esse tempo na nossa villa de S. Martinho de Quiroga.»

«Bem sei que o conde Froya não foi d'aquelles. Ora pois, acharam as portas fechadas. Fez logo Mauregato mensageiros a seu sobrinho, dizendo lhe que a sua eleição não fôra legitima, por n'ella não ter tido voz senão pequena parte dos grandes da terra; mas que, merecendo a approvação d'elle e de seus amigos, vinham confirmal-a com prestar-lhe formal serviço e obsequio. Trocaram-se os recados. A final, apesar dos conselhos da sagaz Adosinda, abriram-se as portas de ordem do moço-rei. Reunidos todos em palacio, os amigos do fornazinho, vencendo aos outros em numero, e apoiados do povo miudo, tambem advendiça a mór parte d'ella, deram por nulla a eleição, alçando rei a Mauregato, e lançando mão d'aquelle que haviam já acceito e reconhecido! Acudiram outros parciaes do fémentido; iam a cegar o captivo esbulhado dos seus direitos, desistindo todavia do infernal proposito, perante as supplicas de Adosinha, e ajuramentado Affonso de nunca intentar soberania nas Asturias em vida do usurpador.»

«Meu pae não tomou parte em tão negra e feia trahição —disse Ermesinda com insistencia.

«Não tomou; e oxalá pudesse eu dizer tambem que se lhe não acostou, bandeando-se depois com o fornazinho! —respondeu Guesto, que, abstendo-se a donzella de fazer qualquer commento, proseguiu depois de uma breve pausa:—Esse odio que elle e outros trazem no peito, tamanho que até parece que votariam antes em Abderrahman, digo mal, no novo emir Hixem, do que no filho do trucidado, esse odio é effeito de abusão, que se desfaria como os vapores da madrugada sob o calor do sol, se conhecessem a indole e condição de Affonso. Mas não sabem, ou não querem acreditar, que se elle meditou jámais vingança, ha tempo que, por boas rasões, afóra a natural inclinação, renunciou a esse triste privilegio. Tem aproveitado as lições de seu primo Bermudo.»

«Ai de mim!—disse Ermesinda com um suspiro,—quão dura é a nossa sórte, que nem a meu pae te permitte confiar o muito que sabes do real foragido.»

O cavalleiro nada respondeu; apenas lhe franziu os labios um sorriso amargo. Parecia contemplar a scena que se lhe desenrolava diante dos olhos.

Era já noute. A lua estava na segunda quadra do crescente, como suspensa sobre as alturas por traz dos dous amantes, mas invisivel para elles. O seu clarão, porém, dava ás aguas do Lor a apparencia de uma faxa prateada correndo em meandro através do valle para a esquerda. Na frente do terrado, a copa das arvores cerradas que vestiam a ladeira, estendia-se como uma alcatifa resplandecente de luz movediça, com relevo de manchas mais ou menos carregadas; ao passo que se assignalava com admiravel correcção o perfil irregular das cumiadas nuas e rochosas da serra Miranda, cujas massas negras se erguiam sobre o fundo azulado do céo.

«Que te sopram ora ao ouvido esses seres, inspiradores da melodia, de quem és tão valido? — disse Ermesinda a final. — Já que ao apartar-te de mim estás tão entregue a elles, dize-me pelo menos o que te confiam.»

«Os seres que te afiguras, não baixam até mim; sou quem ás vezes, chamado, tenho subido um pouco para elles. É só quando me affasto da realidade, para me perder ou esquecer nas regiões elevadas da phantasia, que sei conversar com elles. A toada que foi sempre o preludio das minhas tentativas, sem a qual me falta toda a inspiração; o canto que vinha não sei de onde, em som tão sumido que parecia cahir das estrellas, com cada nota porém tão clara e distincta como se sahisse da propria voz minha; a musica intraduzivel, que, ouvida a miudo, e que ainda no momento de a ouvir eu não poderia repetir, porque sem duvida não é para a voz humana, nunca a ouço senão quando vou esquecido d'este mundo. Então d'elle me desprende de todo, e dando vigor ao bater das minhas azas, chama-me para outras estancias onde só vivem amor e felicidade. Como querias tu que, ao pé de ti, no momento de me alongar do meu idolo, eu me olvidasse do negro horizonte que nos aperta de todos os lados? Para os infelizes, não ha inspiração, ha o desespero.»

«Mas eu sou feliz, pois tu estás ao pé de mim, Guesto. Quando estiveres longe, chorarei. Não heide porém desesperar, porque tenho fé em ti.»

«E tens rasão, anjo da minha vida! — exclamou o mancebo, tomando na sua a mão da donzella. — Serei cobar-

de, mostrando tu tanta fortaleza? Oh não! Para chegarmos ao paraiso devemos curtir as dores do purgatorio. — Depois de um momento de silencio, proseguiu: — Vê, Ermesinda, não se te afigura symbolisado o nosso amor na harmonia que respira em tudo quanto agora nos cerca? Vê aquellas serras altaneiras que se levantam acolá como gigantes ameaçadores; se lá por cima não fosse o céo tão limpo de nuvens; se não fosse essa meiga claridade da lua, parecer-nos-hia medonho o vago, o confuso d'aquellas sombras informes, densas como o véo que encobre o nosso porvir. Mas n'esta hora mede-se-lhe a altura, definem-se-lhe os extremos, vê-se-lhe o termo; e o termo é o throno da Esperança.»

«Sejamos sempre fieis a esse throno, meu amigo. Outr'ora, antes que estes olhos se puzessem em ti, quando na minha alma se despertavam anhelos, que não sabia definir, achava toda a variedade de impressões nas scenas que me offerecia a natureza. A alvorada dos rouxinoes por baixo da janella, o trinir dos passarinhos no bosque onde me abrigava dos raios abrasadores do verão, a hora que medeia entre a luz e as trevas, o luar de uma noute calma como esta, o canto medonho dos castanhaes sacudidos pelo temporal, tudo me fallava ao coração uma linguagem differente. Uma béta de luz que subitamente penetrasse a cerração, ou um aroma fluctuando no ar, causava-me um abalo, trazia-me uma recordação alegre de outra existencia esquecida, vaga, sem nexo, tão desprendida de tudo, e rapida como a estrella cadente. Tudo eram sensações que pareciam nascer de correspondencia e communhão entre o mundo externo e o mais intimo do meu ser. Depois que te vi, Guesto, tudo isso mudou. As vistas mais risonhas, os dias mais alegres não tinham já poder para me acordar da minha tristeza, estando tu ausente; nem a luta dos elementos em noute de inverno, turbava o meu regozijo, se por ventura estivesses ao meu lado. Á sensibilidade passageira, mudavel, indeterminada d'essa primeira época da minha vida, seguiu-se um estado d'alma que se firma n'um unico pensamento. Onde poderei jámais encontrar inteira resposta ás commoções que se avivam em mim, ao vêr-te ou pensar em ti?»

«Nenhures, minha adorada amiga, a não ser no pulsar do meu coração, no ardor do meu affecto sem limites!»

N'este momento um remecher de folhas seccas soou entre a ramagem por traz dos dous amantes, que sobresaltados se levantaram. Mas como o ruido durasse apenas um instante não fez maior impressão.

«O que será? — ponderou a donzella, agitada.

«Alguma ninhada no covil, talvez; não te assustes.»

«Partamos, Guesto; é tarde... é tempo de nos separar.»

«Ó quanto me custa!»

«Até quando? — perguntou ella com voz suffocada.

«Deus t'o dirá, que aprazal-o não sei. Ah! Ermesinda, se podesse pelo menos alentar a esperança que me acompanha sempre na tua presença; mas, ausente de ti, esvae-se como sonho.»

«Guarda o esmorecimento para quando ouvires que já não sou d'este mundo, ou que me vou unir a outro homem. Bem sabes que meu pae me não constrange a vontade...»

«Não t'a constrangerá, não te sugeitará a um vinculo odeado, mas nunca consentirá n'aquelle a que te comprometteste. Nunca soffrerá que dês a mão a quem segue o bando de Affonso. E o mortal odio em que tinha meu pae, a quem Deus dê perdão, e que hoje vota ao filho, só por ser filho, não será empeço insuperavel á nossa felicidade emquanto elle viver? O proprio tempo, que com seus azos ainda a espaços me aviva a esperança perdida, não sei se nos devemos fiar d'elle; pois as voltas que dá ás cousas d'este mundo, quem as póde prever? Acompanhamol-o porém no seu curso, tão seguros ás vezes como quem da ribeira contempla as aguas de um rio caudaloso, até que, tragados pela corrente traiçoeira, somos precipitados para o abysmo. E quem nos diz, Ermesinda, que á espera de dias mais felizes, os successos no seu correr veloz e imprevisto se não apossarão de ti, compellindo-te a quebrar a fé jurada...»

«Nunca! Assim o juro, e tomo Deus por testemunha. Pois, medes as forças de minha alma pelas do meu corpo? Mal me conheces, Guesto Ansures. Tudo é possivel menos deslembrar-me do meu compromisso: ou serei tua ou de nin-

guem. Ainda que Froya Gutheres se tornasse duro commigo, e contra a promessa me quizesse arrastar aos pés do altar, sei de um asylo seguro: iria clausurar-me com as irmans de S. Miguel, onde tens achado tão amigavel albergamento.»

As ultimas palavras da donzella causarão menos estranhesa, sabendo-se que se tratava de um convento duplex, para onde conduziremos o leitor opportunamente.

«Deus te abençoe, Ermesinda! Menti, menti como insensato! A lingua calumniou o coração, que este nunca duvidou de ti, querida; nem perdeu nunca a esperança que ora n'elle trasborda. Sim, tenho fé no futuro. Creio, sim, que Affonso será restabelecido no throno. Creio que Froya Gutheres o verá então com olhos desvendados. Chegados ali, faltar-nos-ha apenas um passo para attingirmos o cimo da montanha, até hoje envolto em nevoeiros. Quem sabe? talvez o nosso porvir se hade agora prenunciar em Samanos!»

«Deus o permitta!»

«Ha! ha! ha!—e a risada estridente, sahindo do bosque, reboou em echos prolongados pelas penedias e quebradas do monte. Era um rir que exprimia odio, raiva, triumpho.

Ermesinda estremeceu; o sangue se lhe gelou nas veias, e ella ficou immovel, fascinada por um terror subitaneo; ao passo que Guesto voltando-se com um movimento de sobresalto, poz a mão nos copos da espada.

«Fomos vigiados! Seremos trahidos! — exclamou a donzella.

«Só se lhe eu não arrancar a lingua! — respondeu Guesto, dando comsigo na densa folhagem, e perdendo-o de vista Ermesinda. D'ahi a momentos ouviu a voz do mancebo, dizendo: — Se não és cobarde e espião, mostra-te!»

«Ha! ha! ha! — e resoou de novo aquelle rir satanico, d'esta vez, porém, mais distante, e vindo de outro lado.

Ermesinda volveu os olhos para ali, e viu, á esquerda pela encosta abaixo, o vulto de um homem sobre um penhasco n'uma clareira que ali fazia a matta. Mal o tinha visto, desappareceu, galgando o que restava da aberta, e sumindo-se na espessura do bosque.

Ouvindo a segunda gargalhada, reconheceu Guesto a inutilidade de proseguir na busca, e voltou para junto da donzella.

«Vamo-nos já! — disse ella, tremendo-lhe a voz.

O joven foi soltar o cavallo, e seguiu Ermesinda, que se adiantou, descendo a encosta em sentido obliquo até entrar n'um caminho estreito.

«Maldita confiança! — disse Guesto. — Em má hora desprezei aquelle primeiro signal... Mas que novidade é esta? Não póde ser que o conde suspeite?... que armasse espias sobre ti?... Se ao menos houvesse alcançado este com os olhos, já que o não pude com as mãos, fôra quiçá um clarão n'estas trevas.»

«Vi-o eu.»

«Que qualidade de homem representava? que trajo vestia? que...»

«Não sei dizer; apenas lhe enxerguei o vulto. Ó Guesto em noute aziaga nos separamos! O futuro que ind'agora tão rico de promessas me parecia, se me antolha negro e lugubre. O nosso segredo será divulgado; meu pae... Deus me acuda! O conde saberá tudo! — e a donzella parou.

No sombrio do sitio, pois tão fechada era a rua que o luar ali não achava entrada, não pôde o mancebo ver a expressão da sua companheira; mas tocando-lhe o braço, sentiu como tremia.

«Não te atormentes d'antemão — disse elle, só para socegal-a. — Se a realidade está ás vezes acima dos esforços da phantasia, esta, excitada pelo receio, costuma ir além d'aquella. Quem nos diz que o conde alcançará o que até hoje lhe havemos occultado? Póde ser que quem nos esteve escutando, estivesse ali por acaso... algum servo fazendo caminho por atalhos... Ah, já sei! Deve de ser o aloucado de Subrego; costuma andar pelas serras de noute, segundo ouvi dizer ali... Está-me até parecendo que aquellas risadas eram mesmo de um orate.»

«Antes, de judeu que désse com thesouro, ou de inimigo antevendo segura a vingança, ou de demonio colhendo a alma seduzida! Guesto — proseguiu a donzella, apertando o braço ao cavalleiro, — não sabes de alguem que, se ou-

visse a confissão do nosso amor, soltaria uma risada similhante a essa que ainda me está zunindo nos ouvidos, desafio e escarneo lançados ás nossas esperanças? Mas, a Deus graças! o filho de Gondemir está em Pravia, longe de nós.»

Tornando a caminhar, rodearam em breve a ilharga do monte, onde se abria o valle de Folgoso; e subindo, chegaram perto da aldêa, povoada então pela «familia» do conde Froya, segundo a expressão do tempo para designar os servos collectivamente.

Iam dizer-se adeus, quando ouviram uma voz de mulher em lamentos, subindo do fundo da ribanceira onde corria o riacho. De envolta com aquella voz vinham outras mais grossas de homens que fallavam.

«Alguma pobre serva, quiçá, seguindo o marido ou irmão, que levam preso—sugeriu Ermesinda.

«E porque não será ella quem levam a castigo? — ponderou o mancebo. — Que importa o sexo nos mesquinhos? O talhe gracioso do corpo, as feições delicadas do rosto, aquelle gesto suave e seductor, aquelle espirito e tacto tão finos, de que Deus doou á mulher, e a ti, Ermesinda, mais que a nenhuma, tudo falta na mulher enxotada do campo em que Deus a collocou. E não será isso um protesto de que encontramos a vontade de Deus asservando os nossos similhantes? E' o que ás vezes me tem lembrado, pensando n'estas cousas. Bem sei que os Livros Santos se não oppõem, assim como toleram outros males; mas n'elles tambem se lê: 'Se alguem leva em captiveiro, em captiveiro irá', e os irmãos de Joseph o experimentaram nos descendentes.»

«Tu sempre tens idéas, meu Guesto, que se não ouvem aos outros! Tambem quem ha ahi que saiba, como tu, ler o que teem escripto os sabios do mundo, salvo os padres, que a isso são tidos e obrigados, e não ás armas, nas quaes todavia nenhum d'esses guerreiros feros e bravos sabem pôr o risco adiante de Guesto Ansures!»

Era tempo de se despedirem; e posto que não fosse a primeira vez, nunca foi com tão mal assombrados prognosticos.

Depois de perder a donzella de vista, o mancebo mon-

tou a cavallo; e, voltando com rosto no rio, tomou depois pela esquerda, descendo por um caminho até perto da embocadura do arrayo da Ribanceira, que atravessou, seguindo ávante não longe da margem do Lor, e na direcção da sua corrente.

II

EM JORNADA

O ermitão, que perto estava, lhe acudiu.
BERNARDIM RIBEIRO, *Menina e Moça.*

Ermesinda, que ainda em tenra idade perdêra a mãe, era filha de Froya Gutheres, neto de um nobre godo que acompanhára Pelagio na sua retirada para as Asturias.

Passou ella os primeiros annos em Cangas, então capital do reino, onde Froya exercia um cargo importante no paço e nos conselhos do rei Aurelio, com quem tinha valimento, e em prol de cuja eleição pugnára com ardor e efficacia.

Durante o reinado immediato, a inimizade da rainha Adosinda, mulher de Silo e irman do assassinado Froila, induziu, senão obrigou o pae de Ermesinda a conservar-se arredado da côrte, cujo assento o novo soberano mudára para Pravia.

Recolheu para as suas terras, de que a maior parte se achava em Riba-Lor e nas margens ou visinhanças do rio Sil, nomeadamente no valle de Quiroga e no territorio de Lemus, onde, n'aquelle tempo, ainda existiam as ruinas de Dactonio, capital dos Lemavos, na mesma collina de fórma quasi conica em que hoje se vê a villa de Monforte, cercada de uma extensa planicie. Em quanto esteve affastado dos negocios publicos, Froya vivia ora n'uma ora n'outra das localidades sujeitas ao seu senhorio privativo.

Quando Mauregato chegou ao solio, o antigo magnate da

curia de Aurelio obteve o governo de um condado da fronteira, abrangendo o territorio entre os rios Cabe, Sil e Valcarce e as serras de Cuperio (hoje Cebrero), e de Lózara, em cuja circumscripção se achavam as suas propriedades. Costumava passar a força do verão no castro de Folgoso; mas a maior parte do anno em Quiroga, onde, além da sua «villa» de S. Martinho, havia, a meia distancia entre os pequenos rios Quiroga e Soldon, no topo de um alto que domina o Sil—admiravelmente escolhido como ponto de vigia e defeza—uma das principaes torres de atalaya mandadas construir por Affonso I para defender as suas fronteiras meridionaes. Ali havia sempre guarnição, existindo um castello que ao depois tomou maiores dimensões, do qual se vêem ainda hoje as ruinas, que são do dominio particular do actual conde de S. Martin de Abajo. No momento dos incidentes que vamos narrar, Froya e sua filha estavam quasi em vespera de voltarem para Quiroga.

Era o quinto anno do seu governo. No verão antecedente, tinham ido, pae e filha, passar uma temporada no norte, permanecendo Ermesinda em Lugo com seu tio materno, o conde Tructesindo, que ali governava, em quanto Froya fazia uma visita á côrte em Pravia.

Em Lugo tinha Guesto Ansures a sua morada. Ali se dedicava ao estudo, a que fôra animado pelo irmão de Aurelio, o diacono Bermudo, que tambem residia n'aquella cidade, e tinha tomado o mancebo em affeição.

Foi, pois, por tal ensejo que Guesto e Ermesinda se encontraram pela primeira vez, originando-se d'ahi mutua sympathia. Mas conscios da fatalidade que os separava, souberam encobrir os seus sentimentos ao conde Froya quando este voltou da côrte. Antes porém do regresso para Quiroga comprometteram-se a esperar occasião favoravel para realisarem as suas esperanças; e a presença do principe-diacono, que os protegia, dando certa solemnidade ao acto, fizera com que se considerassem moralmente desposados.

No meiado de julho, isto é, tres mezes antes da data d'esta historia, Guesto viera passar dous a tres dias em companhia de seu amigo Vimaredo, prior do convento duplex de S. Miguel, sito em Subrego, na margem direita do

Lor, e distante uma legoa ao norte do castro de Folgoso, conseguindo avistar-se uma vez com a filha do conde. Chegára de novo a S. Miguel na ante-vespera da tarde em que o apresentámos ao leitor; e a entrevista dos dous amantes no eirado do Bustilho, era a segunda, desde a despedida que se haviam dado em Lugo.

Acompanhemos agora o guerreiro-poeta na sua viagem.

A meia hora de distancia do riacho da Ribanceira, chegou a um váo do Lor, um pouco abaixo da sua confluencia com o Lózara. Vadeado o rio, seguiu este ainda por um pequeno espaço, começando então a subir uma encosta povoada de frondoso arvoredo. D'ahi a pouco passava não longe de um grupo de moradas pertencente a uma herdade, na ladeira que lhe ficava á esquerda. Pelo outro lado dominava o valle de Lózara, que, em breve, parecia um abysmo pelo empinado do terreno e o precipicio que orlava o caminho.

Não teria andado assim mais de um quarto de hora, quando de repente, ao dobrar um angulo ou cotovello da ladeira á esquerda, recuou o cavallo espantado, fitando as orelhas; e, pulando, foi dar comsigo á beira do precipicio. A situação era perigosa: recuasse o cavallo mais um passo, e a queda pelo despenhadeiro era inevitavel. Bastou um virar d'olhos para que Guesto se certificasse do facto, e soltando a redea, que no primeiro impulso apertára, enterrou os acicates, de uma só ponta, nas ilhargas do animal, que, movido pela dôr e talvez pelo instincto, venceu de um salto a distancia que o separava do outro lado.

Mal o cavalleiro se viu livre de um risco, eil-o mettido em outro. O ginete não se tinha bem firmado nos pés, quando uma mão possante travou d'elle pela brida, ao passo que dous homens armados de espadas, cahiram sobre Guesto, que apenas teve tempo de pegar na clava de ferro que lhe pendia ao arção da sella. Vibrando-a, fel-a cahir com força sobre aquelle que segurava a brida, o qual se tinha abaixado. O homem foi a terra; mas o cavallo empinava-se n'um arranco de agonia, cahindo logo estripado em cima de quem o ferira.

Levado pela queda, e largando a clava, pôde o cavalleiro todavia suster-se, desembaraçado dos estribos; e pu-

xou da espada para defender-se dos golpes com que os dous aggressores o vinham carregando.

«Ah! teedores das estradas, que me quereis? — bradou elle.

«O que te queremos, homem dos cantares, no inferno o saberás já, ainda na falta do companheiro que cuidas ter para lá despachado — respondeu um dos dous.

«Conheces-me?»

«Defende-te, Guesto Ansures!»

«Ah! E quem és tu? Que tens commigo?»

«Se não morreres de um lance, talvez t'o digamos.»

O calor que ia tomando o combate, suspendeu o dialogo.

Com quanto o mancebo conseguisse, depois de alguns minutos, pôr-se de vantagem no plano inclinado que fazia o caminho, dominando assim os salteadores, não durou muito a situação. Obrigado de novo a voltar de face, ia já cedendo terreno pelo declivio, e desconfiando do desfecho, pois que os seus adversarios eram robustos de corpo, e muito senhores de si no manejo da arma, quando assomou um vulto agigantado, coberto de um manto branco que lhe chegava até aos pés, o qual vibrando um cajado, avançava contra os aggressores.

Estes, vendo apparição tão repentina, a que as roupas alvas augmentavam o effeito mysterioso, foram tomados de um panico. Um deitou-se a fugir pela estrada abaixo; mas o outro, que parecia ser o objectivo immediato do que tomavam, talvez, por phantasma, só pôde, attenta a sua posição, desviar-se para o lado, a fim de evitar o golpe que vinha imminente.

Ouviu-se um grito de agonia; um só. Abateu-se o cajado com peso; mas a ponta foi ferir a borda do precipicio — aquelle contra quem fôra dirigido, tinha cahido pelo despenhadeiro!

O horror pareceu senhorear-se por um instante, tanto do cavalleiro como do homem do cajado. Acabar com os salteadores, fôra o proposito de ambos; mas esse genero de morte, em que o sacrificio se encobre dos olhos, produz um effeito mais profundo que a vista do cadaver envolto em sangue. Este póde causar dó ou asco; aquelle enche-nos de assombro, é um como echo sahindo das trevas em

que se estorce a phantasia, e repercutindo das profundidades do mysterio.

Guesto e seu salvador, dominados por aquelle sentimento, pareciam paralysados; mas durou este estado apenas um momento. O mysterioso personagem, approximando-se mais á beira do precipicio, fitou a vista nas suas profundezas; o silencio da morte reinava no abysmo.

«Deus se amercee de sua alma! — disse elle, persignando-se; e dando alguns passos para Guesto, perguntou-lhe: — Ficastes com feridas?»

«Sangoentas, não creio; mas feridas chans, haverá; pois d'alguns dos golpes sinto ainda o peso. Isto todavia nada vale ao pé da pena que tenho de que aquelle homem acabasse assim. Levou comsigo um segredo que desejava conhecer; e o que escapou já se não vê.»

«Esse está fóra do nosso alcance.»

«Não sei, na verdade, como vos hei de pagar tamanho serviço, valente e esforçado amigo; pois que a vida não tem preço.»

«Assim é para os que se pagam do mundo; mas se vos prestei algum serviço...»

«Algum serviço! — exclamou Guesto, interrompendo-o. — Bofé, na vossa chegada tão a ponto, em sitio tão escuso, e a taes horas, andou por certo o dedo de Deus.»

«A Elle pertence toda a boa obra, a Elle todo o louvor; não aos instrumentos de que se digna servir-se. Bem vejo, porém, que sois estranho a estes arredorés. Sabereis, pois, que a poucos passos da estrada, está o presbyterio de S. Cosme e S. Damião, fundado, em commemoração de um milagre, pelo senhor da herdade de Tolsun, perto da qual passastes no começo da subida. Sou indigno ministro d'essa Casa de Deus; e ouvindo o revolto que por aqui andava, lancei mão do meu cajado, e aproximei-me. O que vi e ouvi bastou para me convencer de que sobre ser desigual o partido, era criminoso o intento do maior numero, e não hesitei entre usar do braço ou da palavra, conhecendo que esta de nada servia. O resto sabeis vós.»

«O que eu tomára saber agora, reverendo presbytero, é quem me armou a cilada, que certo veio de mão conhecida. Talvez seja ainda tempo.»

Passando a verificar o estado do homem posto fóra de combate, acharam-no cadaver, quer por effeito do golpe da clava, quer pelo peso do cavallo, que depois se abatera sobre elle.

As feições do morto eram-lhes estranhas; mas á vista do trajo, conheceram que fóra da classe dos bucellarios; isto é, dos que a troco do patrocinio que recebiam de algum poderoso, se obrigavam a certos serviços, designadamente ao das armas. Esta instituição dos godos se conservára, como outras, nos primeiros tempos do novo reino, supposto que provavelmente mais ou menos modificada.

Na impossibilidade de continuar já a sua jornada, acceitou Guesto a hospitalidade que lhe offereceu o ecclesiastico. Entrando pois na matta que cubria a ladeira, chegaram, em poucos minutos, a um espaço claro desbastado de arvoredo, no qual a lua dava em cheio.

Aqui, encostada a um penedo enorme, via-se uma pequena igreja. De largo mal teria trinta palmos, e de comprimento pouco mais. Era construida de barro e pedra-piçarra, que abunda n'esses sitios. Tomava-lhe toda a frente um alpendre, que, com telhado mais baixo que o do corpo do edificio, se apoiava em quatro columnas grossas e lisas, arredondadas na parte superior, mas sem capiteis em sentido rigoroso. As hombreiras da porta principal, aliás unica, conservavam o mesmo estylo, sendo porém de menos vulto que as columnas.

A um lado do templo, estava um carvalho giganteo. Ostentava aqui a natureza a sua força e exuberancia, a par da arte rude nas fórmas e acanhada nas proporções, como que confessando a propria humildade sem visos da competencia a que mais tarde aspirou. Via-se do outro lado da arvore, e ainda arrimada ao penedo, uma pequena casa sobre o comprido, e de pouco fundo, com uma porta e duas frestas.

Tal era a igreja de Tolsun, e a morada do presbytero que a servia.

III

O PRESBYTERO DE TOLSUN

Podeisme o Habito lançar,
que não venho contrafeyto;
porque se eu me mudar
será para outro lugar
algum tanto mais estreyto.

AFFONSO ALVERES, *Auto de S. Antonio.*

Depois de verificar que o mal recebido no conflicto com os salteadores não passava de contusões, como aliás suspeitára Guesto, que se alliviou da armadura, o primeiro cuidado do presbytero foi tirar de uma parteleira, o resto de um grande pão de avêa, algumas castanhas e maçans, um vaso de mel coado e limpo, e um pequeno odre, depositando tudo em cima de uma mesa de carvalho tosco, que, com tres escabellos e alguns utensis caseiros, compunha a mobilia do primeiro dos dous quartos em que era dividida a habitação.

«Trazeis fome, quiçá — disse elle; — peza-me não ter cousa melhor para offerecer-vos.»

«Não vos afflijais por isso, reverendo padre; tinha pouca vontade de comer, mas a vista d'esta cêa m'a desperta.»

«Provae do vinho. Esse sim, vol-o asseguro bom, com quanto seja da terra.»

«É deveras optimo! Passaria bem por vinho de Spania.»

«Mandou-m'o Donani...»

«Donani? Ah, sim.»

«Donani Zalamisi, o presor. Mora d'aqui espaço de tres legoas, em sua villa de S. Pedro, cujo asceterio fundou. Nenhum homem n'estes sitios, tirando o conde Froya, é senhor de tantas villas, herdades, deganhas e alcherias,

sem fallar em senras, bustos e pacigos. Quanto a vinhas não tem competidor.»

«Por ali passei na vinda. Ouvi dizer que, tempos ha, viera de Spania com parentes seus e grande caterva de servos.»

«Veiu dous ou tres annos depois de Froila ser alçado rei; e consentido d'elle, senão convidado — continuou o sacerdote. — Por signal que foi ao som da buzina e com a bandeira real despregada, e authorisado do conde de então, que tomou de presuria, aquem e alem Cabe, os montes e terras que jazem dês a serra Santa Barbara até a de Arrotea, onde havia villas antigas, abandonadas á primeira irrupção dos ismaelitas, e despresadas do bispo Odoario, quando, ha quasi cincoenta annos, restaurou diversos territorios dos condados. Donani povoou algumas villas com parentes do seu sangue, outras com libertos, mas a mór parte com gente de sua familia.»

«É homem poderoso, ao que parece.»

«Tanto que o conde Froya, que de boa vontade daria com elle d'avesso, foge de o ter descontente.»

«Não lhe tem pois affeição o conde?»

«Não lh'a tem, não; supposto que ambos a tenham a Mauregato. Froya Gutheres é homem assomado e escravo da soberba, como o são todos da sua raça... Todos não, pois tem uma filha que n'isto se lhe não parece; é um anjo de bondade, e mui compassiva das penas que vê nos humildes. Mas o pae vê com máos olhos os homens vindos de Spania; não os mesquinhos, mas esses que por sangue ou riqueza querem emparelhar com os godos de Pelagio; e agora mais do que nunca, tendo os advendiços tanta prestancia na curia. Donani Zalamisi é filho lidimo de ismaelita; mas o pae era godo de sangue tão limpo como do mesmo Froya Gutheres.»

Não só as palavras, senão tambem o ar um tanto peregrino do presbytero, faziam certa impressão no seu hospede. Estava aquelle á beira dos annos em que os homens, pela maior parte, de boa vontade lhes fariam desconto de algarismos, em beneficio dos haveres. A sua estatura era muito acima da mediana, e não obstante cobrir-lhe a veste o corpo todo, ainda se via bastante das fórmas para ajni-

zar de quão membrudo, vigoroso e forte devia ser esse corpo.

O rosto, meio encuberto por um capuz, explicava de alguma sorte um tal ou qual resaibo de amargura que sobresahia nas ultimas phrases do sacerdote; porque Guesto reconheceu á primeira vista que não era de linhagem goda.

A fórma mais espherica do qne oval da cabeça, as feições arredondadas, e a forte depressão entre o nariz e a testa, em que se via uma cicatriz, eram claros indicios do typo celtico; isto é, da raça que, a par da romana, e ás vezes mesclada com ella, predominava nos montes do norte ainda no tempo da invasão dos sarracenos, e que a grande migração, começada havia outenta annos, e indo sempre em augmento, dos godos do sul com seus servos, alguns da mesma raça goda, outros da romana, viera collocar n'uma situação menos vantajosa, adquirindo a casta guerreira o poder effectivo e a influencia local, onde d'antes só possuia supremacia nominal, a sombra sem a substancia.

Esse rosto, aliás bello pelas feições, era prematuramente enrugado, de uma pallidez excessiva, e de uma immobilidade, quanto á expressão, que acabava por incommodar quem o contemplava.

«Não sois amigo da nossa raça — disse o cavalleiro.

«O homem que acarinhou o meu fiel rafeiro, se no meu lar se torna contra mim, peior mil vezes é que o lobo da floresta: a este lhe fechamos a porta, ou lhe damos caça.»

«Sois injusto, venerando amigo.»

«Injusto! Está de vêr que recebestes de vossos paes lição diversa da que tive dos meus; mas a verdade é tão uma e tão estavel como Deus Senhor Nosso. O vôo da aguia não era mais livre, que livres eram as nossas vontades em tempo dos reis de Toledo; e os ventos rijos do monte, açoitando-nos as faces, não tinham poder para dissipar a alegria que os animava. Os homens do sul, fugindo aos moradores do deserto, pediram-nos agasalho. Recebemol-os como a irmãos, e ajudamol-os a rechassar aquelles que os vinham acossando. Mas depois, tornando-se fortes em numero, tomaram para si o poder, excluindo-nos a nós. Quão pesado foi já em tempo de Froila, diz-vol-o o levantamento que houve então em Galliza, empresa em que, mal peccado,

succumbimos. Um ultimo esforço fizeram os de minha raça, ainda ha bem poucos annos; mais, não longe d'aqui, no monte Cuperio, deu-lhes Silo o derradeiro golpe. Já não somos o que fomos; como quereis vós que sejamos amigos de quem nos pizou á falsa fé?»

Consciio do bem fundado d'esse discurso, não replicou o cavalleiro, dizendo ao cabo de uma pausa:

«Testemunha da vossa força e esforço, estou que em vós tiveramos valente guerreiro, se a Igreja vos não houvera reclamado por seu. Não foi de certo por fugir ao serviço das armas que vos entregastes ao de Nosso Senhor.»

«Grande verdade dizeis, cavalleiro... Mas não fallemos em mim.»

«Dizei-me pelo menos como heide chamar o meu defensor?»

«Osoredo. É nome obscuro, desconhecido fóra da visinhança. O vosso...»

Interrompeu-se o presbytero.

«E porque não vos heide dizer meu nome? Chamam-me Guesto Ansures.»

Levantou-se Osoredo. Notava-se-lhe maior brilho nos olhos; a mesma pallidez, porém, nas faces, e falta de commoção no semblante. Apertou a mão ao cavalleiro; a do presbytero era fria como lousa sepulchral.

«Sois amigo do filho de Froila; em mim vedes outro— disse; e tornou ao seu assento.

«Conheceis-me!»

«Chegou-me o vosso nome até este recanto nas azas do louvor, unico rebate que dá preço á fama.»

«O costume dos homens é apregoarem muito alto os merecimentos alheios, quando deixam de encurtar-lh'os, ao que são mais inclinados—ponderou o mancebo com um sorriso.—Mas quem me havia de dizer que fosse de vós conhecido, não só de nome, senão tambem pelos sentimentos!»

«Não vos admireis d'isso; ninguem aqui me tem fallado em vós. Ha muitos annos que cortei pelos vinculos que me ligavam com o mundo, que se tem esquecido de mim, á excepção de um só homem: esse que me ensinou as lettras, quando, deixando a vida secular, me resolvi entrar em or-

dens. Por vezes nos carteamos. N'uma ou outra carta tem-se referido a vós, e ás vossas rimas e cantares, remettendo-me alguma copia.»

«Somos pois amigos da mesma causa, Osoredo. A gratidão fez com que vos queria já; este novo liame dará constancia e efficacia ao meu affecto. Adivinho; fostes guerreiro antes de ser sacerdote.»

«Este servo de Deus, e vosso, cresceu de feito sob o peso da loriga, que só largou para se atirar aos degráos do altar.»

«E combatestes ao lado de Froila...»

«Isso nunca! Votava-lhe odio mortal.»

«Que me dizeis!»

«Pois admira que odeasse aquelle que, não satisfeito com fartar a ira nos ismaelitas, inimigos communs, se tornou a meus irmãos de Galliza e Alava? Morreu todavia esse odio, ao apagarem-se as forças de minha alma. Mas não se apagaram de todo; sobreviveu um affecto, o unico: o amor que tenho ao filho do homem aborrecido. Uma unica esperança me fica abaixo da que conservo em Deus: é ver Affonso rei das Asturias.»

O cavalleiro fitou os olhos em Osoredo com ar d'espanto. Caracterisava-o porém a reserva, que de ordinario acompanha os espiritos meditativos e entregues a pensamentos de ordem elevada; ter-lhe-hia repugnado manifestar uma curiosidade vulgar ou indiscreta. Reprimiu portanto a exclamação que lhe roçava a ponta da lingua; e só disse, após uma pausa:

«Não me é dado comprehender o alcance do que acabaes de me dizer, Osoredo; mas bem vejo que o juizo tem maior poder em vós que a paixão. Reconhecestes que as virtudes do filho não só clamavam contra a transmissão do odio, senão que ainda vos mereciam amor. Assim fizessem outros!»

«Se a voz geral não mente, Affonso é modelo de todas as virtudes; e quando assim não fosse, desejára eu acreditál-o.»

«Ah! Não o conheceis, pois? — perguntou Guesto, subindo de ponto a sua surpreza.

«Vi-o no tempo da sua estada no mosteiro de Samanos;

pois que vinha demorar-se uma ou outra vez aqui perto, em S. Miguel de Subrego.»

«E entrava nos doze annos quando d'ali se partiu para Pravia, chamado por Adosinda. Assim como o javali, antes de lhe crescerem as presas, faz acto de rasgar, assim no potro tambem se divisam já os signaes do ginete perfeito — ponderou Guesto.

«E não raro os que do sangue se herdam — accrescentou Osoredo.

«Do pae tem Affonso o denodo; pouco mais.»

«Da mãe, comtudo, ficou-lhe muito; e *ella é da minha raça*. Oh, quanto se parecia com a mãe! — e a voz do presbytero tremia. Depois, fitando os olhos no chão, proseguiu mais baixo, com ar distrahido: — com a mãe, quando a arrastaram captiva de Froila, o assolador da sua patria, e depois seu esposo.»

«Assim que, vistes Munia no tempo da sua maior belleza?»

«Ah! E quem o disse? — respondeu Osoredo, sobresaltado. — Mas em consciencia não tenho porque negal-o. Cahiu-me a lanço, como a muitos, ver a rainha Munia quando os annos lhe pezavam pouco, e a todos excedia em formosura.»

«Nunca tive essa fortuna — disse Guesto. — Mas vejo-a sempre em fantasia, como a vi certo dia, em tempo dos meus primeiros annos.»

«Folgaria de vol-o escutar.»

«Era uma tarde de verão. Estavamos assentados eu e o pio Atanagildo, meu mestre, sob a frondosa ramagem de um carvalho, na nossa herdade junto ao sitio de Pico de Regalados, entre Cávado e Lima, duas legoas ao norte de Braga. Aquelle bem, que nos vinha dos avoengos, é hoje perdido para nós, e Deus sabe se para sempre!»

«Sois, assim, no conto dos advendiços, Guesto Ansures?»

«Perdoai, que não sou. Isto é, no sentido que ora se dá a essa palavra. Não sou *mosarabe;* meus paes nunca pagaram o *kharadj*, nunca se sujeitaram á lei dos muslemanos. Pelos tempos da primeira invasão, meu avô, ainda novo, emigrou para o norte. Mais tarde, quando, graças ao valor

do grande Affonso, que elle acompanhou nas suas correrias, os ismaelitas foram repellidos para alem do Douro, elle cobrou de novo o senhorio de Regalados. Depois da sua morte, voltaram os homens de Mafoma; mas, passado certo prazo, ficou o paiz outra vez limpo d'elles. Foi então que Ansur, meu pae, tomou assento por alguns annos em Regalados, onde nasci. Foi no primeiro anno de Aurelio que aquelle districto se tornou inhabitavel por quem não acceitasse o jugo dos invasores, que voltaram em grande força; e Ansur mudou então a sua residencia para Lugo, onde tinha, no condado Flammoso, e em Campo Furco no condado Naviense, algumas villas e herdades povoadas por seu pae no tempo da grande restauração feita pelo bispo Odoario e outros poderosos. Mas, como vos ia dizendo, o que sei da historia da nossa raça quando em Toledo senhoreava toda a peninsula; o que sei das invasões dos guerreiros do Maghreb, e da migração dos nossos avós para as brenhas do norte, apprendi-o da bocca do bom Atanagildo...»

«Era filho da Igreja, por sem duvida?»

«Era padre de S. Pedro de Maximinos, quasi a unica igreja que ficára de pé em Braga. A elle tambem devo a primeira lição dos livros, nem tive outro mestre emquanto viveu; pois que nos acompanhou a Lugo, e depois para Cangas, quando, no terceiro anno de Aurelio, meu pae foi chamado a tomar assento na curia. Mas vamos ao caso. N'esse dia, o santo homem contava-me, pela primeira vez, a historia da linda Munia; e não sei dizer-vos quanto me commovia a lição. Pintava-me de um modo tocante a captura da joven; e eu, mal vendo atravez das minhas lagrimas, tinha os olhos fitos no rosto venerando de Atanagildo, quando eis que aponta para o céo. Vi então uma aguia das maiores, batendo os ares com azas possantes, e segurando nas garras um cordeiro. 'Vê, meu filho, exclamou, ali tens o rei fero e cruel levando a pobre coitada!' Com o coração a pulsar, segui da vista o tyranno do empyreo, até vel-o baixar com a sua prêa, lá mui longe nos pincaros da serra Gaviara. Tal foi a impressão d'aquella scena na minha imaginação infantil, que sempre se me tem afigurado Froila sob a fórma de uma aguia, e Munia a modo de innocente cordeiro, despedaçado por bico truculento e feroz.»

«Tendes duvida em repetir-me a historia de Munia, como vol-a contou Atanagildo?»

«Nenhuma, se vos sentis com paciencia para escutar o que muita vez haveis de ter ouvido.»

«Embora, contai sempre. A historia muda de trajo tão a miudo, que não raro a novidade se encontra nas mais velhas tradições. Bem se atira o picanço ao tronco morto, e lá por baixo da cortiça podre, acha vida em que cevar-se.»

Obtemperando pois aos desejos de Osoredo, Guesto começou, a sua narração:

«Quando Froila, no terceiro anno do seu governo, teve rebate de que os povos de Alava pretendiam negar a sua authoridade, sacudido da ira mandou appellidar os homens livres das Asturias e da Galliza; e acompanhado de numerosa hoste, representando umas poucas de tiufadias, muitos magnates, cavalleiros, e presores, entrou em som de guerra por aquelle territorio de Alava, que deixou regado de sangue e adubiado de cinzas; mas só depois de muito lidar e varia fortuna. O vento, porém, que sopra rijo, só abate o tronco forte que resiste; diante de si levanta e empurra a palhinha, a folha secca, a flor desprendida da sua haste. Assim, na dianteira dos guerreiros de Froila, se movia em saracote uma chusma, impellida para as penas da servidão; e n'ella só se viam os fracos e os timidos: crianças, velhos, donzellas sem apoio, em cujas faces as lagrimas de um amargor prematuro desbotavam o viço das côres. Os robustos e valentes, esses tinham succumbido. No numero d'aquelles que assim, arrastando os passos da desesperança, caminhavam para a cruz do captiveiro, achava-se Munia, donzella de dezoito primaveras, linda e gentil entre todas. Rosa colhida no chão ensopada em sangue, conservava a sua fragrancia nativa; e Froila, apenas n'ella poz a vista, sentiu penetrar-lhe no coração de ferro a subtil emanação que de escrava a fez, sem querel-o, senhora de uma vontade até ali indomavel. Cahira Munia em poder dos invasores, depois da bem ferida batalha de Amurrio, sobre o rio Nervion, onde todos seguiam a voz do pae da donzella, homem principal da terra. N'aquelle combate perdera pae, irmãos e parentes. Chorava tambem a perda do seu desposado, mancebo de boa linhagem; faltando-lhe no-

ticias suas julgava-o cahido em algum recontro. Montada em um ginete, sob a vista de Froila, não de envolta com os outros captivos, ia triste a donzella, desconsolada e entregue a sua dôr, quando de repente, ao atravessar a comitiva uma garganta funda e sombria, retumbou pelas angustias do sitio o bem conhecido grito de guerra dos homens de Alava, apparecendo ao mesmo tempo pelas penedias das encostas, um punhado de gente que com as armas alçadas, se precipitou sobre os guerreiros asturianos, que tomados de improviso, foram postos em confusão. 'No cordeiro faz presa o lobo, mas o rafeiro vem-lh'o tirar!' exclamou o chefe do bando, vibrando a arma, e acercando-se para onde estava Munia, que, reconhecendo a voz e a figura do desposado, deu um grito de espanto e alegria, forcejando por escapar aos que a guardavam. Passado o primeiro abalo, Froila e seus capitães conseguiram repor alguma ordem nas suas fileiras, e apezar da estreiteza do sitio, tal foi o poder do numero, que os valentes e ousados assaltadores foram cahindo um após o outro, feridos de morte. 'Salvar-te-hei, Munia, ou a teus pés me verás morrer!' bradou o chefe abrindo caminho com a formidavel acha. Chegou junto da donzella, que já inclinava o corpo para elle, quando Froila, com os olhos em fogo, veiu cortar o passo ao atrevido amante, clamando: 'Leve-te o demonio, pois o vieste affrontar!' O mancebo cahiu banhado em sangue; e com um grito sahido d'alma, perdeu os sentidos a desventurada Munia. Quando deu accordo de si, estava já longe do desfiladeiro malfadado. Que vos direi agora do que se seguiu? A flor arrancada por mão violenta, murchou; mas não perdeu o perfume; reverdeceu mesmo, tragando o doce orvalho das proprias lagrimas. Chegado a Cangas, el-rei esforçou-se para lhe ganhar a vontade, pois a queria fazer rainha. Mas ella recusou-se por muito tempo, até que conhecendo que el-rei resolvera fazel-a sua mulher ou sua...»

«As almas fortes, em taes lances, sabem cravar o punhal no peito! — exclamou Osoredo, interrompendo o cavalleiro subitamente, e mudando de postura; porque até ali, escutára immovel, com os cotovellos sobre a mesa, e a testa apoiada nas mãos.

«Por quem sois, pio Osoredo, quer-me parecer que não lhe houvéreis dado tal conselho, se Munia houvera posto o negocio em vosso juizo — respondeu Guesto, observando o padre, em cujas faces se via agora pela primeira vez um leve signal de rubor, e de animação.

«O vosso reparo é justo — replicou elle; — mal soa na bocca do sacerdote a expressão de sentimentos reprovados por Deus. Se Osoredo ás vezes se esquece de quem é, para se lembrar de quem foi, não se olvida todavia da penitencia. Prosegui, cavalleiro. Assim que, Munia, por não ser barregan, consentiu em ser esposa do matador de quantos lhe foram caros.»

«Mas triste foi o noivado; e na volta da igreja desmaiou a rainha. Correu voz que vira a sombra de seu primeiro noivo, e que mais duas vezes lhe appareceu. Foi tido por agouro sinistro; e de feito Froila morreu de má morte, passados poucos annos. Morto o esposo, Munia confiou o filhinho ao abbade e irmãos de Samanos, não por sua vontade, mas obrigada dos grandes que n'elle punham as suas esperanças. Recolheu-se ella ao convento que fundára em Amurrio, mas sem professar; e o mais certo é que não foi de motu proprio, mas constrangida dos nobres da curia, que a queriam ver longe do filho. Assim que dos dous partidos, soffreu prema a pobre mãe.»

«Accreditaes na visão da rainha, Guesto Ansures? — perguntou o presbytero, que com a cara meio occulta no capello, tinha reassumido a posição que abandonára momentaneamente.

«Não descreio, pois curvo-me ante o poder milagroso de Deus... direi mesmo, do amor. Sim do amor, aura divina que nos conduz até ao ádito dos gosos celestes! Aquelle que em si a recebe tem outra vista, outros sentidos que não têem os que vivem a vida vulgar. Sob esse influxo dilata-se-nos a alma a pouco e pouco, até que, emanando d'este nosso barro, como da flor emana o perfume, nos envolve o corpo n'um como fluido subtil; e desempedidos assim das pêas da materia pesada e grosseira, vem-nos uma prelibação do céo que nunca se esquece...»

«Que nunca se esquece! — tal foi o echo que veiu interromper o cavalleiro no meio do seu vôo ideal. Havia porém

na voz um reflexo tão vivo de magoa intima, que, mau grado de Guesto, o impressionou profundamente.

«Que mal vos opprime, Osoredo?»

«Pois eu queixei-me de algum, filho de Ansur?»

«Ao coração diz menos a palavra que a inflexão da voz; a fronte na sua mudez póde ser mais eloquente que os mesmos lamentos. Estes dão desconto ao padecer; a grande dôr é fragoa nas entranhas, e não acha lagrimas com que a apague.»

«Mas essa fragoa ou mata, ou por fim se extingue. Bem vedes que vivo,—disse Osoredo, descubrindo o rosto, tão pallido e impassivel como d'antes; e proseguiu: — Se padeci no passado, hoje não é mais que o pesadelo da infancia de que se recorda o homem.»

«É todavia certo que ao passado vos prende mais que uma recordação vaga, pois anhelaes por ver enthronisar o filho de Froila.»

«E quem vos diz que este affecto não prende mais com o futuro do que com o passado? Se me quero esquecer do mundo, da Igreja de Christo me não esqueço. Mais outro rei como Aurelio, Silo e Mauregato, que seguindo as pisadas do idolatra Achab, tem levado seu povo pela estrada da propria perdição, e teremos a sé de Lugo convertida em aljama, e Pravia será assento de um wali dependente de Cordova. Para prevenir a ruina que nos ameaça, precisamos de outro grande Catholico, filho da espada, terror dos infieis. Ora, temol-o á mão; tambem se chama Affonso, mas nas suas veias corre o sangue de Alava.»

«Grande verdade dizeis, amigo. O opprobrio só terá seu fim quando os corvos e milhanos ruivos de Spania forem enxotados do ninho que construiram em Pravia; e quando os nobres falcões e açores sahirem da dormida a que dia e noute andam apegados. Mas, como dizeis, não temos outro caçador capaz de os matinar, afóra o real Affonso. Oh quando será chamado a isso!»

«Quiçá, mais cedo que se cuida, vejamos regressar a rola com ramo verde d'oliveira, para nos annunciar o fim d'este diluvio.»

«Que quereis dizer?»

«Não ouvistes fallar no estado de el-rei?»

«Tem-se dito que padece achaques de não sei quê; mas sem gravidade, ao parecer.»

«É porque ha quem queira occultar a verdade. Posso assegurar-vos que Deus, em attenção á impiedade de Mauregato, o feriu em suas entranhas, como fez a Joram, de uma enfermidade incuravel. Joram padeceu dous annos até que lhe sahiram as entranhas. Ora, ha cerca de dous annos que Mauregato está na prisão de Deus.»

«D'onde tendes vós novas tão certas?»

«Não vol-o disse já? Hoje recebi uma carta d'aquelle meu amigo. Vive nos montes de Liebana; mas está agora em Samanos, chegado de hontem.»

«Em Samanos! Elle é de Liebana, dizeis? Será por ventura o grande sabio e servo de Deus, Beato, abbade de S. Martinho?»

«Não é outro.»

«E dá-vos elle noticia de alguma novidade no mosteiro?»

«Diz que estão ali bastantes cavalleiros de diversas partes, tambem chegados de agora, e que se esperam outros. Mas não faz saber a que vem; só promette que antes de voltar para o norte virá passar uns dias aqui perto, em S. Miguel de Subrego, onde nos veremos.»

«Estou de caminho para Samanos, amigo presbytero, porque não haveis de vir tambem, para encontrar-vos mais cêdo com Beato, e dar-me o gosto da vossa companhia?»

«Não vou aonde ha tantos desconhecidos. Deus não quer que os mortos tornem á vida antes do dia de juizo; e ha muito que sou morto para a sociedade — respondeu Osoredo com um leve sorriso, o primeiro que lhe via o seu hospede.

D'ahi a pouco dormia-se na hermida de Tolsun; aproveitemos o ensejo para travar conhecimento com outros personagens.

IV

A NOIVA DO SERVO

> Então se juntarão todos fervendo com gran sanha com soberbosas palavras.
>
> CHRONICA DA CONQUISTA DO ALGARVE.

Na margem esquerda do Lor, a mesma em que se acha Folgoso, e a quatro kilometros d'esta aldêa, está assente a de Santa Eufemia, no meio de um grande e denso souto de castanheiros. Occupa, n'um dos já alludidos vãos em que por vezes se alarga o estreito valle, um recanto, muito acima da ourela do rio, na encosta que se segue á do monte de Outra-Banda, e quasi de fronte da de Tolsun na margem direita.

No tempo, porém, da nossa historia, existia ali apenas um «villar» do senhorio de Froya Gutheres, povoado por uma familia de servos seus.

Um pouco antes da hora em que fomos encontrar Guesto e Ermesinda no eirado do Bustilho, viam-se quatro pessoas á porta de uma pequena casa, apenas afastada da arribana e curral onde se recolhia uma manada de vaccas e ovelhas, entregue ao cuidado de dous zagaes.

Compunham o grupo dous individuos de cada sexo. As mulheres estavam assentadas n'uma grande pedra a um dos lados da porta, achando-se os homens do lado opposto. Um, já entrado em annos, tinha o chão por assento, e descançava os braços nos joelhos conchegados. O outro, que era alto, joven e robusto, estava em pé, arrimando se parte á parede, parte a um cajado que segurava no sobaco. Nas suas feições predominava o typo celtico, com mistura do romano. O trajo de pelles ordinarias denunciava os dous como pertencentes á casta servil.

Das mulheres, uma era velha; ao passo que nos olhos e nas faces da sua companheira, brilhavam as côres e a viveza da primeira mocidade. Apesar do rustico do vestuario, a joven serva mostrava cara tão alegre e gentil, e tanta naturalidade no gesto, que parecia aos olhos de quem a contemplava, como a flor do bosque, inculta e silvestre, que bem merecia transplantada para o jardim; ou como a gazella, com toda a sua rudeza e esquivança, mas tambem com toda a sua graça nativa.

O sangue do Maghreb corria nas veias da moça; e em tanta abundancia que lhe pintava o rosto, a bem dizer, afeiçoando-o no molde berberesco. Os dous velhos apresentavam os mesmos caracteres, mas muito menos pronunciados, sendo modificados, no homem por signaes da gente romana, e, na mulher, pelas da raça goda.

«Ora cala-te, Sahema; não estejas a emperrar essa tontinha, nem encabeçar-lhe semrasões e rebeldias — disse aquelle que estava sentado.

«E que te monta, velho safado, a alforria que te promettem, com o villar, as vaccas, as ovelhas, os porcos e quanto aqui temos, se nossa filha se hade finar de pura magoa? E Savarigo? Cuidas que é qualquer pegureiro? Não é elle alganame em Villa-mór? Não é servo del-rei? E a mais com o villar que teve o pae, servo como elle, mas com servos seus? Não é tudo d'elle hoje, como se fosse senhor bemdado? E que dizes do pomar que comprou com os soldos de prata que lhe vieram d'esse pae, junto com as olgas onde dá o melhor linho em Riba-Lor? Poder de Deus! não é riqueza bastante para nossa Mariame?»

«Isso é um sacco de castanhas a par do que póde o conde para nós — replicou o velho com desdem; e accrescentou: — Assim tu, Sahema, como eu, somos filhos de homens livres; a má sorte quiz que nossas mães fossem servas. Ora, havemos nós de desprezar esta aberta de pelo menos morrermos forros, e sobre isso ricos? Fôra dar em pequice!»

«Que nos dá de enriquecer á beira da cova, se não tivermos quem nos herde? se Deus para si levar esta, como nos levou os outros? — tornou Sahema.

«Ella não tem cara d'achacada; e mais, não se rejeita as-

sim o amor de Froya Gutheres. Elle não é homem que o soffra em gente tão somenos. Porque não havemos de lograr a boa sombra de quem póde usar de força?»

«Assim faz, e irá fazendo, por haver tantos como tu, Zendo! — disse o mancebo, que, como se vê, era um dos alganames, ou por outra, principaes pastores da propriedade pertencente ao fisco na margem opposta. — Nós somos muitos; os poderosos são poucos; mas fracos e molles nos acharam sempre, e quanto mais amollece o barro, mais fundo entra a sapa ou enxada.»

«Dize-me isso a mim! — exclamou Zendo. — Vi-os tesos como pértigas, quando, em tempo de Aurelio, á voz de Sempronio (do sangue dos de Roma, como foi tambem minha mãe, que Deus tenha consigo), se ajuntaram para dar batalha aos senhores de terra. Mas de que lhes serviu o esforço? Os poderosos asinha os esmagaram; e deshi para cá mais se nos tem apertado a peaça. É a vontade de Deus, Savarigo; e contra ella não ha força que valha.»

«Deixemo-nos d'isso, e vamos ao caso — disse a velha. — Segura lá a mesquinha pela mão, Zendo, e dize: ora, anda cá, Savarigo, toma esta por parceira; abraça-o, Mariame, que eu t'o dou por marido. Vamos! dize já, e acabemos com isto — e assim fallando, Sahema empurrava a filha para o velho servo.

«Se esta cotovia mato, tres me faltam para quatro — disse este com uma gargalhada, accrescentando com petulancia: — Digo-te, mulher, que é vender-nos ao demo de chofre. Queres que isto acabe? Pois assim o quero tambem. Ante-hontem disse-me o conde: Mariame é arisca e çafara; queria eu ganhar-lhe a vontade, mas já vou perdendo a paciencia. Amansa-m'a tu; pois voto a Deus que se d'aqui a dous dias até hora de nóa, m'a não trouxeres meiga e boa, usarei de outro modo. Ahi tens, filha, o porque do que te tenho dito e aconselhado. Como ateimaste, podemos ainda hoje ter alguma novidade.»

«Oh Jesus; Senhor Nosso! — exclamou Mariame, cobrindo o rosto e deixando-se cahir sobre a pedra que lhe servira de banco.

«Oh Mariame! Mariame, minha rola! — e Sahema abraçava a filha — como escaparás á unha preta d'essa ave de

bico revolto, que tão alto, tão alto e possante, se ri dos humildes!»

«Não chores, mãe d'aquella que amo! — exclamou o servo do fisco em tom de confiança, e deitando uma olhada pelo trilho que ia perder-se na expessura da matta. — Eu já sabia d'isso. A aguia nem sempre consegue apegar na relé. Faze que tua filha seja minha, e eu a salvarei; assim o juro pela alma de tua mãe, que foi da mesma raça que esses godos suberbos, que hoje nos espezinham.»

Sahema acenou com a cabeça em ar de quem duvidava; ao passo que Zendo desatou-se a rir perante um compromisso tão extravagante.

«Acabarás com essas risadas? — bradou o mancebo. — Parecem urros de fera desalmada, mais que voz de pae com cara de homem. Pois tu pensas que não terei valor para defender minha mulher contra quantos m'a quizerem tomar, contra o mesmo conde da terra? Pensas que a entregarei, como tu queres entregar a filha? Não te queda no peito um sopro de amor por aquella que geraste?»

«É pelo muito que lhe tenho que a quero vêr senhora e feliz.»

«Senhora e feliz? Feliz seria a coitada, quando, cançada a paixão, Froya t'a tornasse a enxotar para casa?»

«Isso não, que muito a ama o conde. E dize-me cá; não devem os filhos fazer algo a bem dos paes? Pois com a sahida de Mariame, entra a fortuna por esta casa dentro.»

Era o cynismo que assim fallava, o cynismo inseparavel da servidão. Mas o amor é fogo que melhora, quando não purifica o ente deprimido; e os dous jovens servos estavam acima do nivel moral d'aquelle velho.

«Ó pae, pae, não digas isso! — exclamou Mariame, juntando as mãos em supplica: e proseguiu com carinho: — Ora vamos, paesinho, dá-nos a tua benção, que Savarigo bem sabe o que diz. Estará aqui já quem nos hade ajudar; nem o conde saberá ir contra o que elle fizer.»

«Quizera eu vêr esse poderoso.»

«Pois seja feita a tua vontade, que ahi vem alguem, e deve de ser elle; — o alganame adiantou-se açodadamente pelo trilho, sumindo-se na matta.

Passados alguns momentos, tornou a apparecer com outro homem.

«Zacoi-ibn-Belliti! E este é o vosso adjutorio? Tambem cuida a codorniz que se lhe não vê o corpo, quando esconde a cabeça nos torrões — e o caseiro-pastor soltou uma grande gargalhada.

O recem-chegado era baixo, magro, de compleixão debil, e porte timido e acanhado. Não passaria dos cincoenta annos, e já as rugas lhe encrespavam a pelle do rosto livido em que nem ameaço de barba se divisava, nem indicio de haver sentido nunca o fio da navalha; a cara conservava nudeza mulheril. Vinha a cabeça descuberta, e quasi toda rapada, ficando apenas o circilio, ou circulo de cabello, que denunciava o estado ecclesiastico. Vestia uma tunica de lan grosseira e de côr acastanhada. Por baixo do braço trazia um codice em fórma de missal.

«O que!—continuou o pae com desprezo—oppões-me esta pobre creatura ao poderoso Froya Gutheres, quando nem sequer o proprio Donani seu senhor, cujos rebanhos vencem em conto os troncos da floresta, se deixaria de tornar mais brando que frouxel, se visse a colera a luzir nos olhos do conde?»

«Zacoi é servo, sim; mas é presbytero, e a sua benção não liga menos perante Deus e a Igreja, que a do bispo de Lugo; e tanto basta para o nosso feito—respondeu o mancebo.

«A que me fallas tu em benção!—retorquiu Zendo com impaciencia.

«Vejo que vim cedo; está tudo por fazer—disse o recemchegado, um dos padres ou monges do asceterio de S. Pedro, e servo do presor Donani Zalamisi.

«E que vieste fazer aqui, Zacoi?—perguntou o velho.

«Casar tua filha com Savarigo.»

«A estas horas? Aqui?»

«Não; na hermida de Santa Eufemia de que tens a chave. Bem sei o risco que incorro, despresando o que nos é dado em preceito. Mas a urgencia... o perigo em que ella está... o muito que quero a Savarigo...»

«Ora volta para casa, padre, e não te mettas em feitos além das tuas forças.»

«É deveras o que tenho de melhor a fazer. Devia tudo estar prompto a estas horas, e obtido o teu consentimento. Mas estamos longe d'isso; nem vejo as testemunhas...»

«Estarão aqui já, Zalama, Alazate e Nezeron, de Villamor. Prometteram não faltar; só nos falta o prasme de Zendo—respondeu o alganame.

«Mas isto é dar passo em brejo ou tremedal!—bradou o pae, já zangado.—E o prasme do conde, pensas que o dará?»

«Bem n'o fiz ver a Savarigo, e a quantos azares se ia expôr—ponderou o padre-servo.—Foi meu parecer que primeiro se tentasse trazer o conde a melhor condição; conjurar o demonio da luxuria que o atormenta, e ver...»

«Tomára eu ver quem tem forças para assim domar o leão!»

«Não haja duvida. Nem el-rei, sequer, póde descasar os que a Igreja ligou. Sou servo de el-rei; e não tem poder sobre mim o conde Froya.»

«Bem se importa com tal! Mostrar-te hia cedo se isso é estorvo para elle.»

«Ó Mariame, dêem-me que te chame minha mulher, e juro ao Sangue de Christo que o primeiro que pozer a mão em ti, amassará seu aveáco no inferno!—com isto Savarigo volteou o cajado a ponto que fez sibilar os ares.

«E tu irás logo na cóla d'elles, como ramada atraz do vento—gritou o velho.

«Pae da minha vida! isso é de mais; não ateimes; venha o que vier quero casar com Savarigo. Não m'o defenderás, paesinho, não é assim?—disse Mariame, afagando-o.

«Vamos, meu velho—disse Sahema,—faze a vontade á pequena. Deixemos o mais a Deus, e a sua bemdita Mãe.»

«Aqui vêem os amigos! Assim tudo está aviado—exclamou o alganame com alvoroço.

De feito atravez do véo crepuscular que começára a cahir, lobrigaram vultos caminhando entre a ramagem.

«Eis que vêem! Resolve-te homem!—accrescentou o mancebo, esperançado pela hesitação que via no pae.

«Vós todos estaes n'um vencelho, e eu fóra á parte—respondeu elle.—Cumpra-se pois o vosso desejo, e guarde-nos Deus do que temo!»

Palavras não eram ditas, e os noivos a cahirem nos braços um do outro.

Os individuos, cuja chegada annunciára o vigilante e apaixonado Savarigo, adiantavam-se a passo largo, achando-se agora a obra de sessenta metros da choupana.

O noivo, entregue á sua alegria, nem um olhar sequer deitou para aquelles que eram, a seu ver, as testemunhas que se esperavam.

Mais attentos, porém, o pae, a mãe e o padre tiveram um sobresalto, quando, vendo quatro em logar de tres homens, repararam no seu trajo, e na espada curta que lhes pendia do talim.

«Valha-nos Santa Eufemia! — exclamou Zendo, pondo-se em pé de um salto.

O presbytero-servo, assustado, tinha ar de quem queria afastar-se sem saber por onde.

«Pela laçada do baraço, que em forte ponto chegamos! Aqui dão-se de barato os beijos e afagos! — disse, em voz grossa e brutal, aquelle que vinha na dianteira.

«Ranemiro, o sayão do conde! — exclamou Sahema. — Estamos perdidos!»

«Perdido estavas tu, velho falso e aleivoso, se o conde soubesse em que postura achei tua filha; e tu a soffrel-o. Sabes que venho por ella?»

«Ora socega, meu bom Ranemiro; podes leval-a a bom recado — respondeu Zendo com humildade.

«Vem pois, meu arminho. Vem sem receio, como quem, da condição de serva, é chamada a ser condessa — disse o sayão em tom de affectada meiguice, acrescentando com respeito ironico: — Senhora Mariame, haveis de ser dona de nós todos, e o vosso querer será lei em Castro Folgoso.»

«Tá, tá, sayão sandio, basta de parola; volta d'onde vieste, que a não levarás — disse Savarigo com despejo, pondo-se diante da moça, que, tremendo, se chegou á mãe, refugiando-se ambas para dentro de casa.

«E és tu quem n'o hade tolher? — perguntou Ranemiro com escarneo, emquanto os seus companheiros se desataram em risadas.

«Eu mesmo; e assim o diria ao proprio conde, teu amo.»

«Ora sús! agarrem-me n'este volteiro de votos denodados, que tambem hade vir comnosco.»

Avançaram todos; mas o caminho estava tomado. Zacoi, por um esforço supremo, colligira bastante valor para tentar os meios suaves.

«Oh! bom sayão, não faças mal ao cachopo, nem uses força com a mesquinha. Deixa-me fallar com elles. Vai em boa hora, e dize ao illustre conde que Mariame se irá pela manhan, fiando-se da sua misericordia...»

«Que fazes tu aqui, carcassa de vil relé? — bradou Ranemiro. — Vae pregar aos teus, já que, sendo servo, te deixam fingir de padre.»

«Sou servo por maldade dos homens, e porque Deus o quiz soffrer, do que me não queixo. Mas tão livre nasci como tu; e livre estava em Orense, ordenado presbytero de pouco tempo, quando os guerreiros do norte, sem a misericordia e justiça que eu achára nos encreos, vieram e levaram-me para a servidão com outros infelizes.»

«E bem fizeram elles, huha! Boa peça sahiste das mãos dos cães malditos. Fo! ainda trazes o cheiro d'elles. Arreda! — com isto Ranemiro deu-lhe tal empurrão que, perdendo o equilibrio, foi cahir a alguns passos d'ali.

«É quem resa a missa do alcorão para o Donani — foi o commento de um da quadrilha.

«E lhe absolve os peccados em nome de Mafoma — accrescentou outro.

«É desacato ao bom Deus deixal-o vestir a vestimenta sagrada — ponderou um terceiro.

«Tanto elle como o amo são ismaelitas embuçados — tornou o primeiro.

«Ora, deixae lá esse pasto de enxofre, e desarranquemos contra este matante! — bradou Ranemiro, interrompendo-os e adiantando-se.

Savarigo, cuja cabeça vencia em altura a verga da porta, que defendia e escudava do corpo, vendo que a quadrilha vinha contra elle de assuada, entrou a jogar do cajado com tal violencia que a deteve a distancia.

«Perdeste o juizo, Savarigo? Como queres tu só resistir a tantos?»

O mancebo desdenhou responder a Zendo.

«Eia up! atassalhemos em dez mil bocados este muzlemo brigoso — bradou o sayão cheio de colera, e puxando do terçado.

Os outros imitaram-lhe o exemplo, remettendo todos contra o destemido servo, que, armado unicamente do pau, aliás comprido, rijo e calçado de ferro, tendo-os rechassado á primeira investida, recebeu agora a segunda sem afracar.

Elles não tardaram em conhecer que estavam a braços com um adversario temivel, já pela dexteridade maravilhosa com que esgrimava a sua arma, que ao parecer chegava a toda a parte simultaneamente; já pela força esmagadora com que vinham acompanhados os golpes, dirigidos por pulso a um tempo vigoroso e flexivel.

Um dos terçados voou pelos ares, cahindo o homem que o vibrára.

«Trouxestes as armas embotadas, brutos desmazelados — gritou o sayão. — Dae de gume n'esse pau de ponta forjada no inferno. Eia! parti-m'o em dous!»

«E porque não o partes tu? Vae e vem que nem raios! — respondeu um, gladiando com furor.

«Corta-me lá o rabo do demo, que te açoita a cara em noute escura! — disse outro.

Até ali conseguira o alganame aparar todos os golpes que lhe eram dirigidos, á custa porém do cajado de que dependia a sua salvação. A peleja ia tomando incremento: ora se alargava, ora diminuia o espaço que separava o mancebo dos seus adversarios. Impellido por uma especie de frenesi, deu de repente algumas voltas ao bordão com tanta energia e velocidade, que Ranemiro e os seus recuaram em desordem, estrebuxando e indo de encontro uns com os outros. Arrojou-se então o servo contra elles com a furia do tigre, de cajado erguido. Ranemiro o viu a tempo para evitar o golpe. Desceu o pau, batendo no chão com força; mas, já cançado das espadas, fez-se em dous, ficando na mão de Savarigo apenas um troço, que de nada servia como defesa.

«Al fim! És nosso agora sem resgate — bradou o sayão atirando-se sobre elle.

O servo do fisco nem pensou em resistir. A desgraça

que lhe succedia fôra tão inesperada, com quanto devesse tel-a previsto, e as consequencias que envolvia se lhe apresentavam de relance em cores tão vivas, que foi como quéda em abysmo d'onde não visse sahida.

«Tende mão n'elle, em quanto me apodero da moça. Não o largueis, nem mais que fosse a vida dos vossos corpos.»

Dirigiu-se então para a cabana.

«Abri! ou deito a porta pela casa adentro — bradou, acompanhando as palavras de fortes ponta-pés.

Cedeu a porta, e o sayão, abaixando a cabeça, passou para o interior.

«Eis o que ganhaste com as tuas valentias — disse Zendo a Savarigo, que, estirado no chão, estava seguro pelos tres emissarios.

«Canceira nos deu elle; mas a Froya dará as contas — disse um d'elles.

«Oh, se dará! Do castro não virá sem deixar as orelhas — affirmou outro.

«Ou quiçá lhe mande o conde saccar os olhos — ponderou o terceiro.

«Isso não, que é castigo para homem de condição...»

O colloquio foi interrompido de modo imprevisto. Os homens do conde sentiram-se de repente agarrados por mãos robustas, e atirados com força para o chão.

«Salva-te, homem! — disseram umas vozes conhecidas a que Savarigo se apressou de obedecer.

Zendo e o padre viram desapparecer tres vultos em companhia do mancebo.

Ao levantarem-se os do conde, soltaram muitas pragas, deitando a bom correr atraz dos fugitivos.

«Louvado seja Deus! — exclamou Zacoi. — Isto deve ser obra das testemunhas que aguardavamos.»

«E foi! Reconheci Zalama, Alazate e Nezeron — respondeu o velho. — Faço votos a Santa Eufemia para que escape; mas para onde irá que o não apanhem? Ainda que se amonte, cá ficam sempre os sabujos com que lhe darão caça.»

N'este momento appareceu Ranemiro, com a mão no braço de Mariame, que debalde resistia; ao passo que a

mãe, agarrada ás sayas da filha, se esforçava em retel-a, ora chorando, ora, accesa em raiva, vomitando quantos vituperios lhe chegavam á ponta da lingua.

«Vais callar o bico, tarasca? Ou queres que t'o tape com...»

«Carrasco ensopado em sangue! Coração lavado na baba de Judas enforcado! Demonio enxotado do inferno, para ser parcioneiro do milhano negro lá cima...»

«Vê lá, velha carantonha excommungada, fallas no conde, teu amo — tornou Ranemiro.

«Que o diabo m'arrebente se isso me peza! Não te mandou elle arrancar-me a ultima parcella das entranhas? É officio novo que te deu. Não te bastava ganhar sayonizio? lançar pregões, açoitar, torturar os condemnados, e pôr-lhes o baraço na garganta? porque has-de tambem levar paga de alcayote?»

«Zendo — bradou o sayão — se me não mandas parar a lingua d'esta palreira endemonhinhada, juro que lh'a farei cortar. Lança mão d'ella, homem!»

Emquanto o velho forcejava por separal-a da filha, e socegar-lhe o animo, deu o outro pela falta dos companheiros e do captivo.

Mas quando ia indagar a causa d'isso, appareceram aquelles. Vinham cabisbaixos e esfalfados; mas desacompanhados de Savarigo.

«Que é feito do preso? Deixastel-o fugir? Ai de vós...»

«Acudiu-lhe gente; não os pôdemos alcançar — respondeu um d'elles.

«Foi como raio, que nos poz todos no chão de pancada, e o vento levou-os n'um abrir e fechar de olhos — accrescentou outro.

«Andou ali obra do demo...»

«Máo! Isso é parvoejar. Que contos são esses? D'onde vindes assim?»

Os homens entraram a narrar confusamente o que succedera, narrativa que só se tornou clara com o auxilio de Zendo.

«Oh! Deus se amercea dos fracos. Ao menos *elle* está salvo! — disse Mariame com alvoroço.

«Por esta noute, que lhe damos em esmola — respondeu

o sayão com riso brutal.—A mansilha de Froya Gutheres chega a toda a parte. A soga arma-se em qualquer ramo. Boa caçada teremos com a luz do dia. Entrementes agarrai-me n'esse noitibó; é massa do mesmo trigo, e algo saberá de tudo isto. Ao conde peitará os encoutos, se não fôr mais.»

Zacoi, que o desalmado designava com o dedo, deu-se á prisão sem difficuldade, poisque com medo não sabia de si; e momentos depois, só ficavam em Villar-Zendo o caseiro-pastor, a misera Sahema, e alguns criados rusticos, que, passada a borrasca, sahiram dos escondrijos d'onde a espreitavam.

O leitor já adivinhou, de certo, que os lamentos, subindo do fundo da ribanceira, ouvidos por Guesto e Ermesinda, partiram da joven serva roubada a seu noivo.

V

A AZENHA DE SUBREGO

Muitos estão desejando
Serem os povos juntados:
Outros muitos avizados
O estão arreceando.
.....
Ainda mais profetizando
E declarando:
Seus pequenos das manadas,
Derrubar-lhe-hão as moradas
Bem entradas,
E assim o vai mostrando.
Já o leão vai bramando,
E desejando
Correr o porco selvagem,
E toma-lo-ha na passagem;
Assim o vai declarando.

BANDARRA, *Trovas*.

É sabido já que os libertadores de Savarigo foram as testemunhas esperadas em Villar-Zendo. Em logar de servirem para aquelle fim, vieram testemunhar o desbarato do noivo, chegando no momento em que este succumbia ao ataque dos emissarios do conde. Percebendo o estado das cousas, conservaram-se a certa distancia do theatro do conflicto, escondidos atraz de algumas arvores; até que ao vêrem desapparecer Ranemiro e descuidados os tres que custodeavam o prisioneiro, resolveram commetter um golpe de mão para salvar este ultimo.

Foi como explicaram o caso ao alganame, emquanto fugiam pela encosta abaixo, embrenhando-se na matta. Elle parou, ao perceber que já não eram seguidos. Estavam perto da margem do rio, um nada acima do vão que Guesto, um pouco mais tarde, havia de passar.

«Amigos, separemo-nos aqui — disse elle. — Grande serviço me tendes prestado; o meu coração sabe quanto vol-o agradece, e mal de mim se d'ahi vos viesse damno. Apressae-vos em regressar para casa. Eis acolá o vosso caminho; — e apontava para o váo do Lor, accrescentando: — Para Villa-mór não vou eu todavia.»

«E, bofé, não deves; serias peixe mettido em naceiro ou pesqueira. É lá primeiro que irão buscar-te, embora seja terra del-rei—ponderou um dos seus co-servos.

«Sei de um logar para além do rio, onde estarás seguro, até que tudo fique composto—suggeriu outro.

«Não cureis em mim—tornou o alganame;—sei para onde ir. Fica tambem na outra banda; mas não do vosso lado. Adeus, amigos!»

Sem mais detença partiu rio acima. Arfava-lhe o peito sob a pressão dos sentimentos que n'elle se agitavam. Ia acommettido de um odio, de uma sede de vingança tal que, cegando-se-lhe a razão, obedecia agora a um como instincto, ou antes ao impulso nascido de certa recordação vaga, mas subitamente luminosa: uma d'essas idéas que de um jacto se soltam, em dadas circumstancias, de algum recantò obscuro da memoria, cerrado ha muito pela mão do desprezo. Veremos já em que se fundava, e aonde o conduzia esse impulso.

Testemunha do rapto da propria noiva, que debalde defendêra com valor de heróe, rapto que se realisára no momento em que sua alma trasbordava de alegria, soffrera Savarigo a maior affronta que se póde impôr a um homem, e que só a impotencia deixa impune. Era servo, e portanto obrigado, pela lei e pelos costumes, a curtir em silencio as dôres, os trabalhos, as affrontas, o desprezo. O brio e a honra eram sentimentos que se lhe não consentiam, e que, por se alimentarem no exemplo, lhe eram defeito estranhos. Mas ferido no amor, cuja faisca penetra onde quer, cuja labareda transmuda e acrisola os affectos, tinham brotado n'esse ente humilde as paixões latentes de uma alma a quem a natureza dera energia e força de vontade, que a servidão porém havia encolhido, abatido, e por fim sepultado sob o monturo em que se espoja.

Já não era o servo humilde e soffredor dos dias passa-

dos; mas o leão esfaimado em busca de prêa, o touro aguilhoado de mil farpas.

Era já noite fechada quando vadeou o riacho da ribanceira perto da sua embocadura. Depois de subir a ladeira, foi costeando o Bustilho atravez do bosque, por um caminho sinuoso que ficava acima do rio cincoenta ou cem metros, segundo os accidentes do terreno. Passado este ponto, torna-se o valle mui estreito, configurando duas escarpas tão abruptas que por ellas se desliza a onda do Lor como entre paredes.

Pouco mais de uma hora depois de se separar dos companheiros, chegou o servo a uma ponte que dava passagem para a margem direita, onde o rio faz praia, começando o valle a tomar maior amplitude.

Do outro lado, a cinco ou seis minutos de distancia, mette-se a encosta pelas terras adentro, abrindo-se em um vasto semi-circulo. O caminho fazia cotovello para a esquerda, e Savarigo foi por elle subindo a ladeira, ao longo de uma torrente que ora se despenhava, ora corria entre penedos, assombrada de arvoredo secular que lhe crescia no leito e pelas bordas.

Attingida certa altura, o caminho fazia curva para a direita, atravessando um figueiral, e depois, em nivel plano, um souto de carvalhos e castanheiros. D'aqui, a um quarto de hora do figueiral, avistavam-se, pela ladeira acima, algumas cabanas, telheiros e curraes. Passando adiante por baixo da basta ramagem de castanheiros colossaes, e ao som de uma cascata a que se vinha approximando, achou-se o alganame, após outro quarto de hora, a obra de vinte ou trinta passos de uma azenha, ou moinho movido a agua, como eram todos n'aquelle tempo, sendo desconhecido o moinho de vento antes do seculo XII. Era dominada por uma ilharga rochosa do monte, que se erguia quasi a prumo, onde fazia salto um arroyo, que, depois de cahir sobre a roda, cortava atravez do caminho, para continuar o curso pela ladeira até o Lor.

O servo do fisco viu de repente um vulto negro, que vinha para elle de rastos em silencio ominoso. Recuou aquelle, sobresaltado; mas recobrando logo o accordo, gritou:

«Hou lá, Alpe! Não me conheces?»

O vulto mudou immediatamente de postura. Era um rafeiro de tamanho descommunal. Dando uns ganidos que se prolongaram no mysterio da noute com certo effeito diatonico e musical, atirou-se contra Savarigo, não com a violencia da sanha, mas da alegria, lambendo-lhe as mãos e retouçando-se em volta d'elle, até chegarem ambos á porta, que estava meio aberta.

O alganame entrou sem bater. Á luz duvidosa que penetrava no interior, via-se o centro occupado pelas pedras da mó, com o calha e moega sobrepostas. A um canto, divisava-se uma fórma humana, que, ao parecer despertada do somno, acabava de se erguer a meio corpo, encostando-se n'um dos cotovellos.

«Moacha, que me acordaste! Quem vem ahi? — perguntou uma voz.

«Um que tu mal has de conhecer, Octavio.»

«Savarigo! A que vens tu?»

A tão simples pergunta, ficou mudo e perturbado o servo de Villa-mór, como quem, arrebatado a um acto, sentindo-se, no momento de o praticar, abandonado da força que até ali actuára n'elle, cahe em si, sem já poder explical-o.

«Que me queres, Savarigo, vindo a deshoras de tão longe? Tiraste-me de um sonho real: estava eu no Pico Passaro com a abbadessa, o prior e o conde, que me acarinhavam e chamavam seu melhor amigo. A aguia, na querença com os filhos, garganteava como rouxinol, e eu dançava para divertir os amos, que me regalavam a fartar de manjares tirados do regaço. Não dormem esta noite em Villa-mór?»

«Não venho da villa, nem sei bem o porque vim, senão que, como vejo, foi loucura — respondeu o alganame com desprezo.

«Nem sempre falta razão á loucura. Dize sempre porque vieste acordar o aloucado de Subrego?»

«Vim arrastado por uma força occulta. Foi anjo? Foi demonio? Não sei. Vi e ouvi cousas que não saberia repetir. Cousas que te havia escutado; scenas de outros dias em que figuraste, Octavio. Não eras já o parvo, o aloucado; não eras, como agora pareces, o mais vil dos servos de

S. Miguel. Na tua voz, no teu gesto, no teu semblante, vinha, com as tuas sandices, um não sei quê que deixava, de relance, toda a verdade a descuberto. Foi um raio despedido das nuvens, rasgando a escuridão de noute tenebrosa, e alumiando toda a desordem e pavor de furiosa tempestade.»

«Ah! E só viestes aqui para dizer como sonhastes commigo? É muito afan sem proveito.»

«Não; na minha desgraça, acolhi-me para ti; mas...»

«Em que desgraça me fallas tu?»

«Talvez não saibas que amo a filha de Zendo?»

«Sei que o conde a quer por barregan; do que ella, já se vê, se deve sentir mui ufana; e, bofé, tem razão. É claro que não quer saber de ti, nem d'isso deves ter queixume.»

«Irra, viesse eu ter com creatura tão pifia ou sandia! Mas sempre direi que te enganas de ponto em ponto.»

«Porque? Gosta de ti?»

«Tanto gosta que estariamos já casados, se... Mas, oh raiva!... Serei vingado sem ti!»

«Ha, ha, ha! Amor... furor. Um é tão cego como o outro. Pensas que Froya anda mal? O bico do terço, deu-lh'o Deus; e o pombo é prea legitima. Que mais queres? Que podes? Vae! Dá por perdida a linda Mariame, e procura outra que leve menos os olhos de quem póde tudo.»

«Que o demonio afite em ti os olhos ruivos, e te abrase e consuma essa lingua, que lambe a mão a quem te açouta, perro de casta vil! Foi lembrança de tresloucado vir ao pé do aloucado!»

Savarigo atirou comsigo fóra da azenha, e desappareceu.

O moleiro levantou-se. Com um passo vingou a porta; mais alguns o fizeram emparelhar com o servo furioso.

«Detem-te, homem, não sejas tu o louco — disse aquelle em voz baixa, travando-lhe do braço. — O rei da malicia tem seus homens de criação matreiros e cadimos; tambem os tem duros e pobres de espirito. A Deus tambem lhe não faltam obreiros. Assim t'o dirão meus senhores, os pios irmãos, as santas irmans acolá na ereita — e apontou para a mole negra de um teso dominando o rio, e coroado

de muralhas, onde da parte do norte faziam extremidade o caminho e a ladeira de Subrego.

«O zurrar do onagro — continuou o moleiro — quebra o silencio das mattas: mal sabe o pobresinho que lhe cubiçam as carnes os magnates e presores. Mas já ouviste sibilar a serpe sem que tivesse o veneno prompto a lançar? Ora, dize-me, Savarigo, tua noiva ainda está em casa do pae?»

«Roubaram-n'a, homem; não percebeste? No momento em que nos iam dar a benção.»

«Chegou! Chegou! — disse o moleiro n'um tom singular, e como que fallando comsigo; depois accrescentou com empenho: — Ó vem, Savarigo; quero ouvir-te contar o roubo da noiva.»

«Octavio — respondeu o alganame, deixando-se ir com o outro, — ou trazes o juizo em farrapos, ou tens mais profundeza que a noute que nos cerca. Como queres que te entenda?»

«Já viste o Lor d'inverno a gelar no fundo, correndo manso, claro e desempedido por cima?»

«E tu, já viste boi cabano de pontas para o ar? Já viste o sangue a coalhar por dentro da ferida? — retorquiu o servo do fisco com uma gargalhada.

«Era só dizer-te que cada cousa tem seu alto e baixo, seu começo e fim. Responde então a isto: já viste buceta cheia de pedras finas, que de si se abrisse a quem n'ella quer pôr a mão?»

«Já viste comida que por si se cozesse para homem que tenha fome?»

«Ha uma; e só uma que eu saiba, diga-se a verdade.»

«Tomára m'a ensinasse.»

«O leite, que se coze nos peitos de nossas mães. Mas basta; e fica tu sabendo que quem quer pôr vista nas joias da buceta, hade primeiro apprender a levantar a tampa, ou ganhar a confiança de quem tem a chave. Ora, assenta-te aqui e conta-me o caso.»

Tomaram assento na mó.

«Alpe! — bradou o moleiro, chamando para si o cão, ao qual fez um signal que este pareceu entender, sahindo logo para fóra.

«Meu rafeiro, que vence o galgo em corrida, e é tão depressa ventor como sabujo, tambem se atira sem dar da voz, como estaca qual perdigueiro, mas com latidos de romper os montes. Nem alma viva se acercará d'aqui a cinquenta passos em redor, sem que sejamos prevenidos por esse esculca. Podemos fallar sem medo.»

O tom do moleiro era outro; o homem parecia transformado.

Savarigo, que nunca d'antes o vira assim, passou a referir de ponto a ponto o successo do rapto de Mariame, dando á sua narrativa a côr, a vida, a paixão que só sabe exprimir quem se acha dominado por um sentimento unico, no qual todos os outros se absorvem. N'elle foi a vingança.

Octavio escutou em silencio. Finda a narrativa perguntou:

«Porque não acceitaste a guarida que te offereceram inda agora os teus amigos, em vez de a procurar aqui?

«Pois não percebeste o que te disse ha pouco? Certo que não vim buscar defesa em ti; tinha-a melhor, indo um pouco mais longe, e acolhendo-me aos passaes de S. Miguel. Mas já agora posso dar-te conta mais fiel do que me levou ao pé de ti. Tu que te menêas de modo tão estranho; tu que sabes rir e sandejar quando outros choram e praguejam; tu que tens tripas para bemdizer aquelles, que teus parceiros tem sobeja razão de amaldiçoar; tu, Octavio, tens-me feito scismar alguma vez. Ora te mettia na conta em que és tido, ora me parecia que não eras liso e sincero, que escondias um segredo. Eram todavia nuvens que depressa se desfaziam, e então de mim me ria. Já ouviste aos pregadores na igreja, contar a historia d'aquelle rei dos Livros Santos, e dos signaes que lhe appareceram na parede durante o festim; e como um santo homem veiu pôr-lhe aquillo ás claras. Pois bem, esta noute, tanto que me vi perdido, perdida aquella que amo, foi como se de repente o céo se abrisse, mostrando-me claro o que d'antes não percebia. A minha queda foi a falla do propheta. Sim, n'esse momento, avivaram-se-me na memoria scenas do passado. Viam-te estes olhos tão certo como agora. Ouvia-te as palavras, rijas como o vento d'aguião; e dizias com a zombaria nos labios, mas com os olhos lavados em

sangue: Vingança, vingança! Erguei-vos, ó servos! Esmagai os vossos tyrannos! Ahi tens, Octavio, o que vi e ouvi; o que me trouxe aqui em delirio, para bradar: Respondo ao teu chamamento! Vingança! Morte aos tyrannos! Vingança! vingança! Se foi abusão, e tu és o sandeu que uns escarnecem, outros temem, talvez me venhas a trahir. Embora! Hoje só tenho medo de uma cousa, perder a minha vingança.»

Os olhos do moleiro scintillaram na semi-escuridão que reinava n'aquella humilde morada. Esteve um momento silencioso, depois disse:

«De ti qualquer se póde fiar. Foste eleito para aquilatar as pedras que encerra a buceta, e fazel-as render as ganancias. Hontem á noute, nas horas mortas, foi-me annunciado o roubo da noiva; mas não sabia qual. Agora tudo está claro. Terás a tua vingança. Que farias tu por ella, Savarigo?»

«O que faria? Se me fôra dado trepar ás nuvens, e na queda esmagar a Froya Gutheres, reduzil-o a menos que o grão sob a galga do teu moinho, fal-o-hia á custa da mesma vida. Dêem-me vingança breve e segura, que de al não curo eu.»

«Hé, hé!—disse o moleiro com uma risadinha, e como que fallando comsigo—O amor é fogo acceso, que já calcinou muito muro de soberba torre; forja que já derreteu muita cota de malha de altivo guerreiro! Em que consentirias tu, Savarigo, se te abonassem desaggravo, e talvez sobre isso a restituição de tua noiva tão inteira como t'a roubaram?»

«Oh Santos do Paraizo! pois de tanto serias capaz? Adorar-te-hia como... como a Deus! — e o apaixonado mancebo estreitou nos braços o servo de S. Miguel.

«E obdecer-me-hias em tudo, despresando ameaças, ferro, fogo, morte?—suggeriu mais que perguntou este ultimo com um gesto imperativo.

«Seria teu servo, mas servo amigo, devotado, cego, para bem ou para mal. Se não basta, dize... Mas adeus! Isso é um sonho! Já não ha poder que salve a Mariame; nem feitiço, nem a mesma Leodaka tem força para tanto. A estas horas está... Oh! dize, dize embora; como pensavas tu salval-a?»

«A paixão do conde por tua noiva, parece que pede mais algo que a posse do corpo; pois não é de hoje nem d'hontem que ella lhe entrou em graça. Se tem andado com os appetites da carne sopeados pelo coração, é porque este quer brandura mais que força. Assim será pombo primeiro que seja fêra. Haja geito que o seja por dous dias, ou tres, e quasi te prometto a cachopa como a queres ter.»

«D'isso não me fio eu. Froya já usou de força; como havemos de duvidar de que n'isso se ateime, vendo a coitada ao pé de si dia e noute, entregue á sua mercê?»

«Ouve, Savarigo, vou levar-te para valhacouto, onde, ficando perto da tua Mariame, estarás a cem legoas dos teus perseguidores; e para que os cães te não cáhiam na piugada se aqui viessem, iremos um bom pedaço pela madre do rio. Primeiro tornarás commigo a Villar-Zendo, onde porém não quero ser visto. Tu dirás a Sahema que vá sem demora ao castro, e que, allegando ao conde que vem aconselhar a filha para que se lhe renda...»

«Que dizes? Juro...»

«Socega, e ouve! Não percamos tempo, pois n'estas poucas horas mal cabe o que tenho entre mãos. Froya, vendo na mãe adjutorio, lhe dará facil entrada. Sahema dirá então á filha que ha quem apparelhe os meios para a tirar d'essa prisão; mas que para ganhar tempo, hade fingir, pedindo folga para trazer o coração ás condições que o conde deseja. Ahi tens o meio que imaginei. Bem vês que com elle o damno não cresce.»

«E tens certeza de que por estes dias poderás soccorrel-a?»

«Se eu fosse como este moinho e seu chão, com maior certeza poderia responder-te.»

«Não cáhio n'isso.»

«Bem sabes—proseguiu o moleiro—que nem um nem outro pede ou conhece servidão: d'esta não lhe vem as aguas, ao moinho, por perto que as tem, e proprias; e o chão não conhece as 'sesicas'...»

«Já se vê; pois ambos são de teus amos, que portanto têem em si mesmos esse direito, de pôr aqui outro moinho quando este cahir.»

«A mim, malpeccado, só me cabe trabalhar em chão

alheio, sem direitos todavia que m'o sugeitem; se cahír, ninguem me levanta, ou toma meu logar; e mais, tenho de pedir as forças a estranhos, e trazel-as de longe, mas a furto e por subterraneos.»

«Percebo; precisavas ter em ti mesmo as forças para tua empreza, qualquer que seja, e seres senhor da terra em que ella se hade pôr por obra.»

«Acertaste; e por isso só posso dizer-te que se a uva vingar, encubar-se-ha o vinho. Trata-se de outra cousa maior que não só do resgate de tua noiva. Com tanto que se abale bem aquelle negocio, deve o teu ter boa parança. Melhor conheces ora o aloucado de Subrego.»

«Oh, porque não o conheci mais cedo! Porque não te adivinhei!»

«Pouco se me fundia ser adivinhado de muitos; sim, muito, de poucos e prestantes, para encaminharem a empresa nas trevas do silencio; e por isso espalhados, não como a luz, pois todo o homem vê d'onde parte, mas como semente lançada á terra. Assim de cada grão nasceram muitos, que não conhecem a mão que o atirou lá fóra. Tu, Savarigo, entraste no conto dos acordados. Chegou o tempo para nos pormos á obra; deve ser rapida, subitanea como a queda da aguia, quando, descendo pelos ares com as azas fechadas, aferra na prisão descuidada. Tudo está aparelhado; é acendalha que esperava só a faisca. D'entre a pedra e o ferro tem rebentado mais de uma, que eu podia, mas não quiz aproveitar, e por boas razões. Hontem comtudo tive aviso; acceito esta que nos trazes.»

«Ao ouvir-te, Octavio, sinto sangue de gigante a correrme pelas veias! Bem podes levantar de boa mente a tampa da buceta em que tens fechado o teu segredo.»

«Não é logar, nem chegou a hora. Cedo saberás o que ainda é mysterio para outros mais adiantados do que tu. A caminho! Tenho muito terreno que vingar até a madrugada; a caminho pois!»

O aloucado de Subrego sahiu da azenha, seguido de Savarigo. Alpe tambem acudiu á voz do amo, que acompanhou na sua excursão nocturna.

VI

O CONDE FROYA GUTHERES

Que quereis a esta chorosa?
.....
Porque me quereis vós ver
Diante vosso poder,
.....
Que com pequenas quadrilhas
Venceis quem quereis vencer?
GIL VICENTE, *Exhortação da Guerra.*

Vamos encontrar Mariame n'um quarto da torre quadrada, ou d'atalaya. Vestia um trajo que a transformava a ponto de deixal-a em grande parte corrigida da rusticidade que contrahira no lar paterno, fazendo-lhe sobresahir a gentileza natural, como se esta reivindicasse os foros de que a educação lhe privára. Era semelhante ao vestido em que apresentámos a filha do conde, salvo que as presilhas corriam tambem atravessadas pela frente desde o pescoço até os pés, ao passo que outras dividiam as mangas em tufos, do hombro ao punho.

A joven serva estava de joelhos; as supplicas que dirigia a Deus vinham entrecortadas de soluços, e a expressão do rosto, bem como o gesto do corpo denunciavam o medo que está de sobreaviso.

A camara, alumiada por uma lampada suspensa do tecto, era de pequenas dimensões e com paredes de alvenaria, em parte cobertas de tecidos de lan e seda. Uma alcatifa escondia o lageado, senão que em redor ficava uma borda estreita a descuberto. N'uma meza havia um pichel e diversos objectos de prata. O resto da mobilia reduzia-se a algumas cadeiras e um leito. Mas aos aparelhos d'este, nada faltava do que se poderia exigir n'uma cama moderna.

O enxergão de molas não se tinha ainda inventado, sem duvida; mas alî estava o «almadraque», com duas «cocedras» sobrepostas, talvez bem molles, porque a lan d'então seria tão boa como de hoje. Para repouso da cabeça, havia um comprido «alifase», sobre o qual jaziam dous «plumazos». Uma rica «almucella» de lan, com vario matiz, cubria a cama; e dobrada sobre o extremo, pela parte da cabeceira, apparecia a larga orla do «mantel» de linho finissimo, ou «sabana».

O desaferrolhar da porta veiu despertar a filha de Sahema das suas orações, cortando-a de novos terrores. Os quicios chiaram, e no limiar assomou um vulto de homem.

Attingira a idade em que a experiencia costuma acamar as illusões, contrahindo a expansão dos sentimentos, ao passo que o egoismo começa ou seu processo de concentração.

Trazia uma vestia de lan branca sem mangas, ajustada no pescoço, com aberta pelos lados desde o sobaco até á cintura; e uma saya da mesma fazenda, a qual lhe chegava abaixo dos joelhos, apertando-a uma cinta, cujos extremos franjados cahiam da ilharga direita. Cubriam-lhe os braços umas mangas justas de lan vermelha, fazendo parte da camisa ou camisola; e vestia meias compridas, ou calças justas da mesma côr, calçando borzeguins azues de alamar. Na cabeça via-se-lhe uma gorra redonda, cahindo-lhe sobre os hombros o cabello comprido.

De estatura elevada, e membros mais vigorosos e bem formados do que elegantes, o recem chegado ostentava um rosto cuja regularidade de feições parecia alterada nas suas linhas, pelos effeitos de uma vida agreste. O olhar era duro, a expressão da bocca imperiosa, e o porte altivo; mas o aspecto no seu todo tinha pouco de aulicano, antes uma aspreza que se roçava com o inculto.

Ao segurar os olhos na fórma debruçada da serva, a expressão rispida e soberba que lhe era habitual, converteu-se n'um sorriso que deu ao seu semblante um ar de benevolencia.

«Amercea-te de mim, nobre conde! — disse ella com voz tomada de susto.

«Por Deus, Mariame, não te afflijas assim. Cuidas ver

ganchoso javali que te vem acutilar com as presas? Ou usso cabelludo, que te quer suffocar n'um abraço de ferro?... Estás esplendida n'essas tuas sayas novas! Como te agradam?»

«Tem dó d'esta mesquinha!»

«Ergue-te, minha flôr. Bem sabes que amor, e não ira, me chama ao pé de ti. Na tua mão está tirar-me a alma do luto em que cahiu, e sahires tu a mais feliz de quantas donas ha em Galliza.»

«Assim m'o tens dito já — respondeu Mariame, pondo-se em pé, obrigada a isso pelo conde. — Mas certo que maior ventura terias em quem te iguala no sangue, que não em pobre serva affeita só a respeitar-te e temer-te. Ah! poderoso conde, que posso contra a tua vontade, se não souber dobral-a pela compaixão?»

«Mariame, attenta bem no compasso da minha generosidade, e vê quanto rejeitas com esse desdem. Mais para te ver alegre, que por preço do teu corpo, vou dar alforria a teus paes; e sobre isso, doar-lhes o villar em que tu nasceste, com todos os seus pertences. Quanto a ti, não meço nem medirei os meus dons; e porém fazes de esquiva, de sacudida, e tens má conta commigo!»

Assentando-se, chegou-a ao pé de si, tremendo ella transida de medo; e proseguiu:

«Não te recebo á face da Igreja, nem tu o esperas, Mariame; mas serás minha mulher sem os ritos, que são escusados; e ter-me-has sempre entregue de mui boa mente á tua vontade.»

«Senhor conde, a serva não tem vontade, nem sabe al que obedecer.»

«É o que espero de ti, amada; al não peço eu. E ora vê quanto te hade mudar a sorte. De pobre giesta rasteira pisada por todos, converter-te-has em rosa altaneira, brilhante e soberba! Idolo meu, e companheira de Ermesinda, quem se não pagará de um sorriso teu? Á cêa farás aos hospedes as honras da mesa...»

«Senhor conde, morreria de medo e vergonha; sou boa só para servir.»

«Serei teu mestre; e posta ao meu lado, far-te-has senhora da primeira assentada. E mais te digo, caçada ne-

nhuma sahirá do portal, sem que vás montada em mursello, que já tenho prompto para ti, de pello curto, lusidio e bem azevichado; e tão certo é aos signaes que não ha seu igual no condado; com ser vivo e alegre, é mui docil e fiel. Verás!»

«Senhor conde, não sei cavalgar.»

«Pois eu te ensinarei, querida. Na mão levarás gavião de Aroche ou d'Ubrique; e será dos de sanco mais curto e grosso, ventas mais abertas, azas mais compridas e bem tiradas...»

«Senhor conde, não sei caçar.»

«Não faz estorvo, minha rola, havendo bom citreiro. O mais tomo eu a minha conta para que sabias gentil caçadora; e se receias as unhas do gavião, terás esmerilhão girifalte ou nibri, de boa relé, e dos mais estimados para a mão mimosa...»

«Senhor conde, tenho as mãos duras.»

«Eu tambem, anjinho; assim não gritarás com dôr, quando, esquecido, t'as apertar com força — disse o magnate, rindo, e apossando-se da mão da serva. — Bem vês que, tirando as bençõe, serás esposa de Froya Gutheres em tudo e por tudo.»

«Isso não quer a Igreja, senhor conde.»

«Deixa lá a Igreja, que eu te prometto seguir-lhe as pisadas. Estás convencida, minha alma?»

«Ah! senhor, o passarinho que nasceu no bosque, só póde cantar ali; na gaiola, por muito rica que seja, perde a voz e a graça; entristece e morre.»

«Mas em se amansando, se lhe abre a porta. Vieste aqui obrigada, avesinha; dá-me tu uma promessa de amor, e em vez de presa, serás dona d'esta casa.»

«Ah! nobre conde, tem dó da amofinada! — disse Mariame, voltando a cahir de joelhos.»

«É dizer que me não queres amar? — tornou Froya com rudeza, franzindo as sobrancelhas.»

«Não m'o perguntes. És senhor de todo o meu acatamento; amo-te com a mesura e humildade que cumpre á serva.»

«Mas guardas o coração para outro, de casta vil como tu! Esse carmim, que te ora incendêa as faces, denuncia-

va-te, se eu não fosse já senhor do teu segredo. Assim que tenho por competidor um servo ignobil, um tal Savarigo? E, pelas tripas de Satanaz, tu dás-lhe a preferencia!»

A coitada tremia como folha sob a lufada.

«Mulher d'elle, não podes ser sem meu prazimento; isso não darei nunca. Seria mais facil fazer de ti traspasse a Judas o trahidor! Ha mais, aquelle cão atreveu-se a arreganhar os dentes... a morder nos meus. Tem tu por seguro que se hade arrepender. Será escarmento aos da sua laia; e bem o precisam, pois têem andado revoltosos ha tempo para cá.»

«Cáhia sobre mim o castigo, que fui causa do feito; mas perdoa, meu senhor, perdoa a loucura de Savarigo! — exclamou Mariame, aterrada.

«A loucura hade sahir-lhe cara!»

«Ah! senhor conde, perdoa-lhe d'esta vez, e eu te prometto que terão n'elle servo submisso, e bom ensinador dos demais.»

«E promettes que te ensinará tambem a submissão, querida? — suggeriu Froya, passando-lhe de repente a colera, e sorrindo-se para Mariame. — Dize-me, serás tu a unica rebelde ao meu desejo?... És tão linda assim, com esse teu ar! Dá-me segurança quanto a ti, e pede o que quizeres em obsequio de Savarigo... Ah! resistes sempre? Então dá-o por perdido.»

«Abusa pois do teu poder, tyranno! — clamou a serva, pondo-se em pé, com o rosto afogueado, e escapando ao abraço que vinha imminente, imprimindo-lhe o desespero uma energia momentanea. — Amo, sim, amo a Savarigo. Amal-o-hei sempre. Perdão vendido não n'o quer elle; e eu não quero o odio de Savarigo.»

«Na verdade, és atrevida! Não provoques quem pode dispor de ti. Não me pertences já?»

«És meu senhor, e como tal te respeito. Pertenço á terra em que nasci, e essa terra é tua. Mas não tens senhorio do meu corpo.»

«E quem ha ahi que me impeça provar-te o contrario? — perguntou Froya em tom de mofa.

«O senhor de nós todos, Deus poderoso! — respondeu ella erguendo a dextra, mas perdida já a confiança em si.

«Pelos ossos de S. Martinho! elegeste um defensor com quem homem nenhum poderá medir-se, se vier em teu auxilio... Ora vamos ao caso. Esse geito referteiro não é da tua condição. Quiz usar comtigo de carinhoso; colher-te como a flôr mimosa sem murchar-te, pois ao toque de mão cruel vae-se o aroma, o viço e a graça. Queria o teu sorriso, não a tua maldição encuberta em longos carpidos... Se não podes amar-me, minha perola — e o conde levado de paixão, tomou-a pela cintura, — desenruga-me pelo menos essa fronte, aviva-me esse rosto gentil com olhos garridos, enlaça-me o collo n'um doce abraço, e toca-me com esses labios deliciosos... Ah! não te confranjas assim, Mariame... Não escondas a cara... Heide dar-te um beijo — e quiz obrigal-a a assentar-se-lhe no joelho.

«Oh, isto é infame, Froya Gutheres!... Aqui do conde!... Quem me acode! Accorede! accorede! — clamou a serva, com esforços desesperados para se arrancar dos braços do magnate, que se fazia já brutal.

«Por quem chamas assim com voz de caritel, se aqui tens o proprio conde da terra? Quem ousaria roubar-te ao amor de Froya Gutheres? — respondeu este, levantando-se com ella nos braços robustos como se nem peso sentisse, e dando duas passadas pelo quarto.

«Santa Virgem bemdita, valei-me!»

A este brado supremo respondeu um bater na porta.

«Pelas tripas de Satanaz, quem se atreve! — e a voz de Froya era um bramido de rachar o tecto.

«Oh! senhor conde, não praza que vos agasteis commigo... — dizia alguem de fóra.

«Ranemiro! Oh villão, serás pasto do inferno...»

«Venho obrigado do cavalleiro Ekaredo Gondemires. Traz aviso de Pravia de alta importancia...»

«Ekaredo Gondemires! Chegado de Pravia? — e o conde dizendo isto comsigo, largou a sua presa, que se refugiou a um canto do quarto. — Que novas serão estas, de peso tamanho que d'ellas se quer alliviar sem descanço ou demora?»

Quando Froya abriu a porta, ia já moderado o furor que o accommettera; mas o sayão receioso, hesitou um momento antes de entrar, cobrando animo porém ao vêr que

o amo não fazia caso d'elle, e dirigia a palavra a Mariame.

«Filha — dizia o magnate em voz um tanto animadora e benigna, — cuida bem no que me ouviste, e tem mais juizo. Por esta noute dorme em paz; prometto que ninguem te virá incommodar.»

Retirou-se o conde, seguido do seu satellite.

.....

A uma hora mais adiantada da noute, acordou Mariame sobresaltada. Deu um grito de terror ao ver a porta que se abria; mas o susto desfez-se em alvoroço, ao apertal-a nos braços a mãe.

VII

O DILEMMA

Porque os matrimonios devem a sseer livres e os que ssom per prema nom ham boa cima...
Rei D. Affonso II, *Estabelecimentos*.

No entretanto estava Ermesinda nos seus aposentos.

Reclinava-se, á moda das mulheres arabes, moda que já ia prevalecendo no reino do norte, n'umas almofadas grandes, postas no chão contra a parede que corria fronteira a uma janella. Ao longo d'este assento macio e commodo, estendia-se uma rica e ampla alcatifa, producto da industria cordoveza, sobre a qual estava em cocoras uma mulher joven, mas não devendo nada á belleza, por cujo trajo e postura se conhecia ser de uma esfera inferior. Era de feito collaça de Ermesinda, a quem tinha sempre acompanhado, e de cuja confiança gosava.

Não havia luz accesa; mas pela janella aberta entrava um reflexo de luar brando e melancholico, que, diffundindo-se pela sala, permittia que, sem grande esforço, se distinguissem os objectos, e vagamente as feições das pessoas.

O aspecto da donzella denunciava tristeza d'alma e agitação de espirito.

«Por mais que digas, Astrildi, não posso livrar-me d'estas preoccupações. São prenuncios de alguma grande desgraça, e desengano de minha alma—dizia ella, continuando a conversa.

«Ah! senhora minha, com quantas fantasias te deixas espantar! Quando entraste, todo o teu cuidado era ver chegar o conde, informado do que passaste com o cavalleiro. Agora, estás perdida de receios pelo filho de Ansur. Deixa esses medos, senhora, que elle chegará a salvo ao seu destino. Que queres lhe succeda?»

«Não sei, filha; mas agora senti um estremecimento, uma commoção tão forte, que... Santo Deus, a voz do Guesto!... tão fraca, tão fraca... parece de quem fenece...»

«Socega! É tua imaginação... »

«Que vejo!—exclamou Ermesinda com olhar fito no chão.

«Não te deixes levar assim de abantesmas!»

«Não vês?—perguntou a donzella assustada apontando com o dedo.

«Se vejo? O quê?»

«Sangue!»

«Sangue?... Engano, minha rica senhora. São os chapins vermelhos d'este maldito agareno pintado na alfombra; e a alvura do zorame põe-t'os mais na vista—disse a collaça que, engatinhando, se havia approximado do logar indicado.

«Foi sangue. Vi-o com estes olhos, encharcando-se e crescendo como quando cahe em terra gotejando de ferida aberta. Mas a terra já o bebeu... Oh Guesto! Meu bem, estarás em risco?... Estarás ferido?... Estarás já... Oh! —e soluçando, a filha do conde, que se tinha erguido a meio, tornou a cahir sobre os coxins.

Fez Astrildi quanto pôde para pacificar sua ama; mas o choro em que se resolvera a crise, contribuiu não pouco para isso. Passou-se comtudo algum tempo antes que Ermesinda recuperasse uma tal ou qual tranquillidade.

Vendo-a sempre triste e pensativa, lembrou-se a collaça, para distrahil-a, de entoar uma xacara doudejante de alegria; mas a sua ama fez-lhe signal desapprovador.

«Cala-te, Astrildi; essa toada faz descompasso nos meus espiritos. As lagrimas podem atalhar o rir; mas a alegria não tem virtude para enxugal-as, nem para sarar a alma opprimida. Já que, porém, estás a isso disposta, podes cantar-me a morte de Goda, a coitada.»

«Ai Jesus! isso é metter caveira em mão de moribundo. Por Deus! não queiras agora ouvir aquelle soláo tão triste de Guesto Ansures.»

«Quero, todavia; vae tu por diante.»

A collaça obedeceu. Era o caso: Dous cavalleiros cortejavam a mesma donzella, que, para salvar a vida áquelle a quem se havia promettido, casou com o outro. Approveitando um ensejo, forcejou o primeiro por induzil-a a fugir, e não o conseguindo, matou-a. Rematava a canção com a chegada, annos depois, de um romeiro que foi ajoelhar-se junto á sepultura da victima; e com as palavras:

«Oh, perdoa, santa martyr!
Intercede tu por mim »
«Perdoar-te, vil algoz?
Não! .. segue para teu fim.»

«Ai de mim, coitados ambos!—disse Ermesinda—se, malpeccado! eu casasse, obrigada, com outro homem, o que certo não hade de ser, mostrar-se-hia Guesto assim duro commigo?»

«Oh! Senhora, se elle nos conta historia tão mofina, não é porque seu coração seja capaz d'isso.»

«Nem a mim me parece; mas d'isto estou certa, que se viesse por tal guisa contricto á beira do meu tumulo a pedir perdão, não seria eu quem lh'o negasse.»

«Bofé! senhora, eu cá diria como Goda, a trucidada: Apage! ruim verdugo; de mim não terás perdão. Anathema, maranatha! Vae pagar a tua pena aos infernos em companhia de Judas o tredor! Que vivo a terra te absorva como a Dathan e Abiron, maldito excommungado!»

Ermesinda não replicou, nem pareceu ouvir as temiveis imprecações eventuaes da sua collaça. Serenando-se sob a benigna influencia do canto, operava-se agora n'ella certo retrahimento, certo segregar-se d'alma, filho não só do nenhum desejo, mas da difficuldade experimentada ás ve-

zes em communicarem-se a outrem os pensamentos, o complexo das sensações e imagens que no intimo se produzem. São combinações estranhas de elementos conhecidos; impressões familiares, mas nunca realisadas na vida positiva, se não a troços e com grandes quebras. Parecia languidez da alma, mas não o era deveras; e se porventura ha momentos em que, no espirito desimpedido, na alma enlevada, se avivam recordações extramondanas, vagas, indefinidas, mas radiantes, perfumadas, deleitosas, repassadas de melodia, estava Ermesinda n'um d'esses momentos.

De repente ouviram-se passos de fóra.

A filha do conde despertou do seu esquecimento momentaneo.

Alguem parou; pareceu hesitar, e por fim bateu á porta.

«Santos do Paraiso, eis o conde que vem!—exclamou a donzella, aterrada.

Astrildi foi abrir; e um homem teve-se immovel no limiar.

«Misericordia! É elle—disse a collaça em meia voz, correndo para sua ama.

«Meu pae? Bem m'o dizia o coração assustado.»

«Já não ha que duvidar, foi elle quem vos esteve escutando—continuou Astrildi, baixinho.

«Quem? meu pae!»

«Pois eu disse tal? Aqui tens Ekaredo Gondemires.»

«Ekaredo Gondemires!—repetiu a donzella com assombro.

Não foi sem motivo que se impressionou. Quando n'aquella noite alludira ao filho de Gondemir, associando a sua imagem com o incidente que tanto a assustára, longe estava de suppôr possivel o que instinctivamente lhe viera ao espirito. Vendo pois agora o homem que julgava estar tão distante, conheceu logo que tinha diante de si o espião da encosta do Bustilho, persuadindo-se em continente que estaria já revelado a seu pae, o que ella tinha tanto empenho em lhe occultar.

«Ekaredo Gondemires!—repetiu Ermesinda.

«Elle mesmo, senhora, para vos servir—respondeu o

recemchegado em tom lhano e polido, approximando-se com uma reverencia cortezan.

Ekaredo mostrava ter a idade de Guesto, mais ou menos. A tez era morena, os olhos pretos, e os cabellos compridos da mesma côr. De estatura mediana, formas bem proporcionadas, ar desembaraçado e continencia agradavel, a primeira impressão que produzia lhe era favoravel.

«Vem saudar a perola d'estes perfumados valles — continuou o mancebo, — a flôr mais aromatica de toda a Galliza, desde o mar até ás ribeiras do Sil. Não lhe soffria o coração deixar de vir pedir novas suas, primeiro que as fosse saber do conde seu pae.»

«Ah! Ainda não o vistes? — perguntou a donzella, respirando mais livremente.

«Para quem havia de ser o meu primeiro pensamento senão para vós, em quem o tenho sempre posto?»

«Á fé! cavalleiro, que não vos suppunha tão perto de nós; cuidava estivesseis em Pravia.»

«Não são seis dias acabados que sahi d'ali com recado de el-rei para meu pae, que ora governa em Lugo, e para o vosso. Mas devo prevenir-vos, senhora, de que trago outro negocio, para mim de grande empenho, que propor a Froya Gutheres.»

«E porque me prevenis d'isso?»

«Por vos dizer respeito.»

«E vem a ser?»

«Que, authorisado por meu pae, lhe vou pedir a mão de sua filha, se para isso me derdes licença.»

«Ides pedir a minha mão! — exclamou a donzella pasmada. — Grande novidade, cavalleiro! Pois não sabeis que estou firme em me não casar?»

«Ah! senhora, as palavras nem sempre dizem com a vontade; e se vos apraz, dir-vos-hei quem ha sabido abalar essa vossa firmeza — respondeu Ekaredo com leve ironia.

«Fallemos sem rebuço; pois já que não tivestes pejo em fazer de escuta, não o deveis ter em confessal-o.»

«Não ha para que eu tenha pejo do que fiz, bella Ermesinda; como ides ver agora. Vinha eu subindo para Folgoso, atraz dos meus pensamentos, que, mais desimpedidos

que o corpo, já ao pé de vós estavam, quando, deitando a vista pela ladeira acima, divisei uma fórma esbelta, correndo com pé ligeiro, e desapparecendo na espessura do bosque, em menos de um credo. Mas conheceram-vos logo estes olhos, e descavalgar do ginete indo-me no vosso encalço, foi tudo um: pois muito anhelava ver-me ao pé do anjo dos meus sonhos. Entrando na matta, e não vos vendo, estive, depois de um pedaço, para clamar o doce nome que estes montes repetem a miudo na voz do povo que pelos valles vos abençôa a cada hora do dia; mas n'esse momento aos meus ouvidos chegou um som de vozes que me chamou para a parte d'onde vinha. Então, vi aquella que me era mais cara que os olhos com que a mirava, vi-a assentada n'aquella solidão junto de um homem. Prestei ouvidos; o que não deveis de estranhar, senão maravilhar-vos de como me soube conter ao ouvir a pratica que mantivestes com Guesto Ansures.»

Cada membro do discurso proferiu-se com emphase e pausa intencional, com um socego no gesto, uma suavidade na voz, um sorriso na bocca, que incommodaram a donzella, augmentando-lhe a perturbação.

Seguiu-se um momento de silencio.

«E que uso pensaes fazer do que descubristes?—perguntou ella a final, com voz atada.

«A vós pertence resolver se me hei-de calar, como só se calam os mortos, ou se o conde deve ser participante commigo d'esta grande novidade. Do filho de Ansur nunca póde ser esposa a filha de Froya Gutheres; tamanho é o desaviamento que mais facil fôra ás agoas do Valcarce unirem-se ás do Navia. Mas não ignoraes, Ermesinda, quanto se pagaria vosso pae do nosso enlace.»

«Nunca! Nunca consentirei em ser vossa mulher—exclamou a donzella com subita energia.

«Não engeiteis com esse desdem o amor de quem por vós é capaz de tudo... Por ti daria a vida, Ermesinda—e Ekaredo n'um accesso de paixão, atirou-se aos pés da donzella.—Por ti me venderia á damnação eterna... sim, por uma hora da tua companhia...»

«Não blasphemeis, sobre enlouquecer!—disse ella, interrompendo-o.

«Tem compaixão d'este teu servo; dá-me uma só palavra d'esperança.»

«Erguei-vos, cavalleiro; e não me peçais o que não posso nem quero dar. Já renunciei á minha esperança; deveis renunciar á vossa.»

«Antes renunciar á vida! Oh! acceita a minha devoção e como teu esposo me matarei para te trazer sempre contente e feliz.»

«Nem que fosseis poderoso para me rodear das delicias que dizem brotar do mesmo ladrilho no alcaçar de Cordova!—respondeu Ermesinda, sem tomar folego, repellindo o mancebo com um gesto nervoso.

Ekaredo levantou-se impetuosamente. Estava fullo.

«Olhai por vós!—bradou;—e senão por vós, então por aquelle que se intrepoz entre mim e a mulher que amo. Tremei por elle!»

«Não espereis amolgar a minha vontade com feros e ameaças, já que o não podestes com promessas fagueiras. Se o penedo á beira-mar não sente os carinhos do estio leve e brando, tambem se ri do bater desesperado das ondas em furor. Se revelais a meu pae o que sabeis, sustentarei como poder o peso da sua colera. Quanto ao nobre filho de Ansur, de quem por ciumes ides dar voz, que mal lhe podereis fazer? Elle fia-se do braço esforçado, não de pé leve e olho fino.»

«Está-me parecendo — replicou o mancebo, já mais senhor de si, com quanto ferido do sarcasmo, — que se Froya Gutheres suspeitasse sequer de que o homem que amais se chama Guesto Ansures, e que esse vosso idolo caminha para Samanos a ver-se com amigos e parciaes de Affonso, com o fim evidente de armarem aleivosia a el-rei, quiçá contra a mesma vida d'elle; quer-me parecer que o nobre Froya, assim por ser pae vosso, como por seu cargo, e movido por lealdade, saberia ordenar as cousas de maneira que ficassem colhidos ás mãos esses trahidores.»

«A aleivosia é obra do vosso imaginar. O filho de Ansur nunca será quinhoeiro em acto feio e torpe Digo mais, Affonso é incapaz de romper o juramento com que se ligou em Pravia, — assim fallou Ermesinda; mas surgiam-lhe no intimo novos terrores por causa de Guesto. Até ali,

preoccupada pela idéa de se lhe ter descuberto o segredo do coração, perdera de vista que tal descuberta envolvia a do destino do trovador.

«Embora! — tornou Ekaredo ironicamente. — Quando virdes Guesto em poder de vosso pae, dizei-lhe isso mesmo, que vos attenderá sem duvida.»

«Oh, não vos creio tão cruel! — exclamou Ermesinda, summamente agitada, torcendo os dedos, e dando alguns passos por um e outro lado. — Não, não haveis pôr por obra a vossa ameaça.»

«Affaste o Deus! Nem faz mister appellar a tão alta potencia. Basta um concerto entre nós.»

«Obrar assim, não seria de nobre cavalleiro, como sois.»

«Quero continuar a sel-o por amor de vós. Um accordo o afiançará.»

«Cedei aos meus rogos, e eu vos prometto uma amizade tão inteira e comprida quanto a vida que Deus me der.»

«Amisade! Pois a flôr mimosa hade crescer-me ao pé luzida e fresca, e eu sem poder colhel-a, nem sorver-lhe a fragrancia? Antes não a vêr nunca! Amor só com amor se paga.»

«O amor não se póde partir.»

«É recordar-me que o vosso está n'outra parte. Oh! pezar de minha alma, sinto-a revolta com mil aborrecimentos!... Mas não exijo de vós um milagre. Visse eu uma restia de sol a sahir das nuvens de desamor que mostrais, e socegava para sempre o motim dos odios que me revolvem no peito. Sede minha, e serei até amigo de quem arrisca fazer de mim o que não quizera.»

«É condição que não póde ser.»

«Já que assim o quereis, tornar-me-hei a elle; e...»

«Ah! não falleis em vingança. Concedei-me a graça que imploro, e nunca mais porei vista em Guesto Ansures, eu vol-o prometto.»

«Da vossa promessa me fio, e mais por ser escusada; não estareis exposta a quebral-a, acreditai.»

«Não tendes coração para compadecer as angustias de uma desditosa? — disse ella, interpretando as palavras como nova ameaça de tudo revelar; e dobrou-se diante d'elle. — Oh, Ekaredo!...»

«Em pé, senhora! — respondeu elle, interrompendo-a e obrigando-a a levantar-se. — Quando estive ind'agora aos vossos pés, repellistes-me com desprezo. Eu quero dar-me por vencido. Já não peço o vosso amor; o meu é tão inteiro, e confia tanto em si, que lhe quero dar por auxilio o tempo, para vos trazer a outros sentimentos; só peço que sejaes minha mulher.»

«Estaes illudido. O vinculo acceito por prema não se vira nunca em liame de affeição.»

«Quero pôr esse vosso preceito á prova; seja meu o risco.»

«A amizade sem outro compromisso, a terieis segura e para sempre.»

«Amizade, sim; mas abençoada pela Igreja.»

«Jurei nunca pertencer a outro que não fosse Guesto.»

«Haveis renunciado a elle.»

«Renunciei; mas não ha poder que me obrigue a quebrar o juramento.»

«Se estais firme no vosso proposito, assim me haveis de ver tambem. Tremei pelo objecto do vosso amor, e do meu odio!»

«Ekaredo Gondemires, sois um infame! Ide pois por diante com a vossa obra, digna de um demonio.»

«Serei demonio e infame, porque assim o quizestes, podendo ser modelo de virtude inspirado de vós. Bem vos preveni de que por vós era capaz de tudo.»

«Vileza foi em mim, abaixar-me a rogar e implorar quem mostra tanta vilania; pois homem inclinado á virtude, como pretendeis, não é nunca vil e cobarde.»

«Ah! sou cobarde? — bradou Ekaredo tocado no vivo por esse epitheto ouvido da bocca de quem amava; e dirigindo-se arrebatadamente para a porta, accrescentou: — Isso é que se não perdôa!»

Mas Astrildi tinha-lhe atravessado o caminho, lançando-se de joelhos.

«Oh! nobre cavalleiro, — disse ella — não cureis d'essas palavras só filhas do desespero. Quem deveras traz o coração rendido, estremece muito sobre quem ama, para lhe não querer todo o bem. Pois haveis de soltar o vendaval sobre a tenra flor que vosso peito queria agasalhar? Oh! isto não póde ser; não é de quem sois.»

«Pois tu atreves-te a tanto? Cala-te, serva! Não te mettas no que te não toca — respondeu Ekaredo desabridamente, arredando de si a collaça.

O incidente veiu, porém, dar outro curso aos impulsos da filha do conde. A indignação que por fim se tinha apossado d'ella, constituira uma reacção dos sentimentos que lhe eram naturaes; antipathicos a quanto fosse baixeza. Mas vendo de novo imminente a crise, mostrou-se antes de tudo mulher.

Na mulher impera o coração. A mulher que ama deveras é a creatura mais sublime sahida das mãos do Omnipotente, pelo menos em quanto lhe dure esse estado; e o homem que a trahe, é o ente mais vil e abjecto da creação. Só na mulher se realisa o desinteresse absoluto; só ella se purifica da ultima parcella do egoismo, para identificar-se completamente no objecto amado. N'essas condições, os seus impulsos não tem limites; a subjectividade é suprema, e o crime, até, póde-se-lhe afigurar virtude. Mas Deus, que esquadrinha tudo com juizo inteiro, sabe quantas vezes são irresponsaveis as condemnadas do homem.

Ermesinda não estava, porém, em trance tão melindroso e afflictivo; apenas dissimulou.

«Filho de Gondemir! — disse ella com voz fraca, deixando-se cahir nas almofadas.—Dae-me pelo menos algum tempo para meditar na vossa proposta!»

«Pedis tempo? Não o é ainda, pois, para desesperar — respondeu elle, já do outro lado do limiar; e regressou com presteza e alvoroço.

Depois, parando de repente, com ar pensativo, fallou comsigo: — Cuidado! cuidado! Ella quer folga para d'ahi tirar seu proveito... para que o lobo no redil se não possa já colher... Embora! mais um dia nada faz ao caso; Guesto não sahirá tão cêdo de Samanos, *se por acaso lá chegar.*»

Ergueu então a voz, dizendo:

«Eu não quero ficar de quebra comvosco, Ermesinda. Esse primeiro raio de esperança que me enviaes, vem desenfadar-me da minha tristeza. Acceito o agouro; e dou-vos todo o dia de amanhan para lançar o vosso juizo sobre o caso. No dia seguinte, entre horas de terça e sexta, virei saber o que tiverdes determinado.»

Ermesinda pediu um prazo maior, mas sem o conseguir; e com a sofreguidão de naufraga, a nobre donzella, no aperto em que se via, atirou-se a essas poucas horas tão parcamente medidas, como se n'ellas esperasse encontrar, não um allivio passageiro, mas um evento prompto e decisivo ás difficuldades que a rodeavam.

VIII

O MOSARABE

> Pois não vemos que toda a juventude christan, de aspecto grave, no discurso fluente, distincta pelo vestir e pelo gesto, eminente na erudição e eloquencia gentilica, se entrega com avidez ao estudo e leitura dos livros arabes?...
>
> ALVARO DE CORDOVA, *Indiculus Luminosus*.

O interior dos paços do castro conservava ainda as formas, e em grande parte a architectura da epoca da sua construcção romana. Assim ao vestibulo seguia-se um pateo quadrilateral cujos lados maiores corriam de norte a sul, ornado de columnatas e galerias cubertas. Depois passava-se a uma peça comprida, que, do seu destino primitivo de cartorio (*tablinum*), se reduzira a simples passagem para o peristylio, que, sendo mais espaçoso que o pateo, tinha o seu maior comprimento em sentido transversal a este. Nas quatro galerias do peristylio havia portas que davam para diversas salas e aposentos interiores do edificio. Os que Ermesinda occupava estavam do lado occidental, dando-lhes serventia uma sala, que em tempos passados fôra provavelmente *triclinium*, ou casa de jantar.

Ao despedir-se da donzella, dirigiu-se Ekaredo para o pateo, que, dos dous lados principaes, tambem tinha algumas portas, por uma das quaes se entrava no que, pelo as-

pecto dos que ali estavam, parecia ser sala de guarda e de gente de serviço.

Dando a conhecer que precisava fallar com o conde, respondeu-lhe Ranemiro, oppondo duvidas. É escusado repetir o pequeno debate que se levantou, porque o leitor já sabe que o sayão se prestou a final a levar o recado, sendo aliás o unico que se atreveu a isso. Em quanto este ia seu caminho, o filho de Gondemir, acompanhado de um dos servidores, o mesmo que á sua chegada, lhe ensinára os aposentos de sua ama, tornou a atravessar o pateo e o peristylio até a galeria do norte, d'onde entrou para um salão, á espera de Froya Gutheres, ou da sua resposta.

Ekaredo era por sangue, godo sem mescla. Seu pae pertencia a uma d'aquellas familias nobres que se haviam conservado no paiz natal, sujeitas ao dominio dos conquistadores arabes, e no goso dos privilegios que estes lhes concediam a preço do tributo e da submissão politica, privilegios que lhes davam jus a uma especie de autonomia civil, religiosa e domestica. Oriundo da culta Cordova, cursára Gondemir as escolas, que, á parte as dos sarracenos, eram regidas por christãos e geralmente por ecclesiasticos. Isso não obstante, e apesar dos privilegios, o contacto com os orientaes, e os casamentos mixtos que se foram tornando frequentes algum tempo depois da invasão musulmana, tinham produzido o seu effeito, fazendo com que os christãos adoptassem a pouco e pouco alguns dos costumes, muito da cultura, e até a lingua da raça dominante. D'ahi lhes viera a designação de *mosarabes*, ou «imitadores dos arabes,» applicavel a todas as classes e a todas as raças christans sujeitas; não só ás familias sem mistura do sangue sarraceno, como tambem ás que a tivessem.

Tendo Ekaredo nascido em Cordova, pôde ainda aproveitar as vantagens locaes de disciplina e educação, até que as circumstancias, que não fazem ao nosso proposito particularisar, induziram seu pae a emigrar, estabelecendo-se no reino das Asturias, havia quinze annos, por ensejo da acclamação do rei Silo, que o protegeu confiando-lhe um governo que envolvia a dignidade de conde. Mas o ultimo gráo na fortuna e influencia de Gondemir, coincidira com a usurpação de Mauregato, na qual tivera parte, valendo-

lhe isto o favor do principe e um logar na sua curia, de que era um dos principaes magnates.

Foi por occasião da visita de Froya Gutheres á sede do governo, no anno antecedente, que este se achou em frequente contacto com o valido-mosarabe, chegando mesmo, por motivos politicos de mutua conveniencia, a serem cordealissimas as relações que travaram de parte a parte, a despeito das prevenções de Froya contra os mosarabes em geral, das classes elevadas. No seu regresso, acompanhara-o Ekaredo até Lugo, onde este viu e se apaixonou de Ermesinda. De boa vontade teria Froya consentido n'um casamento; mas a ambição do magnate, que conhecia as vantagens de semelhante alliança, tinha cedido perante os protestos de antipathia e aversão da filha, que, talvez pelo contraste, exercia um certo influxo no genio rude e incivil de seu progenitor, cuja affeição por ella participava do respeito que instinctivamente se tributa á superioridade moral.

As passadas de Ekaredo pelo salão lageado, indicavam certa impaciencia; e ás vezes sahia para o peristylio a vêr se havia signal de novidade, recolhendo depois para continuar o passeio. Um leve arrufar-se das feições, aliás symetricas, dava-lhe um modo de sorriso habitual, que não raro sem sentido e vago, tinha as mais das vezes o que quer que fosse de desdenhoso e mesmo de insultante. Isso junto com a expressão inquieta e inconstante dos olhos, e a tendencia que pareciam ter para cahir de esguelha, ou talvez melhor, para se não fixarem bem nos objectos, faria surgir alguma perplexidade na mente de quem o visse, para ajuizar se, no natural d'esse homem, sobresahia a leviandade ou o refolho. Mas a nós, que o conhecemos já um pouco, não nos faltam elementos para formar um juizo mais seguro.

Appareceu finalmente o pae de Ermesinda.

«Bem vindo sejas, Ekaredo Gondemires, supposto que por amor das tuas pressas, me vês um tanto aborrecido... Então que novas são essas?—disse elle em tom brusco, mas com sorriso amigavel.

«Ora bem sinto, conde Froya, que calhasse assim, e chegar eu tão fóra de horas. Mas cáhia a culpa no meu

alazão. Vim talvez despertar-te do somno?—respondeu o outro com modos polidos e desembaraço airoso.

«De um sonho, póde ser—e Froya soltou uma risada. —Trabalhava eu por fazer á mão a uma serva que não está mui chã ao serviço... Mas, bofé, estou mudando de parecer, e quiçá fôsse melhor assim... Ora, sus, conta lá, que me arrebenta por todo o corpo o desejo de saber... Espera, não hade ser assim em pé.»

Froya conduziu o seu hospede a uma cadeira grande e pesada, de encosto arredondado e assento orlado em curva; ao passo que, chegando para si uma cadeira rasa, se assentou ao pé do joven mosarabe.

«Não pergunto por tua filha, conde, porque já a fui saudar; e bem podes imaginar a minha alegria ao vel-a tão bem disposta de saude, e bella como sempre.»

«Como te recebeu?—perguntou Froya, mostrando algum interesse.

«Como a defunto, ou ausente não esperado, que é tudo um.»

«Não admira que ella se admirasse; mas depois?»

«Foi flor mimosa, com espinhos; encolheu-se, mas ferindo. Á despedida, porém, encantou-me qual perfumada rosa que se desabotoa.»

«Deveras? Vamos, Ekaredo, isso já não foi pouco. Nas mulheres, o desamor que se amansa, é fortaleza que consente em praticar de rendimento; e olha que muitas vezes vem a dar em paixão, que é tanto mais estavel, quanto foi demorada em declarar-se... Mas quero ouvir-te as novas. Como deixaste el-rei?»

«Na prisão de Deus.»

«Deus o tire d'ella cêdo, e o mantenha.»

«Houvesse tal esperança! Não n'a tem a curia; e o luto anda nas previsões de todos. Mas isto é segredo.»

«Então é cousa séria d'esta vez?»

«Tão seria que com ella prende, senão sahiu d'ella o negocio que me levou a Lugo e me traz aqui...»

«E teu pae? Está ali contente? Está por sua vontade?»

«Porque não?»

«Não se afastou, pois, do paço, a isso obrigado, ou por desavença com a curia?»

«Obrigado? No sentido que lhe dás, não foi. Meu pae está tão alto no conceito dos da curia, como esteve sempre — respondeu o mosarabe com certa ufania. — Mas deveras não podias adivinhar o que ainda não te revelei. Previno-te, porém, de que é de toda a puridade!»

«A toupeira não jaz mais escondida na terra que um segredo no peito de Froya Gutheres...»

«Ninguem duvida de ti, amigo conde; e sobre isso tens parte no negocio. Ora, Gondemir passou para Lugo por dous motivos: um, com o fim de vigiar...»

«Vigiar! Eu tinha teu pae por homem de feito, e mais avisado. Largar o leme em Pravia para fazer de vigia em Lugo, passar de mordomo a servente, isso não fazia eu.»

«Nem foi como imaginas. Escuta, conde. Ha pouco constou na curia que Affonso desapparecera de Amurrio; e sendo Lugo o ninho da mór parte dos seus acostados, sobre ser assento ordinario de Bermudo, cuidou-se logo que seria esse o seu destino...»

«Ah! Já vejo o porque da desfeita.»

«Por Deus! Ouve até o fim: ha urgencia, como verás. Coincidiu com essa noticia a doença de Mauregato. Não ignoras o proposito que ha em Pravia, de fazer acclamar a seu filho Hermenegildo nos principaes pontos do reino, sem arriscar uma eleição; não ignoras que d'isso estão alguns encarregados logo que fallecer el-rei.»

«Aqui tenho o segredo bem fechado — protestou Froya com forte pancada no peito.

«Assentou, pois, a curia que era chegado o tempo... Peço-te, amigo, que te não agastes. Viu pois a urgencia de pôr em Lugo homem mais da sua confiança que o conde Tructesindo...»

«Meu cunhado não merecia tal affronta!»

«Não houve idea de affronta; por isso o passaram para Mendumeto. Parece que tu ignoras a estreita amizade que travou com Bermudo; e que, segundo anda moente e corrente, Tructesindo se ha tornado mais brando...»

«É mentira! Foi calumnia! Seu odio a Affonso corre parelho ao meu.»

«Assim o creió, agora; pois tu o affirmas. Mas Tructesindo não estava no segredo; e por cautela, que ora vejo

foi sem razão, não lh'o quizeram confiar. Assentou-se pois que fosse para Lugo um dos homens da curia, que tivesse maior privança e authoridade...»

«E teu pae foi o escolhido.»

«Quiz fugir ao encargo, mas cedeu ás instancias; e assim foi de certo modo obrigado, como disseste. A commissão que trouxe é ardua, apesar de vir acompanhado, afóra a gente de guarnição na cidade. Tem de vigiar o diacono, sem comtudo entender com elle, nem molestal-o; e tanto que tiver rebate da curia, acclamar a Hermenigildo. Entrementes hade de estar de sobreaviso com respeito a Affonso, lançando mão de todo o estratagema para o haver ás mãos. Como vês, não é d'invejar a tarefa. Para bem cumpril-a hade homem ter olhos de camaleão, que vejam de todos os lados a um tempo; boas ouças de curuja e azas de sêda do morcego, para de longe ouvir e sentir; sobreisso pernas de pulga, com que se atire aos rebates—mas guarde-as do vello!»

«Grandes novidades são essas, Ekaredo!»

«Mas vamos ao ponto—continuou este.—No dia em que sahi de Pravia, e foi por isso mesmo, chegou aviso confirmando a suspeita de que Affonso vem caminho de Lugo, acompanhado de Theudas e de um tal Ariulfo, que se julga ser nem mais nem menos que a mãe...»

«A rainha Munia?»

«Munia, disfarçada em homem. Vais ver. A pista do filho, que se havia perdido, tornaram a dar com ella em Leão, devido isso, como parece, á demora que os fugitivos houveram de ter ali, por haver adoecido o chamado Ariulfo. Soube-se, por uma rascoa da casa, que o doente não era homem, senão mulher. Ora, que mulher podia ser, que pedisse rebuço, senão a viuva de Froila? e mais, que representava homem novo; digamos mulher de meia idade.»

«De feito, Munia não passa dos quarenta e sete. Mas porque vem? Se é com vista em revoltar a terra, parece que melhor teria ajudado o filho, deixando-se ficar em Amurrio. Tambem póde ser que o intento partisse d'ella.»

«É fardel que trazem, e para nós promessa de melhor parança.»

«Foi mão saberem d'isso tão tarde na curia, e peior achar Affonso amigos em Leão.»

«Não ha mal d'onde não sáhia bem. Aquella passagem por Leão, tirou toda a duvida quanto ao destino que elles vem levando; e pelas providencias que a curia passou a tomar, mui esperta será a raposa, se não fôr colhida ás mãos. Mas pede o negocio que se não metta tempo em meio. O conde Sesnando, que governa no Naviense, está já de prevenção, faltando só que tu o estejas igualmente.»

«Dize lá, e fiem-se de mim.»

«Do Vierzo — continuou Ekaredo — tem Affonso só uma sahida, e tres caminhos para Lugo. Se tomar pelo porto de Pedrafita, como jornada mais curta, se bem que de piso mais difficil e escabroso, afóra não ser mui bem servida de barcas de passagem nos portos dos rios, ali encontrará um troço da gente de Sesnando, com ordem de proseguir até Villa Franca; em quanto o proprio conde, com o resto dos seus, está de atalaya na torre romana, que é de passagem forçada a Lugo. Mas se não obstante a grande volta, eleger a estrada romana, por mais suave e por ter pontes a miudo, ou se vier pelo caminho dos montes, via de Dragante e Corráles, pertence a ti, conde Froya, frustrar-lhe o passo, pondo força em diversos pontos, segundo te parecer mais aguisado; pois conheces a terra melhor que nós outros.»

«Quantos vem com Affonso? — perguntou o conde, meditando.

«O que se sabe é que entrou em Leão acompanhado só dos dous que te disse, Theudas e o falso Ariulfo. Mas depois vieram outros seis, que se suspeita serem acostados seus, que o precederam na sahida da cidade, talvez para se lhe reunirem depois.»

«São tão poucos, que não bate ali cuidado.»

«Mas é possivel que de caminho se lhe ajuntem outros; e a urgencia pede que ao proprio tempo tomes a dianteira.»

«Por sem duvida; e vou já dispôr as cousas. Mando um aviso a Astarico Osoris, para que leve uma partida da sua gente á serra Golada, que, para o que temos que fazer, é o melhor ponto da estrada romana; assim poderá Astarico

partir, pela madrugada, da torre de Quiroga. No emtanto eu me irei caminho de Dragante ainda esta noute.»

«Tu, não; póde a tua presença aqui tornar-se precisa.»

«Porque?»

«Porque entre Lugo e o castro, o acaso me deparou umas noticias, que me fazem suspeitar que não é para Lugo que marcha Affonso.»

«Não é para Lugo? Ainda ha pouco disseste...»

«O logar que suspeito fica mais cerca d'aqui.»

«Agora sáhes com isso? Que sitio é?»

«Por ora não posso responder sem quebra de minha palavra.»

«A quem e porque déste tua palavra?»

«Ainda menos o poderei revelar.»

«Pelos ossos de S. Martinho!... Não me faças perder a paciencia! Que mysterios são esses? Deve os haver entre nós em semelhante lance?»

«Isso nada tem que ver com o que mais urge. Quer vá com rosto em Lugo, quer no sitio que imagino, Affonso terá de seguir por um dos tres caminhos; e por ora só se trata de lhe cortar o passo. Quanto ao que chamas mysterio, enviei sobre isso homens da minha escolta; aguardo o resultado, e se a suspeita se confirmasse, iriamos tratar do feito. Por isso deves ficar com parte da tua gente.»

«A essa luz que me queres dar, não vejo mais claro.»

«Perdoa-me! e tens razão; na mente distrahida quedam por vezes as parcellas que dão a claridade. Pensava n'isto: que se pela ventura Affonso se escoasse por entre aquelles que o aguardam, digamos na estrada de Pedrafita, poderia amanhan ou no dia seguinte acolher-se ao sitio que hoje não posso nomear; e estando tu aqui, a ti só caberia a gloria de o agarrar. Estás satisfeito?»

«Oh se estou! Se me afianças isso, Ekaredo, eu te perdôo o mais, e ainda me terei por teu devedor.»

«Eu t'o afianço, conde, com tanto que os fugitivos se acoutem ali. Sabel-o-hemos breve; é ter só um nada de paciencia. E se elles viessem pela estrada de baixo, ou pelos montes, os teus te darão conta do que cumpre.»

«Vou já despachar d'aqui o meu tenente Sigulfo Gundesindes—disse o conde; e adiantou-se para a porta, quando,

parando de repente, accrescentou:—Eu não esperava um barato da fortuna como este que me ora cahe em casa; e por mofina ando mal provido de gente! Com estas pazes démos em desleixo; no castro, o presidio não passa de quarenta...»

«Pois, sob emenda, ficas com quinze homens, e vá o resto com o teu tenente. Trago commigo alguns bucellarios; assim teremos força d'abastança para o que possa sobrevir.»

«Estamos avindos; será dito e feito! Agora vão dar-te de cear, meu amigo; e se te aprouver, podes ir dormir depois.»

«Acceito o convite; estou abanando com fome, e boas quinze leguas andei hoje.»

Em seguida o conde e seu hospede sahiram do salão.

IX

O PRESOR

— Pois para que he o villão?
— Todos nós vimos d'Adão.
.....
— Dom villão, comigo irés
.....
— Nós somos vida das gentes,
E morte de nossas vidas;
A tyrannos—pacientes,
Que a unhas e a dentes
Nos tem as almas roidas.
.....
Na igreja bradão com elle,
Porqu'assoviou a hum cão;
E logo excommunhão na pelle.
O fidalgo maçar nelle,
Atá o mais triste rascão.
Se não levam torta a mão
Não lhe acham nenhum direito.
Muito attribulados são!
Cada hum pella o villão
Por seu geito.

GIL VICENTE, *Auto da Barca do Purgatorio.*

Deixámos a Guesto na morada do presbytero, onde pernoitou. Ao amanhecer do dia seguinte, foram ambos á herdade de Tolsun, onde, por influencia de Osoredo, o trovador fez compra de um cavallo, continuando depois a sua jornada. Ia muito distrahido. Quando não pensava em Ermesinda, revolvia na mente a aventura da vespera, cujo mysterio forcejava por descortinar, sem comtudo lhe occorrer explicação plausivel. Lembrou-lhe apenas que o espião da ladeira do Bustilho, seria o author ou mandante do assalto. Mas quem era esse homem? Com que fim attentára á sua vida? Não achava resposta.

O caminho abria-se na serra pela orla da encosta, subindo sempre por mais de uma legoa, até chegar um pouco abaixo das cumiadas, cujo ponto mais saliente è Penha Redonda; mas, vingadas essas alturas, seguia n'um nivel plano, com largura de poucos palmos, e bastantes voltas, torneando as saliencias d'essas cumiadas.

Á direita, era magnifico o panorama de montes e valles, qual mar encapellado, precipitando-se as ilhargas da serra na baixa onde corria o Lózara, que apresentava um abysmo profundo, e ameaçador para o caminhante se lhe faltasse o pé. Atravessando depois um planalto em direcção N. O., começou Guesto a descida, tendo d'ahi a espaço diante dos olhos o florido valle do Cabe, conhecido hoje como terra ou paiz dos Incios. Tendo uma extensão de duas leguas ou mais, é de fórma triangular com o canto agudo a S. O., constituindo o rio Cabe, pelo menos em parte, a base, ou lado sul do triangulo.

Lançando a vista por esta extensa baixa, aliás muito accidentada, viu Guesto que predominavam ali os indicios da vida pastoril, achando-se dispersos pelos mattos de pastagem, rebanhos e manadas de todas as especies de gado. De espaço a espaço appareciam todavia terras arroteadas, e um ou outro grupo de casaria, que conheceu serem as «villas» das familias servis, ali estabelecidas pelo senhorio; e as terras e pastos adjacentes a algumas d'essas villas, eram cercados de vallado.

Uma das feições da paisagem, era o basto arvoredo que, em logares, mórmente nos extremos, eram verdadeiras mattas fechadas. Outro caracteristico do sitio, consistia nas ruinas de edificios e fortificações antigas, espalhadas por grupos, testemunhas mudas mas eloquentes de uma civilisação que em epoca mais ou menos remota, viera beneficiar a localidade. De feito, o ferro que ali abunda, fôra por muito tempo explorado no periodo da dominação romana.

Não longe do angulo S. O., ao sopé do Alto de Santa Barbara, havia um vasto terreno fechado com vallado em todo o seu circuito, no qual de envolta com mattas, pastagens, e terras lavradias se viam hortas e pomares.

Fóra da cerca, na margem esquerda do rio, cuja cor-

rente é para o S. O., apparecia sobre uma pequena eminencia, não longe de um cumulo de derruidos edificios romanos, uma igrejinha de paredes lisas com duas janellas de lado e porta para o occidente, sendo em arco tanto esta como aquellas; o telhado porém era disposto em angulo obtuso. Em logar de abside ou hemicyclo, havia a leste um annexo quadrilateral, e entre este e o corpo principal, uma pequena torre com remate pyramidal de quatro faces. Em logar de vidro, que não estava ainda em uso, as janellas eram guarnecidas de laminas arrendilhadas de marmore, reduzido a grande delgadeza. A par da igreja estava o «asceterio,» morada dos monges ou padres, de construcção singela e tendo um só andar ao rez do chão.

Na raiz do outeiro, e á borda d'agoa, via-se um moinho. Um pouco acima d'elle, junto a um penedo, descubriam-se as armações da nassa de um naceiro, e ainda mais acima, a intervallos, as de algumas pesqueiras.

Do outro lado do Cabe, o terreno ia em subida, ora gradual ora ingreme; e no alto d'esta estava a casa principal, espaçosa, mas sem andar superior. No declivio entre ella e o rio, espalhava-se o «assentamento,» constando de abegoarias, curraes, adegas, etc. Perto d'aqui, ora agrupadas, ora dispersas, reconheciam-se as moradas da «familia», ou por outra, dos servos; não dos que, colonisados, adquiriam por isso maior liberdade, senão dos que o senhor commum de todos, tinha junto de si para occorrer ao amanho do bem que elle proprio habitava.

Não longe de Penha Redonda, onde nasce, o Cabe tinha aqui pouca largura, e vadeação facil na quadra do outomno. A estrada, na margem esquerda, passando pelo moinho, seguia para além do extremo S. O. do valle, onde, vadeado o rio, tomava para o norte, perdendo-se de vista nas ladeiras que se apresentavam d'aquella banda.

Perto do moinho, porém na margem direita e dentro do vallado, havia uma mó de gente composta pela maior parte de homens, vestidos de fato montesinho, de pelles de cabra ou de carneiro, deterioradas pelo uso e pela falta de limpeza. Apesar dos assomos do inverno, traziam geralmente nús os braços e as pernas. Tinham o cabello rapado; mas o rosto inculto, com barba curta e esqualida, dava-

lhes um aspecto de fereza que, talvez, nem em todos correspondesse ao caracter.

Um d'elles, porém, homem de seus sessenta annos, distinguia-se pelo trajo de lan que vestia, tendo nos hombros um manto de pelle de cordeiro; e pelo seu porte, que denunciava authoridade.

«Assim que estás resolvido a separar o pae e a filha!— disse um d'aquelles, a cujo braço se agarrava uma joven de vinte annos. — Vais apartar de ti um servo fiel, que de Spania comtigo veiu de boa mente, fiado nas tuas promessas. Dos que te acompanharam, Donani, ainda vivem alguns para testemunharem do que digo. Que nos prometteste com juramento? Na terra dos agarenos eramos teus de corpo; podias vender-nos a teu talante, como o gado dos curraes; mas não eras poderoso para nos conduzir para o norte, obrigados. Viemos todavia na fé de que se nos acabava aquella oppressão, e que teriamos senhos chãos, de que te pagariamos o quinhão do senhorio, e o devido serviço. Somos da terra, e não teus. Vende Villa-Caio se isso te dá na vontade, pois é tua; mas não podes tirar-me d'ella.»

«Dizer que não tenho comprido poder para isso ou para aquillo, é sandice; pois como senhor d'isto tudo, e de vós todos, posso o que muito bem quizer; e tomára ver o homem que m'o hade impedir — respondeu o presor Donani com serenidade, mas proferindo as ultimas palavras com desafio ironico na voz; e continuou: — O que devias dizer, Caio, é que em mim tiveste sempre amo bom, amigo, e tolerante; e que d'isso tens saudades, vendo que sou obrigado a desfazer-me de ti. Mas pedir-te a vontade nadares contra a vêa d'agoa, é loucura; pois hasde ir, em que seja algemado.»

«Lembra-te tu da avença que fizeste com os servos que a seu proprio prazimento te acompanharam — replicou Caio, homem que inculcava ter a mesma idade que o presor, e no qual, pelas linhas do rosto, se conhecia predominar a descendencia romana.

«És teimoso e velhaco—tornou o amo, começando a alterar-se. — A que vem essas recordações? Já te disse que fazendo de ti traspasso, não obedeço á vontade minha,

mas ao voto que fiz. Quanto ao mais, tua filha não te ficará tão longe que a não possas ver a miudo. Mal chega a duas leguas.»

«Ó Donani, bom Donani! — exclamou a joven, deitando-se-lhe aos pés, — não dès no desterro com o servo que tiveste sempre em tanta estimação. Ou, se não ha demover-te d'isso, desterra-me tambem. O estranho tem a mão dura do esqueleto, o olhar frio como vento d'aguião; far-me-ha coalhar o sangue nas veias, hade gelar-me de medo. Maisquero isso com o pae ao pé de mim, que ficar aqui no ninho agasalhado, d'onde o enxotaram para sempre. Direi adeus a estes valles que me viram crescer e folgar; irei pela derradeira vez regar de pranto o tumulo de minha mãe ali no almocavar, e cobril-o de flores. Que o ultimo bejo d'estes ares amigos me apaguem para sempre o sorriso dos labios; mas eu me quero ir com meu pae — e a serva soluçava.

«Não te afflijas, Leodaka! — disse Donani, acarinhando com a mão a cabeça da supplicante. — De ti não me separo por nada n'este mundo; podesse eu dizer tanto a teu pae! Bem sei que as mesmas vinhas hãode chorar por elle, e que o sumo da uva terá sabor de lagrimas.»

«Então, pelo bento nome de S. Pedro! insiste com os irmãos para que te desobriguem do voto. São bons e tementes a Deus; attenderão aos teus rogos — replicou Leodaka levantando-se esperançada.

«Não póde ser! Cuidas que heide pôr-me a alma em ventura? E basta de palavra! Vamos! — proseguiu o presor, dirigindo-se aos servos circumstantes. — Levae-me lá o Caio a bom recado, que eu vos irei seguindo.»

«Não irá sem mim; só se me decepares as mãos! — bradou Leodaka, aferrando com os braços no do pae, em quanto os outros servos, murmurando, pareciam vacillar, e que algumas mulheres ali presentes intercediam com supplicas em favor da companheira.

«Não te heide decepar as mãos, tontinha, mas farei com que elle se desapegue de ti — e com isto o presor agastado, começou a dar no servo com um pau que tinha na mão, no meio dos gritos das mulheres e do choro de creanças.

«Basta! Não o mates por minha causa — exclamou a ser-

va, desligando-se: e, recuando alguns passos, accrescentou, com o rosto incendiado:— Assim que hoje abriste as azas á tyrannia! Nunca antes te vi bater em meu pae! Porque o vaes perder, tens-n'o em conta de besta alheia! Partirá, e cá ficarei; porque nada posso contra isso; mas fica certo de que é damno para ti. Se a teus olhos valia algo, sem preço me acharás agora. Levarei o gado para o busto, irei cavar na senra; com as mãos, com os pés farei o que mandares. Mas o que em mim tinhas como cousa muito prima, perdeste-o para sempre.»

N'esta conjunctura a chegada de Guesto chamou a attenção de todos,

«Mantenha-vos Deus, amigo! Vejo que andaes de briga com vossos servos — disse elle apertando as redeas ao cavallo.

«Benza-vos o mesmo Deus, cavalleiro! — respondeu Donani — e sêde bem vindo! Entrae pela casa lá em cima, se quereis descanço e refresco. mentes eu sujeite esta corja de amotinados á minha obediencia.»

«Nobre cavalleiro, por quanta devoção tens a tua mãe, ou á sua memoria, intercede por nós, que me querem levar o pae. Eu te imploro! — disse Leodaka, cahindo de joelhos, e unindo as mãos em supplica.

Guesto affirmou os olhos na serva, maravilhado da formosura e gentilesa que ostentava em circumstancias que lhes quadravam tão mal.

A tez morena era fina e lisa. Os olhos grandes e pretos, guarnecidos de pestanas mui compridas e macias como velludo, reflectiam um mixto de sentimentos discordes: sob um ar de recolhimento, senão de friesa, parecia lavrar um fogo encuberto e secreto; a par de força e energia, manifestavam-se fraqueza e ternura. A vehemencia da paixão que ali relampagueava por momentos, parecia capaz de demudar-se em ascetica resignação, nunca em maldade.

Os cabellos negros e lustrosos cahiam-lhe pelas faces e pelos hombros, em ricas e bastas madeixas. Vestia um roupão curto, ou jaqueta, de lan azul, com mangas; e uma saya que lhe chegava abaixo dos joelhos, a qual bem como as meias eram de côr vermelha. No pescoço acima da jaqueta, sahia a orla de linho alvo do «kemiso»,

ou camisa, como hoje diriamos. Com quanto não fosse mui fino o material do fato, notava-se-lhe um aceio, e tambem na pessoa da joven serva, que fazia vivo contraste com o ar nojento da maior parte dos seus companheiros de servidão, mostrando que provavelmente a poupavam aos trabalhos duros accommodados á gente da sua esfera.

«O que posso fazer por ti? Não tenho poder sobre quem me parece ser teu amo; mas se ha justiça no que pedes, farei um esforço para trazel-o a maior brandura por amor de tanta lindeza — respondeu Guesto, que proseguiu, dirigindo-se ao senhor da terra: — Sei que estamos na villa de S. Pedro, e quiçá tenha ora a fortuna de fallar com o honrado presor Donani Zalamisi?»

«Para vos servir, cavalleiro.»

«Ora estimo isso, ainda que fosse só para dizer-vos quanto o meu paladar se confessa vosso devedor. A noute passada provei vinho do vosso fabrico. Boas vinhas tendes, honrado Donani.»

«Não as ha melhor entre Sárria e Sil, nem que fosse em Valdeorras.»

«Assim o creio. A fé! que tal vinho raro se bebe; é para se ter na galheta ao sacrificio.»

A expressão que tomou o rosto do presor, foi indicio de quanto Guesto ia subindo no seu conceito.

«Pois tão bom paladar tendes, cavalleiro, não haveis de passar por S. Pedro sem matardes a sede na fonte mesma. Vinde! — e Donani adiantou-se para conduzir seu hospede á pousada, ou talvez á adega, que ficava mais perto.

Guesto foi-o seguindo um pedaço; então parou.

«Perdoae-me, honrado presor; porque sois duro com aquella vossa ancilla, tão gentil?»

«Estaes enganado, cavalleiro; nunca serva foi tratada com maior mimo, nem que fosse filha do meu sangue.»

«É uma rara creatura, e não parece da sua condição.»

«Leodaka é filha de Caio, que vedes ali, homem de minha familia. Elle casou com uma agarena chamada Selima, que, com outros despojos, me coubera em partilha, no ultimo fossado para que nos appellidou el-rei Froila. Era Selima de rara sciencia na virtude das hervas; e grandes curas fez no seu tempo. Morreu, vão andando dous annos;

mas deixou a filha bem ensinada nos segredos da sua arte. Todavia a maravilha de Leodaka não acaba aqui. Não tinha ainda quinze annos, e já fazia abalo em todos pelos seus modos peregrinos, e pelo poder que exercia em quantos a cercavam, nos da sua casta sobre tudo. D'ahi tenho tirado grande proveito; e ella tem achado em mim todo o carinho.»

«D'onde lhe vem tanto credito?»

«Se é amor que os outros lhe têem, ou medo, não sei; mas, dando-se caso para isso, amansa-me um servo com um virar d'olhos. Ás vezes desapparece de Villa-Caio, pois ali mora com o pae, e ninguem sabe por onde anda; mas a mim não me dá isso cuidado.»

«Pois, já que lhe deixastes adquirir tanto peso no animo de vossa familia, não vedes que contrariando-a agora, póde d'ahi resultar damno para vós?»

«Terei cuidado n'isso. O certo é que ando tão contrariado como ella; mas que remedio tenho, se prometti a Deus fazer de Caio traspasso aos irmãos de Samanos?»

«Aos irmãos de Samanos!»

«Aos mesmos, como ides ver. Caio trouxe comsigo de Spania grande arte no trato da vinha, e mais ainda no fabrico do vinho...»

«Ah! por isso é que o tendes tão superior.»

«É como dizeis. As vinhas não se veem d'aqui. Este chão é bom, mas não presta para ellas. Estão rio-abaixo, na encosta atraz da serra, na villa que comprei com sua familia, por bons talentos d'ouro, aos herdeiros de Ermiario, irmão do bispo Odoario. Mandei-a fechar com vallado, e fazer d'ella plantada, pondo-lhe o nome Caio; pois para ali o mandei com sua mulher e filhos, sem me importar com os protestos da familia posta por Ermiario quando elle povoou o sitio; lá a deixei ficar todavia, mas sujeita a Caio. O caso é que para vinhas não ha outro chão n'estes contornos que se lhe possa comparar; nem outro servo como Caio em toda a Galliza, com tanto geito para d'ellas haver ganhadia e todo o proveito.»

«Bem; mas qual a rasão do traspasso?—perguntou o trovador, vendo que o homem se espraiava, perdendo de vista o ponto essencial.

«Ahi estamos. Ha tempo o abbade Argerico, que mais de uma vez mostrára desejo de que eu lhe cedesse este meu servo, do que me não dava por achado, lembrou-se um dia de me mandar propôr que lh'o passasse por escambo, recebendo d'elle um cavallo roudão e alfaraz, com seu sellim, e com freio de prata, mais um manto lobeno, e assor treinado em perdiz. Em muito, pois, o estimava elle! se bem que eu tivesse o preço por somenos... Pois se eu o não queria vender por nenhum preço! Recusei; não por isso, mas allegando não estar na minha mão tirar Caio da sua villa; e que vender esta, seria pôr senhorio estranho das arcas e mamoas para dentro. O bom do abbade não tornou a insistir. Mas d'ali a tempo adoece-me uma filha, que esteve á morte com um apostema. Lembrado de que seria colera do Céo, pedi aos irmãos orassem por ella; e na minha tribulação fiz voto, se a filha guarecesse, de lhes ceder o pae de Leodaka, pois esta nada pôde com suas hervas. Foram ouvidas as preces d'aquelles pios servos do Senhor; e, á vista do milagre, toca-me agora cumprir com o meu voto. Mas já que vou perdêr o servo que estimava mais, apraz-me fazer d'elle donadio aos irmãos, que assim ficarei escoimado diante Deus, e com melhor cabida e terçaria no mosteiro. Bem vedes, cavalleiro, de quantas premas ando cercado n'este negocio.»

«Nenhuma sahida lhe vejo, nem cura lhe sinto. Foi ajuste em que a consciencia é parte, e não se lhe póde dar rebusco... Mas aguardai, que me vem ora uma idéa! Deixai em paz o vosso servo até que do mosteiro o mandem buscar.»

«Já preveni de que o levava hoje mesmo.»

«Embora! Esteja por minha conta.»

«Tendes poder em Samanos?»

«Nenhum; mas perante Argerico tenho algum logar e amizade. Ora, se elle se accommodasse com que vós lhe emprestasseis o Caio alguma vez, para ensinar a arte em que é tão avantajado, não terieis duvida n'isso?»

«Não teria, certo; mas sem o geito que só Deus dá, não ha ensinança que valha, por signal que nem os mesmos filhos de Caio igualam ao pae em seu mister. Irá todavia a Samanos quando o abbade fôr servido, e quantas vezes

mandar. Se d'ahi me viesse estorvo, é melhor que perdel-o de todo. Mas o voto?»

«D'isso podem absolver-vos.»

«Se tanto conseguirdes, cavalleiro, ter-me-heis sempre por muito vosso obrigado.»

«Está pois assentado; e se d'aqui a dous dias, não receberdes recado de Argerico, podeis estar seguro que sereis desobrigado da vossa promessa. E agora, mantenha-vos Deus, honrado Donani; devo, sem mais demora, seguir para Samanos.»

«Vinde, primeiro, provar do vinho.»

«Fica para a volta; não percaes tempo em socegar aquella gente.»

Para junto d'ella voltaram os dous, dizendo o presor:

«Caio, podes ir-te em boa hora; não partirás hoje, nem amanhan; talvez nunca. E se assim houver de ser, Leodaka, devel-o-has a este bom cavalleiro que vae pedir por nós.»

«Oh gentil cavalleiro!—disse ella, ajoelhando perto do trovador,—a tua imagem entrou no coração da pobre serva para nunca mais sahir, para nunca se apagar. Viva ella cem annos; gaste se este corpo, enruguem-se estas faces, assim como seccam e se encrespam as folhas do outomno, que aqui—pondo a mão no peito—a conservará fresca e viva até a vida de sempre. Quem escuta e attende, como tu, os lamentos de humildes e captivos, deve de ser anjo disfarçado em homem.»

Os olhos humedecidos que a serva fitava no seu defensor, eram eloquentes de ternura e carinho; ao passo que a gentilesa natural do gesto e da postura, dava realce ás formas voluptuosas de um corpo que parecia de fada ligeira e graciosa.

«Quem se não apiedára de tão linda creatura!—respondeu o mancebo, animando-a com um sorriso, e abaixando-se para lhe tocar nas madeixas com mão leve e afagadora. —Tem fé, Leodaka, e Deus te conserve assim sempre bella!»

Fazendo um signal de despedida a Donani, Guesto deu de esporas ao cavallo; e atravessando o rio, seguiu a galope até tornar a vadeal-o mais abaixo. D'ali a minutos perdeu-se de vista com as voltas que fazia o caminho na subida dos outeiros.

Então o presor foi de passo vagaroso em direcção de sua casa, em quanto o ajuntamento de servos começou a dispersar-se.

Alguns se demoravam ainda, quando de repente viram um cão em acto de passar o rio.

«Eis o aloucado de Subrego que se vem chegando!— exclamou um d'elles.

De feito, o cão era Alpe; e atraz d'elle, vindo pelo mesmo caminho tomado por Guesto em sentido opposto, appareceu o nosso conhecido, Octavio, que, passados alguns minutos, chegou junto do grupo.

O homem era de estatura baixa, mas munido de membros robustos. Parecia ter quarenta annos de idade. O semblante era duro e severo, mas não repulsivo; pelo contrario, chamava a attenção pelo muito que se afastava do commum, o que ás vezes opera com a força e virtude do magnetismo. Pelo meio da testa larga, subia uma veia grossa, que, bifurcando-se, ia perder-se no cabello preto, basto e curto. O nariz aquilino era proeminente, e largo no dorso. A bocca era regular; os labios finos e apertados, ao passo que os olhos de côr castanha, muito encovados, brilhavam n'uma luz duvidosa debaixo da sombra de espessas sobrancelhas. Por pouco seductora que fosse a expressão d'esse rosto largo, a physionomia não era d'aquellas que se somem facilmente na turba.

«A que vens tu tão cedo, homem das sandices?—disse alguem em voz de galhofa, ao passo que outros acolhiam o moleiro com dichotes e gestos zombeteiros.

Caio, porém, e mais um ou outro, não tomaram parte n'estas manifestações pouco lisongeiras, se bem que destituidas de malevolencia.

O moleiro correspondeu com uma pequena risada parva, seguida de uns esgares que lhe afearam o rosto, provocando gargalhadas, e disse:

«Gastei a noute na serra; venho do monte Agudo, e estou de passo para Subrego.»

«E que foste tu fazer ali? — perguntou outro do grupo.

«Ver as bençõs do sol cahir no Pico Passaro; mas recebeu-as Penha Redonda.»

«Hui! o Pico casou com a Penha, e, rogado, acudiste á boda; mas foste parar muito longe.»

«Tu é que o dizes, amigo, não lhe dei esse rumo—replicou o moleiro, rindo-se.—Verdade é que amanhan heide madrugar na Penha. E olha, se queres ver mais claro, póde ser que breve vejamos o sol parado de noute no topo de muitos altos que não chegam tão alto como Monte Agudo ou Penha Redonda...»

«Oh! samicas, veremos o sol de noute?»

«Assim o espero, o sol feito muitos, e cada um d'esses sóes fará das trevas claridade; e teremos noute-dia, como já se viu dia-noute—treplicou o de Subrego, com allusão a certo eclipse do sol que ficára na lembrança do povo, e concluiu: — É como sonhei no cimo do Agudo.»

«Dormiste com a cara á lua—ponderou um dos servos.

«Hade-nos contar como ella se lhe veiu poisar na ponta do nariz—accrescentou outro.

«Não vinha mal, a penca é grande—suggeriu Octavio, esfregando aquella feição do rosto. —Mas não acabei; oiçam! Vi os cabeços, e são muitos, em que as parcellas do sol hãode assomar. Devem morrer, mas antes que deitem o ultimo fogacho, apontará outro sol, que nunca mais se hade pôr. Lembrai-vos do que vos digo hoje.»

«Assim, seria trabalho sem o descanço que nos vem de Deus, salvo o de sempre. Obrigado!»

«Descanço!—exclamou outro do grupo.—Para isso estariamos á mercê d'esses que nos desancam, e nos vendem... Ó Octavio! devias ter chegado mais cedo; alguem t'o havia de agradecer, que só por um triz escapou.»

«Que nova ha?—perguntou o moleiro.—Alguem praguejou do amo? Fez roubo na horta? Levou pauladas, heim?»

«E levou; levou.»

«Pois não praguejasse, não roubasse! Para quem se quer divertir, ha devezas em que dá mais grão, e menos monda.»

«Pergunta ao Caio como gostou da festa.»

O pae de Leodaka contou então o que acabára de succeder.

«Não achas que a historia teve máo desfecho?—inquiriu aquelle que iniciára o assumpto, e depois, approximando-

se de Caio com gestos de escarneo e um ar de arremedo theatral, disse, olhando porém para Octavio:—Ó Caio! ó servo! és um verme, uma formiga! Nosso Senhor estampou em ti o ferrete da ignominia; fulminou-te com a sua maldição. E para que se hade queixar o pequeno verme, de que o pisam, se o boi, o cavallo, a par d'elle tão gigantes, levam canga ou ceirões, com açoutes ou golpes de aguilhada?... Uma voz me assopra ao ouvido; muita cousa diz que não vejo, nem percebo. Escutemol-a. Servo, as dores são a tua partilha; o gozo não te é estranho. Assim é de teu amo... Em tóca se encova o coelho; mais valente é a lebre que dorme sob o orvalho e as estrellas. Borrefo nasce o servo; o amo, vestido das pennas. A cada homem, a cada bicho o para que Deus o fadou! Deus sabe o que faz...»

«Sim, Deus sabe o que faz!—bradou Octavio com voz rija e olhar sinistro, que sobresaltaram a quasi todos os seus ouvintes. — Deus faz-se na volta que lhe parece. Ha obras suas fóra do alcance da vista do corpo, e, quem a não tiver do espirito, escusa vel-as ou conhecel-as até chegar o tempo... Mas adeus! Aqui quero descançar, se m'o não negardes; e seja o signal deixarem-me em paz, e a sós com Caio.»

Com isto foi assentar-se a pequena distancia, debaixo de uma arvore.

«Valha-me Deus, como vem fero, hoje! Nunca assim o vi, nem cuidei ver!—exclamou o homem que d'elle escarnecêra.

Este, e os demais retiraram-se, admirados da subita mudança operada no moleiro.

A joven esperou o pae, que, após alguns minutos de conversa com o servo de Subrego, se afastou, dirigindo-se para as abegoarias. Ella o ia seguindo, quando ouviu que a chamava Octavio.

«Não te vás, Leodaka. Vem aqui sentar-te a par de mim.»

Mostrando-se pouco disposta a isso, ella afastava-se com passo accelerado; mas por fim obedeceu ao signal que lhe fez o pae, e ao novo pedido do outro.

«Estive ora em Villa-Caio—disse este.—Soube de teu

irmão Marco que de madrugada foram chamar o pae da parte de Donani, sem que me podesse dizer porque; mas que tu o tinhas acompanhado. Cá vim, pois, só para fallar com ambos.»

«Que me queres, Octavio? Bem vejo que trazes novidade, pela do teu modo ind'agora.»

«Hasde acolher-te ao monte.»

«Para que? quando?—perguntou a joven com tedio.

«Esta noute.»

«Oh, isso é que não póde ser! Á lua nova ali estivemos.»

«Eu não.»

«Não admira; se nunca lá vais!»

«Mas d'esta vez irei. E hade ser hoje.»

«Porque? Que temos de novo? Não m'o disseste ainda.»

«Ali o saberás.»

«Queres dar cabo de mim? Apenas se me acho refeita do afan da outra noute!—disse Leodaka com aborrecimento.

«A fraquesa do teu corpo acha compensação nas forças de tua alma.»

«De minha alma! Porque não dizes, do poder occulto que se apossa d'ella? Mal sabes tu quanto, ao cahir em mim, aborreço a sujeição que padeço.»

«Por ella escapas a outra sujeição peior, qual a de nós outros. E, dize-me, filha, o respeito, o amor em que és tida por nossos irmãos, é cousa para se ter em pouco? Não te sentes orgulhosa e feliz, não te sentes rainha, quando, na serra, á hora em que dormem os poderosos, te achas no meio dos nossos, que em foro de supplicantes põem os olhos e a esperança em ti, escutando a tua palavra consoladora, soccorrendo-se á tua arte, para acharem remedio ou lenitivo aos seus males? Dize-me, Leodaka, se fóra da liberdade e do amor ha ventura, não a alcanças tu n'essa hora?»

«Pergunta á aguia o que vê no sol, o esplendor e segredos que descobre, quando, voando pelo espaço, fita os olhos n'elle; pois não te posso eu contar tampouco o que sinto em mim n'aquellas horas. Sou outra que não agora. Avivam-se-me as forças d'alma, que sem peso, sobe ligeira como a chamma da fogueira em que arde o canhamo, as

feveras do açafrão, ou o visco do carvalho que aspiro. Tres-dobra-se-me a vista, e vejo taes cousas... tão claro!... tão claro!... Depois voltam as trevas e vem o enojo... Quem me dá a força? D'onde vem a fé que se tem em mim?»

Não eram perguntas formaes; mas pensamentos que comsigo praticava. O seu companheiro respondeu todavia:

«É porque és inspirada, filha; é porque és instrumento escolhido para allivio dos que padecem; é porque a virtude dos teus remedios tem muitas testemunhas; é porque quando o teu espirito se eleva a alturas defesas aos outros, revelas uma esperança no futuro. Em summa, tal é a vontade de...»

«Do demonio—disse ella, tremendo.

«Dizia Deus; mas se nos acode só o outro, venha elle! Se bem me sabem as uvas, e frescas, deite a vinha as raizes até ao fogo dos infernos, se quizer!»

«Para onde me tens tu levado, Octavio!—disse a joven em voz sumida, cubrindo-se-lhe o rosto de pallidez.

«Seja a culpa dos nossos fados. Opprimidos pelos senhores de terra, com mão e pé mais duros dês que se mallogrou a revolta em dias de Aurelio; sobreolhados por aquelles que se chamam servos de Deus; desassistidos do mesmo Deus, que maravilha se nos acolhemos ao abrigo de outros poderes mais benignos?»

A cabeça da serva pendia-lhe sobre o peito; e, com tristeza e abatimento, soltou um suspiro profundo, como quem resignada consente no que se diz.

«Saberás—proseguiu o moleiro—que esta noute é para mais longe; não vamos a Penha Redonda, mas a Pico Passaro, no Seixo da Cruz.»

«Estou muito quebrada; seja para outra noute—respondeu ella com fastio de enfadada.

«Não insistas mais, Leodaka; o caso não soffre demora. Mas que te não peze; pequena será a canceira para ti, e se Deus quizer não voltarás a S. Pedro.»

«Que queres dizer?»

«Só digo por ora, dêem-me chamariz, que muitos passaros virão; e verás como cantam commigo.»

«Em que pensas, Octavio! Que pretende fazer o aloucado de Subrego?»

«Sobre isso, nem chus nem bus! Socega, filha! Estando madura a maçan, colhe-se antes que apodreça. Com teu pae já me entendi para as cousas de cá.»

Houve uma pausa, e a expressão habitualmente dura do moleiro, quando lhe não dava a alegria dos ineptos, resolveu-se n'um sorriso brando e n'um olhar de ternura que produziram no seu aspecto metamorphose tão inesperada, que parecia outro homem. Assim os cabeços asperos e desnudados se tornam em outeiros risonhos e aprasiveis, ao revestirem-se de relva e de frondoso arvoredo.

Nunca succedera a Octavio proferir uma só palavra á filha de Selima, tendente a revelar-lhe a paixão que ardia no intimo; mas não era a primeira vez que ella o via assim transformado, nem deixou agora de reparar no modo peregrino por que a mirava.

«Está bom, Octavio; será feita a tua vontade — disse ella com frieza, levantando-se.

Nenhum gesto fez o moleiro para retel-a; apenas replicou, pondo-se tambem de pé:

«Confio pois em ti, Leodaka. Logo nos veremos!»

Esta, fazendo um signal de assentimento, retirou-se; e o moleiro de S. Miguel, depois de contemplar por alguns momentos o andar da formosa serva, voltou-se, e atravessando o rio, tomou para a esquerda, seguido do rafeiro.

X

O AMONTADO

E olhando, viu vir um grande usso.
BERNARDIM RIBEIRO, *Menina e Moça.*

As faldas occidentaes de Pico Passaro até Valle-Escuro, cahem com pendor mui abrupto, tornando-se este ao depois menos ingreme, com descanço e quebra de algumas pequenas planuras, vallezinhos ou baixas, das quaes as tres maiores são, de cima para baixo, a Fonte dos Cervos, o Seixo, e a Cavana. Ficam na segunda zona de cima, se dividissimos essa amplissima encosta em seis partes iguaes.

O Seixo differe dos outros dous sitios não só por lhes levar vantagem na área, mas sobre tudo pela sua configuração, semelhando bastante um telhado angular invertido, com quéda mais suave em um dos lados, que, n'este caso, fica da parte do Abezul, ao longo de cujas raizes corre em declivio este vallezinho de thalweg bem marcado. O seu extremo inferior acaba n'uma especie de aterro natural, de superficie tambem concava, mas em nivel mais elevado, e assento sobre o alcantil do Susfurado, a que nos referimos no capitulo I. Perto do outro extremo, e do lado opposto ás abas do Abezul, corre, em quasi metade do comprimento, um como paredão da rocha viva, com altura que varia de outo a dez metros.

No tempo de que tratamos, notava-se no meio da baixa, á beira do thalweg, uma pedra de seis palmos de comprido, por tres de largo, e um de alto; mas sem a lisura de uma lage, sobreposta á qual havia uma cruz, tambem de pedra, e de fabrico tosco.

D'ahi viera o nome popular que se dava ao sitio: Seixo da Cruz.

Vamos encontrar Savarigo assentado sobre aquelle paredão de rochedos, quasi ao fechar do mesmo dia em que se passaram os incidentes que narrámos em ultimo logar. Perdera já o disco do sol o brilho radiante de ouro burnido, e, encolhendo os raios, cubria-se de um manto afogueiado que diffundia um clarão multicôr pelos confins do seu proximo occaso.

O servo do fisco tinha o rosto voltado para o poente, como que observando aquelle disco amortecido, que parecia dependurar-se sobre a cumiada da serra Miranda, linha do horizonte, d'onde vinha reflectir-se na copa do basto arvoredo que fechava a garganta de Folgoso. Ou, talvez, se dirigisse o pensamento, não só a vista, do apaixonado mancebo, para a assomada da torre grande, que, sendo invisivel o proprio castro, carcere de sua Mariame, apparecia, um pouco mais á direita, por cima da boscagem que vestia uma correnteza de comoros atravessando a ladeira, perto da sua base, desde a serra de Ferreirós até á Ribanceira. Assim se explicaria o suspiro que de quando em quando lhe sahia do peito, e a acerba expressão de dôr e de enfado que lhe assombrava o rosto.

Estando assim absorpto n'este meditar desinquieto de homem atrabilario, ouviu de repente, por traz de si, um ruido desusado que lhe fez voltar a cabeça. Qual não foi o seu espanto vendo, a obra de cincoenta passos, um grande urso que, tendo trepado pelos rochedos, vinha direito a elle!

Com quanto trouxesse na cinta uma faca, e na mão um varapau, não lhe veiu á mente fazer rosto á fera; pois que, dando um virar d'olhos ao redor de si, deitou a correr para uma das arvores que lhe ficavam mais perto.

O urso, soltando então uns bramidos medonhos, lançou-se com impeto atraz do servo empavorido. Este, todavia, com o instincto, a intelligencia experiente, o conhecimento pratico, ou o quer que seja, possuido por aquelles cuja vida é uma lide constante com a natureza inculta e as suas asperidades, em vez de baixar pelo paredão para depois trepar á arvore, atirou-se sem vacillar ao espaço que se abria diante de si; e com olho tão certo, ou com tanta fortuna, que as mãos foram apertar um dos ramos grossos.

Içar o corpo suspenso até achar assento, foi obra de um instante para o servo robusto; que só então, esbaforido e affrontado, se arriscou a attentar no inimigo. Viu com assombro quão perto estivera de lhe cahir sob as unhas; pois que o bruto estava já á beira do paredão, dobrado sobre si, com mãos e pés conchegados, parecendo no acto de saltar.

Mas não chegou a pôl-o em pratica; e deveras é mais facil errar a intelligencia do que o instincto, cujo governo, na sua estreiteza, é mais certo e acertado. Bem o previra o alganame, que, vendo-se fóra de perigo, deu descanço ao receio que o assaltára.

O urso andava de um lado para outro, ora medindo com olhos que esfogavam a ira, o fundo e largo vão entre elle e a arvore, ora pondo-os com furor impotente no abrigado mancebo. Depois, assentando-se, passou-lhe a sanha; agitava as mãos, sacudia a cabeça, abria a bocca, com modos de philosopho resignado, mais que de cegueira brutal; tanto assim que Savarigo lhe acenava com a mão e os pés em tom de gracejo, dirigindo lhe palavras de entremez.

Este episodio durou por um pequeno espaço, até que a fera, levantando-se de subito, com dous urros que se prolongaram pelas quebradas circumvisinhas, deu volta sobre si, descendo por onde subira; e attingindo o chão, caminhou contra a arvore com passo accelerado.

Conhecendo os habitos d'estes animaes, o servo amontado previu o conflicto que ia começar entre elle e o urso obstinado, que o não largava. De feito, este, chegando ao pé do tronco, que teria cerca de cinco palmos de diametro, apertou-o com os braços possantes, servindo-se dos pés como apoio; e começou a subir por elle com uma facilidade e confiança de máo agouro.

Mas no semblante de Savarigo nenhum signal se via de perturbação. O progresso que fazia o inimigo n'este assalto á escala vista, se nos é permittida a expressão em caso tal, não lhe consentia demora em preparar-se para o momento decisivo; e, correndo sobre mãos e pés pelo ramo em que estava, até tocar no tronco, trepou por este ligeiro qual gineta, e poz pé n'um ramo duas ordens mais acima.

Tomando então a faca entre os dentes, desatou a cinta de pelle ou couro crú, comprida de tres voltas afóra o nó e seus extremos, e segurou um d'estes pelo meio do ramo. Isto feito, desceu pela cinta para aquelle que lhe ficava immediatamente de baixo, onde tomou assento, com o extremo inferior da mesma preso nas duas mãos.

A este tempo dava o urso com a cabeça no ramo que sustinha a Savarigo; e este mal tomára a sua posição, quando se viu frente á frente com o bruto feroz.

Mas sob o peso desusado, entrou o ramo a dar balanços duvidosos, e o urso prudente, a moderar o impeto que trazia. O amontado recuou um pedaço; o inimigo deu alguns passos para a frente, tão de vagar, porém, que parecia tomar o peso a cada um. Tornou o servo a recuar, parando onde o ramo se bifurcava e perdia muito da sua grossura. Este já vergava como um arco. O urso hesitou; olhou para baixo com ar desconfiado; depois encarou a prêa que lhe ficava tanto sob a unha, e por fim, soltando uns grunhidos sonoros, adiantou-se dous passos... mais um o punha ao alcance do noivo de Mariame. Mas este, que até ali conservára um silencio sepulchral, dando agora um brado de desafio, afastou-se por um dos garfos ou esgalhos a que chegára. Ouviu-se um estalido, ao passo que se sentia o ramo dar de si. O urso acobardado de veras, fez acto de recuar. Já não era tempo; o estalido repetiu-se com estrondo... o ramo partiu, e a fera foi precipitada a mais de quinze metros de alto; em quanto Savarigo se balançava no ar, suspenso á cinta.

Subir por esta, e descer pela arvore abaixo, foi para elle um esforço de prompta e facil execução.

O animal jazia no chão pedregoso, agitando-se com dôr, e desfazendo-se em urros que esta lhe arrancava. Ficára tão maltratado da quéda, e tão fóra de poder erguer-se, que ao alganame foi tarefa corrente acabal-o de todo, enterrando-lhe a faca no peito.

Examinando então com interesse o corpo do vencido, começou a operação de lhe cortar as mãos e tirar-lhe a pelle.

«Ah! ha!—dizia elle jocosamente, trabalhando no emtanto com a faca—ha! ha! amigo usso, tu cuidavas pôr-

me a unha em cima, e dar-me um d'esses teus amoraveis affagos de suffocar a gente, heim? Ora te vou eu decepar as mãos, não para o senhor da terra, que d'esta vez lh'as não pagarei; mas ao fogo as assarei; e com molho de mel as comerei; e d'aqui a tres noutes contadas, na tua pelle dormirei.»

«Não, Savarigo, dormirás em melhor cama — lhe respondeu uma voz, ao passo que no hombro lhe cahia o peso de mão desconhecida.

Voltou a cabeça, e achou-se em presença de Octavio.

XI

SEMPRONIO

Quão facil he ao corpo a sepultura;
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
Receberão de todo o illustre os ossos.
CAMÕES, *Lusiadas*.

Duas horas mais tarde, aquelle ermo estava povoado de muitos homens da classe servil, armados de diversos instrumentos caseiros ou de lavoura, adaptados não só ao trabalho senão tambem a servirem de arma. Tendo chegado em grupos separados, acompanhado cada grupo de um guia, formavam agora um ajuntamento desordenado em frente e por baixo do paredão de rocha, d'onde Savarigo lhes dirigia a palavra.

«E assim foi—disse, concluindo o seu discurso—que na mesma hora em que o servo de Deus ia deitar-nos as bençõe nupciaes, me foi a noiva arrebatada por Ranemiro o sayão, o cadieiro desalmado, feito alcofa, para a levar de barregan a Froya Gutheres!»

Assim como no meio de uma procella, ao suspender-se

momentaneamente o sibilar do vento, arrebentam os tufões com nova furia, parecendo soar a um tempo de todos os lados do horisonte, assim prorompeu n'uma tempestade de imprecações aquella reunião de servos alvoroçados pela narrativa do desposado de Mariame.

«Por quanto tempo havemos nós de soffrer taes mazellas e ultrajes?—exclamou elle, animado pelo acolhimento sympathico do auditorio.—Não se fartam os poderosos de nos atassalhar as costas com o zorrague, nem de levar em quinhão o que bem lhes appraz, nem de nos separar do torrão natal, e dos filhos, para nos venderem, como hoje ia acontecendo a Caio, segundo ouviste; querem ainda roubar-nos as mulheres e as noivas, para d'ellas usarem a seu gosto, nem que fossemos gado das suas arribanas! Servos! seremos mais fracos e cobardes que a perdiz, que se atira á cara do cão quando se lhe chegue á ninhada? Não! Façamos um arranco como ella! Sejamos ussos e javardos que até á morte defendem os filhos! Façamo-nos enxame, como as abelhas quando a lesma lhes invade a colmea d'onde ella nunca torna a sahir. Ali a matam, ali a guardam, e todavia não apodrece, embalsamada em mel. Matemos, matemos os tyrannos! Mas que lhes apodreçam os corpos, ou sejam pasto dos abutres! Vingança, ó servos, vingança e alforria!»

O brado foi correspondido por uma grande parte da assembléa; mas alguns dos servos deram mostras de desapproval o. O mais conspicuo d'estes era homem de estatura quasi agigantada, que se achava junto do paredão, por baixo do orador, e disse para este:

«Tem paciencia, homem, e não ceifes os pães em chão alheio. Quem aprazou esta noute, foi a filha de Selima; ella sabe porque, e d'ella só o queremos nós saber. Aguardemos que venha; não hade tardar.»

«Tens rasão, Gonzarri—respondeu o servo do fisco, submissamente.—Não me pertence propôr, sómente seguir. Na filha de Selima está o nosso remedio.»

«Leodaka! Leodaka!—clamaram alguns.

«Venha o nosso adjutorio!»

«Quanto tarda essa rola do Senhor!»

«Andorinha dos opprimidos!»

«Nossa, nossa é; e não d'arribação.»

«Ali está!»

«Aqui nos vem o anjo!»

No dorso dos rochedos assomou o vulto esbelto da serva de S. Pedro, que por instantes se teve immovel. Os raios da lua, cahindo-lhe em cheio no rosto, communicavam á tez uma pallidez suave; e se não fosse a profunda tristeza que do semblante ressumbrava, em vez do risonho aspecto proprio a um mensageiro celeste, ter-se-hia podido imaginar a realisação do que annunciára o ultimo exclamador.

Um mysterioso recolhimento se apoderou dos servos; uma só voz se animou a quebrar o silencio que se fizera repentinamente. Disse Savarigo:

«Ó tu, que sabes chegar com a vista ás cousas encobertas; tu, que com o licor das plantas fechas as feridas, moves a vontade alheia, adoças ou embraveces o coração dos homens; tu, de quem não fogem as aves, porque a tua paciencia sabe domal-as, e arrancar-lhes os segredos; tu, que dispões de um poder que Deus negou aos mesmos seus ministros; tu, a escolhida do anjo bom, accode-nos! Na minha desgraça peço-te auxilio!»

«Na nevoa occulta-se a estrella — respondeu Leodaka. — Quando da nuvem cahe o pranto dos anjos, não canta o passaro. O vento d'outomno estremece as folhas, que choram e morrem. No somno não vêem os olhos, nem ha concerto nos ouvidos, nem se percebem os perfumes, nem ha sabor na lingua, nem sentem as carnes; pois o espirito levou comsigo a vida para mais junto de Deus, e manda ao corpo o sonho para que não morra, nem tenha fome. Estou ora como a serpe quando o chão branqueja com os frocos; gelada, entorpecida, com a vista morta. Assim o quer a mão invisivel que me dá alento, e hoje me opprime. Em *mim* não ha salvamento para a noiva.»

«Ó filha de Selima, pois assim nos deixas em hora de tamanho apuro! Não tens beberagem que adormeça a Froya Gutheres, ou lhe faça mudar a vontade?—perguntou uma voz.

«Não ha beberagem que abunde em caso como este. Esperava achar em Leodaka melhor adjutorio ou conselho — protestou Savarigo.

«Para vos dar conselho aprazei esta noute; pois que para

mais não tenho cabida nem força, como já vos disse. De longe ouve o cão no escampado; no agro do monte enfraquece-se-lhe o ouvido. Nas ourelas da floresta vivem as feras e as cobras; os rebanhos de onagros e de veados; o que mata, o que foge. Nas suas profundezas está o silencio, a solidão; pois tudo lhes tem medo. Ali estou eu no mais espesso d'ella, e nada ouço; e bem sabeis que só ouvindo e ouvida, vós achareis em mim remedio. Hoje, em outro jaz o vosso adjutorio »

«Que homem ou mulher, mais póde que tu? — perguntou alguem.

«Um homem conhecido de vós todos, que todavia o não conhecem. Á espera d'este dia, fez como a raposa, que se esconde, engana, e faz errar a pista. Mas se ella obra por mal, e natural inclinação; n'elle foi lanço de artificio, não malicia, ensinado por bem... ensinado por aquelle que ainda vive na lembrança dos servos, e cujo nome as mães repetem aos filhos.»

«Sempronio! Sempronio!»

«Elle mesmo.»

«Vive ainda, ou morreu segundo querem alguns?»

«Isso vos dirá aquelle que o teve por ensinador, e lhe conhece o segredo.»

«Nomêa-o! Nomêa-o! — ouviu-se de diversos lados.

«Basta que vos diga onde o achareis.»

«Dize! Dize!»

«Acolá — respondeu a joven, apontando para o interior do Seixo, — ao pé da cruz está quem, se lhe derdes credito, póde e quer ser-vos adjutorio. Quando o virdes, não desconfieis; lembrae-vos do que me ouvistes. Muito homem que mette espanto, é lançaluz, que vista ao sol é pobre verme. Agora vereis o verme feito homem de preço, que vos dará luz de noute e de dia. Attentae bem no que elle vos disser. Adeus, irmãos, fiusa e bom animo!»

Leodaka desappareceu pelo outro lado do paredão.

Guiada por Gonzarri, a turba foi-se cosendo com os rochedos até chegar ao seu extremo superior, então, rodeando-os, seguiu para baixo.

«O moleiro de Subrego! — exclamou um dos servos da dianteira.

«O aloucado! O que nós vimos encontrar! — accrescentou outro.

Ouviram-se uns latidos surdos e colericos. Octavio encostava-se á lage, tendo ao seu lado Alpe, sobre cujo dorso descançava o braço direito.

«Não póde ser d'elle que nos fallou Leodaka — disse um terceiro com desprezo.

Vendo a chusma, o rafeiro fez acto de se atirar contra ella.

«Quieto, Alpe! — bradou o moleiro, agarrando-o pelo cachaço.

«Está ao pé da cruz, como disse; mas se não ha engano, ella nos engana — ponderou alguem.

«Leodaka não sóe enganar; isso é dos fracos. Este é que é o nosso homem—disse Gonzarri, apontando para o moleiro.—Podeis dar somno ás vossas duvidas. Amigos, é noute; mas chegou a hora em que haveis de vêr mais claro. Não ha sol; mas tereis luz. Se lhe prestaes ouvidos, este homem que passa por adoudado, que não é nem foi nunca, dará de si tão boas contas que nenhum de vós se irá d'aqui sem lhe querer o bem, e ter n'elle a fiusa que nos deve merecer e nos merece já a alguns.»

«Isso é verdade — affirmou um que estava ao pé.

«O que diz Gonzarri, digo eu!... E eu!... E eu!—diversas vozes se ouviram assim, successivamente.

«Pois que falle! Que falle!»

Significado assim o concenso da turba, Octavio poz-se em pé, e disse:

«Companheiros, irmãos pelo vinculo da desgraça, os modos que me haveis estranhado, muitos com desprezo, alguns talvez com odio, foram capa que tomei para me occultar dos poderosos, e pôr-me ao abrigo da trahição dos tibios e frouxos. Bem o sabem alguns de vós, como vêdes. É tempo de me descubrir a todos, porque só fortes temos cá, apostados a não soffrer por mais tempo a oppressão. Assim o creio; foi o ajustado com os que deram comvosco até aqui. Ha tempo que nossos irmãos se agitam sob as lufadas da tyrannia, como as franças do pinhal açoitadas do vento. Ellas só sabem dobrar; mas sejamos nós unidos qual pinhal em um só corpo, e mais não havemos

de, como elle, inclinar as cervices. Sabeis como Caio, de S. Pedro, ia sendo feito boi de feira, arrancando-se-lhe primeiro a filha, a vossa Leodaka, o anjo do servo!...»

Uma explosão de imprecações interrompeu o orador.

«Ouvistes como a noiva, em presença do mesmo padre, foi levada de arrebate, e atirada qual egoa nova, para a coudelaria do castro...»

«Vingança! vingança! — bradou Savarigo, apoiado por nova manifestação da parte da chusma, se bem que menos vigorosa e espontanea que a antecedente.

«Em que villa, villar, herdade, alcheria ou deganha por esta terra fóra se não ouvem pragas e maldições, soluços e lamentos? Por toda ella lavra o fogo encuberto, como na cova do carvoeiro: falta só desafogal-o para que estale em labaredas. E quando estalarem, faremos de lacráos, que, feridos do calor, atiram comsigo para o mais acceso das chammas; mas não, possuidos de raiva e desespero, para morrermos como elles; pois esse fogo nenhum poder terá sobre nós, sim sobre os homens de cabello comprido, com que o havemos de cevar. O Filho de Deus levou traz de si o mundo pela voz de homens humildes, de um povo minimo, sujeito e abatido entre todos. Assim o ensinam os pregadores. Vós sois os escolhidos de Deus para chamar esta terra á alforria.»

«Somos pequenos para chegar tão alto — suggeriu alguem.

«Das sementes, a mostarda é a mais pequena; mas a mostardeira é a giganta das hortas — replicou Octavio, lembrado, talvez, do que ouvira em algum sermão de seus amos, ao citarem Salomão.

«Somos todavia poucos para obra tamanha — ponderou outro.

«Poucos! — exclamou o moleiro — Sem fagulhas não se atêa o fogo; e abunda uma, quando a lenha a pede. A lenha está secca, sequissima. O que falta não é a fagulha tampouco; falta a mão que a arranque da pederneira. Falta-nos Sempronio!»

«Ah, se elle nos acudisse!»

«O espantalho dos cavalleiros e dos presores!»

«O matador dos fortes!»

«O alfange dos servos!»
«Venha Sempronio!»
«Vivo, não aguardava que clamassem por elle!»
«Esperem lá que venha!»
«Tende fé, irmãos. Sempronio não está longe.»
Estas palavras do moleiro produziram effeito discordante, prevalecendo porém a incredulidade e o escarneo.
«Lidamos com doido varrido!»
«Um fará mil; cuidado!»
«Não iremos á caça com furão morto!»
«O aviso é de doudo trefo!»
«É de velhaco!»
«Samicas se dê elle mesmo por Sempronio.»
«Socegae, amigos! Lembre-vos o conselho de Leodaka. Deixae-o acabar — bradou Gonzarri, acenando á turba com a mão.
«A garça faz d'estaca quando quer; mas não engana os ensinados — disse o moleiro. — Gonzarri, Caio e Alvito viram Sempronio em seu tempo, e assim outros d'entre vós, póde ser. Mas o que ninguem sabe, é dizer o que lhe adveiu, a vosso glorioso pae, ninguem senão eu. Por signal que foi deitado n'estes braços que entrou a dormir o derradeiro somno.»
«Ind'agora disseste que estava perto! — objectou uma voz.
«Perto, sim; mas não é dos vivos. As folhas tem cahido dez e quatro vezes dês que Sempronio entregou a alma a Deus, o corpo á terra, e a mim a sua herança em deposito para os filhos. E sabeis que herança foi? A alforria. Prometteu estar commigo quando o tempo fosse azado. Isso fez duas vezes: a primeira, em dias de Silo, quando a gente livre se alçou contra os homens novos. Parecia-me tempo para nos ceivarmos do jugo, correndo em auxilio dos sublevados. Mas escapam á vista a lebre e a perdiz, por parecidas na côr com a moita que as acolhe. Assim não via eu perigos que viram outros olhos. Quando já fazia fundamento de levar o feito por diante, appareceu-me Sempronio carrancudo, dizendo: 'Não arrastes meus filhos á matança! Aguarda o dia da victoria.' Deu-se então o grande destroço, tingindo-se de sangue as neves do Cuperio. Passaram-se an-

nos. Mas com aquellas arrhas, tinha-me nascido a fé, que não tivera d'antes, e que nunca mais fraquejou. Esperei. Ha tres noutes, á hora da *campana*, em que as almas errantes sóem visitar os parentes, senti um estremecimento por todo este corpo; e logo assomou o vulto de Sempronio em guisa de vapor esplendente de luz, deixando mais negras as trevas que me envolviam: 'Chegou a hora, com o roubo da noiva,' disse a sombra; e sumiu-se qual clarão sem tormenta em noute de estio.»

Seguiu-se um breve intervallo de silencio. Mas houve ainda quem se atrevesse a quebral-o com chufa.

«Sonhava o cego que via! Quem responde pelas visões do aloucado?»

«Aqui está quem responde!—bradou Savarigo.—E agora percebo o que lhe ouvi na azenha a noute passada, que então parecia argueiro, ou sonho; só disse que o roubo da noiva lhe fôra annunciado.»

«Duvidam ainda. Que maravilha!—continuou Octavio—Duvidou S. Thomaz até pôr o dedo nas chagas de Jesus Christo. E se visseis o corpo de Sempronio, que dirieis?»

D'esta vez ninguem se abalançou a novo desafio. Os ultimos vislumbres da incredulidade iam desapparecendo. A derisão, o desprezo, d'isso não havia já signal.

«Aqui jaz Sempronio!—disse Octavio, em tom solemne, indicando com o dedo a lage com a cruz sobreposta. —Ponde-vos em volta, e na frente, os que chegaram a ver o antigo capitão dos servos.»

O circulo fez-se no meio do sussurar abafado com que costumam mover-se os grandes ajuntamentos dominados pela expectativa de algum acontecimento extraordinario.

«Ajuda-me, Gonzarri—continuou o moleiro;—e tu, Alvito, que não serás de mais. Sósinho colloquei esta pedra; mas se o tempo desfaz, é tambem por vezes forte cimento.»

Gonzarri era, como Octavio, servo de Subrego. Alvito o era de uma propriedade do conde Froya, sita na encosta septentrional da serra de Ferreirós.

Ajudado dos dous, Octavio deslocou a pedra alguns palmos fóra do seu assento.

No espaço descuberto não se via senão arêa fina, de grãos mui tenues. Foi-se tirando e amontoando á borda da

cova que se formava a pouco e pouco, e em breve appareceu um corpo humano enfaxado com tiras de panno de linho, emittindo um leve cheiro aromatico.

«Pelo tamanho faz lembrar cid Sempronio — observou Gonzarri.

«Era, sim, de grande vulto como este — accrescentou Alvito.

«Vede agora aqui; é como se vivesse! — exclamou o pae de Leodaka, que, com esta ultima ao lado, olhava por cima dos hombros de Octavio.

O moleiro, de joelhos, acabava de despregar as faxas que envolviam o rosto do cadaver.

«Sempronio! Cid Sempronio! — exclamaram Alvito, Gonzarri e outros, de bruços á beira da sepultura.

«Amigos, olho máo se metta em mim, se o que vemos não é o corpo do antigo cid — bradou Gonzarri, levantando-se de um salto.

«Oh meu rico Sempronio! — disse Alvito, chorando; e chegava com a cara perto da do morto. — Eu tinha fé que te veria ainda n'esta vida, mas não assim, no somno de que se não acorda!»

«Cantae, ó servos! ride-vos, dançae commigo, festejemos dia tão feliz, pois os homens que nos esmagam sob as suas cáligas de ferro, não tiveram poder sobre o nosso amado Sempronio; dorme o cid no meio de amigos, guardado dos seus fieis — e o agigantado co-servo de Subrego corria e cabrejava arrebatadamente em volta do tumulo com mostras de silvestre alegria, atropellando quantos lhe impediam o passo.

A contagião difundiu-se pela turba e poz tudo em tumulto, seguindo-se uma scena digna do pincel de um Rubens, senão que faltavam as fórmas femininas, representadas unicamente por Leodaka, que, despartindo-se da turba-multa, assistia apenas como espectadora.

No meio de um ermo, e quasi nas grimpas da serra, agitava-se na claridade da lua um mar de homens semi-barbaros, gritando, dançando, empurrando-se, forcejando por obter pôr a vista nas feições que alguns conheceram outr'ora, e que os demais queriam contemplar com igual fervor, instigados pela aureola que cercava a memoria do heroe dos servos.

Na cova aberta, pelo contrario, via-se a immobilidade da morte: lineamentos ainda distinctos, supposto que myrrhados pelo somno de quatorze annos. Era um rosto de feição romana, cujo contorno, visto de frente, lembrava quasi o quadrado, com testa baixa, nariz saliente e aquilino, barba redonda e bocca grande.

No silencio e recolhimento que precedera o desencerrar do corpo, ter-se-hia aquella scena afigurado um dos enterros nocturnos de martyr, cujo cadaver acabára de ser roubado ao cadafalso pelos correligionarios, no tempo das perseguições soffridas pela Igreja primitiva. A desordem, quasi conflicto, que se lhe seguiu, fazia agora lembrar um bando de gnomos estrebuxando-se no azul do luar, e profanando o remanso do cemiterio, avidos de arrancarem uns aos outros os restos de algum recem-sepultado.

Foi-se afinal restabelecendo a ordem.

Octavio era já um personagem n'aquella assembléa. A exhibição do despojo mortal do celebrado Sempronio, teve um effeito prodigioso em beneficio de quem era agora tido sem contestação por unico depositario do testamento politico, digamol-o assim, deixado pelo, para elles, protomartyr da liberdade.

Em resposta ás perguntas que lhe foram dirigidas, revelou Octavio o que passamos a resumir:

Depois de ter resistido por bastante tempo aos esforços dos ricos e imperantes para debellarem a revolta dos servos, cahiu Sempronio finalmente nas mãos dos adversarios, em occasião de uma descida que fizera dos montes, acompanhado apenas de uma escolta, ignorando, por culpa dos vigias, haver tão perto uma força inimiga. Depois da captura do chefe, a rebellião chegou promptamente a um fim desastroso; mas Sempronio, que o rei Aurelio destinava a uma morte publica e exemplar na presença dos companheiros vencidos, achára meio de escapar, acolhendo-se á serra do Caurel, e mudando de valhacouto em valhacouto, até que, antes de acabar os dous annos, morreu no algar que então habitava não longe do Seixo. Emquanto assim viveu amontado, sabendo-o apenas Selima e Octavio, este, que o acompanhára sempre nos ultimos tempos do seu triumpho, o visitava a miudo, ganhando-lhe a con-

fiança, ou melhor, confirmando-o na que lhe merecera d'antes.

«N'esses dias de dó e negra recordação — continuou o narrador, — o amofinado Sempronio não teve outra companhia de homem senão a minha; que até do somno, eu roubava as horas para as passar ao pé d'elle. Então fez de mim cofre de seus segredos, e tanchão das suas penas e amarguras, pois eram toda a sua vinha. Muitas vezes o vi chorar o desmancho da sua obra, o deitar do seu sol de tão pouca dura, que bem sentia nunca mais se levantaria para elle; e nos fios da barba que branquejava, suspendiam-se as lagrimas, brilhando como orvalho nas espigas do trigo ao nascer do sol que é bem commum. Mas quando pensava em nós, e via o que medrava no tempo, alegrava-se como pae abençoado nos filhos e que n'elles se revê; e a luz de meio dia illuminava-lhe o rosto. Quando deu a alma, como fosse tempo de lua cheia, que mais depressa chama a podridão, abalei para S. Pedro a avisar Selima que viesse enfaxar o corpo, e, por traça das suas hervas, furtal-o aos bichos da morte. Dei assim cumprimento ao primeiro dos encargos que acceitára; pois o fallecido queria que este tumulo, dando testemunho da minha verdade, désse vida e preço aos demais encargos da herança que nos deixava.»

Finda a narrativa, houve uma pausa, até que Leodaka se dirigiu á assembléa n'estes termos:

«Se quereis trazer os ricos e poderosos a dar-vos vida mais folgada e desopprimida, pelo que já vistes e ouvistes, não é muito que vos diga que só cabe em Octavio encaminhar vosso querer ao seu bom effeito, e ensinar-vos passo com que atalharieis terreno e azares. Não sei os segredos do conselho a que se deu, e que tem vontade de propôr-vos; mas se approvardes, bem farieis em lhe commetter o mando, alçando-o por successor de Sempronio.»

Chamado por diversos a explicar-se, disse o moleiro:

«Não sabereis por ora, e até resolver-vos, o que tenho feito, nem como se fará o que está por fazer, senão que por esta terra fóra alguns dos nossos ha, que estão commigo de parelha em tudo e por tudo. Onde jazia a mór força d'este? — e apontou para o cadaver. — Da nossa cren-

ça n'elle. E de que fonte nascera a crença? Da verdade que usava comnosco. Aquillo que Sempronio prometesse, acontecia tão certo como nascer o sol. Por isso era parco no prometter, e secco de palavras.»

«Sempre promette em duvida, pois ao dar ninguem te ajuda — lembrou alguem.

«Pois eu prometto sem duvida; na duvida não prometto — respondeu Octavio.

«É de homem avisado, e tambem de atrevido. Tens tu promessa prompta?»

«Prometto-vos que até hora d'alva, dês aqui até serra de Lózara, dês Penha Redonda até o Cuperio, se hade alçar a terra toda. Nossos irmãos que ora dormem o somno do captiveiro, já não hãode madrugar para as penas do trabalho, mas em nosso auxilio, para, a foro de homens livres, havermos á nossa mercê por algumas horas as villas e herdades. Então as armas dos senhores de terra passarão ás nossas mãos para as vibrarmos em nossa defensa. Se assim o desejaes, basta dizer-m'o: e vereis os servos quaes folhas da matta em plena verdura de fresco verão; e vereis os tyrannos quaes folhas da matta após os estragos do vento d'outomno.»

«Como póde fazer-se em tão pouco espaço? — perguntou Alvito.

«Vedes o pico lá em cima? — e Octavio apontou para o cume da montanha. — N'elle tem a vista posta homens de boa estofa, que em vendo ali arder as chammas, saberão o que isso é, e o que isso pede. E se o sol apaga as estrellas, a luz da nossa fogueira dará vida a outras; e antes que a noute acabe, a terra será illuminada pelos faros da alforria.»

«Se viessem os cavalleiros, guai de nós! — ponderou alguem.

«O tempo não podia dar melhor váo, nem vejo moita d'onde lobo sáhia — replicou o moleiro. — No castro, a gente está em nada; levou-a quasi toda Sigulfo Gundesindes. Da torre de Quiroga tambem partiu Astarico Osoris com a mór parte do presidio. Foram com a proa na marca do Vierzo, não sei porque; é certo que não voltam tão cedo. O nosso perigo jaz em Lugo, mas antes que venha estaremos fóra d'alcance.»

«Só te esqueceu meu amo, homem tão duro dos fechos! Tens em tão pouca conta o conde da terra, o leão bravo, a quem nunca ninguem fez tremer as carnes? — objectou Alvito.

«Deixae-me Froya Gutheres, que d'elle nos não virá empeço, se Deus quizer; sem que d'isso faça parcella da minha promessa.»

«N'essa duvida, dize como queres livrar-nos d'elle? — perguntou Alvito com insistencia.

«Contenta-te com saberes que tua mão abrirá os aceiros que hãode encaminhar essa labareda até ao tanque em que irá morrer. O mais direi quando andarmos todos n'uma onda.»

«Amigos, haja fé em Octavio! — disse Savarigo. — Gordo vae o usso para o invernadouro, e magro sahe d'elle na primavera. A magresa do servo acordando do seu largo e cançado invernar, se fará toste em boas carnes, e a sua fome em fartura, se tomarmos a Octavio por capitão. Á voz d'elle sómente se fará o milagre.»

«Viva Octavio! Viva o cid! — exclamou Gonzarri, segundando o servo do fisco.

«Viva Octavio, nosso capitão! — clamou o pae de Leodaka.

Estes brados encontraram apoio da parte de muitos, ouvindo-se ora o titulo de capitão, ora o seu quasi equivalente arabe, *cid*, isto é, «senhor». Prorompeu em seguida um trovão de acclamações, graduando o moleiro de Subrego em chefe de uma sublevação.

«Assim dáes o prasme á eleição que de mim fez o nosso chorado Sempronio. Acceito, pois, comtanto que me promettaes inteira obediencia até trazermos os poderosos á nossa vontade, e até se cumprirem as *minhas* promessas. Assim, tomando Deus por testemunha, o deveis confirmar com juramento sobre esta reliquia de martyr.»

O juramento prestou-se com estrondo perante o corpo de Sempronio.

«Fechemos pois esta sepultura — disse o capitão dos servos, — para nunca mais se abrir até o dia das postumeiras provas ante Deus. Depois, filhos, é pôr mãos á obra!»

XII

AS ARRHAS DO CAPITÃO

Avante estava logo parecendo
Hum incendio, que tanto levantava
O denegrido fumo, e fogo horrendo,
Que com rasão parece que admirava.
ROLIM DE MOURA, *Os Novissimos*.

Algumas horas antes da alvorada, achando-se a lua ainda acima do horizonte, baixou com um baque pesado e estridente, a ponte levadiça do castro de Folgoso, para deixar passar uma companhia de cavalleiros. A sahida dava para o meio-dia, e o unico caminho batido que se apresentava, ia em sentido diagonal para a esquerda; mas, um pouco além da linha correspondente á muralha de leste, offerecia-se outro, um mero rasto ou senda, que bifurcando-se, tambem para a esquerda, conduzia á serra de Ferreirós. Foi por ali que se dirigiu a tropa.

Na dianteira vinham Froya e Ekaredo; o primeiro sem armadura, o segundo em arnez de malha; e ambos com espada ao lado, em quanto o escudo e uma clava de ferro pendiam do arção da sella. Os guerreiros da comitiva, que mostravam pertencer a uma classe inferior, vinham armados defensiva e offensivamente.

Iam de corrida por um terreno que subia gradualmente; mas ao internarem-se bem na serra, tornou-se a ladeira tão ingreme, que tiveram de moderar o passo.

«Se as labaredas iam já tão adiantadas como nol-o affirmou teu servo, Villa-Cencirigo estará já feita em cinzas — disse o mosarabe, praticando áparte com o conde.

«Mas ali acharemos os malvados que lhe deitaram o fogo. Prometto fartar-me no sangue dos servos, por mais que sejam minhas a villa e a deganha que lhe fica annexa.

Não perdoarei senão ao fiel Alvito, que tão a ponto nos veiu avisar da revolta. Precisam de um exemplo; ou os atrevidos, que já não são poucos, se farão chusma.»

«Faça Deus que isto não seja rebate de cousa maior, e que os cães que ora ladram, não achem apoio nas terras d'ao pé!»

«Perde cuidado; tão limpa deixarei a matilha da rabugem que a come, que o andaço hade morrer á nascença, e esta noute.»

«Destrenga Deus! e dê-nos Elle boa parança! Antolha-se me aqui, porém, cousa de maior peso do que em ti soffre a confiança. Mal posso crer que os servos da villa ousassem tanto, sem se haverem acommunado com outros da casta. Não passando Cencirigo de villico, posto ali por tua mão, segundo me dizes, maior é o descomedimento e arrojo dos villões. É o que me faz desconfiar.»

«Deviam dar-te um assento na curia, Ekaredo Gondemires; bem o merece a tua prudencia — replicou Froya em tom que participava do sarcasmo e do gracejo. — Acreditas, por ventura, que, mandando eu appellidar a terra, os homens livres não poriam logo fim a qualquer tentativa de revolta? Isso fariam elles sem que os intimasse. Tomar-nos de sobresalto, não são capazes d'isso os servos, nem que o demonio os acaudilhasse.»

«Entre aquelles que vieram de Spania homens feitos, mórmente os mesteiraes, alguns ha que julgo aptos para emparelhar em subtilesa com o proprio Satanaz.»

«Esses são poucos, e recebem melhor trato e estimação.»

«Não pesam menos as bragas ou algemas por serem de ouro, conde Froya; e os corvos, por muito ruins, são máos de deceinar, ainda que a miudo os trouxesse na mão o melhor citreiro. Não andemos descuidados sobre os servos, que bem poderia ser que achassem quem os dirigisse. Não lhes demos azo para tanto!»

«Pois não o tiveram já? Porque não aproveitaram a revolta que houve na Galliza em tempo de Silo?»

«A lição que levaram de Aurelio era ainda recente, deixando os servos mui acamados de espirito; e mais, a sublevação dos homens livres pouco durou, mercê da victo-

ria do monte Cuperio. Mas já lá vão bons dez annos, e dezeseis desde que os servos se rebellaram. Quanto lhes tem medrado as forças, se conhece pela ousadia com que manifestam o descontentamento. Casos como este que ora tens tão perto de casa, tem-n'os havido em outros condados. Não seja a voz do trovão que nos venha despertar da nossa cegueira!»

«Bofé! cavalleiro, basta este tom para afracar o denodo dos mais esforçados. Não fallavam d'essa arte os guerreiros que se aparelhavam para o fossado na minha mocidade. Um punhado de homens, armados de confiança, arrojavam-se d'arrebate pelo meio dos campos e povoados dos encreos, sem cuidarem nos empeços que os iam affrontar, nem nos que lhes fechariam o regresso. Muitos annos ha, porém, que nos falta rei que tome a cruz das mãos do bispo: e o pendão do magnate finca-se na parede, ou jaz, com viltança nossa, deitado a um canto como alfaya que já para nada preste. Bons tempos foram esses em que o homem do Maghreb, armado da cimitarra e da lança de faia, comprida de quarenta palmos, invejava comtudo ao asturiano a lança de freixo que forneava tanto á sua custa, e a tempera rija dos alfanges e laminas d'Al-Guf, como sóem dizer os homens de lá. Bons tempos foram esses em que o grande Affonso, qual açoute de Deus, transpondo rios e montes, conquistando cidades e povos, levou a tocha da vingança até as muralhas de Viseu, e alagou os Campos Gothicos no sangue impuro dos filhos de Agar. Vimarano seguiu-lhe as pisadas, até que, por ciume da gloria, e do amor que esta lhe valeu da parte dos que o assistiam (entre os quaes me achava eu), o irmão deu-lhe cobardemente a morte.»

«E foste tambem no conto d'aquelles que nobremente o vingaram — disse o mosarabe em tom d'approvação; mas, mudando-o para outro algum tanto sarcastico, accrescentou: — Não ponho em duvida essas gabadas façanhas, amigo conde; mentes porém os mastins se despedaçam entre si, no redil acha o lobo mais facil entrada. Grandes revoltas andavam n'esses tempos entre os povos d'Al Keblah. Mal se abaixára a alferena branca dos ommiadas, diante o estandarte negro dos abassidas, após longa resistencia, e eil-os os fatimistas a apparecerem em campo com

as cores verdes despregadas ao vento! Quiçá agora não chegassem tão longe as nossas correrias, nem mesmo com outro Affonso ou Vimarano.»

«Apostados á paz não são os homens de Spania, mas de cá, Ekaredo Gondemires. A rebellião dos filhos de Yussuf manteve-se dous annos. E dês que Hixem empunhou o sceptro, tem visto em armas contra si os dous irmãos. Se Abdallah se lhe rendeu ha pouco, e, comsigo, Toledo; refugiado em terra de Tadmir está Soleiman, que o desafia com numerosa hoste. Pois não me referiste hoje, tu mesmo, ser a ultima nova que o joven Alhakim fôra pelo pae mandado contra elle? Entrementes está tudo em conflicto na marca dos Francos, cahindo Gerona, Ausona e Urgel em poder de Said-ben-Husein, wali de Tortosa; em quanto os de Barcelona, Tarragona e Huesca acabam de se bandear com Bahlul-ben-Makluc em Zaragosa. Ora bem vês quão aparelhadas estão as cousas em Spania; como que chamando por nós. Mas os tempos têem mudado; e como não conheceste os homens de então, mal podes saber o que fariam se ora dominassem. Tu fallas ao som dos que mandam hoje. N'aquelles dias, que já vão longe, não tinhamos ainda comnosco no governo os...»

Froya callou-se de repente.

«*Advendiços* ou *mosarabes* — disse Ekaredo, dando voz ao pensamento do conde, e rindo-se de bom humor, pelo menos em apparencia. — Podias dizel-o sem offensa. O amigo verdadeiro sabe fazer desconto do que pertence á diversidade no sentir; e a conformidade em tudo não é obrigada entre os que se estimam. Conhecendo aliás os teus sentimentos para com os vindos d'alem-fronteira, maior preço damos á tua amizade, eu e meu pae. Mas quero desenganar-te de um erro que, parece, te senhorea. Se fugimos á guerra, não é por cobardia. Os de Mafoma cuidam ter na testa escripto o logar e hora da morte, e isso faz d'elles gente sem pavor; mas não nos mettem medo. Entendemos, porém, que ter paz e trato com elles é de alta vantagem. São mestres na industria, nas artes, nas sciencias, de que ha carencia absoluta nos povos de cá. Que nos dá a nós, se, como encreos, fazem do seu paraiso uma estancia de gosos corporaes, diria infernaes, se Sa-

tanaz m'o permittisse. Embora digam elles, acurvados ao fado, *está escripto!* nada podem contra a virtude do que é; e nós ficamos com a nossa crença n'uma vida futura incorporea e espiritual. No emtanto, deixando a Deus o que é do céo, e tomando á nossa conta o que é do mundo, mantemos alliança com os sarracenos para apprendermos e tirar-lhes o com que possamos medrar em riquesas e força. Feito isto, será tempo de reivindicarmos territorios que foram de nossos avós, e tornar ali dominante a Fé de Christo.»

«Máo é o lebreiro que deixa de seguir a caça á vista, e vá por atalhos. N'esse vosso andar nem d'aqui a cem annos!»

«Que tem isso? Não é caçada; e se não nos for dado chegar á meta, tocará aos filhos, aos netos, aos bisnetos. Taes são as vistas, tal é a politica da curia, e de nós outros, os *advendiços*.»

Chegavam agora ao ponto culminante do caminho, apresentando-se diante d'elles uma encosta mui accidentada, e, na parte visivel, quasi toda coberta de bosque. Subindo por traz de um esporão ou saliencia da serra, que cortava a vista para o fundo do valle do Lor, apparecia uma columna de fumo, e o reflexo de um incendio.

«Parece estar no seu auge — ponderou o conde, recolhendo a redea por um instante. — A villa fica muito para alem do cabeço; e pela vista que faz o clarão, estará a arder toda a casaria. Ah! perros, apagar-se-ha no vosso sangue!»

«Fóramos mais bem servidos da salamandra, que de boa mente passaria por aquelle fogo, apagando-o com a saliva. Toda a duvida está em haver á mão a salamandra — respondeu Ekaredo, gracejando em tom pouco consolador.

A descida, apezar do máo piso, fez-se a passo rapido, até chegar a cavalgada não longe do alludido cabeço ou saliencia, d'onde a separava uma garganta em subida, sombreada de matta fechada.

Uma senda estreita, ingreme e tortuosa, entre anfractuosidades para este fim aproveitadas, dava ingresso no passo. Apertando a redea aos cavallos, e marchando á

desfilada, os guerreiros viram-se de repente n'uma escuridão quasi completa; e a basta folhagem das arvores conservava o sitio em perenne humidade.

Tinham quasi vingado o ponto mais elevado da garganta, onde começava a descida para o outro lado, quando de subito um soido agudo reboou na floresta, uma só vez, seguido logo de um ramalhar estrondoso, ao passo que da sarça e moita que crescia nos intervallos das arvores, sahiram de ambos os lados do caminho, numerosos vultos humanos, cuja apparição foi tão repentina e tão sem grito ou som de voz,—realisando a idéa d'aquelles phantasmas silvestres que os antigos romanceiros punham á disposição dos seus poderosos magicos,—que os guerreiros foram á risca tomados de sobresalto, sem poderem logo cahir na conta do que se passava. Acordaram, porém, ao vigoroso attaque que soffreram. Desde a cabeça até o couce da fileira foram accommettidos de um e outro lado.

Antes que Froya tivesse tempo de se apossar da clava, o cavallo estava seguro pela brida; e, recebendo um golpe mortal no coração, veiu com o conde a terra, levando-lhe uma perna de baixo.

«Ah, prasmada façanha! Os servos se amotinam!»

As palavras do magnate foram abafadas por mão rude e pesada, e os seus esforços para se levantar mallograram perante o vigor com que foi instantaneamente agarrado por uma roda de homens. Ataram-lhe os braços atraz das costas, e desembaraçando-lhe a perna, levaram-n'o, a bem dizer, de rastos, até o topo da subida, internando-se depois na matta.

Já tinha a bocca livre; mas as palavras que soltava, não podiam sobrelevar o ruido e vozeria que subiam do logar onde se dera a cilada.

Chegando a um sitio mais aberto, fizeram alto, convidando o prisioneiro a tomar assento.

«Não me conheces, conde?—perguntou-lhe um dos homens.

«Elle os conhecia! Verificaram-se cedo as previsões do mosarabe! Este aviltamento é filho da minha cegueira! Cahi no fojo, que nem o lobo!—isto dizia o conde comsigo, meneando a cabeça com o desespero de um touro encurralado.

«Froya Gutheres, que fizeste de Mariame? — perguntou de novo o outro, segurando no hombro ao procer.

«Mãos fóra, servo! Quem é o atrevido que me pede contas, a mim?»

«Um que tem direito de as pedir a quem lhe roubou a noiva.»

«Ah! És tu? Queres um conselho? Vae ao castro saber d'ella — respondeu Froya com escarneo.

O alganame poz-se diante d'elle com ar resoluto.

«Toma tento, conde! Bem te ia esse tom do alto da tua pousada, da tua torre grande; mas aqui nenhum proveito te fará. Qualquer que seja a sorte dos teus lá em baixo, tu pelo menos estás preso no laço, fóra de todo o alcance e sem esperança de soccorro. O que hade impedir-me chegar-te ao coração com esta faca?»

«Enterra-a, pois, bem fundo! Pintado hade ser quem faça tremer a barba a Froya Gutheres.»

«Ha cousa peior que a morte. Os tormentos podem armar-se na terra como nos infernos.»

«Armem-se, embora! Do corpo fareis vós outros o que vos assoprar o demonio; contra o espirito é que nada podeis, nem abafar n'elle o desprezo em que vos tem a todos!»

«Froya Gutheres, apoderaste-te d'aquella que amo; arrancaste-m'a quando ia ser minha mulher. Votei-te um odio que só na tua morte teria descanço. Hontem eras poderoso e forte; hoje posso esmagar-te como se esmaga um verme. Ora, do teu inimigo me farei teu escudo e defensor, se me jurares não ter feito nenhum torto a Mariame.»

Froya desatou-se em gargalhadas.

«Que gloria, ter-te por defensor! Ora na verdade mais aguisado fôra dar-te por obrigado da honra que te quiz fazer.»

«Morre, pois! — bradou Savarigo, fóra de si, arremettendo ao conde.

Os companheiros, porém, travaram d'elle, arrancando-lhe a arma, ao passo que um lhe dizia:

«Lembra-te, Savarigo, do que mandou o capitão; e da promessa que lhe fizeste.»

O alganame furioso cahiu logo em si.

«Que boa rodella achava em ti! Nem a força tens de que te gabaste, pobre casmurro! — disse Froya, que nem movimento fizera para evitar o golpe.

«Senhor conde! — bradou Savarigo, lançando-se aos pés do impavido magnate. — Nem ameaças, nem promessas te farei; de joelhos te imploro me digas por caridade como poderei fallar com Mariame, para saber como usaste com ella.»

Froya ia soltar outra injuria. Conteve-se quando já lhe roçava os labios. Esteve uns momentos silencioso, e depois respondeu:

«Já que cahiste um pouco no teu siso, apraz-me satisfazer-te a vontade. Mariame está como a desejas.»

«Bemditas palavras! — exclamou Savarigo, levantando-se; e accrescentou com fervor: — Acertaste, oh capitão! Acertaste! Por ti agora beberei os ventos!»

«Que capitão é esse? Em que acertou? — foi a pergunta do conde.

Mas uma explosão de vozes veiu cortar a conversa. Eram brados de triumpho sahindo do desfiladeiro.

Fez-se o silencio, ouvindo-se então uma voz forte, que dizia:

«Ide agora lá em cima, lançar o fogo em signal de victoria. Em n'o vendo os que estão no Pico, darão d'ali o annuncio a toda a terra. São as arrhas que vos dou da minha promessa.»

«Viva o capitão! Viva o cid! — e o caudilho dos servos foi saudado de estrondosas acclamações pelos companheiros que estavam com elle, ás quaes correspondeu de cima a guarda do prisioneiro.

«Poz a sua no fito! Que homem! que homem! Chega sempre ao que quer! Deus foi que nol-o enviou! — disse Savarigo com enthusiasmo.

«Basta! — clamou Froya, indignado. — É a revolta dos servos do condado! Com o incendio da villa...»

«Isso foi o melhor da festa, e negaça para que a aguia sahisse do ninho — disse-lhe um, alegremente, interrompendo-o.

«Os passarinhos, fazendo bando, sabem pôr medo ao milhafre — ponderou outro.

«E atiram-se ao mocho que se atreve a sahir de dia; nós a ti, sahindo de noute — accrescentou um terceiro.

«Viste só o clarão de uma fogueira — affirmou um quarto.

«Cencirigo deve de estar a roncar em sua cama — suggeriu um quinto, rindo.

«Burlado! Vencido! E por villanagem! pelo lixo da terra! — exclamou o conde, ferido acerbamente no seu orgulho. — Porque me poupastes a vida, villões? Que me quereis?»

«Isso não é comnosco. Pergunta ao capitão, que estará aqui já — responderam-lhe.

Seguiu-se um silencio assás demorado. Froya parecia abatido, mortificado, e entregue aos seus pensamentos.

«Tendes o intento posto no exemplo de Sempronio — disse elle a final; — mas lembrae-vos do seu curto reinado, do fim astroso que teve, e do desengano em que pararam as esperanças de vossos paes.»

«Com revezes sóe Deus fortalecer os seus eleitos — respondeu um homem que se approximava, seguido de outros. — Entre o sol da esperança e a noute do desengano, medêa o lusco fusco da incerteza. Escorregar não é cahir; e quem se levanta após a quêda, não está perdido.»

«O aloucado de Subrego! — exclamou o conde com admiração; e depois, com uma risada de escarneo: — Aqui temos pois o apregoado capitão!»

«Acordámos de um pesadelo horrendo — proseguiu Octavio com fleugma. — Para nós foi uma noute de lenta agonia, que promettia não ter fim. Para vós brilhava sempre o sol. No seu occaso não acreditaveis. No vosso mundo não havia horizonte.»

«Assim que pondes as esperanças n'este juizo desbaratado! — tornou Froya, dirigindo-se aos servos, cujo numero ia augmentando cada vez mais.

«É porém a elle que deves a vida — observou-lhe Savarigo.

«Digna-te, pois, dizer-me porque te devo esta mercê, muito alto e muito poderoso Octavio? — perguntou o conde, persistindo no mesmo tom.

«Ha segredos que medram no seio do tempo; ha-os tambem que ali jazem até o dia de juizo.»

«Esse arcano me é vedado?»

«Não está em mim dizer-te o que fará o tempo. Entrementes te contarei a visão que tive. Sobre um valle alongado e estreito, estava suspensa uma nuvem; tão baixa que por pouco não roçava o chão, tão negra e densa que não se via beta de luz que a atravessasse. Por baixo era um formigueiro de homens; e a nuvem com o peso comprimia-os, como a pedra ao verme; mas eram sem conto. Entre elles havia um trabalhar incessante, um redomoinho como das aguas no oceano. Os ais, as lamentações, os gritos de dôr retumbavam por essas abobadas átras e soturnas. Os estalos da mansilha semelhavam o crepitar continuo do fogo cevado a miudo. As lagrimas encharcavam os campos, escorrendo pelos regos abertos á enxada. Os fructos da terra traziam o sabor do sal; porque o grão brotava humedecido pelo pranto, e d'elle nascia o sumo da uva. Ora, nas alturas que cercavam o valle de afflicção, viam-se outros homens enfunados na vaidade e soberba. Eram poucos em respeito aos de baixo; as arvores de fructa mais graúda, menos dão. As varzeas celestes abriam-se a estes, e a claridade do sol lhes batia no rosto. Á porfia bailavam-lhes nos olhos o riso e a ledice, e no contorno dos labios vivia o gozo. Encurtavam a luz do dia com regosijos e folguedos, acordando a noute com o trovão das suas orgias. O canto e a voz dos instrumentos enchiam-lhes os estáos; as vigas tremiam sob os passos dos bailadores, e as mesas vergavam com o peso das iguarias. Os varões de cabello comprido habitavam de um lado; do outro, os homens de fota e de tez tisnada. Eram tigres e leões uns para os outros. Assim que se enfadavam de regalos e passatempos, cruzavam olhares ervados de fel e malquerença, e o cheiro do sangue embriagava-os. Então tremia a terra até as suas concavidades; e a nuvem, gemendo com o tropel de guerreiros affrontados, abatia-se mais e mais sobre os moradores sotopostos, que dobravam esmagados, ou, estrebuxando, fugiam em magotes. E as chammas vorazes vinham na esteira dos lidadores; e o chão do valle era feito um tremedal fumante de sangue e de cinzas. Foi o que vi tres vezes em sonho. Á primeira e segunda, acordei entre os inermes, pisado pelos alfarazes dos com-

batentes na sua carreira infernal. Á terceira, o fossado chegára a seu termo; os homens de fota já se não viam; e os de cabello comprido pegaram no somno, não somno leve como em tempo de lua cheia, pois dormiam, dormiam, dormiam, sem despertar. Mas a nuvem não cedia do peso, pois os dormentes, dormindo, andavam em pé d'azorrague na mão; e quando acordei, os habitantes da terra chan trepavam armados, e já vingavam as eminencias onde os guerreiros dormiam ainda a somno solto.»

Era de ver e ouvir o gesto e a voz que acompanharam o discurso, e o effeito produzido no animo dos insurgentes, que pareciam tel-o suspenso nos labios do seu chefe, apertando a pouco e pouco o circulo que formavam em roda d'elle e do conde, e como que sorvendo anciosos, com varia expressão, posto que em silencio, cada palavra por elle proferida.

Mal chegou á ultima, e já um frenesi se apoderava da turba. Vociferando e gesticulando, exprimia cada qual os sentimentos que o dominavam, fundados em alguma expectativa: a repartição e posse dos bens de seus amos; o descanço sem trabalhos; os gozos que da liberdade lhes haviam de provir; a vingança de castigos, de ultrages recentes ou antigos, e outras lembranças ou anhelos que lhes vinham á fantasia.

De nenhum modo intimidado pela attitude tumultuosa da multidão, Froya manteve-se firme e immovel no meio da algazarra, até que Octavio lhe disse, fallando a meia voz:

«Senhor conde, logo dar-te-hei palavra em sitio menos apertado. Entrementes irás para logar seguro. Aqui não saberia responder pela tua vida.»

«Não cuides, servo rebelde e traiçoeiro — respondeu o magnate com altivez, — que Froya Gutheres seja homem para torcer o rosto a este pegulhal de villões desgarrados. Lembra-te de que como eu ha muitos. Revoltas têm-n'as havido já; mas o servo nunca pôde medir-se com homem livre. Quebrado o jugo imposto por Deus, é sua carreira curta como do astro que se desprende e foge do logar em que Deus o poz, para, perdido, correr o espaço por um momento. O porco á pocilga sempre vae parar.»

«Se tens animo, conde, e te mostras forte no perigo, tambem sei firmar-me na paciencia.»

Dirigindo-se então a Savarigo, que não participára das demonstrações da chusma, Octavio accrescentou:

«Bem sabes para onde o has de levar. Eia! fóra com elle!»

Partiu o conde cercado da escolta que obedecia ás ordens do servo fiscal, e em menos de meia hora, o sitio estava entregue á sua costumada solidão e silencio, até que, ao nascer do dia, fosse quebrado pelo bater da azas e pela grasnada e crocitar dos abutres e corvos, vindo soffregos ao festim, ali em baixo na sombria garganta de Ferreirós.

XIII

UM ASSUMPTO DO DIA

> Haviam seu assado de carneiro, e vaca, e galinha, e seu desfeito, e vaca cozida, e seu tocinho, ou maraam... e picheis... com vinho, e taças pera beverem.
>
> PEDRO DE SOUSA, *Carta ao Duque de Bragança.*

Em valle de Lousata, a duas legoas d'onde, na serra de Oribio, nasce o Sárria, ergue-se, na margem esquerda, o grandioso edificio do mosteiro de Samos, como hoje se chama, cujos alicerces do lado septentrional vem banhar-se mesmo na onda crystallina d'aquelle rio piscoso e poetico, tão flexivel no curso como o eiroz em que abunda.

O sitio é o mais retirado que imaginar se póde, sumido no meio dos montes que o cercam em limitada área de todas as partes, como o nosso Lorvão; com a differença que n'este, as encostas elevadas da serra vestem-se de moita e sarça, ao passo que as ladeiras mais accidentadas de Samos, ostentam bellas mattas, e o chão da baixa uma

vegetação opulenta e variada. O sitio de Lorvão é magestoso na sua braveza; o de Samos é mais florido e ridente. Mas um é tão isolado e fóra de vista como o outro, e afastado do buliço da vida humana, senão que o povoado que se tem com o tempo agglomerado ao pé do mosteiro gallego, é mais importante que a aldêa dependente do convento portuguez.

Nas suas dimensões, todavia, e no traçado quadrilateral, o edificio em valle de Lousata semelha mais o de Alcobaça do que o conjuncto menos regular e vasto, se bem que mais vetusto, de Lorvão. A construcção do primeiro pertence ao tempo dos Philippes, assim como o magestoso templo que lhe fica annexo; excepto uma parte do claustro inferior, que é do seculo xv, e uma escadaria conduzindo ao de cima, cujo estylo é do xii. Mas do primitivo nada existe hoje, senão talvez uma pequena igreja, de certo mui antiga, que se acha um pouco afastada da moderna fabrica.

É porém certo que a primeira fundação foi anterior ao septimo seculo. Sendo, pelos annos de 716, destruido completamente á mão dos sarracenos, tornou a reedificar-se entre os de 756 e 768, tendo por primeiro abbade Argerico, emigrante ou refugiado das terras hispano-arabes.

No tempo, pois, da nossa historia, o cenobio de *Sámanos*, como então se dizia, tinha apenas de vinte a trinta annos de existencia na sua condição restaurada. Cercado de um muro abrangendo a igreja, que suspeitamos ser, pelo menos quanto aos alicerces, a pequena estructura mencionada acima, occupava um sitio um pouco mais rio-abaixo do que o actual mosteiro, e um tanto mais arredado da margem. E posto que não tivesse então a grandesa architectonica que adquiriu mais tarde, a sua communidade não deixava de ser liberalmente dotada de bens, possuindo terras em diversas partes da Galliza até o rio Sil, e algumas mesmo no paiz do Vierzo, como consta dos diplomas. Fóra da cerca havia n'aquelle tempo, uma albergaria ou hospicio em que os monges offereciam agasalho aos pobres e aos viajantes.

E' n'este sitio retirado que nos cumpre passar algumas horas.

Fechámos o ultimo capitulo perto da madrugada; abri-

mos este pouco depois do cahir da noute immediata. Ceava-se no mosteiro de Sámanos.

A ceia, como é sabido, era a principal senão unica comida em fórma, dos nossos maiores de então, correspondendo ao jantar de hoje e de tempos mais proximos a nós. Não é, no refeitorio commum que havemos de introduzir o leitor; sim, na sala onde em occasiões extraordinarias, o abbade costumava dispensar a hospitalidade.

Por baixo de uma serie de pequenas candeias, que, suspensas do tecto, ardiam em azeite, abria-se uma mesa em meio circulo, tendo de altura apenas dous palmos do chão. Os convivas estavam do lado convexo, ao passo que o outro ficava livre para o serviço, que se fazia por uma porta fronteira.

Terminava a entrada dos caldos, de vacca e de gallinha, sendo esta uma das carnes predilectas d'aquelles tempos. Os trinchos, ou pães de trinchar, de que são substitutos os pratos modernos, compunham-se de massa escura, e conservavam a dureza resultante de estarem cozidos havia dias, por não terem ainda sentido o effeito dos molhos e temperos, que dentro de pouco os haviam de amollecer. Mas, em muitos casos, via-se já em parte consumido o pão alvo «de bocca» que cada hospede tinha junto de si; pão cozido na cinza. Das copas ou picheis, poucos continham intacto o seu complemento de vinho; alguns talvez, depois de vasados, ter-se-hiam reenchido.

Constava a companhia de trinta e tantas pessoas, assentadas em colchões.

O assento do meio era occupado por um homem de elevada estatura e bella presença, cuja idade não passaria dos vinte e sete ou vinte e outo. Por cima da vestia de lan fina, trazia uma capa ou palatina de marta, sobre a qual lhe cahiam os compridos cabellos cuidadosamente penteados. Notava-se-lhe certa reserva, senão melancholia no olhar, suavisando agradavelmente a magestade do porte e do gesto.

Á direita d'este personagem, sentava-se outro, que parecia avantajar-se-lhe em cerca de vinte ou vinte e cinco annos, e cujo cabello começava a grisalhar-se. Tinha com o outro o que quer que fosse de semelhança nas feições. Menos alto de corpo, denunciava porém na physionomia

meditativa, genio mais brando e bondoso. Vestia de ecclesiastico.

Pertencia igualmente á Igreja, o que lhe ficava á mão direita. Homem de meia idade, de cara cheia e corada, mostrava no aspecto um contentamento visinho á alegria.

Da mesma classe e idade era aquelle que se via á esquerda do principal personagem. Rugas, porém, cortavam-lhe prematuramente as faces macillentas. Toda a sua pessoa, de estatura mediana, tinha na sua magresa um ar de ascetismo, que harmonisava com o retrahimento da physionomia, mais austera do que benigna, mais tranquilla comtudo do que severa ou dura.

Seguia-se-lhe um ancião em habito monastico, de aspecto sereno e veneravel, e de avançada idade.

Após este, vinha um cavalleiro ainda no vigor dos annos, de compleixão robusta, sadia, activa e agil. Tinha cabello louro e olhos garços, cuja singelesa de expressão revelava sentimentos d'alma que pareciam ter as forças do corpo em conta de mero auxilio, nunca para abuso; assim, ás vezes, um leão domado se nos afigura ignorar a propria pujança.

Os outros, finalmente, eram todos cavalleiros, occupando o resto da mesa até os dous extremos. Entre elles, no quarto assento abaixo d'aquelle mencionado em ultimo logar, estava o nosso trovador, Guesto.

Vinham entrando alguns monges e serviçaes, trazendo diversas iguarias em concas e travessas de madeira, as quaes fumavam, emittindo cheiros saborosos e mesmo aromaticos. Collocou-se tudo na mesa.

«Senhor — disse o ancião, dirigindo-se áquelle que occupava o logar de honra, — sereis servido provar d'este assado de onagro em seu molho, salpicado de pimenta? Ou do corazil de porco? Ou da perdiz sasonada de herva doce?»

«Com licença, Argerico, tomarei d'estas trutas, que, do vosso Sárria, devem de vir bem frescas. Appetecem-me assim envoltas na sua camada de codea, ou de grãosinhos do novo pão que os Francos inventaram.»

«O bis-coctus, ou *biscuit*, como elles o chamam. Veiu-nos ha pouco a receita, por obsequio do nobre diacono — replicou Argerico, abbade de Sámanos.

«Não vos julgava tão apreciador de manjares, primo; dos codices, sabia eu — disse o outro com um sorriso, ao passo que tomava com os dedos uma das trutas, que depositou no seu trincho de massa.

«Se com os codices apascentamos o espirito, Affonso, — respondeu aquelle que estava á sua direita, — de nada servem para satisfazer o paladar dos nossos hospedes; e sendo este um dever que nos obriga, é tambem estudo com que ás vezes desenfadamos os vagares. E mais, vos recommendo as cenouras lavadas em mel.»

«Não comeis, Beato? De que sereis servido? — perguntou Argerico ao ecclesiastico assentado entre elle e o principe.

«Estou satisfeito — respondeu o abbade de S. Martinho (hoje S. Toribio) de Liebana, mastigando um bocado de pão terçado; — mas por vos agradar, provarei das favas, ou d'essa couve cozida com sal.»

«Gostaes do capão, abbade Fidel? — continuou Argerico, lançando a vista para o sacerdote corado, á direita do diacono Bermudo, o qual encetára já metade do peito da ave.

«É succulento, e a hortelan realça-lhe o gosto — respondeu-lhe Fidel.

«Eu vou provar d'este lombo de zebra, que me parece tenro qual vitella — disse um velho guerreiro, visinho de Fidel.

«Provae, provae, conde Roderico Ordonhes, pois vem de rez nova, morta com a mãe ha tres dias, nas mattas do Oribio — tornou Argerico. — E vós, amigo Theudas? Tomareis d'esse leitão com recheio de passas e figos?»

«Vou-me atirar áquelle pastel de veado e marmelo, quando o conde Ero Luderigues for servido que assim seja — foi a resposta que o abbade recebeu do seu visinho immediato, o cavalleiro robusto, referindo-se este a outro, que, a dous assentos abaixo, enchia o trincho a modos de querer dar cabo do pastel inteiro.

Argerico, relanceando os olhos a um e outro lado, viu que o restante da companhia, sem esperar convite, se servia á vontade, alguns com soffreguidão pouco edificante, das diversas iguarias que se ostentavam com varia abundancia, e cujo tempero nem sempre estaria ao gosto d'este

seculo. Então o bom abbade tratou de si. Para não fugir ao dever da hospitalidade, provou de um dos pratos substanciosos, sem se escusar, todavia, da sua costumada porção de guisado de cebolas, e bebendo a sua «celia,» ou sicera (cerveja), de um pichel de barro, em quanto os do principe, do diacono, e dos outros dous abbades, eram de prata.

«Que novas me daes de vossa irman Sára, e do primo Vimaredo? — perguntou o principe.

«Boas m'as trouxe Guesto Ansures, que ainda ante-hontem esteve em Subrego — respondeu o abbade de Sámanos.

«Deixei o prior são, e bem disposto; e só velho para quem lhe conhece a idade—disse Guesto.—Quanto áquella grande serva de Deus, Sára, bem se vê que Nosso Senhor a tomou debaixo do seu especial amparo, pela pouca alteração que soffre dos annos e dos trabalhos.»

«Ora muito me prezo d'isso, pelo amor que lhes tenho em satisfação do carinho que achei n'elles — tornou Affonso. — Estaes lembrado, Argerico, da primeira vez que me fizestes partir para Subrego?»

«Que desculpa teria eu, senhor, se me olvidasse do que vós vos recordaes, estando então na idade da innocencia? Foi logo após a ida de vossa mãe para Alava, ao tempo que Garci Ramires e seu bando estavam quaes sabujos com a pista perdida, correndo em vossa busca por estes montes e valles. Receioso de que tivessem rebate do paradeiro de tão precioso deposito, e que o seu atrevimento os levasse a violar os passaes do couto, para S. Miguel vos fiz levar muito á puridade. Certo que não havia ali melhor defensa, mas tinha de vantagem adormecer suspeitas, sendo já de per si terço de victoria desnortear os vossos perseguidores.»

«Porque razão apartastes da vossa companhia a irman que vos acompanhára de Spania, sendo ella, como tenho ouvido, meeira nos bens doados por Froila? — perguntou o conde Ero Luderigues.

«Por sem duvida que el-rei nos mandou dar posse em commum das terras do antigo mosteiro — respondeu Argerico; — e nosso intento era fundarmos em Sámanos um

cenobio duplex de irmãos e irmans, á semelhança do de Tabanos, perto de Cordova. Mas, começadas as obras, pozlhes embargo o bispo Odoario, com dizer quanto damno seria ir por diante com tão grande novidade, fazendo perder memoria de casa tão antiga, que por tanto tempo florescera em virtudes e todas as excellencias da santa vida religiosa. Com homem tão poderoso, fugia eu de ter referta; e aguardei as determinações do doador. Assentou-se por fim que na restauração do cenobio, se observasse a regra e disciplina de outros tempos. Foi então que, com beneplacito d'el-rei e do bispo, fundámos o convento no castro romano de Subrego, com Sára por abbadessa, e fazendo-a senhora das villas em Riba Lor; e para melhor amparo das irmans que com ella estavam, dei-lhe por prior, sujeito a ella, o primo Vimaredo, acompanhado de alguns homens que comnosco vieram da terra dos ismaelitas.»

«Em Riba-Narla—replicou o conde Ero,—ha um asceterio na herdade de Rezin Sesnandes, visinho meu, homem que veiu ha tempos de Spania; e n'elle vivem vida religiosa alguns servos e ancillas de Deus. Mas a mór parte é de sua parentela; outros, de sua familia, gente ali posta por sua mão, e regida por elle sem attenção a regra que eu saiba.»

«Entre os asceterios que se encontram por essas terras fóra—disse o diacono Bermudo,—alguns ha nas condições que dizeis, conde Ero; mas são poucos. De conventos sobre si de dupla communidade, S. Miguel foi o primeiro que se instituiu em Galliza. Além d'esse, só conheço os de Chantada, em Riba-Asma, e de Castro Verde, em terra de Chamoso. É novidade que nos veiu dos paizes do Oriente. Por muito tempo acceita ali, parece que a opinião se tem virado contra tal ordem de vida; porque no concilio que houve em Nicea, dous annos ha, constituiram os padres prohibição contra cenobios duplices.»

«Deve de ser que decahissem dos bons costumes—observou Guesto.—Se fossem ali como em Subrego, não havia porque prohibil-os. Que santa vida, essa que se observa em S. Miguel! Parecem todos irmãos e irmans do mesmo sangue.»

«Deus os mantenha sempre assim, e os sustente no bom caminho que lhes abriu; e os guarde tambem de todo o damno que lhes queiram fazer os servos—disse Affonso.—A rebellião de que nos chegou noticia esta tarde, tem-me dado algum receio por amor d'esse rebanho do Senhor. Accorreria logo em sua defensa, se não a tivesse já tão perto; pois creio que o conde Froya lhe não hade faltar com ella. Assim mesmo, se ali governasse outro que Froya Gutheres, quizera eu bem acompanhar-vos pela manhan, conde Roderico Ordonhes.»

«Isso era entregar-vos, senhor, a quem não tem mór desejo que ter-vos em seu poder; ou obrigar-nos a dar batalha em vossa defensa, a quem ora pensamos auxiliar—respondeu, rindo, o velho guerreiro que em outros tempos, fôra magnate da regia curia.—Irei com estes cavalleiros, sobre quem me destes poder de capitão, a ver se com Froya Gutheres, damos fim á revolta, antes que a labareda pegue ao longe. O mal já feito é que não tem remedio.»

«A força da labareda lavra para além de Penha Redonda—disse o abbade de Sámanos.—D'esta banda da serra nada tem havido, afóra o incendio e matança em S. Pedro, de que sabeis. Agora mesmo me chegou essa certeza.»

«Pobre Donani! — exclamou Guesto. — Ainda hontem o vi tão sadio e contente! Todo o seu afan era cumprir com o voto, — e, mudando de assumpto, accrescentou: — Com a força que tem no castro e na torre de Quiroga, estou que o conde Froya hade reduzir os amotinados á devida obediencia; e mais promptamente com o soccorro que lhe vamos levar.»

Nem todos os convivas participavam d'esta conversa; alguns fallavam em grupos separados, sobre diversos assumptos.

«E digam lá que esta santa vida do cenobio, não é a melhor de quantas a Deus Nosso Senhor aprouve ordenar para seu serviço! — exclamou um jovem guerreiro de proporções herculeas, o qual estava á direita do conde Roderico, rasgando, no entretanto, com os dentes e os dedos, um pato recheiado de nabo e castanha.

«E porque não filhaes os pannos, Guther Menendes?

Sois ainda moço, e em boas condições para o noviciado — suggeriu Fidel alegremente, acabando de engulir o ultimo bocado do capão.

«O pio Argerico se opporia a isso, nem que eu fosse gafo — replicou Guther com uma gargalhada.

«Serei vosso avindor com elle — tornou Fidel.

«Eu vol-o teria em mercê.»

«Nosso amigo Guther Menendes poria o ponto alhures — observou o diacono, intervindo momentaneamente, — se acaso deitasse uma olhada no refeitorio; se é que os irmãos não acabaram já com o guisado de cebolas e a hemina de celia, ou meia hemina, quando seja de vinho; pois n'isso são aqui mais parcos que os Bentos. Hoje não é dia de pitança para elles; estes são raros, e mesmo assim não comem carne estando de saude.»

Assim concluindo em tom ameno, Bermudo passou a prestar attenção ao que se dizia á sua esquerda.

«Desisto!—disse Guther.—Mais me apraz a quebra que fazem por amor de hospedagem, que não a regra que usam entre si. Cada um ao para que Deus o fadou!»

«A mim, o que me seria avesso, não é tanto esse passadio magro — ponderou o visinho de Guther, homem refeito e sanguineo, de cabello ruivo e labios grossos, ao passo que deleitava o paladar com um prato de mãos de urso ensopadas em mel.

«Então que é, Pelagio Gundisalves?— perguntou Guther.

«São umas palavras, ou versos escriptos n'aquella pedra que se vê lá fóra, á entrada da cerca do mosteiro.»

«Que alta novidade! — exclamou o outro gracejando.— Não te cuidava sabedor de lettras. Por ventura que és outro Guesto Ansures!»

«E certo, d'ellas nem migalha sei; foi elle quem m'as leu, supposto que não sejamos grandes amigos. Só me ficou aqui um dos taes versos — e Pelagio batia na testa.

«Anda, dize lá! — tornou Guther, apoiado pelos dous cavalleiros á direita do ruivo, os quaes despedaçavam uma gallinha adubada com molho de salva.

«O sentido resa assim: '*não entre nunca aqui mulher*'. Eu não quereria aqui viver! — disse Pelagio, lambendo os beiços sensuaes, untados de mel.

Do pequeno grupo sahiram algumas gargalhadas.

«Não te ouça o nosso casto Affonso! — expressou-se assim um dos cavalleiros.

«Cuidava que nos ias dizer cousa de espantar — disse Guther para o cavalleiro ruivo. — Isso já se sabia; por signal que Munia ficou fóra de portas, no hospicio.»

N'este meio tempo a pratica entre os visinhos immediatos do principe, tomava um rumo que a pouco e pouco foi attrahindo a attenção de todos.

«Sentimos a ausencia do joven bispo de Osma — dizia Affonso. — Eu e minha mãe vinhamos esperançosos de o encontrar em Sámanos. Ainda mais me peza, porém, o motivo que nos priva d'isso.»

«Como já vol-o tenho dito, senhor, deixei a Etherio fóra de perigo, e com proposito de se pôr em jornada logo que sarasse — observou Beato.

«Tambem ando pezaroso; pois lançava as minhas contas em tel-o presente — disse Fidel. — Vão quasi quatro annos, Beato, que nos vimos juntos, os tres, em Pravia, pela ultima vez; foi quando a rainha Adosinda tomou o habito. Depois da carta de Elipando que então vos communiquei...»

«Lançando contra mim e Etherio a nota de heresia, a que respondemos como Deus foi servido — lembrou Beato, interrompendo-o.

«Tenho-vos enviado o traslado de outras...»

«Que, porém, não poderam abalar as nossas convicções.»

«Mas ha pouco recebi uma de Elipando, em que trata toda a questão, sem entender com as vossas pessoas. Promettia-me o gosto de vol-a ler a ambos; todavia, será para vós, Beato, quando tiverdes vagar, pois a carta é comprida.»

«Amanhan, passada a hora de terça, estarei ao vosso dispôr — tornou o abbade de S. Martinho.

«Aprazer-me-hia estar presente — disse Affonso. — Algo tenho ouvido d'esta controversia; mas quizera ser mais inteirado d'ella.»

«Do amago da questão não me tenho occupado muito — ponderou Bermudo; — mas o que me parece, quando leio alguma carta do arcebispo de Toledo, e mais que ne-

nhuma, aquella que escreveu contra Beato e Etherio, é que da sua linguagem transsuda mais calor do que convem a sacerdote revestido de tão alta dignidade.»

«Não vol-o contestarei. Merece, porém, desculpa pelo zelo com que abraçou a doutrina de Felix de Urgel, e a estrénua opposição que encontrou em Beato e Etherio — assim fallou o abbade Fidel.

«No que estão conformes com o concilio de Narbonna, que, o anno passado, condemnou como hereticas as opiniões do bispo Felix — replicou o diacono.

«Os padres do concilio são homens como nós; e a paixão é mãe da cegueira.»

«D'isso é Elipando grande exemplo — treplicou Bermudo. — Se não foi da paixão, d'onde lhe veiu o tom suberbo com que se atirou aos seus contrarios, não podendo tolerar que homens vivendo nas brenhas de Liebana, tivessem a presumpção e atrevimento de indoctrinar aquelle que occupa a sé de Toledo?»

«Não deveis suppôr, nobre Bermudo, que approvando a doutrina do discurso, me agrade sempre o enfeite; pois este póde ser de máo gosto. A cabeça deve conservar-se fresca; mas o sol de Toledo é abrasador, e bem se póde dar desconto a alguns fogachos. Tenho, aconselhado maior moderação.»

«E para vos pagar na moeda que preza mais, abbade Fidel, tem-vos o arcebispo acoimado de falta d'energia, ameaçando mesmo delegar a propaganda em outro discipulo mais apto.»

«N'isso andará como Deus for servido inspiral-o; nem por isso levantaria eu mão de tão santa causa. No coração de todo o homem jaz algo de vaidade, que é acertado não irritar; nem vejo porque se hade recordar aos que ficam abaixo de nós, uma superioridade que estão promptos a confessar. Muito vae no tom e no gesto; é como quando entoamos um anathema, que deleita os ouvidos se se observa tempo e compasso, e que os offende quando o tom é falso: ha desagrado onde devia haver harmonia.»

«Sois mestre em rethorica, abbade Fidel; mas nem por isso nos persuadireis estarem Beato e Etherio no numero dos hereges.»

«Affaste-o Deus! Nem todos os erros envolvem heresia.»

«O erro — continuou o diacono — deve estar do lado de Elipando; dil-o o concilio; e muito me peza que o arcebispo, que soube extinguir até o ultimo rasto, a heresia do impostor Migecio, queira agora, na sua velhice, oppôr-se aos Padres da Igreja, na sua interpretação das Sagradas Escripturas. Mas nem por sombra pretendo assimilar as suas opiniões ás blasphemias de Migecio.»

«Elipando não se oppõe aos Padres da Igreja; por signal que desafia aos seus oppugnadores a que lhe provem que Athanasio, Hilario, Ambrosio, Agostinho ou Isidoro, dão testemunho de que a adopção da verdadeira natureza humana não se manifestasse no Filho de Deus. Dá-se por vencido se lh'o provarem.»

«A doutrina do vosso mestre não é outra cousa senão a professada por Nestorio, ha passante tres seculos e meio. Estou certo que Beato me dará razão.»

«Até ali não posso acompanhar-vos, Bermudo—respondeu o de Liebana.—Em tempo foi tambem o meu parecer; mas, esclarecidos certos pontos pela controversia, a boa fé obrigou-me a modifical-o em parte. Nestorio ensinava que Christo se compunha não só de duas naturezas, mas tambem de duas pessoas; isto é, que Deus se unia ao homem Jesus, demorando-se no corpo como que n'um templo, afim de lhe inspirar os actos. Esta foi a unica especie de união consentida por Nestorio. A linguagem de Elipando confunde-se com essa doutrina; como, todavia, pareça reconhecer uma só pessoa, e assim o declare, não fôra justo accusal-o de nestorianismo como proposito deliberado, com quanto a sua ensinança, fundada umas vezes em textos viciados, outras em interpretação erronea, seja eivada d'aquella heresia, e não pouco.»

«Tenho ouvido dizer—ponderou Affonso—que estas novidades são filhas do contacto do clero christão com os doutores arabes de Cordova. Para ganhar a boa vontade d'estes e dos correligionarios, que só vêem um propheta em N. S. Jesus Chrisfo, conceberam os chamados *adoptianos* que o Salvador, pelo corpo, seria apenas homem. Diga-se porém a verdade, nem todos os bispos de Spania se dei-

xaram abalar. Afóra Etherio, que, aliás eleito em Asturias, nunca teve a posse effectiva da sua sé de Osma, temos Theodulo, bispo de Sevilha, que se mantem firme na Fé, como bom filho da Igreja.»

«Mas, senhor,—disse Fidel—não é pouco podermos oppôr a Theodulo, o illustre bispo de Braga, aquelle Ascario que todos respeitam, e que tem chamado muitos para a nossa causa. E com vossa venia, lembrar-vos-hei que ella teve principio em Felix, bispo de Urgel. Não nasceu, portanto, em Cordova, mas na Catalunha, onde tem o imperio Carolus, rei dos Francos, tão amigo da Igreja quanto invencivel nas armas. Crêde, senhor, essa calumnia que nos arremessam, é seta que não fere. Como podia haver compromisso com os ismaelitas, se estes só tem N. S. Jesus Christo em conta de homem, em quanto nós sustentamos, com toda a Igreja, a divindade do Filho de Deus? Nada lhes concedemos pois, e nosso unico empenho é tornar mais clara e evidente a adopção da natureza humana.»

«Essa evidencia é que não vejo, queria que m'o explicasse melhor—replicou o principe.

«Obedecendo-vos, senhor, obedeço tambem ao meu encargo. O que nos importa antes de tudo é sermos bem entendidos. Elipando acosta-se aos Padres da Igreja que já mencionei, e a outros; entre elles, a Jeronymo e ao papa Leo, e affirma estar d'accordo com elles. Diz elle: é vulgar confundir-se em Christo a natureza divina com a humana, por parte dos que se não compenetram do sentido de certos trechos das Escripturas Sagradas. Estas se referem a Christo ás vezes na sua entidade divina, outras, no seu aspecto humano. Assim, quando Deus diz a Christo que irá diante d'elle, que rasgará as montanhas, que lhe dará thesouros escondidos, afim de que se saiba que é seu Deus, não o tem na conta de igual; em taes casos falla ao homem Jesus. Quando este diz que Elle e o Pae são um, reporta-se á sua propria natureza divina; ao passo que, tendo presente só a humana, affirma que seu Pae é maior que Elle. A condição humana é tão unida ao Verbo em Christo, que fórma uma só pessoa onde existem duas. Só o homem carregou com a cruz; mas por motivo d'aquella união, diz-se que Deus tambem carregou com ella. Se

Christo foi chamado filho de David, é evidente que, quanto á sua natureza humana, só podia ser Filho de Deus por *adopção*, não quanto á substancia divina; n'esta foi gerado do Pae antes dos seculos. Mas posto que essa união das duas naturezas, fosse inseparavel e indivisa nas suas operações, convem discriminal-as pelos effeitos, distinguindo n'estes os que procediam da humildade da carne, d'aquelles a que se inclinava a grandeza da deidade. Sem a potencia do Verbo não teria Nosso-Senhor curado os enfermos, nem resuscitado os mortos. Sem a actualidade da carne, que precisão tinha de matar a fome com alimentos? e que necessidade, de restaurar o cansaço pelo somno? Sem a pujança e influxo do Verbo, os magos não teriam adorado o menino que a estrella lhes indicára, e faltando a actualidade da carne, não havia porque occultal-o á vista de Herodes, ou leval-o para o Egypto. O Filho de Deus é immutavel, e coeterno com seu Pae; mas só no Verbo. O Filho de Deus padeceu, e foi sepultado; mas sómente na sua fórma adoptiva. Para não vos enfadar, como sóe o que vem fóra de tempo, concluirei dizendo que o arcebispo muito recommenda se applique ás palavras o sentido que lhes é proprio, quando discutimos o Filho de Deus. Na assumpção ou adopção do homem, nem por isso se augmentou o numero de pessoas; a Trinidade manteve-se. Assim como em qualquer de nós subsistem alma e corpo n'uma só pessoa; assim tambem em Christo constituem uma só pessoa o Verbo e o homem adoptivo ou perfilhado.»

«Estamos concordes em um ponto — disse Beato; — não é tempo agora para discutirmos a materia sujeita. Os reparos que tenho que fazer, e algumas incoherencias que apontarei, no que acabaes de expôr, ficam reservados para amanhan, depois de lida a carta de Elipando.»

«Se não fosse a presença de tão illustres theologos, teria pedido venia para aventurar uma observação — disse Guesto, depois de um momento de silencio geral; poisque toda a companhia se havia gradualmente convertido em auditorio attento.

A ceia estava a concluir; apenas um ou outro conviva se regalava ainda de algum petisco, como «leite escurrado,» ou «caldo amarello» (feito de gemma de ovos), ou fruta.

«E porque não? Guesto Ansures tem o privilegio assignalando os que, sem obrigação, igualam os obrigados. É mais lido nos textos sagrados e na doutrina dos padres, do que muitos que estão nas ordens — assim fallou Beato.

«Por isso respondo eu; e sei que n'esta disputa, não ha escripto de parte a parte, que lhe não tenha passado pela vista — foi o modo porque o diacono segundou a licença dada.

«Desejáramos ouvir o que tem a dizer o nosso fiel Guesto Ansures — e o principe sorriu-se com benevolencia.

«A pouco se reduz, senhor, e quiçá menos valha — disse Guesto. — A minha duvida não é de hoje; mas o com que o abbade Fidel rematou o discurso, veiu dar-lhe uma fórma mais precisa, e portanto mais facil de communicar á intelligencia alheia. Elipando recommenda, ao que parece, na sua novissima carta, que appliquemos ás palavras o sentido que realmente lhes pertence. O que, pois, se me afigura, é que lhe podemos recambiar a instancia, aconselhando-lhe que medite a palavra em que levantou o seu edificio. Quem jámais ouviu que se *adoptasse* por filho, quem não fosse estranho áquelle que adopta? Fôra como se um senhor de terra falasse nas 'sesicas', quando o moinho ou a arvore se acha em chão proprio; pois, como seja um direito correlativo a uma servidão, só tem razão de ser com referencia a arvores ou moinhos sitos em terreno alheio. Alguem já perfilhou o proprio filho, por ventura? Diz Elipando, é verdade, que, sendo Filho de Deus no Verbo, Christo o não era no seu aspecto humano. Parece, porém, esquecer-se de que nem mesmo n'esse aspecto foi obra da geração, o que teria dado alguma força ao seu argumento; esquece que a entidade chamada Christo, foi resultado da união hypostatica, mysterio impenetravel ás luzes humanas, implicando todavia com a noção de qualquer existencia de origem estranha ao Deus-Pae, qualidade sem a qual não podia comtudo haver adopção. Digo mais: a adopção não me parece recahir na natureza ou *substancia* do adoptado, mas sómente na sua pessoa. Assim, adopta um homem ao filho de seu amigo, ou de desconhecido, fazendo-o herdeiro, não objecto de utilidade propria. É lição d'amor e caridade que até se vê nos bru-

tos; pois adopta a andorinha aos orphãos da visinha, repartindo os seus desvelos entre a propria ninhada e a desamparada. Quando se trata da substancia, cabe melhor a voz *apropriação:* apropriamos o servo ao nosso uso, e se o perfilhassemos, já não seria servo. A adopção é só applicavel á *pessoa;* e no caso sujeito, a pessoa é Jesus, que se resolve em Christo, e que, separado de Christo, não seria Jesus.»

Fôra difficil descrever o effeito d'estas palavras sobre o auditorio, em que predominava o elemento guerreiro. Esses cavalleiros, pela maior parte, de aspecto bronco, rude, mesmo turbulento, e que de certo pouco ou nada entendiam do que tinham escutado em profundo silencio, pareciam contemplar o seu companheiro com admiração e deferencia. Se Guesto se tivesse entregue exclusivamente ao estudo, tel-o-hiam considerado sem duvida com o desdem que se tributa a quem desconhece as exigencias da sua esfera. Sabiam-no, porêm, tão bom cavalleiro como qualquer d'elles.

Apenas tres se mostravam desconformes com o sentimento geral: o conde Roderico, Guther Menendes e Pelagio o ruivo, o ultimo dos quaes estava aliás meio inebriado. Entre estes houve troca de risadas e motejos, cuja significação fôra evidente a quem lhes prestasse attenção; mas o trovador era agora o alvo de todos.

De inveja é que não havia signal; onde falta a rivalidade, não assoma a inveja. Para os seus companheiros, Guesto era uma individualidade á parte, e que só no campo das armas lhes poderia causar sombra. Nas condições actuaes da vida do paiz, davam-se raros ou nenhuns ensejos de ostentar a valentia ou capacidade militar. O que sobrelevava agora na attitude dos guerreiros, era o que quer que fosse de orgulho ao verem o modo como os ecclesiasticos presentes acolhiam o discurso conciso e substancial do cavalleiro-poeta, no qual, de envolta com o espanto, se manifestavam estima e benevolencia.

Guesto não se havia pronunciado a favor nem de uma nem de outra parcialidade. Tinha-se limitado a condemnar a *formula* dos adoptivistas; mas em termos tão moderados, e, digamol-o, sob um aspecto tão novo, que não se

conhecia qual dos lados estava mais satisfeito; se o representado por Fidel, se por Beato e Bermudo.

«Bem me apraz ver que uma intelligencia tão excepcional nos haja desonerado da nota de heresia. Se em tudo não posso acompanhar a Guesto Ansures, estou vendo que nos havemos de entender — disse o primeiro, esfregando as mãos de contente.

«Sabia-o tão forte de cabeça, como leal de coração; mas até a mim me deixa maravilhado — exclamou o diacono commovido.

«Meu filho — disse Beato com voz benigna e olhar penetrante, despedido da funda cavidade formada pelo angulo saliente da larga testa, — a vossa exposição tão apanhada, mas tão cheia, é clarão que vem derramar sobre este assumpto uma luz desconhecida, me parece, e que póde ser de proveito. Mas sejamos prudentes; essa luz está ainda muito baixa no horizonte. Observarei... Pensarei n'isso — e abanava a cabeça com semblante meditativo.

«Leal e valente cavalleiro vos sabiamos já, Guesto Ansures; como inventor de cantares e solaos não vos conheciamos igual; faltava agora isto, ver-vos tributar encomios pelos sabios da Igreja! O que tomára saber é como achastes tempo para tanto estudar? — disse Affonso com gesto benevolo.

«Isso é mercê de Deus — ponderou Bermudo, ao passo que o trovador agradecia com uma profunda inclinação de cabeça. — Deus distribue o tempo com igualdade a todos. Alguns lhe conhecem pouco o preço, e procurando encurtal-o, dão consigo na demora e no tedio. Outros tem-n'o em subido valor, e tiram d'elle grande proveito, conservando na mão compasso para medil-o. Para estes o seu curso é veloz, o tedio não existe.»

Após um momento de silencio, o principe disse para Argerico:

«Se vos parece, venerando abbade, passaremos agora para o hospicio. Ali nos espera minha mãe.»

Minutos depois a sala do banquete estava deserta.

XIV

A APPARIÇÃO

Conheceo-o a rainha
LIVRO VELHO DAS LINHAGENS, *Lenda do Rei Ramiro em Foz d'Ancora.*

D'ali a breve espaço de tempo, estavam todos reunidos n'uma sala do albergue, onde se achava tambem a mãe de Affonso.

Munia conservava ainda restos de grande formosura. Os caracteres salientes da sua physionomia eram a sinceridade, e a firmeza sem rigidez. Pouca differença fazia o vestuario d'aquelle em que vimos arroupada a filha do conde Froya; mas era todo branco, e na cabeça trazia uma touca de panno de linho da mesma côr, uma especie de lenço pendente nos hombros, com a borda ondeante e denteada de perfil, touca que deixava descuberto apenas o rosto e a garganta, segurando-se por meio de um pequeno barrete sem aba.

A rainha-viuva estava sentada na extremidade da sala, tendo defronte uma porta aberta. Era acompanhada de Affonso, á sua esquerda, e de Bermudo á direita.

Em seguida a este, mas com um intervallo de permeio, viam-se os tres abbades, occupando cadeiras, e alguns dos cavalleiros mais graduados, achando-se os outros do lado opposto da sala, assentados, pela maior parte, em bancos de pinho. No numero d'estes apparecia Guesto. Vinham-se curvando os dous renques de assentos, encontrando-se, quasi, nos estremos, e ficando cerca de metade da sala com espaço livre, para além da linha de aquelles.

Theudas, o amigo valido do principe, estava em pé, encostado á parede por traz de seu amo.

Continuando o seu discurso, dizia Munia:

«Admiraes-vos de que, em vez de nos entregarmos a tão longa e perigosa jornada, em que a Deus aprouve, comtudo, livrar-nos de nossos inimigos, conduzindo-nos a este asylo de paz e segurança, tão dilecto a meu filho...»

«Que tantas saudades deixou, senhora, n'aquelles d'entre nós que chegámos a conhecel-o! — protestou Argerico.

«Não são menos as que conservo de vós outros, venerando abbade, que bem posso chamar segundo pae. Os annos que passei aqui, e em Subrego, foram o meu abrir do dia sem nuvens; estas começaram quando me apartei da vossa companhia — disse Affonso affectuosamente.

«Apraza a Deus, senhor, que vosso regresso seja preludio de tempo bonançoso para vós, e para os que em vós tem a esperança posta — volveu o abbade.

«É certo que, se Bermudo foi quem acabou a obra, fostes vós, e os irmãos de Sámanos, os primeiros escolhidos para amoldar o coração de meu filho ao amor de Deus e dos seus santos mandamentos; e tanto aperfeiçoastes o terreno, já bom de si, que n'ella nenhuma semente ruim tem podido achar vida. Mas como vos ia dizendo, padres e cavalleiros amigos, não vos foi dado atinar com o motivo que nos fez antepôr esta arriscada viagem, a chamar alguns de vós outros para servirem de medianeiros no que compria. Já agora o vereis. Bem sei que para alguns não é segredo a doença de Mauregato. Mas poucos saberão, talvez, que não tem cura. Ahi está quem vos póde certificar d'isso — e indicou Beato.

«Podeis acreditar no que vos affirma a rainha. Os da curia forcejam por encubrir o perigo, e a isso os ajudam os intervallos que se dão de apparente saude. É um mal d'entranhas acompanhado de prostração que vae consumindo o usurpador, indo a peior em cada recahida. Ainda se não levantou d'esta; e ha quem pense será a ultima.»

«Ahi tendes em parte o porquê da nossa vinda — continuou Munia. — Pareceu-nos adiantar o nosso feito, passando para o meio d'aquelles que n'elle hão de ter a principal voz e acção, e aguardando aqui o tempo azado para o pôr por obra, o qual será quando Nosso Senhor fôr servi-

do levar o intruso d'esta para outra vida. Mas afóra este cuidado, obrigou-nos tambem...»

«Eu e meus amigos — disse o conde Roderico, interrompendo a rainha com aspereza — cuidavamos ser chamados a conselho, para ouvir proposta que pedisse acção, e désse azo a testemunharmos a nossa devoção a vosso filho, rei nosso que já foi, e será ainda, se Deus quizer. Mas estou vendo, senhora, que nos reservaes a parte pelo Creador imposta aos corvos, que de longe aventa o boi ou rossim em terra, prompto a dar o ultimo estrebucho das carnes!»

«E quando a morte lhes dá chança por ventura, vão-se os corvos com a sua fome ascosa e torpe. Não é cadaver que queremos assaltar, mas homem vivo! — accrescentou o conde Ero no mesmo tom.

«Não havemos de farejar na podridão; o nosso officio é outro! — bradou Guther Menendes.

«A tal festim não vou eu! De comer já estou farto... Mas venha o vinho!... Ainda não matei a sêde... venha o vinho! — vociferou o cavalleiro ruivo, levantando-se desordenadamente com gesticulações despropositadas, e dando causa a uma interrupção momentanea, até que os visinhos o apasiguaram.

«Socegae, amigos — disse então Affonso, ao passo que o sorriso que assomou nos labios da rainha indicaria tudo menos desagrado. — De quanto sois capazes em prol da nossa causa, bem o sabemos, e vol-o agradecemos. Mas se adivinho o vosso pensamento, não posso approval-o. Nada teria força para me determinar a ser fementido. Isso coube a quem ora se chama rei; mas nem por isso me heide avantajar em seu detrimento e em meu desabono. O nosso proposito tem outro fim mais nobre, e de maior proveito. Minha mãe que falle.»

«Como vêdes — proseguiu Munia, — não me deixastes chegar ao ponto que mais importa. Mas antes de vos propôr o que cumpre, vou exigir-vos uma prova...»

«Protesto que esta vida que Deus me outhorgou, a deponho aos vossos pés, senhora — disse o trovador.

Ouviram-se, de diversos lados, outros offerecimentos da mesma ordem.

«Sou vossa obrigada, nobres cavalleiros; mas de quantos aqui estão, apenas toca a um responder ao meu appello — e Munia voltou-se para o diacono: — Dae-me a vossa promessa, primo, de que se a proposta fôr acceite a esta assembléa, vos não haveis de oppôr á parte que n'ella vos couber, cumprindo-a pontualmente.»

«Não creio — respondeu Bermudo — que me houvesseis de propôr algo que podesse entrar em conflicto com a minha consciencia? Em tal caso não me obrigaria.»

«Não é caso de consciencia; ou quiçá lhe venha em soccorro contra a duvida — replicou Munia.

«Porque exigis de mim compromisso antecipado, e de mim sómente?»

«Não m'o pergunteis, Bermudo; fiae vos de nós. Sereis desobrigado, faltando a approvação geral. Não basta?»

«Pois bem, com a reserva feita, prometto estar pelo que resolverem os abbades, condes, proceres e cavalleiros aqui presentes.»

«Assim vingastes já alguns degráos do throno, Affonso! —disse a rainha-viuva, com manifesta satisfação. — Agora vos cedo a palavra.»

«Não, amada mãe, fallae vós.»

«Assim o quereis? Farei por ser breve. Reverendos abbades, nobres condes, primates, capitães, fieis, e cavalleiros amigos, o que temos a propôr-vos são tantas palavras, quantos foram os dias da creação: Morto Mauregato, seja eleito rei, Bermudo.»

«Eu! — exclamou este, levantando-se consternado.

«Quando vier o tempo, darei o primeiro brado a favor de Bermudo, rei das Asturias — disse Affonso com voz rija e emphatica.

«Queremos Bermudo por nosso rei! — bradou Theudas, adiantando-se victoriosamente.

«Approvo! — clamou Guesto simultaneamente, levantando-se e tornando logo a assentar-se.

Foram porém os unicos a declararem-se de prompto. Um murmurio prolongado correu pelos bancos dos leigos; em quanto os tres ecclesiasticos pareciam consultar-se em voz baixa.

«Approvamos a proposta — disse Argerico finalmente.

Beato e Fidel apoiaram o voto, annuindo.

«E nós regeitamol-a! — disse o conde Roderico Ordonhes, com voz forte e semblante carregado.

«Pelo plazo dos godos nenhum clerigo póde ser rei! — accrescentou o conde Ero Luderigues.

«Assim está escripto, dizem, no Foro dos Juizes. E quando não estivesse, seria golpe mortal no reino eleger tonsurado depois de tantos annos de paz. Não hade ser! — e concluindo assim, Guther Menendes estendeu o braço de mão cerrada, a modo de desafio.

«Paz e sujeição cobarde! Assim não teria fim! Pois vieram de tão longe, e do fardel sahe-nos só um clerigo! Bermudo não hade ser rei! — e faiscavam os olhos do cavalleiro ruivo, emquanto agitava o braço e batia com o pé.

Ainda alguns fallaram contra a proposta em termos laconicos, e sem visos de argumentação, até que um trovejar de vozes manifestou que a opposição era quasi unanime.

«Se me quereis attender — disse Guesto, depois que serenou a tempestade, — dir-vos-hei porque approvo a proposta da rainha, fazendo-me socio do nobre Theudas e dos veneraveis abbades...»

«D'essa côr é vosso panno, Guesto Ansures — disse Roderico, cortando-lhe a palavra em tom sarcastico. — Quem toma parte em bandorias de padres, não admira que os queira ver com corôa em relevo, não só em tonsura!»

«É como dizeis, conde. Elle é massa d'esse trigo. Nasceu para trazer sedenho, sobraçar breviario, rezar no diurno matineiro, e cantar nos antifaes. Desacertou quando se pôz a vestir loriga, brandir espada, ou fornear a lança — accrescentou Guther com brutal desprezo.

«Pois em toda outra parte far-vos-hei ver de praça quanto mentis — respondeu Guesto indignado.

«Aqui! Aqui, e já! Temos espaço para fazer campo, e os juizes não faltam — e arrancando da espada, o cavalleiro agigantado atirou-se para fóra do recinto, onde tomou uma postura de desafio.

«Isto é desacato á rainha e a esta casa... — ia dizendo Guesto.

«Se tivesses pello na barba, eu t'o '*messaria*' assim, co-

barde! — bradou Pelagio, lançando-se subitamente contra elle com o calor do vinho no rosto, e deitando-lhe a mão á cara.

Mas antes que conseguisse effeituar de todo a gravissima injuria que meditava, o braço estendido desviou-se por virtude de uma forte pancada recebida do ultrajado trovador, dada com tal acerto que o homemsinho, meio ebrio, veiu ao chão.

«A nós, agora! — disse Guther, adiantando-se.

Guesto desembanhára apenas a espada para se defender, quando o ruivo, tendo-se logo levantado, veiu a elle de mão armada. Em vez, porém, de ferir o corpo a que era destinado, o golpe encontrou a espada de Theudas, que acudira em defensa de Guesto, ameaçado de se ver a braços com dous adversarios.

Em quanto Pelagio e o valido cruzavam os ferros, outro tanto faziam Guther e o trovador.

A assembléa estava em tumulto.

Munia manifestava menos susto do que contrariedade.

Affonso e Beato approximaram-se a um tempo da scena do combate.

«Cavalleiros! — disse o ultimo, atirando-se entre Guesto e Guther, no que ia sendo victima de um talho que partia d'este, quando um dos circumstantes, lançando mão d'elle, o livrou do perigo. — Cavalleiros, tende respeito á imagem que ali vedes, d'Aquelle que prégou paz e concordia entre os homens — e apontava para um crucifixo na parede.

«Theudas! Pelagio! — bradou o principe. — Embainhae as vossas espadas. Morada de religiosos não deve de ser feita campo de batalha.»

Pela intervenção simultanea de diversos cavalleiros, designadamente do conde Roderico, conscio talvez da culpa que lhe cabia como primeiro provocador do incidente, conseguiu-se em breve restabelecer a ordem.

«Muito me peza, amigos — disse Affonso, tendo cada um voltado ao seu logar, — que haja motivo de desavença entre vós; e mais ainda por me parecer que nasceu de semente lançada a outro campo que este. Á fé! quizera eu antes achar causa da briga nas palavras que ouvistes a

Guesto Ansures; mas n'ellas nem sombra enxerguei de tão grande semrazão.»

«Não sei — respondeu Guesto — porque tenha merecido a malquerença de alguns dos cavalleiros presentes, a não ser o voto que emitti. Em tudo quanto homem faz ou diz deve de haver razão, ou, na falta de razão, motivo. Não sou eu quem diga ou possa dizer o que outros tiveram n'isso. Mas se foi por discordancia de sentimento, fraco motivo foi; filho da paixão, não do juizo. Eu quizera bem dar-vos conta dos argumentos que me moveram na approvação que dei á proposta da rainha; mas não o farei, porque de boa mente m'os não quereis ouvir.»

«Fallae! fallae! — disseram muitos, a modo de protesto.

«Minha mãe — disse o principe — ainda não vos fez conhecedores dos motivos da sua proposta; mas ouviremos primeiro aquelles que quizerem fallar; cada um por sua vez. E seja o primeiro Guesto Ansures, se assim vos aprouver.»

«Cavalleiros e amigos — disse o trovador, vendo que ninguem lhe contestava a palavra, — na primavera a vista pede a verdura e os matizes, onde antes tudo dormia sob as brancas neves. A fruta então viria como intrusa, pois mais nos apetece no auge dos calores estivaes. Na floresta, o rugir das feras alegra e anima o caçador. No bosque ao pé de casa, quer-se o canto dos passaros. O que vem fóra de logar e tempo, vem por mal; em damno proprio e de outrem. Presentiu a rainha que seria ainda cedo pedir a eleição do filho; e elle tambem o conhece. Nós não temos força para transformar em amor e confiança, o odio ou receio que governa o grande numero d'aquelles que têem voz na eleição d'el-rei. N'elles não terão poder palavras, mas obras. Primeiro que se lhe vista o manto de rei, deve o regio Affonso fazer noviciado, para que lhe não deram tempo da outra vez. Não o precisa para si, mas para ensino dos que lhe são contrarios, ou lhe tem medo. Servil-o-hemos assentando no solio a quem lhe abra caminho para isso. Á parte o real Affonso, da estirpe de Pelagio, sem quebra de bastardia, só nos resta Bermudo; e não lhe hãode faltar os suffragios agora, como os teve já em outro tempo. A sua eleição é certa se a promoverem,

além dos seus, os amigos de seu primo. Quem ignora o respeito e affeição que o nobre diacono tem sempre merecido a todos? Quantos homens se não lembram ainda das boas provas que de si deu Bermudo como guerreiro e capitão de hoste, antes que lhe aprouvesse entrar em ordens? E quem duvida de que, assentado no throno, não saberá cumprir com os deveres de rei? Que não faça impedimento a lei de nossos avós. Assim como elles a fizeram, podemol-a nós desfazer. O que a mão levantou, póde a mão arrazar. Que novidade verieis n'isso? Quantas leis e constituições, d'essas que instituiram os antigos reis e concilios, não têem caducado pela força das cousas? O que assentava bem em Toledo, nem sempre havemos podido mantel-o em Cangas ou Pravia, tendo os adversarios da Cruz pela frente, e o oceano a bramir por traz de nós. Se David, na paz, cantava os louvores do Senhor das hostes, tambem exterminava na guerra os inimigos de Deus e de seu povo, deixando a seu filho o reino mais crescido em forças e opulencia. Ora, em Bermudo teremos o nosso David; e no filho de Froila, o nosso Salomão.»

«Bem fallastes, Guesto Ansures! — disse a rainha. — Haveis em parte antecipado o que me reservava dizer; e se o sentir dos muitos não tiver já mudado, desejamos acreditar que, depois de nos ouvir ainda, estaremos todos assentes n'um parecer.»

«Perdoae, Munia — disse Bermudo; — desapprovo a proposta; e a promessa não me obriga, porque falta a condição, o assentimento d'esta assembléa. O sceptro, recusei-o não ha muitos annos; e para fugir ao risco de recusar segunda vez, tomei as ordens sacras, satisfeito com permanecer na terceira graduação, por ser bastante para o fim a que mirava, ao passo que me não tinha por digno de subir...»

«Essa humildade seria forte argumento, se fosse preciso, para contrariar tanta abnegação — ponderou Beato.

«Ah! se houvera havido meio de o demover, ha quanto tempo não seria já presbytero, e bispo, para maior serviço e gloria de Deus! — accrescentou Argerico.

«Agradeço-vos a boa opinião que tendes de mim, irmãos; mas d'isto não se trata agora — continuou o diaco-

no. — Para não subir até o mais alto gráo do throno, basta que me conserve no derradeiro gráo do altar; e aqui me affirmarei até á morte.»

«Tenho para mim — disse o principe — que nossos amigos hãode mudar de opinião; e espero que quando, a exemplo de Guesto Ansures, alguns se fizerem ouvir, seja para nos certificarem d'isso mesmo. Então, Bermudo, respeitareis a promessa, havendo por vosso barato pedir dispensa para quitar os pannos, a qual vos não será negada em concilio dos prelados e grandes da terra, tendo em conta as condições do tempo, que vos chamam para onde haveis de prestar maiores serviços a Deus e á patria.»

«De vós depende o bem do reino, Bermudo — disse a rainha; — e não seria aguisado, nem conforme á vontade de Deus, persistirdes no recolhimento, que é tanto da vossa escolha. Cumpre que vos sacrifiqueis. Só na vossa mão está abrir caminho ao throno em beneficio de meu filho, ultimo descendente legitimo de Pelagio. Se recusardes, abril-o-heis a Hermenegildo, o filho do bastardo, o neto da serva de Caso; pois elle terá por apoio todos os advendiços e os inimigos de Affonso. Se derdes vosso prasme, sereis eleito; porque todos serão por vós, tirando os advendiços, dos quaes comtudo muitos se unirão a nós vendo que o filho de Mauregato não tem outro arrimo afóra elles. Então depois de acclamado, chamareis Affonso para vós; pol-o-heis em contacto com os homens da curia, e com os que têem acção em negocios publicos; e assim meu filho irá a um tempo apprendendo de vós as obrigações de rei, e fazendo-se de todos conhecer e estimar por suas obras. E quando Deus for servido chamar-vos á bemaventurança (e por nosso bem, o não queira Elle por muitos annos!) a eleição recahirá sem esforço, e como de per si, n'esta ultima prole da regia estirpe.»

«Senhora! — disse o conde Roderico, — se poderamos ter adivinhado o fim a que se encaminhava o vosso discurso, não terieis presenciado a scena em que veiu a parar o nosso agastamento, que ora vejo, foi desaguisado e sem razão. Mudada assim a fórma da vossa proposta, boa me parece, e digna da nossa approvação, com tanto que Bermudo seja dispensado das ordens.»

«E tome compromisso de governar como rei, inimigo dos encreos, defensor da Igreja, mas olvidando-se de que foi clerigo — suggeriu Ero Luderigues.

«E prometta enxotar da curia os advendiços, e nunca desquitar-se da companhia de nosso Affonso, que já foi rei e o será ainda se Deus quizer. Se o tiver por bem, prometto-lhe o apoio de meus amigos não só em Castro de Rei e seu alfoz, mas em toda a terra de Meira, e além Minho até Riba-Anlho. Senão, *não!* — disse Guther Menendes, batendo com o pé.

«Senão, *não!* — segundou seu visinho, Pelagio, batendo tambem no solho, sem talvez ter uma idéa bem precisa do que se tratava; pois que parecia estar meio atordoado, e bocejava a miudo.

«O lobo muda o pello, mas não o vezo — ponderou um cavalleiro com ar de duvida.

«Mas com Affonso por fiador, fiar-nos-hemos d'elle — suggeriu outro.

«Levada á sirga por tal sol, nos daremos como remediados d'essa lua — disse um terceiro.

«Melhor nos sahia o pacto, se o sol viesse sempre na esteira d'ella, como sóe ás vezes lá no céo; pois assim andaria mais submissa — accrescentou um quarto opinante.

«Protesto contra taes desconfianças; são ultrajes! — exclamou um quinto. — Bermudo é homem da sua palavra.»

«Não faltará ao que prometter — disse um sexto. — Para ser posto no throno, basta que consinta em ser deposto do altar.»

«Abunda! Al não se pede! Estamos contentes! — clamaram varias vozes.

«Deu prova de inteiresa e desinteresse, quando renunciou ao sceptro. Deve merecer-nos confiança, — disse o quinto insistindo.

«Não era tonsurado n'esse tempo — objectou o primeiro.

«Já o era no espirito. Amor á paz deu voz á renuncia — suggeriu o segundo.

«De ovelha não se faz um leão — disse o terceiro, apoiando.

Seguiram-se outros opinantes n'este estylo laconico, pela

maior parte benignos nos commentos que fizeram; e intervindo n'este sentido Roderico, Ero, Guther e outros d'entre os mais influentes, ficaram os desconfiados reduzidos a uma pequenissima minoria, sem comtudo recusarem o seu voto.

Manifestando-se finalmente unanimidade na assembléa, fallou o diacono, dizendo:

«Rendo-me á vontade que Deus é servido intimar-me por intermedio dos parciaes de meu primo. Exigis de mim o compromisso de tel-o sempre ao meu lado; pois eu vou ainda mais além. Associal-o-hei commigo no governo, até que o tempo haja feito o que cumpre. Assim o veja eu acceite, e dissipada a nuvem que encobre suas virtudes aos olhos do povo, como terei por concluida a missão que Nosso Senhor parece querer impôr-me. Tornando então a renunciar o mundo, baixarei do throno para o deixar a Affonso, livre e desempedido.»

Um sentimento de respeito e admiração se apoderou da assembléa, ao ouvir esse breve discurso, proferido em voz que levava ao animo de todos a convicção da sua sinceridade, realçada pelo gesto brando e benigno do veneravel orador. Entre os cavalleiros que ind'agora se haviam mostrado tão rudes na sua franquesa, não houve um só, talvez, que n'este momento não désse algum mudo signal de perturbação ou de escusa, ao passo que um murmurio de applauso corria pela sala.

«Ah! Bermudo — exclamou o principe, — se homens como vós não fossem tão raros, a pagina da Historia estaria menos manchada de exemplos nefandos da humana ambição. O tempo, como dizeis, e vosso proprio juizo serão os melhores conselheiros dos vossos actos. Em mim achareis sempre filho obediente.»

Munia, cujo rosto dava testemunho da felicidade que sentia no intimo, teve de repente um abalo que tambem se fez conhecer.

«Bermudo — disse ella, — a revelação do vosso proposito teria consequencias funestas se passasse além d'aquella porta, estorvando quiçá a vossa eleição; por isso me peza terdes descuberto tão compridamente a vossa magnanimidade. Mas o que está dito não tem remedio, se o não

acharmos na promessa de segredo da parte de todos os presentes.»

Estas palavras foram acolhidas por protestações de inteira conformidade e adherencia.

«Meus irmãos, condes, cavalleiros — disse Beato, levantando-se, — essas manifestações não bastam em conjunctura tão solemne. Proponho-vos um juramento que nos ligue a todos, e sobre o mesmo crucifixo.»

Approvado o alvitre por acclamação, cumpriu-se o acto com todas as formalidades; e tomando o crucifixo suspenso na parede, o abbade de Sámanos o levou aos labios de cada um dos ajuramentados.

Estava preenchido o objecto da reunião, compromettendo-se os assistentes a envidar todos os esforços para o ulterior conseguimento do ajustado: a eleição de Bermudo.

O diacono e os tres abbades despediram-se, recolhendo para o mosteiro.

O resto da companhia esteve a ponto de dispersar-se, quando a rainha-viuva, que não cabia em si de contente, se bem que o mostrasse com reserva e recato, disse, sorrindo:

«Ora, despachados os negocios, festejemos a paz e concordia em que afinal cahimos; imitemos os anjos que a soem celebrar pela cantoria. Mas como nos falte o poder que lhes faz mover a toada em côro de vozes (pois muito me arreceio de que por essa forma o nosso concerto désse outra vez em desconcerto), venha o encargo a quem de direito pertence. Dos vossos solaos, Guesto Ansures, tenho ouvido um ou outro, entoado por vozes alheias. Daenos agora o gosto de ouvir alguns na voz de quem os inventou.»

A lembrança foi muito applaudida; e Guesto, tendo annuido, pareceu concentrar os sentidos por um pequeno espaço, até que finalmente disse:

«Senhora, a mercê com que me quereis honrar, ouvindo pela primeira vez o vosso servidor, pede que haja n'elle novo esforço, para vos offerecer um cantar virgem, ainda não devassado de ouvidos nenhuns. Se assim vos apraz, senhora, não faltará o alento, supposto que falte o ingenho.»

Obtido o regio beneplacito, collocou-se o trovador em um dos ultimos assentos, voltado para Munia e com as costas para a porta, recitando em tom de canto a seguinte composição:

«Chegára a guerra a seu fim,
Acabára de cançada,
Eu chorava o dia em peso,
Ai! triste de mim coitada,
Pelo que via e não via,
Pela casa a par queimada,
Como filha e irman chorava,
E mais por ser namorada.
Eil-o vindo um cavalleiro,
Vinha com sua mesnada,
Em ginetes andarengos,
Co' alferena despregada.
'Porque choras tu, donzella,
Tão sosinha, sem pousada?
És orphan? Não tens pervincos,
Que andas tão desconsolada?'
'Tinha pae, e tres irmãos;
Era aqui nossa morada;
E passados mais uns dias,
Eu havia ser casada;
Tudo estava em alegrias
Dês as horas d'alvorada.
Pae e irmãos m'os degollaram;
Nossa casa eil-a queimada;
E d'esse que eu mais queria,
Malpeccado! não sei nada'.
'Mais não chorarás, donzella,
D'estes sitios linda fada;
Pae e irmãos não t'os prometto,
Mas uns paços por morada;
E passados mais uns dias,
Has, querendo, ser casada;
Voltarão as alegrias
Dês as horas d'alvorada'.

'Passa! Segue teu caminho,
Al não pede a desgraçada;
Mão que assolou minha terra,
D'essa não acceito nada;
Mão que trucidou os meus,
Só me levará premada.'
Palavras não eram ditas,
Me levaram, ai coitada!
Pela serra, pelos valles,
Por muita matta e quebrada;
E chorava mais agora,
Do perdido mais lembrada.
Té que junto da fronteira,
Deus armou-nos emboscada:
'Hou lá! Por vossa captiva
Preitar-me-haveis a sacada.
Mas aqui só corre a moeda
Com sua imagem cunhada.'
Eil-o aquelle que eu carpia!
E eil-a a fugir, a mesnada!
Nas ancas do seu cavallo
Findarei minha jornada.
'Vem, esposa promettida,
És minha por bem ganhada,
Nas ancas do meu cavallo
Findarás tua jornada.'
'Fóge! Fóge, a bom correr!
Não te fies já da espada;
Soforando o teu cavallo,
Me terás por bem ganhada'.
Máo pezar de meu querido,
Adur me tinha abraçada,
E os fugidos a voltarem,
Cavalleiro co'a mesnada!
Sou mais uma vez asida,
Do meu bem desapartada;
Eil-o a cahir malferido
Co'a testa em sangue banhada!
Inda o amor lhe aviva os olhos,
Já a vida era acabada;

Mas, oh pezar de minha alma!
Só me levam desmaiada...»

Interrompamos, por um momento, o romance de Guesto, para dar conta da impressão que ia produzindo nos assistentes.

Mal começára, e já se manifestavam na rainha signaes de interesse, que augmentou com o desenrolar do assumpto. Ora se lhe incendiavam as faces, ora empallideciam, parecendo alvoroçada pelas recordações que a tomavam de assalto, mais do que agastada pelo atrevimento de quem lh'as provocava.

Alguns dos cavalleiros trocavam olhares suggestivos quer de surpresa, quer de enfado, ou sorrisos exprimindo gracejo, e ás vezes malicia. Outros porém não se davam por scientes da fonte d'onde se inspirava o poeta; estes eram poucos. Pelagio dormia o somno de Baccho, mais que de Morpheo.

Affonso mostrava-se inquieto e impaciente; mas conteve-se a um signal da mãe. Theudas, agora, contemplava Guesto com semblante carregado e ameaçador.

Esse que chamava a vista de todos, proseguia na sua tarefa sem perceber o effeito produzido. Mal inspirado por uma d'aquellas aberrações passageiras que se apoderam até das intelligencias mais privilegiadas, sem lhe occorrer que commettia uma inconveniencia, parecia de todo absorpto na sua improvisação.

Chegado ao fim do trecho referido, a rainha teve um abalo e recuou na cadeira; o principe levantou-se colerico, e o valido adiantou-se com impeto. Munia, porém, com gesto entre imperativo e tranquillisador, impoz silencio a todos, como que intimando que desejava ouvir o fim. Affonso tornou a sentar-se; Theudas voltou ao seu logar, em quanto o trovador, sem a pausa que, máo grado nosso, lhe impusemos, e enlevado no estro poetico, ia por diante soltando os seus versos:

«Paços com jardim me deram,
Mais prisão que não morada;
Esclavagem, pannos d'ouro,
Eu vestia de anojada;

Donas pera me toucarem,
Despedia-as enfadada;
Rascões quantos eu queria,
D'elles não queria nada.
Vinha então o cavalleiro,
Tremia á sua chegada;
Mão d'esposa me pedia,
Era logo recusada.
Passam dias, passam noutes,
Não me dava por premada;
Mas tanto, tanto apertou,
Disse eu alfim 'sim, me agrada'.
Ao regressarmos da igreja,
Ai triste de mim coitada!
Do querido vi a sombra,
Vindo escontra a desposada;
No pallor da testa, vi
O gilvaz da cutilada...»

«Eil-o que vem! Guai de nós! Eil-o, o gilvaz na testa! — clamou Munia, voz em grita.

O trovador, acordado, baixou de repente para o mundo das realidades.

Viu a rainha em pé, de corpo hirto e immovel, de olhos fitos e empavoridos, apontando com o dedo para a porta. Para ali se dirigia tambem a vista de Affonso, de Theudas, e de todos os cavalleiros, que de pé ou sentados, em diversas posturas, e como outras tantas estatuas, pareciam petrificados de subitaneo terror ou assombro.

Virou-se Guesto para a porta; mas pôde apenas ver no limiar a roupagem branca e fluctuante de um vulto humano que se retirava, e que logo desappareceu.

XV

O SOCCORRO

Entendo que taes sodes vós que bem posso ser escusado d'esta fazenda por vós, mas eu quero hi seer.

CONDE D. PEDRO, *Nobiliario*.

Pouco depois do incidente com que fechámos o ultimo capitulo, vadeava o Sárria uma cavalgada que foi depois subindo a encosta dos montes que circumdam o valle de Sámanos a leste e ao sul. Iam n'ella o principe Affonso e os seus acostados, além da gente miuda, formando ao todo um corpo passante de cincoenta homens armados.

Depois de atravessada a serra, o terreno, com quanto accidentado, dava piso mais facil, pela suavidade dos declivios dos montes, aliás de pouca elevação.

«Permitta Nosso Senhor que cheguemos a tempo. Não quizera eu que succedesse desastre á filha do conde Froya, por muito que nos tenha em desamor, como nos tinha o pae, de cuja alma Deus se amercêe — disse Affonso, quando, chegados a um planalto, os cavalleiros sahiram da fila para se aproximarem mais em pellotão, e á vontade.

«Desamor, isso não; pois sei que vos quer muito bem a senhora Ermesinda — respondeu Guesto.

«Arrufo, desgabo, ou praguejar de mulheres não me dá cuidado — interpoz Pelagio o ruivo, restabelecido já dos effeitos do vinho, — pois sempre digo, andorinha não faz verão, e de boa vontade arrebentaria dez ginetes para enxugar as lagrimas de uma formosura qualquer.»

«Com estreiteza de tempo e longura de caminhos mal pára o negocio todavia, se os rebeldes entrarem no castro — disse Theudas.

«Por amor do pae morto, hade correr o pranto da

donzella — observou o trovador; — mas pelo muito que a estimam os povos de Riba-Lor, tenho fé em que não padeceria ás mãos dos servos. Mas n'um assalto quem póde lá saber o que advirá a cada um!»

«Não chegam poucas horas para tomar d'assalto logar tão forte — ponderou o conde Roderico, — ainda defendido por mulheres; quanto mais com alguns homens que ficaram, segundo contam. A ereita é baixa; mas contra aquellas muralhas altas que poderão fazer os servos? Terão ariete ou trabuco com que arrombal-as? — accrescentou elle com desdem.

«Abraço-me com vosso parecer; mas — ponderou, por sua vez, o conde Ero — não lhes quereria dar o dia em peso com campo livre, porque muito póde a força do numero junto com o esforço do desespero. Dizem-nos que os rebeldes têem por principal alfama e guarida as faldas do Passaro; e segundo estas tenham por unica entrada facil a garganta de Folgoso, defendida pelo castro, hãode os cães damnados atirar-se contra as muralhas, quiçá á escala vista, ainda que façam dos proprios corpos escada.»

«Assim o creio, e foi um barato da fortuna vir-nos aviso tão cedo — disse Affonso. — Á fé! mal saberia onde acudir primeiro, se S. Miguel estivesse em igual estreita que Folgoso. Mas por mercê de Deus os servos de Subrego deixaram em paz a communidade, depois de uma achegada que mallogrou.»

«Porque o sitio é elevado e muito mais a prumo que Folgoso — suggeriu Guesto; — nem são menos altas, se bem que mais arruinadas, por falta de concerto, as muralhas do antigo castro em cujo meio assenta o convento. Não têem os servos, além d'isso, muito motivo para se apoderarem d'ellas. Se fosse para ter o caminho aberto aos que se lhes vem vindo reunir da banda do Cuperio e montes d'entorno, então tinham elles não mui longe de Subrego, agua arriba, o castro Mogoche, com muros ainda sãos, e ninguem para lhes disputar o ingresso; poisque dês o tempo dos ismaelitas, jaz abandonado e sem alma viva.»

A conversa cessou pela rapidez da carreira. D'ahi a espaço, ao tomarem folego n'uma subida, rompeu o silencio o conde Roderico.

«Virdes vós, senhor, em nossa companhia, não foi de juizo prudente; mantenho a minha opinião. Deus sabe em que perigos haveis de achar-vos, se por ventura vierem inimigos vossos entre os soccorros que cedo hãode acudir.»

«Que vos não dê isso cuidado, conde — respondeu Affonso. — Tendes por minha determinação, voz e poder de capitão n'esta empreza. Assim, fazendo eu de simples cavalleiro, não estarei em maior risco que qualquer d'estes. Sou como ovelha tosqueada, que o filhinho desconhece; a lembrança que ha de mim é de joven imberbe, e creio que nenhum dos poucos que ainda são capazes de me reconhecer, virá correr estas fraguras. E mais, em vindo os soccorros, ceder-lhes-hemos o campo, se entretanto os vossos bucellarios, e dos outros cavalleiros que os mandaram intimar, não chegarem primeiro, e em força que nos faça respeitar.»

«Quanto aos que tenho de minha mão — disse Guesto, — visto ficar-me a casa mais perto que da mór parte d'estes senhores, prometto que estarão em Folgoso até á noute de amanhan. Será sempre accrescimo de uma dezena ou mais.»

«Entrementes fôra cobardia deixar os inermes á misericordia d'esta servidão solta, que no marulho das paixões, de certo nenhuma terá — tornou o principe.

«Era ter deixado isso a nós outros — ponderou ainda Roderico.

«Com tão esforçados cavalleiros, nem tantos pedia o negocio, e sahia bem. Não sou mais que uma espiga na gavela; mas quiz ser todavia participante da vossa aventura. Corra o mais por minha conta — replicou o principe.

«E quem nos diz — observou Guther — que não vamos achar no castro a Froya muito em socego e abastado de homens de defensa e de fossado? Se aquella sombra era espirito maligno, vendido á vingança do damno que soffrera no mundo por amor da rainha, é de crer que esteja tudo ao avesso do recado que, na retirada, nos deixou com as boas noutes, por via do porteiro. E que chasco nos darão em premio!»

«Não sabemos como se deu o caso — respondeu o tro-

vador — salvo que Froya morreu ás mãos dos servos, ficando o castro sem defensores. E porque seria sombra o espantalho? Pois aquillo são modos das almas errantes? Deixar-se ver de tantos? Fugir qual gazella espavorida? Faltar-lhe poder de occultar-se aos olhos para, querendo, só chegar aos ouvidos ou só manifestar-se á rainha? E confiar a sua mensagem ao porteiro como pávido rascão mandado do amo? O que vistes, senhores, era carne e osso como qualquer de nós, acreditae.»

«Não era tal — disse o conde Ero, persignando-se. — Appareceu e sumiu-se como nenhum de nós era capaz.»

«Aquillo não tinha cara de homem vivo — accrescentou Affonso com recolhimento; — e o que para mim tira toda a duvida, é a affirmação de minha mãe.»

«Seria muito para ver que Guesto Ansures — disse Guther,—como causa do prodigio, quizesse agora pol-o á conta de abusão. É afan perdido. O muito que sabe d'este mundo, sabiamos nós ser privilegio d'elle; não viesse ainda provar-nos quanto sabe do outro, evocando espiritos!»

«Foi desazo — disse Theudas com certo arrebatamento, — que só podia sahir do cerebro de tresloucado sonhador.»

«O ultrage é que é desazo — respondeu Guesto com vivo resentimento; — pois seria grande desserviço aos que em nós põem a ultima esperança, se eu tivesse queixume de vós n'esta hora. Mas virá tempo para isso.»

«Por Deus! cavalleiros — exclamou o principe, — não haja mazella entre vós, nem façaes quebra na nossa força já tão minguada. Foi desaguisada a vossa lembrança, Theudas, depois dos descargos que nos deu Guesto Ansures, a mim e á rainha... Mas vêde! Ali temos umas tristes arrhas do assanho diabolico dos servos.»

De feito, a dianteira da expedição chegava ao topo da collina, d'onde se viam os restos fumegantes do que fôra a villa do presor-mosarabe, já conhecida de Guesto. Era tudo feito em montões de cinza. Só ficava de pé a igrejinha e seu convento á beira da estrada, onde, depois de terem perdido de vista aquelle destroço ao descerem a collina pela encosta de fóra, e vadeado o rio, os cavalleiros paráram um instante, antes de seguirem ávante, para con-

templar a scena mais de perto. Não apparecia cousa que tivesse vida, nem som algum d'ali sahia, senão o murmurar das aguas do Cabe; no mais era um deserto.

Baixemos o véo sobre este e outros quadros do mesmo genero, que se apresentaram aos olhos de Affonso e da sua comitiva no decurso da jornada, e cheguemos com elles ao fim da mesma.

O dia começava apenas a raiar, deixando tudo na sombra debaixo dos grandes castanhaes de Folgoso. Os guerreiros, com a arma na mão, e batendo o cavallo, subiram a encosta de corrida. Alguns gritos que se levantaram da espessura da matta, eram claros signaes da vigilancia dos rebeldes; e quando, forçados a moderar o passo, por se tornar mais abrupta a subida, vieram a approximar-se da beira do chão em esplanada que dava accesso ao castro, viram uma chusma de vultos indistinctos que parecia esperal-os de pé firme.

D'ahi a momentos travou-se um combate em que os servos tinham a vantagem do terreno, que, plano em cima, era de ilhargas ingremes e escabrosas, e dominado por outro chão formando o lado externo do fosso ou cava da fortaleza, acima do qual havia reforço de gente.

Os cavalleiros, apartando-se em duas divisões, sob o mando dos condes Roderico e Ero, atacaram o inimigo simultaneamente pelos dous extremos da esplanada. A resistencia foi maior do que se devia esperar de taes adversarios, mal armados pela maior parte, posto que alguns, com escudo embraçado, vibrassem dardos, lanças, espadas e clavas, despojos, ao parecer, do saque dado ás habitações dos amos.

Não obstante o auxilio prestado pela gente que occupava a elevação na retaguarda, afracou a resistencia assim que os cavalleiros conseguiram firmar-se no chão da esplanada; e o que poz fim a ella, convertendo-a em derrota completa, foi sahir do castro um pequeno corpo de peões que tomou os servos pelas costas.

D'estes cahiram bastantes, e fôra muito maior a mortandade se os fugitivos não tivessem escapado á perseguição, atirando comsigo pelas ladeiras abaixo, pelas brenhas e corregos das quebradas, na medrança de duras urzes e

tojo alto, onde se não atreviam a aventurar-se homens a cavallo.

Depois da entrada no castro, verificou-se a falta de um ou dous guerreiros; e alguns vinham com a loriga desmalhada, ou o elmo abolado, e o corpo menos são do que á sahida de Sámanos.

XVI

O CONDEMNADO

> Se não quereis seguir-nos, seja pelo menos vosso o mando.
>
> Discurso de Glanvilla, *na carta de* Osbern (testemunha occular da tomada de Lisboa em 1147)

Quando, no capitulo x, démos uma idéa geral das faldas occidentaes de Pico Passaro, apenas coube no quadro introduzir um homem, que n'aquelle ermo se amontára.

Agora passava-se n'esse grande palco, uma scena de todo diversa.

Fechada do lado meridional pela ramificação cujo ponto culmina no Alto de Abezul, e do lado norte pela serra de Ferreirós, a immensa encosta, que, muito accidentada, vae, qual avental, adquirindo maior largura á medida que desce, começou, desde os prenuncios da alvorada, a dar signaes de quanto ali abundava a vida.

N'essa quasi tapada que fórma a natureza, viam-se nos aceiros do matto, ora choças de folhagem já feitas ou ainda em construcção; ora simples ramadas abertas pelos lados, em que se abrigavam homens, mulheres e creanças; ora grupos de gente no chão ao relento, ou sob os tectos que lhes offerecera alguma projecção de rochedos ou outro accidente do solo. Essas chusmas, porém, iam-se a pouco e pouco desentorpecendo, e já muitos vultos humanos se en-

xergavam no seu andar desinquieto de um para outro lado.

Quer no meio da multidão, quer pelas orlas d'essa cerca emparedada de montanhas, onde a serra se fazia mais agra, avistava-se gado de todas as especies, já repousando no chão humido, já pastando nos silvados, já dessedentando-se nos arroyos crystallinos e frigidissimos que corriam em todos os sentidos, então como hoje.

Ia grande desordem em redor d'essas moradas improvisadas, ou nas suas immediações, devida aos objectos de que a terra era juncada, quer espalhados, quer amontoados em cumulos, objectos de todo o genero de uso caseiro ou de lavoura; e n'essa confusão destacava-se aqui e acolá algum carro, em cima ou debaixo do qual se agasalhavam os que não tinham achado melhor pousada. A deusa Ate percorrera na vespera com vôo sinistro, os valles do condado, e aqui se via parte do espolio das herdades saqueadas.

Em summa, no espaço de um dia para outro, a solidão se tinha transformado n'um acampamento, para não dizer n'um povoado.

A essa hora, no Seixo da Cruz, e na especie de aterro do seu extremo inferior, que dominava a baixa como o castello de proa de um navio, tendo por base o alcantil do Susfurado, achava-se o chefe da insurrecção; ao passo que Gonzarri se vinha chegando para elle pelo lado do paredão de rochedos.

D'esse ponto, a vista abrangia todo o acampamento em cima, e um grande espaço das ladeiras subjacentes. Uns cômoros cobertos de arvoredo, correndo da serra de Ferreirós a mais de meia largura atravez das faldas do Passaro, estreitavam a passagem, formando ali garganta, e tolhiam a vista, deixando porém a descuberto a summidade da torre d'atalaya do castro.

Na baixa do Seixo tinha-se formado uma aldeola de choupanas no genero das acima descriptas, algumas já construidas, outras bastante adiantadas, ou apenas em começo; ao passo que o chão de permeio se tornára deposito tambem de uma parte do despojo das propriedades roubadas. D'entre as cabanas de todo concluidas, uma dava mais na

vista pelas suas maiores dimensões, e por se achar afastada das outras. O meio do recinto apresentava-se aberto e desembaraçado em todo o seu comprimento, em testemunho de respeito, talvez, ao tumulo de Sempronio, que ali estava só e á parte como menhyr derribado posto no centro de um cromlech.

Pela parte de fóra, á margem da ribanceira, e de fronte do alcantil, estavam agglomerados cerca de duzentos rebeldes.

«O sol a dar com a cabeça no Pico, e esses gallos ainda no poleiro!—disse Octavio com impaciencia, á chegada do co-servo de S. Miguel.

«Não me deves lançar a culpa; eram trevas de coruja quando comecei o gyro. Ahi vem vindo, todavia — respondeu Gonzarri, apontando para alguns grupos, que, convergindo de diversas partes da serra, baixavam para o Seixo; e accrescentou: — A canceira de hontem foi de não poderem mais, e o somno se lhes apegou como sanguesuga em perna inchada.»

«Não lhes prometti nada, e menos o faria agora. Mas se no castro não quebramos o jejum, a culpa será de Alvito, que terá castigo de mão pesada, prometto eu. Quem lhe mandou tentar o assalto hontem á prima noute com tão pouca gente? Foi cacarejo antes de tempo; e talvez faça gorar o ovo. Ficassem de espreita, já que tu para isso os collocaste ali. . .»

«Andei mal, já m'o disseste, cid; não voltes com isso — disse Gonzarri de máo humor.

«Na espessura da matta, homem, terias acertado. Que lembrança, cercar o castro, e á vista, como abutres em roda de açougue! Boa lição, para te não metteres em cousas que me pertencem.»

«Porque bradas tu commigo? Porque me tomaste por ajudador? — replicou o outro com acrimonia, reprimindo a custo a colera que começava a arder.

«Nada se me fundia que fosse outro. Se o gado é ruim, será boa a melhor cabeça? E, em summa, tu foste o primeiro que me entendeste, e me déste a mão. Para braço direito precisava homem de confiança, e em ninguem a tinha mais inteira. Não tomes o mú, amigo! A força do rio

vem-lhe de aguas estranhas, e não da fonte; só esta, porém, sabe porque lado faz corrente... Vamos nós a outra cousa. Por Vimara e Zoleima veiu-me agora noticia de que Sigulfo Gundesindes e a sua turma estavam prestes a abalar em caminho de volta. Quero ir cortar-lhes o passo em Formegueiros, depois que seja nosso o castro. Estão promptas as escadas?»

O tom d'este discurso, que de brusco se fizera amigavel, teve o effeito de acalmar a irritação de Gonzarri.

«Ali as iremos buscar—respondeu elle indicando a matta dos cômoros; — são compridas e fortes, e vem vindo braços de usso para as segurar, pés de gineta para as trepar, e tens aqui um peito de leão para abrir caminho.»

«Gosto de ouvir isso, Gonzarri. Assim, pelo menos, se já não póde ser um subir de passaros, e logo um bater de azas sobre o muro, será... Mas não ouves o ruido que vem lá de baixo?»

«Que novidade é esta? Não póde ser que Alvito se lembrasse...»

«Guarde-o Deus d'isso! — exclamou Octavio com voz de trovão, e um gesto de imperiosa arrogancia que fez recuar o companheiro, communicando ao aspecto do caudilho um ar de feroz energia, para não dizer de agreste magestade. — Ha de saber quanto posso, e servirá de terrivel escarmento se a empreza se perder... Aqui os temos, alfim! Vamos! — accrescentou moderando-se de repente, ao passo que chegava o primeiro dos corpos que vinham do acampamento, indo reunir-se aos que já ali estavam.

Não tardaram os restantes; e em pouco tempo a força subia a um total de mais de setecentos homens, que, com Octavio e Gonzarri na frente, se pozeram em marcha a passo accelerado.

Á vozaria, que a pouco e pouco se tornára mais distincta, subindo da garganta de Folgoso, veiu misturar-se o som das armas. Não havia já que duvidar do que significava.

Antes que Octavio e os seus chegassem aos cômoros, appareceram alguns fugitivos subindo a ribanceira, que ficava á esquerda, seguidos logo de outros cujo numero ia crescendo.

Informaram Octavio da chegada dos cavalleiros, e do resultado do combate que se lhe seguiu.

«Não os esperava tão cedo—disse o caudilho dos servos sem se agastar;—nem sabia de ninho aqui perto que os abrigasse. De Lugo não vieram, pois não são aguias, nem sabem andar pelos ares. Mas, que me dá a mim d'isso? É deixal-os com o castro!»

«Se te não dava d'isso, era dizel-o logo!—bradou Alvito, que acabára de chegar, e não cabia em si de raiva.—Se tivesses acudido mais cedo, o negocio sahia outro. Fiz quanto pude.»

«Fizeste demais, hontem—respondeu Octavio.—Tiveste ordem de Gonzarri para não assaltar o castro, e só para estar d'espreita. Era obedecer, como se fôra mandado meu.»

«Tres figas para o teu mandado!—gritou o outro, accommodando a acção ás palavras.—Assim que em tudo havemos de ir atraz de um chocalho! Estás inchado qual cabeça de serpe tomada de sanha. A tua soberba já não soffre que te tirem um pello do manto; e fazes de conde da terra. Perdeste o castro! Ainda virás com promessas de sobreposse?»

Em quanto fallava Alvito, levantou-se um murmurio por entre alguns dos circumstantes.

«Approvaes?—exclamou o caudilho seccamente, dirigindo-se-lhes.

«Quem promette, deve—respondeu uma voz.

«Pois prometti-vos eu o castro?»

«Isso não—replicaram diversos.

«Mas prenhes te vinham as palavras—objectou alguem.

«Com quantas promessas sahi a campo?»

«Duas—respondeu-se em côro.»

«A uma—proseguiu Octavio,—que a terra hontem estaria em pé, dês aqui até serra de Lózara; dês Penha Redonda até o Cuperio. Cumpriu-se?»

«Á risca!»

«E asinha!»

«Foi temporal desfeito.»

«Que levou tudo de coalho.»

«Foi nuvem branca que nem as aves sentiram. Huhá!»

Estas, e outras taes respostas sahiram da turba.

«A outra—continuou Octavio—que até lua cheia estará a serra defendida contra todos, viesse o mesmo Mauregato, como veiu Aurelio em tempo de Sempronio. Faltam duas noutes para o prazo; até 'li deveis acostar-vos a mim. Foi o concerto. Digo bem?»

«Dizes bem.»

«Temos fiusa em ti.»

«Não ha para que puxar-lhe pela palavra.»

Taes foram, com outros, os protestos que se ouviram.

«Não vos prometti captivo o conde Froya. Mas aqui o temos posto entre a terra e os nossos calcanhares. Se d'elle, como arrefens, nos não aproveitarmos, o coração podemos-lh'o arrancar a todo o tempo. Para chegar ao cume da serra, amigos e filhos meus, ha caminhos d'abastança. Na volta á cova, a raposa não segue nunca a mesma senda; e eu, se topo barrancos, desvio-me; mas ando para diante. Escapasse Froya Gutheres á pinguela que lhe armei, ter-me-hia feito em outra volta; mas iamos para diante. Isso mesmo vos digo hoje com respeito ao castro. Se este atalho se nos fechou, não me faltam outros por onde guiar-vos, se me quereis seguir.»

«Sigamos!»

«Ávante!»

«Deus está comtigo.»

«E a quem Deus quer bem, o vento apanha a lenha.»

«Mas a uma só ave segue o bando que vôa com os bicos em nova moradia. Não vos dou trella, e não peço nem quero que m'a deis—disse o caudilho.

«Atrellados vamos de boamente.»

«Mandar não quer par.»

«Onde muitos fallam poucos obram.»

«Manda o que houveres por teu barato.»

A principio manifestára-se alguma hesitação por parte da chusma. Depois as acclamações se foram tornando mais geraes. Agora rompiam os ares vindo de todos os lados.

«Pois, para começar, prendei-me esse homem—disse o ex-moleiro, indicando Alvito.

Este abalou a fugir.

«Cuidado, Octavio, com as tuas violencias e oppressões! Na voz de Alvito te fallaram muitos.»

Estas palavras de Gonzarri foram ditas á parte; mas ouvidas d'aquelles que estavam mais perto.

«Não te chamei a par de mim para me dares ensino — respondeu o chefe asperamente.

«Não é ensino, é conselho.»

«Pois, amigo, guarda o conselho para quando t'o pedir.»

«Estás deveras mui concho. Dizem que o mesmo rei se não escusa de conselho.»

«Faça o rei muito embora o que bem lhe parecer; conselho só o quero pedido. Nem mais palavra!»

O outro calou-se; mas denunciava-se-lhe no rosto afogueado, o despeito que sentia no intimo.

Lembremos de passagem que os rebeldes formavam um aggregado de elementos heterogeneos, em que havia só de commum a condição servil, e no qual a rivalidade e divergencia de sentimentos haviam por força de surgir. Em Octavio, Alvito e Gonzarri viam-se tres typos diversos. O primeiro era da raça romana, da goda o segundo, sendo o terceiro godo-arabe. O que, porém, predominava na turba era o sangue romano; o godo, o celtico, o arabe, em diversos gráos de mistura, denunciava-se ali em menor escala, mórmente o ultimo. Dominar uma massa de gente tão desconforme pela origem e pelo genio, não seria facil. Octavio, a seu modo, procurava dar conta da tarefa; e um dos pontos cardiaes do que se poderia chamar a sua politica, era que todos os grupos em que se decompunha esse ajuntamento complexo, fossem representados, não uma mas muitas vezes, pelos cabos de que se cercára, desde a primeira hora da sublevação. Mas se acertava n'este ponto, o ex-moleiro, por outro, solapava os alicerces do proprio edificio, pelo seu desabrimento e demasiada isenção, arriscando alheiar e afugentar a sympathia de amigos, e vêr-se só no pinaculo do poder, alentado apenas do ciume e da propria sufficiencia. É a cegueira que muitas vezes accommette os abortos do genio, feitos homens de fortuna.

No entretanto Alvito era conduzido preso á presença do chefe, que, tendo assim restabelecido o seu prestigio, que estivera um momento em risco de diminuição, passou a fazer uma falla. Disse que, havendo agora defensores no cas-

tro, não seria opportuno investil-o. Mas que essa força não bastava para os inquietar; ao passo que viriam chegando novos companheiros em proveito da insurreição. No emtanto convidou-os a que tomassem alguma refeição, para logo começarem as obras de defensa.

Com isso partiram serra acima.

Octavio e aquelles que o iam acompanhando mais de perto, emparelhavam já com o Susfurado, quando uma voz se fez ouvir annunciando a prisão de um cavalleiro. De feito, seguia atraz um troço de rebeldes do partido de Alvito, conduzindo um captivo, cuja qualidade se conhecia logo pelo seu trajo guerreiro.

«É adubio que nos envia Nosso Senhor, capaz de dar colheita em panascal ou terra calva — disse o ex-moleiro com um sorriso satisfeito.

«Mão cheia em vessada, pouco rende ou nada. Cid Sempronio se não dará por pago de medida tão mal atestada — respondeu Gonzarri com desdem.

«Aquelle é tambem fruto colhido; e as primicias são resgate que se não estimam a peso, nem se medem a braço curvado. Sempronio não o enjeitará.»

Replicando assim, o caudilho atravessou a ribanceira, e foi assentar-se sobre um dos carros que havia junto ao paredão de rochedos. Por cima d'este, bem como pela beira do Seixo até o aterro do Susfurado, e sobre este, viam-se mulheres, creanças e alguns velhos, attrahidos ao parecer por mera curiosidade.

Passou-se um quarto de hora, ou mais.

Apenas appareceu o prisioneiro, no meio d'aquelles que o escoltavam, manifestou-se uma commoção no semblante de Octavio.

«O amigo de Vimaredo! — exclamou elle, em quanto o guerreiro transpunha a ribanceira.

«O cavalleiro de Sámanos! — bradou Caio com admiração.

«Vejo que me reconheces — disse Guesto; — e já sei, por m'o terem dito, que fallo com o capitão.»

«Nos dias que passaste em S. Miguel, e vão poucos dês então, está bem de ver que a tua nobreza não tinha olhos para perceber um verme que rastejava. Mas o verme le-

vanta hoje a cabeça, e já se não deixa pisar. Sou grosso para caber entre a terra e o pé de ninguem!»

«Estás enganado; bem reconheço em ti o aloucado de Subrego — respondeu Guesto.

«Vejo que não estás ferido, e isso me alegra — observou Octavio.

«Não estou ferido; e se me tens aqui, é só porque, tropeçando o meu cavallo, me arrastou na sua queda ao fundo de um corrêgo.»

«Dava eu a minha mão esquerda se no nosso poder tivesse cahido outro que tu. O teu olhar, se não acarinha, tambem não chama o odio, como na mór parte dos teus — continuou Octavio.

«Este cavalleiro foi meu valedor — disse um romano-celta, que n'este momento se aproximára; era cabo de uma das divisões do grande corpo de rebeldes com que Octavio projectára assaltar o castro. Accrescentou, dirigindo-se a Guesto. — Não te lembras de Avolino, sua mulher e filhos?»

«Avolino? Ah! és tu?»

«O porcariço de Subrego — continuou aquelle, — cuja casa ardeu, vão já tres mezes, da primeira vez que vieste ao convento. Morreram quinze cabeças do alfeire, e por amor de ti perdoou-m'as a abbadessa; e tu me déste, sobr'isso, por amor de Deus, dez soldos de prata kazimos, com que recompuz a casa, sobejando-me algo. Viu-se jámais esmola como esta em Riba-Lor!... Capitão, isto não póde ser; deve-se-lhe perdão.»

«É perdoal-o! deixal-o ir em boa hora! — exclamou Caio.

«Prouvera a Deus que fosse outro que elle! — respondeu Octavio, que nem por isso se mostrava contente d'essas intercessões, inspiradas pela gratidão. Ia continuar quando o trovador o interrompeu.

«Não sei — disse este — em que pena incorri, amigos, nem do que me haveis de perdoar, a não ser que todos os homens de minha condição tem a culpa de merecerem o vosso odio.»

«Se fôra só isso, cavalleiro, estarias livre, deixar-te-hiamos em paz. Mas por Deus foste entregue; elegeu-te Elle

para expiares os crimes dos teus. Não ha ir contra a Sua vontade; se até do proprio Filho seu não teve dó, para que na cruz remisse a impiedade dos homens.»

«Pelo que vejo, sou condemnado á morte. Era de prever. Mas não deveis imaginar que se. malpeccado, Deus, na sua insondavel sabedoria, me abandonar á minha sorte, seja porque vós outros estejais obedecendo menos ás suggestões do demonio.»

«Por amor de Leodaka, peço que se lhe perdoe a vida — disse Caio, insistindo.

«Era capaz de dar por elle um de meus filhos! Mas isto não nos arma — bradou Avolino, ao passo que alguns signaes de assentimento se fizeram ouvir de um e outro lado; partiam de poucos.

«Não vos levanteis contra o que vós mesmos determinastes — disse Octavio n'uma voz que dominou essas manifestações; — nem percamos o nosso tempo, que é pouco para o muito que temos que fazer para fechar a serra á cavallaria; pois n'esta jaz o nosso perigo. E antes que a sombra vire de bordo, havemos, alguns d'entre nós, de partir para Formegueiros. Mas antes d'isso o nosso juramento deve cumprir-se; por muito que nos custe ver morrer este cavalleiro. A cabeça está acima do coração, e compete-lhe dominal-o.»

«O cid tem razão—protestou Gonzarri;—não podemos romper o juramento, senão Deus se tornaria a nós por ende.»

As palavras do chefe apoiadas pelo seu tenente não só acabaram com a fraca opposição que se levantára; mas foram segundadas por um coro de gritos dando morras! ao pobre Guesto.

«E agora, cavalleiro — proseguiu Octavio, — se tens algo a encommendar, prometto dar cumprimento ao teu desejo se couber em mim; e seja em signal do muito que me peza aquillo a que somos obrigados.»

«Um juramento prestado em taes condições — respondeu o prisioneiro, — um compromisso d'essa ordem, embora seja tomado perante Deus, não liga a consciencia; porque o impulso foi pravidade ou superstição, e Deus, em vez de exigir o seu cumprimento, o hade reprovar, como reprova sempre quanto infrinja as suas leis de amor e caridade...»

«Adeus! — disse o chefe com um movimento brusco, apeando-se do carro em que estava sentado. — Não temos tempo para ouvir-te o sermão, e tu perdes o teu se julgas poder demover-nos do que está resolvido. Se queres aproveitar a minha offerta, dize; senão...»

«Pois bem, vive com as tuas illusões; acceito a tua offerta — respondeu o mancebo com dignidade. — Quando me vires cadaver, corta uma madeixa dos meus cabellos, e manda-a entregar no castro á filha de Froya Gutheres, pedindo-lhe que a acceite como ultima lembrança de Guesto Ansures; e peço mais a vós todos, no caso que a filha do conde Froya cahisse no vosso poder que lhe não façais mal...»

O discurso, ou testamento verbal do guerreiro-poeta foi interrompido pelos clamores das mulheres que se tinham agglomerado por cima dos rochedos.

«Ah, quem faria mal a esse anjo!—disse uma.

«Elle tem-lhe amor, coitado!»

«Bem se vê que é grande seu perdido.»

«Como é guapo e escorreito!»

«Como dorme sobre a queda!»

«É consciencia matar homem tão bem cepilhado!»

«Com a nova Ermesinda se hade finar!»

«Vejo-a de joelhos a pedir pelo cavalleiro!»

«Não morra! Que viva! Perdoa lhe! Pedimos-te a vida do cavalleiro.»

Estas e outras exclamações, cruzando-se em rapida successão, se converteram n'um coro de vozes femininas que já se não distinguiam.

«Silencio, mulheres!—bradou o ex-moleiro—Pela alma de Sempronio, o juramento se não hade quebrar! Seria pôr Deus contra nós.»

«Livre-nos d'isso o mesmo Deus!—disse Gonzarri.—O sangue tem por força de regar o tumulo do antigo cid.»

«Morra o cavalleiro! Morra! morra!—clamaram em coro estrondoso as vozes de muitos homens.

«Ávante, pois! Ávante!—bradou Octavio com gesto imperativo.

O trovador foi conduzido á roda do paredão, e d'ali para baixo no interior do Seixo, seguido do chefe, de seus ca-

bos e de muitos outros, ao passo que a chusma da gente se collocou como pôde, pelas beiras do sitio em toda a sua volta, para assistir á scena que se ia passar.

Chegado ao tumulo, Guesto ajoelhou-se um instante perante a cruz, orando em voz sumida no meio de um silencio solemne.

«Fazei de mim agora o que vos parecer—disse, ao levantar-se;—n'este meu Calvario direi com Nosso Senhor: Pae, perdoa-lhes.»

A um signal de Octavio, fizeram-n'o tomar uma posição em pé sobre a lage da sepultura, tirando-lhe o laudel e deixando a descuberto a camisa de lan que lhe cobria o tronco.

«Que o golpe seja certeiro, direito ao coração!—disse o caudilho dos servos, a um dos circumstantes que chamára para si.

O homem, levando na mão um dardo iberico que tinha quatro palmos e meio de comprido, foi collocar-se a uma duzia de passos em frente do filho de Ansur, que, como resignado á sua sorte, se mantinha immovel e, ao parecer, livre de commoção, o que se não podia dizer de alguns dos espectadores, em cujos animos iam produzindo um extraordinario abalo a tranquillidade serena e a nobreza de porte da victima.

O braço do algoz levantava-se já para vibrar a arma destinada a satisfazer antes a superstição do que a vingança dos servos rebeldes, quando um grito de magoa e de terror, agudo e penetrante, suspendeu a attenção de todos; e, abrindo caminho pela multidão com a rapidez do esquife ligeiro cortando as mesmas aguas que o impellem, atirou-se uma mulher a Guesto com impeto, abrigando-lhe o corpo com o seu, e como que antecipando o acto que em tempos mais modernos, deu fama á joven india Pocahontas.

«Teu damnado proposito não se hade cumprir!—bradou ella, dirigindo-se a Octavio.

«Arreda-te, Leodaka! Deixa fazer a vontade de Deus.»

«Do Demonio, queres dizer. Ha muito que lh'a fazemos; d'esta vez não será!»

«A promessa fez-se a Deus; só póde remir-se com o sangue do nosso primeiro captivo.»

«Blasphemas do bom Deus, que não quer sacrificios de sangue. Só os pede o pae da mentira, que assim nos arrasta ao fogo eterno em que arde com os anjos malditos.»

Um murmurio percorreu a turba, como subita ondulação em mar morto, sob a primeira rajada.

«Não soias fallar assim, Leodaka, quando na calada da noute animavas os fracos e chorosos. Que pretendes? Se queres n'um dia desfazer a obra de muitos, em que tiveste tão grande parte; se queres com espantalho afugentar as aves que com tanto afan conseguimos colligir em bando; se queres que vamos beijar a terra ante os pés dos homens de cabello comprido; se queres que elles nos tornem a deitar as bragas, e atassalhar-nos as costas com o azorrague; se queres que o nosso sangue corra em logar do sangue d'esse cavalleiro... então sim, vem ensinar a nossos irmãos, hoje livres, a perder a fé n'aquelle que tomaram por capitão.»

«Não quero nada d'isso, Octavio; só peço que se não degolle um innocente. Se este crime se commetter, o dia que se nos levanta agora tão cheio de esperança, acabará em noute de lamentos sem fim.»

«Solemne juramento prestámos sobre a cruz que ahi está, de offerecer aos manes de nosso antigo capitão quantos captivos de cabello comprido nos deparasse o primeiro combate, fosse um só, fossem cem, fossem mil. Coube vir-nos esse, que diz chamar-se Guesto Ansures; e se cada um de muitos fôra já parcella de uma divida, perdoar esse é riscar a divida toda, e ludibriar aquelle a quem devemos tudo abaixo de Deus. O espirito de Sempronio está comnosco; para que se não retire, retira-te tu, mulher!»

«Pois já que não ha mudar-te da teima e abusão em que te firma o anjo máo — respondeu a joven, collocando-se bem diante do prisioneiro, — manda disparar sobre nós, e o mesmo golpe nos matará a ambos.»

«Isto não quero eu — disse Guesto, procurando com gesto brando afastal-a de si.

«Não me hãode de matar a filha! ou guai de quem o fizer! E guai d'aquelle que o mandar! — bradou Caio, pondo-se ao lado d'ella.

«Faça-se a vontade a Leodaka! — disse Gonzarri. — O

que ella dá por mal deve de ser mal. Vê melhor e mais longe que nós outros. Dêmos passada ao homem! Não hade morrer, digo-o eu!»

«E quem és tu que me vens aqui com esses ares de mando? — disse Octavio desdenhosamente.

«E que serias tu hoje, se não fosse a filha de Selima? Isso, sem dizer o que me deves, a mim — retorquiu o outro, enfadado, e com provocação.

«O que seria? — replicou o ex-moleiro. — Seria aranha, que trazendo no seio as achegas da propria casa, estaria ainda á procura de onde suspender as têas. E vós todos, em vez de livres e folgazões, estarieis hoje dormentes e estupidos como os cães que vivem presos; tristes e mofinos como os sapos da terra. Que me dá a mim de quem vos abriu os olhos? Agradeçam-lhe aquelles que d'ahi tiraram seu proveito. Eu, e só eu, sou pae da vossa liberdade. Com tempo e trabalho dei-lhe a fórma; minha é a cria.»

«Falla verdade! — exclamaram diversos homens.

«A cria é ainda muito nova — observou alguem.

«Cuidado, que não morra! — accrescentou outro.

«Só o pae tem arte para nol-a defender, e fazer que tome carnes — suggeriu um terceiro.

«Pois se esta cria pede mão mais habil, que venha tomar conta d'ella! — disse o caudilho com simulado desprendimento. — Homens livres! tanto amor tenho a esta menina dos meus olhos que, se for preciso para salval-a, de boa mente andarei no couce de vós todos. Tomae tento, todavia, pois se quereis que medre de cabo a rabo, e sem abalos, deveis vós todos fazer de irmãos d'ella, e ainda como os cachorros da ussa, que não soem nunca revoltar-se contra a mãe, em que os castigue e lhes dê com a mão na cara. Ora sus! determinae por uma vez, de quem quereis ser filhos, de mim, que haveis já reconhecido, ou de Gonzarri que parece apostado a não andar commigo?»

A estas palavras, ditas em voz tão rija que se ouviam ao longe, surgiram de todos os lados protestos contra semelhante mudança, e acclamações em prol de Octavio.

«Ouviste, Gonzarri? — disse elle socegadamente, mas com sorriso ironico. — Ficarás, pois, sabendo que a tua vontade é como a vergontea, devendo dobrar ao primeiro

toque da minha; a tua vontade não tem mais força que a d'essas mulheres e creanças, salvo em minha ausencia. Que isso te baste, e já não é pouco. Tomei-te para ajudar-me; não para me cruzares o rosto. Assim como te puz acima dos demais, posso abaixar-te até os ultimos.»

O homem afastou-se em silencio; mas o sangue do deserto que lhe corria nas veias, não soffria sem motim a lição que recebera, aliás sem causa sufficiente, e de excessiva severidade. O despeito e a inveja de outr'ora, se convertiam já em odio.

No entretanto Octavio dirigia-se á joven, dizendo:

«Bem sabes que não tenho sêde de sangue, nem obedeço ao demonio da vingança... que o digam os irmãos de S. Miguel! Bem sabes, sabem todos, o preço que dou aos teus conselhos, quando n'elles falla o juizo allumiado pelos poderes beneficos que te acceitaram como medianeira nossa. Mas hoje aconselhas um sacrilegio, a quebra de um juramento! O que te move a isso não é o juizo; é o teu coração.»

«É um e outro — respondeu Leodaka, a quem não escapára o que quer que fosse de ciumento no olhar que seu admirador lançava ao preso.— O juizo sem coração desacerta não menos que o coração a que falta o juizo. A aza do falcão seria mal servida das pennas reaes sem as cuberteiras.»

«Tomarias á tua conta e risco o rompimento a que nos incitas?»

«Cáhia sobre mim todo o damno que d'ahi provier, e sobre mais ninguem! — respondeu ella, unindo as mãos e levantando os olhos para o céo.

«Bem. Mas não se hade resolver assim de prompto. Qual de nós dous tem razão, eis a duvida. Vamos sujeital-a a uma prova, e fazer um pacto. Esse que proteges ficará por ora sob boa guarda. Se tivermos vencimento de Sigulfo Gundesindes em Formegueiros, será tambem victoria para ti, e o cavalleiro irá para onde bem quizer. Mas se formos desbaratados, ou se, falsando a costella, o passaro que vamos a caçar, chegasse ao castro, este que já apanhamos, hade logo, logo perecer. Estás por isso, Leodaka?»

Vacillou um instante, fugindo-lhe as côres do rosto; mas recobrando o animo, respondeu abruptamente:

«Estou por isso! Acceito o convenio.»

Estas palavras foram acolhidas por estrepitosos applausos dados pelas mulheres, aos quaes só uma parte do auditorio masculino se associou.

«Caio, — disse então o chefe dos rebeldes — leva o prisioneiro para a cova do Alto, e deixa-o lá entregue ao desnoivado.»

XVII

O ALTO DE FOLGOSO

E aquelle conde... matou-o.
CONDE D. PEDRO, *Nobiliario.*

Escoltado por Caio e alguns guardas, Guesto Ansures, que ia algemado, poz-se em marcha para a summidade da montanha, levando isto cerca de uma hora. A ultima parte da encosta era tão ingreme e de piso tão difficil, por causa do matto espesso e rijo, que obrigou os caminhantes a descançar mais de uma vez para tomarem folego.

O cume consta de tres picos, divididos por duas depressões de pouco fundo. A differença na elevação dos tres é quasi imperceptivel, levando porém alguma vantagem o do meio, propriamente o Pico Passaro, chamando-se o do sul Alto de Folgoso.

Attingindo o pico do meio, demorou-se Guesto um instante para contemplar a vista, que era imponente de magestade, de uma magnificencia silvestre, mas sublime. Abrangia todo o circulo do horizonte na distancia de muitas legoas; penetrava até o fundo dos valles em redor, onde as choupanas pareciam grandes como nozes, e os animaes no pasto lembravam moscas ora immoveis, ora des-

lisando-se n'uma mesa. Raros exemplos d'estes, comtudo, se apresentavam agora; porque toda a vida dos sitios circumvisinhos, outr'ora povoados, parecia hoje concentrada no acampamento que cobria boa parte da immensa ladeira ao poente.

Notou Guesto que as ilhargas da montanha pelo sul, nascente e norte eram, a bem dizer, inaccessiveis, attenta a sua fórma quasi aprumada, a não ser pela aberta onde começa a serra de Ferreirós. Aqui, defeito, pouco abaixo das cumiadas, offerece-se uma sahida para os valles e passos que seguem, de uma parte, na direcção N. E. até o Capeloso e o Cuperio; e da outra, atravez das gargantas do Formegueiros, por uma serie de quebradas e vertentes transitaveis, que, correndo S. E. pela serrania dos Cavallos, conduzem ao fertilissimo torrão de Valdeorras nas ribeiras do Sil.

Além das profundezas que desenhavam o sopé da montanha, seguia-se um não acabar de serranias que, empolando, se erguiam umas após as outras, ou se cruzavam por todos os angulos qual mar de levadia. O castro estava a descuberto; e lá por dentro appareciam vultos andando em diversos sentidos, como no palco de um theatrinho de papelão.

Do Pico Passaro encaminharam Guesto pela baixa ou depressão que separava aquelle do Alto de Folgoso, onde, sotoposto, a uma duzia de passos, havia um grande penedo chato, junto do qual se achavam Savarigo e alguns companheiros. Uma parede de troncos e ramagem tapava a frente do penedo; e foi por uma aberta na mesma, que fizeram passar o prisioneiro.

A transição repentina da claridade do dia para uma semi-escuridão, offuscou o durante os primeiros momentos; e antes que recuperasse a vista, foi o seu ouvido saudado por uma voz que vinha de perto.

«Um cavall iro!—exclamou esta.—E preso. Não vem pois para me tirar do fastio em que me estillo; senão para fazer-me companhia n'esta solidão. Ao menos isso!»

«Será quiçá por pouco tempo — respondeu o mancebo.

«Quem sois?»

«Um condemnado á...»

«Que vejo! O filho de Ansur!»

O trovador, que ia gradualmente distinguindo o que o rodeava, conhecendo estar n'uma cova ou antro de pequenas dimensões, cujo tecto era o proprio penedo, ao passo que as paredes internas eram de rocha e em parte de terra, viu deitado sobre uma pelle de urso, um homem com os pulsos atados, e preso acima do tornozelo por uma corda cujo extremo estava seguro por fóra do antro. Reconheceu o pae de Ermesinda.

«Louvado seja Deus! que não morrestes, como nos fizeram crer, conde Froya Gutheres.»

«E pelas tripas de Satanaz! que vos importa?»

Perante um acolhimento tão brutal, como inesperado, attentas as circumstancias, Guesto não replicou logo.

«Em paga d'esse desquerer eu só vos quero bem, conde — disse elle afinal assentando-se no chão, contra a parede fronteira, o que o deixava ainda perto do outro. — Ansur foi competidor vosso na curia e no valimento de Aurelio; mas elle já morreu, sem que, com a herança nos proprios, me deixasse o encargo de perpetuar o rancor que existia entre vós ambos. Que tendes pois contra o filho de quem já não póde fazer-vos sombra?»

«Aborrecemos tambem o que desperta e aviva a lembrança de odio velho.»

«Isso é antojo de malquerer! Não é tempo de nos pôrmos em pontos um com o outro, Froya Gutheres. Ignoro se estaes em risco imminente; mas a minha vida depende do resultado do encontro que se espera com um tal Sigulfo...»

«Que novas ha d'elle?»

«Vem, não sei de onde; os servos o aguardam na sua passagem por Formegueiros, segundo pude perceber.»

«Já percebo eu; e talvez morramos juntos, ou um após outro como dous carneiros no açougue. A guarda lá fóra tem ordem de me degollar tanto que a serra fôr invadida.»

«Somos pois parceiros no mesmo perigo. Parece ser vontade de Deus que haja entre nós paz e amizade.»

«Amizade! Amizade com quem anda tão apegado a Affonso? Só se aprouver a Nosso Senhor fazer um grande milagre.»

«Confio em que o milagre se fará; isso quando conhecerdes melhor o nosso Affonso.»

«Adeus! Mais perto de nós ambos está o Dia de Juizo! —respondeu o conde com uma gargalhada.

«Não sabeis talvez que o filho do rei Froila aproveitou as lições de seu primo Bermudo, tão lido nos livros como conhecedor dos homens.»

«Sei que estiveram juntos algum tempo.»

«Calaram no peito de Affonso duas verdades que hoje são n'elle tão inabalaveis quanto o são os artigos da Fé. A primeira foi que em paiz como o nosso, tornado em couto de homens que, por isentos e altivos, se recusaram a soffrer o jugo dos filhos de Agar, o escolhido d'elles não póde impôr-se em tyranno, sem arriscar a vida. Sabe elle que com manto e corôa, lhe damos a espada para dominar na guerra e subjugar o inimigo; não para a empunhar como sceptro ao modo de Roderico, opprimindo-nos a seu talante. Sabe que seria chamar sobre si a sorte de seu pae, se lhe seguisse as pisadas...»

«Pela alma do grande Affonso! se eu tivesse certeza do que dizeis, odiaria menos o neto a quem puzeram o mesmo nome.»

«Podeis acredital-o, por quantas vezes m'o tem affirmado Bermudo. Creio que não sois dos mais avessos ao diacono?»

«Tanto não sou que lhe dei meu voto por morte de Aurelio; d'elle me afastei, todavia, quando se acostou ao primo. Mas mentir, d'isso não o creio capaz.»

«Não conheço quem seja mais homem da sua palavra. Resta-me dizer-vos agora a outra lição que elle ensinou a seu alumno. Foi esta: que o sentimento da vingança deve mondar-se do coração de um soberano, seguindo n'isto a doutrina do Evangelho, e não os preceitos da Antiga Lei; pois que, com quanto seja tolerado no commum dos homens, approvado com louvor por alguns, e até authorisado o acto pelos costumes e pelos edictos, daria azo a revoltas, e ás vezes á ruina da causa publica, se fosse exercido pelo Principe, cuja prerogativa mais sublimada, abaixo da clemencia, é dispensar a justiça no tribunal. Affonso renunciou á vindicta; nem quer ser juiz na propria causa. D'elle, não têem os sete condes porque temerem-se...»

«Temerem-se!—exclamou o magnate com altivez.—Quem ousa dizer que elles temem coima ou morte pelo castigo que tomaram de Froila por causa do seu crime e das suas tyrannias? Nunca se homiziaram.»

«Bem o sei; e para participarem todos igualmente no louvor e na gloria d'esse acto, comprometteram-se debaixo de juramento a guardar segredo sobre quem...»

«Ah! E como sabeis vós isso?—bradou o procere, levantando-se a meio.

«Foi ajustado—disse Guesto sem responder, e com uma lentidão intencional—que, dos sete condes, aquelle que da primeira vez se achasse a sós com el-rei, o devia apunhalar, e nunca descobrir aos outros conjurados, muito menos a qualquer estranho, que a sua mão commettera o feito.»

«Pelos ossos de S. Martinho, houve perjuro!... Mas d'onde vos veiu tal noticia?»

«Não ha para que o encubra. Foi do diacono Bermudo.»

«D'onde a teve elle?»

«Ignoro.»

«Como pôde Bermudo penetrar tão grande parte do nosso segredo?»

«Ignoro, conde.»

«Eu não creio, não posso crer que algum dos nossos rompesse tão solemne juramento.»

«Ignoro, conde Froya—disse Guesto com uma fleugma que contrastava vivamente com os modos bruscos e apaixonados do outro.—Ignoro, e nada mais sei, salvo que acharam o corpo na floresta ao pé de Cangas. Seria pois na montaria que houve no mesmo dia, que vós, conde Froya...»

«Eu!—vociferou o pae de Ermesinda consternado, inclinando o corpo para junto de seu interlocutor.—E foi Bermudo que vol-o disse?»

«Não disse.»

«Quem, pois, quem vos denunciou o que só eu... Não digo tal! Só um de nós... aquelle que deu o golpe...»

«Conde Froya, vós estaes illudido. Socegae; não ha por que vos agasteis—disse o trovador com serenidade, e sem se dar por achado.—Atalhastes-me a palavra quando ia a

dizer-vos que devia de ser n'aquella montaria que vós, *ou um dos outros conjurados* achou ensejo de matar el-rei. Mas qual foi, só Deus e elle o sabem.»

«Agora sim, que vamos juntos na veia—respondeu o conde, recompondo-se na pelle ursina.—Que fosse um de nós, não o temos negado jámais; e tenho por seguro que aquelle que acertou, se lh'o consentisse o juramento, se gabaria do feito como justo pela lei do talião, e glorioso pelo serviço prestado a todos.»

«O mais certo é que o genio aspero e feroz d'el-rei Froila, o fez duro de supportar. Bermudo mesmo o confessa; e o proprio filho reconhece que os grandes tinham motivos de queixume. Se este voltar a ser rei está compromettido com seu primo a accceitar o passado, esquecendo que foi filho, para só se lembrar de que é pae de nós todos. Filho sim, mas da Igreja; e apostado á guerra contra os inimigos da Cruz.»

«Esse vosso Affonso é losna que o meu paladar está quasi prestes a receber com o vinho do vosso discurso, cavalleiro. Se é como representaes, e deve crer-se que é, pois homem tão piedoso, e dizem tão casto, não hade ser dissimulado, sahiria elle um digno e grande rei, como seu avô que tão boa memoria deixou de si.»

«Mal sabeis quanto estimo ouvir isso de vós, Froya Gutheres.»

«Ora, vinde, Guesto Ansures; a terra é dura e fria. N'esta pelle ha logar para ambos. É macia e dá bom agasalho, sendo nova de ante-hontem. Isso!... Assim, homem! Estamos bem. Não o suspeitaes, talvez: sei onde Affonso deve de estar»,

«Deveras?»

«Estaes admirado. E vós sabeil o?»

Guesto não respondeu.

«Desconfiaes de mim. O meu peito é porém jazigo, quando quero; e esta lingoa, deixal-a-hia arrancar primeiro que fallasse o que não quero.»

«Não desconfio de vós, conde Froya; mas quebrar um segredo que não é meu...»

«N'isso tendes razão; mas já estou com algum cuidado sobre o vosso Affonso; pois que, seguindo o exemplo que

me daes, e sem quebrar com o devido, dir-vos-hei que o filho de Munia está em perigo, ou caminha para elle.»

«Não hajaes cuidado, conde — respondeu o mancebo com um sorriso; — eu vos posso certificar que Affonso escapou áquelles que o perseguem, e que chegou a porto seguro.»

«Ora, se é certo, acreditae que Froya Gutheres não está demasiado afflicto com isso... E não está!»

«Dir-vos-hei, pois, mais alguma cousa, conde. Affonso está no castro.»

«No castro! Em Castro Folgoso? — clamou o magnate no cumulo da admiração.

«Em Castro Folgoso, com amigos e algum sequito. Viemos acudir em proveito de vossa filha. Quem esteve em grande perigo, foi a senhora Ermesinda.»

.....

Caio tornou a apparecer meia hora antes de sol-posto.

«Deves acompanhar-me, Guesto Ansures — disse elle.

«Para onde?»

«Não tardarás um sabel-o.»

«Teu cid ou capitão já voltou de Formegueiros? — perguntou Froya, pondo-se em pé.

«Não posso responder-te, conde.»

«Quem venceu? vós outros ou meu tenente Sigulfo?»

«Isso te dirá a aguia quando voltar á querença, que não tarda — respondeu o ex-servo friamente. — O homem que governa aqui não perdoa a ninguem, nem á lingua que se desmanda.»

«Ha, ha, ha! — replicou o conde com risadas. — Assim que o truão de S. Miguel já não faz rir ninguem, heim? Mas a todos vos faz tremer a ponto que não ousaes taramelear, como fazieis em outro tempo. Deus vos deparou um grande thesouro, na verdade; avinde-vos lá com elle!»

«O jugo é duro, mas tem os dias contados; e com elle escapámos a outro que só na morte tinha fim.»

«É preciso confessar, conde—disse Guesto,—que os servos acertaram na escolha do chefe. O homem é arriscado; todos o temem, e elle sabe fazer-se obedecer. Isso vi eu.»

«E que dirias, cavalleiro — tornou Caio, — se tivesses assistido ao que se passou pouco depois da nossa sahida do Seixo da Cruz!»

«Que aconteceu?»

«Eu não vi; contaram-m'o. Um dos nossos, chamado Alvito...»

«Alvito? Meu servo? O da deganha em Ferreirós? — perguntou o conde.

«O mesmo. Tinha desgostado o capitão com a sua façanha da vespera, atacando o castro sem ordem. O negocio não teria ido além, mas esta madrugada, tomado de raiva, descantou, fazendo-se de gallo escontra Octavio, soltando palavras quaes pedradas, e as redeas á revolta. Foi o que acabou de o perder, para servir de escarmento aos outros. Encurralou-se um dos touros bravos que cá temos na serra, e atiraram lá dentro com Alvito, arripiando-se-lhe de medo o cabello na cabeça, como resteva em céspede. O touro, porém, nenhum mal lhe fez, e até lhe lambeu as mãos. Muitos clamaram a milagre, e que o soltassem. 'Se isso é obra de Deus, breve o veremos; e se fôr, será perdoado', bradou o capitão. Junto d'elle estava o seu rafeiro Alpe, que alguns dos nossos acreditam, ha dous dias para cá, ser o espirito de Sempronio, e a crença tomou grande corpo hoje. Pois, a um signal do amo, saltou as barreiras, lançando-se sobre o touro. Seguiu-se um combate, que pareciam dous demonios. Todos agora receiavam pelo cão; porque, ainda que fossem quatro, o partido seria fóra de razão com touro tão possante. Mas qual! Que podia o bruto contra uma alma? Fugiu o touro, espumando de medo e sanha; e dando na carreira com a vista em Alvito, levou o nas pontas, atirou com elle para os ares, e pisou o até á morte. Alpe sahíra da peleja sem sequer levar uma arranhadura!»

«Que maravilha de cão! — exclamou Froya. — Quanto a Alvito, teve o que lhe mereceu a aleivosia que me fez. Mas, que insigne despota tendes hoje por amo! Oh! casmurros, não sabeis que o villão a quem se põe a vara na mão, é mil vezes mais duro e tyranno que o legitimo senhor? Ide! ide por diante, e vereis por onde e para onde vos hade levar esse jogral de Belzebuth!»

«Vamos, cavalleiro; é tempo — disse Caio ao trovador, sem dignar-se responder ao outro.

«Adeus, conde!»

«Nos meus braços, Guesto Ansures! — respondeu este; mas querendo 'igualar o effeito ao pensamento', como diz Camões, voltou da distracção, accrescentando com amargura: — Ah! assim manilhados para o sacrificio, meu desejo não tem cabida, nem ha largueza aqui para tal. É quiçá para a morte que vos levam! A mim hãode m'a trazer depois. Apraza a Deus que, na Sua presença eterna, nossas almas se tornem a ver e saudar! Entrementes dou-vos um adeus de amigo.»

«Amigo! — replicou Guesto, retirando-se em obediencia ao impulso de Caio, — se vou morrer, tenho pelo menos em boa dita este nosso encontro, e a certeza da vossa bemquerença, ainda na derradeira hora. Ouça-vos Deus, e até á vista!»

O mancebo desapparecera já na folhagem que fechava a entrada.

«Deus vos tenha da sua mão! — tornou Froya, cahindo de novo sobre o despojo do urso morto por Savarigo.

XVIII

A FEITICEIRA

Hum olhar quebrado por baixo dos olhos, e huma mansidão no rosto de boa graça tem tanto poder, que faz fallar os mudos, e sentir as pedras.

João de Barros, *Clarimundo*.

Entre as cabanas que povoavam o interior do Seixo da Cruz, dissemos que uma era maior que as demais, e um tanto afastada d'ellas. Compunha-se de duas divisões, uma das quaes dava passagem para a outra. A segunda, como joia fechada em buceta tosca, era uma surpreza para quem entrava.

A noute começava a cahir. No centro do aposento pendia uma lampada de prata, cuja mecha estava acesa.

Dous tapetes de Cordova cobriam o chão; ao passo que o tecto era forrado de pelles de urso, lobo e raposa; e as paredes, de diversas alfayas de seda.

Occupava o lado fronteiro á porta, um leito de madeira, guarnecido dos competentes accessorios, no genero dos que já descrevemos em outro logar.

De cada lado da porta havia uma arca; e sobre ellas, provavelmente por estarem cheias, diversas peças de rouparia, dobradas em boa ordem, entre as quaes se distinguiam vestidos de lan e de seda, alguns adornados de griz e outras pelles preciosas.

Do lado esquerdo de quem entrava, no vão entre a porta e a unica janella do aposento, estava uma mesa; e do lado opposto, perto da cabeceira da cama, outra mais baixa, tendo apenas dous palmos de alto, coberta de um «mantel» de linho fino com alvura de neve.

Sobre a mesa grande, e no chão ao longo das paredes, viam-se accumulados, copos, colheres, picheis, gomis, vasos, bacias e outros objectos para uso ou ornato, de diversas fórmas; alguns de cobre ou prata doirada, outros de prata e ouro, assim lisos como gravados a buril, ou com cores de esmalte, havendo tambem não poucos de madeira com figuras entalhadas.

Quanto se via n'este pequeno recinto era de preço, quer pelo material, quer pelo trabalho: eram exemplares do que a arte d'aquelle tempo ministrava para uso e adorno dos ricos e de suas casas.

Posto que houvesse cadeiras, era no chão, junto da cama e da mesa baixa (em cima da qual se via uma taça com leite, e um vaso cheio de mel), que se assentava a joven feiticeira, sobre umas almofadas cobertas de seda.

Tinha nos hombros um manto lobeno, ou de pelle de lobos, que a envolvia, agasalhando a do frio que então fazia na serra; mas, meio aberto na frente, deixava patente o collar de pedras finas que trazia no pescoço, além de manilhas nos braços. Via-se-lhe no rosto gentil uma expressão triste e inquieta. Cantava ella em voz baixa; e ca-

lando-se de vez em quando, fazia acção de escutar, como quem espera alguem.

As palavras do canto resavam assim:

«Sem aroma, a flôr do campo
Mui submissa vive em paz,
Al não quer senão orvalho
E a verde cama onde jaz.
Certa manhan lhe apparece
Crescendo ao pé um jasmim,
De semente desterrada,
Desterrada de um jardim.
Oh! que balsamos se espalham,
Que delicias, que prazer!
Os segredos d'esta estancia,
Desejára conhecer.
Mas, ou longe ou perto, sabe
Que não póde ali chegar;
E a visinha que a captiva,
Mostras faz de a desprezar.
Dês então, na desherdada,
Foi-se a paz mudando em dor,
E a brancura de seu rosto,
Do goivo tomou a cor.

Sob o colmo do meu lar
Bastava-me a luz do dia,
E dos sonhos ao serão,
Na alvorada me esquecia.
Certa vez, estranha luz
Illuminou-me a cabana,
E na vida um sonho entrou,
Que sem folga e dó me engana.
Rainha quizera eu ser,
D'esse sol ser aquecida;
Acabava a noute, alfim,
E meu sonho entrava em vida.
Mas, co'os vermes... Ah, que horror!
Co' a toupeira que os aterra,
Nas trevas é meu viver,

Ou rastejando por terra...
Não te apagues, novo sol!
Se, distante, em mansões bentas,
Para a amada brilhas só,
Com a réstia inda me aquentas.
Ah! das hervas pobre flôr,
Tua sorte é qual a minha;
Choras tu por ser tão chan,
Eu lastimo ser mesquinha.
Mas bem vejo em teu pezar,
Os signaes de ciume ou sanha;
Tu, no meu, só vês amor,
Que n'esta alma se me entranha.

Se me entranha... se me entranha; e com a luz de cada dia, se me entranha mais e mais fundo!»

Cahiram-lhe algumas lagrimas. Passados instantes, murmurou:

Falla tu no ouvido de quem dorme,
Ao que queres sonhará conforme...

Eram dizeres de minha mãe... E depois?... Acorda... Já eu não teria voz em seus sonhos... Outra os chamaria!... Á venturosa, nem por isso quizera eu dar quebranto...

O ramo com que se abraça,
Não desprendas da figueira,
Se lhe queres ver a fruta,
Ou lh'a queres ver inteira...

Eram dizeres de minha mãe... Á bem-fadada pertence crestar a colmêa, e ainda estinhar-lhe o favo... Sou tão fóra d'esse esforço, como de poder derreter as neves com que Pico Passaro em breve se hade encapotar...

Neve nunca perde o frio,
Nem ao fundir-se no estio,

soia dizer minha mãe... *Quem se não apiedára de tão*

linda creatura! disse elle... Tinha sol nos olhos, gelo no coração!...

Lume não aquece agua em fervura,
Nem lhe dá descanço em quanto dura,

dizia minha mãe... Arde-me no peito o fogo sempre, mas a febre sem descanço vae crescendo, digo eu... *Tem fé, Leodaka, e Deus te conserve assim sempre bella!* disse elle... Tinha céo nos olhos, gelo no coração!... Voltará com gesto de seraphim, e sempre com gelo no coração!... Mofina nasci, mofina heide morrer!...»

De repente enfiou-se-lhe o rosto, ao ouvir tres ladridos, e logo os passos de quem se approximava.

Entrou Alpe retouçando-se junto da joven, que não fez caso d'elle. Uma mão afastou o panno de tiraz com bordados de lan e seda, que servia de reposteiro, apparecendo Caio seguido de Guesto Ansures, que fez um sobresalto de surpreza ao dar uma vista d'olhos em volta de si, em quanto o rafeiro tornou a sahir como para continuar a guarda lá fóra.

Guesto vinha com os braços livres, mas despojado de armas defensivas e offensivas; tudo ficára na mão dos seus captores como presa legitima e de alta valia.

«Uma camara de rainha no agro do monte! — exclamou o mancebo.

«Minha filha é rainha aqui. O capitão poz-lhe em volta os primores do despojo, não querendo nada para si, e tendo por pousada a mais reles das ramadas por onde passámos ind'agora.»

«Em tal sitio parece obra de incanto; assim mesmo é pouco para tão linda e gentil rainha — replicou Guesto, sortejando a joven com galanteria.

«Pois nem isto lhe dá gosto, nem a tira do seu enfado.»

«O sangue tira o gosto ao mel, meu pae; e quanto mais cendo de quem tanto bem me fez, e que me prometteram poupar.»

«Ahi estás, filha, com teus choros! Que querias tu que fizessemos? Não soffria que se lhe pozesse a mão em cima, como cervo encurralado que só deixa chegar com ti-

ros de arremesso. Ora deixamol-o, coitado! S. Pedro lhe désse boa entrada, e Deus o tenha em sua companhia! Donani não póde tornar á vida, filha; e a nós não nos sobra tempo. Aqui te deixo o cavalleiro; avia-te! O capitão não póde tardar; não dê elle por minha falta, que até comtigo andará atravessado quando souber do combate de hoje...»

«Ah! viestes outra vez ás mãos?—perguntou Guesto.—Conta-me isso.»

«Estavamos em via de levantar um grande vallado atravez da garganta, por cima de Folgoso, com valla aberta por fóra; e chegáramos com elle a pouco mais de metade da altura, e a valla sem agua, quando, á hora de noa, os cavalleiros do castro nos deram uma assaltada a valer. Eram todavia poucos, e o vallado assim mesmo estorvava-lhes o passo, e tiveram de recolher; mas não sem matarem alguns dos nossos, levando-nos presos outros. Entre estes, Gonzarri, ajudador do capitão, que d'isso será mal pagado... Mas adeus, aviae-vos lá!»

Com isto retirou-se Caio.

«Tens um coração de pomba, Leodaka, e alma que não conhece o medo. Choras a morte de teu amo; e expozeste a vida para salvar a minha. Como t'o heide agradecer! Porque me chamaste á tua presença?»

«Não para que o agradeças á tua obrigada, filho de Ansur. Foi porque te quiz ver, e dar-te um adeus com livramento do captiveiro, no perigo que te ameaça. Meu pae será teu guia, até teres vista do castro.»

«Ouvi o preito que fizeste com esse homem que os teus chamam capitão... Á fé, que nunca vi seu igual! Uma vontade assim, tal aferro, e tanto poder no mando, em homem de nada, só por obra de Deus, sendo por bem; do demonio, pelo caminho que segue!»

«Teve veia de doudo, até que quiz sanar. Só Deus sabe, e, póde ser, o outro que dizes, como aquillo se fez, e o que se revolve no mar que elle tem por dentro de si.»

«Se estou ainda em perigo, é porque elle não conhece teu intento?»

«Não conhece.»

«E d'ahi não virá risco para ti?...»

«Sobre isso perde cuidado, cavalleiro. O preito foi maleficio que se desfará com o vapor do alho ou da arruda. Não estejas onde chegue o braço de Octavio, se tornar vencido. Seria morte certa, e não me ficaria al senão morrer comtigo.»

«Morrer comigo! Pois isso é sério?»

«Que te disse a serva, quando em guisa de anjo da guarda appareceste na hora em que a queriam deixar orphan? Vivesse ella cem annos, nunca se lhe apagaria do coração a tua imagem. Fôra mercê de Deus acompanhar-te na morte; mas em vida, ser das tuas servas a postumeira.»

«Serva de quem te deve a vida, não, bella Leodaka! Antes, em bom direito, terias tu senhorio sobre quem de hoje ávante te deverá todo o bem que Deus ou o vento lhe trouxer. Mas porque não hasde poupar-te a esta vida serrana, tão atribulada e cortada de azares? Deves bem prever que esta empreza é impossivel, e que para vós outros terá má parança. Vem, Leodaka, vem refugiar-te commigo no castro.»

«Se esse risco fosse azo de me refugiar, estou em outro maior, de que todavia me não guardo.»

«Qual?»

«Um amor odeado, e um compromisso.»

«Explica-te.»

«Estou apalavrada com o capitão para o dia do nosso vencimento.»

«É prazo que não acaba; n'esse dia teremos outro Josué —disse Guesto, gracejando com voz cordeal e benevola.

«Não quizera conceder-te isso, filho de Ansur. O nosso eleito parece ter varinha de condão; e se esta tua serva lhe falta com o amor, todos n'elle todavia pomos a esperança. Aos senhores de terra deixámos o alão; o ventor coube em sorte aos mofinos, e não sei que altos fados lhe deram o faro. É uma luta á porfia entre os dous, entre a oppressão e a alforria, que está nas mãos de Deus trazer a seu fim; mas sei que Octavio sómente á morte dará victoria de si. Se alcançar esta por vencimento ou composição, dar-lhe-hei posse do meu corpo; e se a alma tomar nojo, hade desapaixonar-se ante a jubilação, ante a alegria de meus irmãos emancipados.»

«És uma nobre creatura, Leodaka; e maior vontade me

dá de te libertar d'este captiveiro, tirar-te da prisão fechada com a chave das tuas illusões.»

«E porém estou firme em ficar, apezar de tudo, e do novo perigo que nos vem á porta mais breve que se cuidava.»

«Que perigo é esse?»

«Sabel-o-has com cedo; não ha pois mal que o saibas já. Vem de Lugo o conde Gondemir assistido de uma locafa de homens, que se julga serem cinco ou seis centos. Hãode amanhecer no castro.»

«Se fallas verdade, não é só a vós outros que tocará o perigo. D'onde sabes isso?»

«Dos nossos esculcas.»

«Assim vês que o teu capitão não é aguia na vista. Nem acerta em todo o homem querer tomar a palha de fino — disse Guesto com leve ironia.

«Elle antevia que de lá viriam; porém, com mais um dia de folego para nós.»

«No emtanto amanhan póde ser o dia do desengano, e vós outros entregues todos ao açougue.»

«Não será, se Deus quizer. O vallado fica prompto pela madrugada; agora, apezar das trevas, trabalha-se n'elle; e a valla já tem agua. Mas se os cavalleiros o rompessem, tinhamos ainda para onde ir. Esta não é nossa ultima acolheita, nem a mais segura.»

«Na ida ao Pico, bem vi que não sois embetesgados, e a porta que tendes aberta para o lado de Formegueiros. Mas quando as neves se derretem, vae turva a enxurrada, e perigosa. Eu te conjuro, Leodaka, não aguardes essa hora; vem comigo.»

«Eu sou aqui precisa; e se tudo se perder, que me monta perder a vida, e quem se dá d'isso!»

Guesto não respondeu; contemplava com admiração essa joven de tão humilde estado, mas de sentimentos tão levantados.

«Não penses mais em mim, filho de Ansur. No castro está quem chama por ti; a quem deves todo o teu desvelo, a filha do conde, essa que... amas.»

«Serva! Quem te disse tanto? — perguntou elle com subita asperesa.

«A madeixa de cabellos que lhe legavas, se tivesses morrido — respondeu ella humildemente.

«Ah!... Perdoa!»

«Quão leda e feliz deve de ser a filha de Froya Gutheres! Possuir teu coração, já é dita; *saber* que lhe pertence, o que será!»

Houve uma pausa.

«E ella bem o sabe... As rolas entre si não tem segredo... Conhecer o seu amor, e não amal-o, como póde ser?... Ama-o! ama-o!... Amar e ser amado, viver celeste na terra!... Amar sem ser amado, penar que não tem fim!»

«Tal é a sorte do pobre Octavio — disse Guesto com um sorriso, querendo abrir outro rumo á distracção da joven, e modificar uma situação que lhe inspirava receio.

Ella tinha n'elle os olhos fitos; mas sem parecer ter consciencia d'isso. Havia tanta ternura n'aquelles olhos de azeviche, que se lhes apagára o fogo; uma ternura infantil, e a voz vinha submissa e suave de melancholia. A fascinação ia dominando o mancebo, que tivera de fazer um esforço sobre si.

«Tal não é. Octavio tem a par de si com que cevar a esperança — respondeu Leodaka; e acendendo-se-lhe de repente o semblante, accrescentou: — Mas demonio que deitasse olhadura no paraiso, sentia o preço do que perdera!»

«E dominal-o-hia a raiva, o ciume, o desespero. Não quero crer que tivessem poderio sobre ti, Leodaka.»

«Nem raiva, nem ciume, nem desespero alimenta a alma da mesquinha, filho de Ansur. Aqui pousa só a humildade d'aquella que beija a mão que a castiga; a submissão da serva que só recebe desprezo.»

«Desprezo, não! Mereces compaixão — tornou Guesto com voz pouco firme.

«Quem não faz queixume do desprezo, pagada está da compaixão, e da tua principalmente — e no sorriso da filha de Selima, se difundia novo refluxo de ternura ingenua e candida. — A tua compaixão é o olmeiro já secco e morto, a que a hera continúa arrimada, e ainda se apega em seu delirio!»

«Leodaka! Querida Leodaka! — exclamou o mancebo, adiantando-se de arrebate, e tomando a mão da joven.

«Estamos promptos, cavalleiro? — bradou Caio, apartando o reposteiro.

«Sê feliz, filho de Ansur!—disse Leodaka com desfalecimento, recobrando-se porém em quanto fallava; — e seja feliz a tua Ermesinda. Ella tem alma de fina lei; ella é marca de te amar. A ella tambem dava eu a vida se a pedisse, para sempre teres saude no coração e o riso nos labios.»

«És uma bella feitura de Deus, filha de Selima! Tens uma alma que muita illustre dona deveria invejar-te...»

«Nada de demoras! Ai de nós se o capitão chegasse!— disse Caio com impaciencia.

«Adeus, cavalleiro!—disse a joven commovida.

«Leodaka, tudo aqui se curva diante de ti; mas se jámais te succedesse desgraça, ou corresses perigo em que te eu podesse valer, ou a filha do conde Froya, que em breve saberá da tua devoção e belleza d'alma, não hesites em appellar para nós. E se não poderes vir, então... toma, toma este annel; faze-m'o chegar. Estivesse eu no fundo da Galliza, accorreria logo em teu auxilio.»

«Guardal-o-hei como thesouro de preciosa lembrança— respondeu ella, passando-o ao dedo.

«Mas promettes?»

«Prometto; se Deus der para isso.»

Guesto inclinou-se, imprimindo um beijo na testa d'aquella a quem devia a vida. Sentiu na mão os labios d'ella, e a quentura de uma lagrima.

«Adeus Leodaka!—disse o trovador, enternecido, mas cedendo ao impulso de Caio, que o empurrava para a porta; e acrescentou, já de fóra:—Adeus, até um dia que virá cedo!»

«Adeus, Guesto Ansures!—foi a resposta; e, em voz mais sumida:—até a vida de sempre!»

XIX

O CASTRO

Vós me perguntades pelo vosso amado;
E eu bem vos digo que he vivo, e sano.
Rei D. Dinis, *Cancione*

A lua cahia com brando clarão sobre o castro de Folgoso.

A muralha, descrevendo um circulo irregular, era acompanhada de doze torres de meia cana, patentes assim pelo interior da praça, e sitas a igual distancia umas das outras, correndo nos intervallos um parapeito aberto em seteiras.

Em quatro d'esses intervallos, ao norte, nascente, sul e poente, reforçava-se a muralha com um terrapleno, reparo, ou *agger*, segundo a terminologia latina, do qual a superficie argamassada fazia terrado. A entrada, unica que subsistia então, ficava á ilharga occidental do terrado do sul, aberta no muro por baixo de uma das torres; e communicava, por uma ponte levadiça, com um caminho que, do outro lado do fosso, descia em sentido obliquo, e de sorte que vindo alguem por elle tinha o castro á sua direita.

A architectura das defensas, denunciava a sua origem romana; e não obstante algumas obras de restauração ou de accrescimo, em estylo diverso e posterior, prevalecia quasi intacto o caracter primitivo.

No interior, não pequena parte da área era occupada por um edificio quadrilateral, com andar ao rez do chão, construido de cantaria, cuja principal feição externa era a fachada com vista para o meio-dia, consistindo em alguns degráos de boa largura e quatro columnas, seguidas de

um vestibulo. Era o palacio condal, de cujo interior demos alguma idéa no capitulo oitavo.

Ficava do lado norte, tomando ali quasi todo o vão das muralhas, separado porém d'ellas por uma larga passagem que o rodeava. Em frente d'estes paços, perto da muralha do nascente e respectivo terrado, levantava-se uma alta torre d'atalaya, em alvenaria, de fórma quadrada, tendo tres andares ou ordens de frestas nos lados, cuja primeira ordem dominava o parapeito. Denunciava-se logo como obra moderna, sendo de estylo bem diverso do edificio romano.

Um grupo de exiguas habitações de construcção tambem recente, enchia bom espaço do que restava do recinto; e entre elle e os paços havia uma pequena praça, vendo-se, para além das habitações, outra maior, igual a um terço da superficie total do castro entre-muros, a qual deixava-lhe livre e desembaraçada toda a parte que olhava para o sul.

Duas mulheres sahiam do vestibulo. Passando pelo meio d'aquelle grupo de habitações, entraram na praça grande, que atravessaram, subindo depois por uma escadaria estreita construida contra a parede facial do terrado do meio-dia,

Chegando ali, e tomando á direita, começaram a passear sobre as muralhas, cuja solução de continuidade, produzida pela aberta diante de cada torre, se remediava por umas pequenas pontes movediças, chamadas *itinera contignata* pela engenharia romana; de maneira que a passagem apresentava-se livre em todo o circuito do «adarve,» servindo-nos de um termo mais apropriado aos castellos da idade media.

«Deixa agora socegar o teu espirito, senhora, que na estreiteza da camara se consumia em mil fantasias de angustia e nojo. Os teus fados já mudaram de aspecto. Noute de luar, e tão linda, chama os sonhos d'amor, a quem amor afaga... De mim, coitada, fogem de tropel; e esta carantonha anda a pleito com o amor. Arrebente o diabo quem m'a fez!»

«Cala-te, Astrildi! Ainda não é tempo para rir, nem sei como podes.»

«Hontem choraste o pae; hoje, aquelle que Deus te deparou por desposado. Ha pouco soubemos pelos prisioneiros, que ambos estão em vida e sãos de corpo; e havemos de andar embruscadas!»

«E temos certeza de que escaparão á vingança dos servos?»

«Porque não? Esta noute espera-se Sigulfo e a sua turma. Á hora d'alva força-se a passagem do vallado. Então veremos a Froya Gutheres e Guesto Ansures vindo a foro de quem traz o coração na barriga: todo o afan será guisar manjares.»

«E quiçá dizes bem. Coitados!»

«Mas tambem á desamparada virão servir de escudo, senhora minha. Ainda que Affonso e seus acostados tivessem de abandonar o castro, nenhum receio terias já de Ekaredo Gondemires... Oh! senhora, attentaste no seu assombro á chegada dos cavalleiros?»

«Vi a cara d'espanto que elle fez ao pôr os olhos em Affonso. Tinha razão de o temer!»

«Mas chegou-se logo ás abas d'aquelle real senhor; soube metter-se de gorra com elle, e andam muito enxeridos um com o outro.»

«O filho de Gondemir tem arte para enganar o mesmo Satan; e o de Froila faria bem de não crer n'esse santo... Mas quem temos nós aqui?»

Ermesinda e sua collaça attingiam n'este momento o reparo ou terrado occidental, o melhor ponto de vista de todo o adarve, com larga perspectiva do valle do Lor na direcção do seu curso. Debruçando-se do parapeito, estava um homem acompanhado de duas mulheres, que se voltaram para as recem-chegadas.

«Servas da tua obediencia, senhora — respondeu uma das mulheres ás ultimas palavras da donzella.

«É Sahema de Villar-Zendo, e sua filha. Aquelle, não o conheço — disse Astrildi.

«É Zacoi, o preste, servo de Donani Zalamisi — replicou Sahema.

«Que humildosamente beija as tuas mãos, senhora, e a terra d'ante teus pés — accrescentou o padre fazendo um grande acatamento.

«Que novidade é esta, Mariame? — perguntou Ermesinda. — Se vieste fugida da rebeldia dos teus, foi de certo

no teu vestido de cote; não n'essas roupas roçagantes, que, se vejo bem, já me vestiram, a mim, o corpo.»

«Bofé, fallas verdade, senhora. O conde m'as pediu vão tres dias — disse Astrildi.

«Ah! senhora, a cordeira que tiram do pacigo para a terem no lar como regalo, é lavada a enfeitada, em que não queira, e máo grado o choro que levanta para voltar ao querido monte — respondeu a joven serva.

«Trouxeram-te contra vontade, pobresinha?»

«O conde mandou-a trazer por mão de Ranemiro — respondeu Sahema pela filha. — Mas ao malvado chegou alfim a hora da contia...»

«Malvado a meu pae, serva! — exclamou Ermesinda indignada, e com ameaça na voz.

«Nosso Senhor defenda! Era eu capaz d'isso? É do sayão, que morreu hontem na matança.»

«Ha mais: o conde não morreu — disse Zacoi.

«Já o sabiamos, louvado seja Deus! Mas — proseguiu a donzella, vindo-lhe uma idéa de subito — tu és servo; nenhum risco corrias indo á serra com recado meu, a saber o que pretendem os rebeldes fazer de meu pae e de outro cavalleiro que lhes cahiu hoje nas mãos; e as condições que exigem para o resgate. Queres ir, padre?»

«Ês tanto do meu acatamento, senhora, podes mandar-me partir já; mas, salva tua paz, voltar com a resposta, isso só consentido d'elles.»

«Não tem duvida — disse Mariame com alvoroço; — has-de pedir por Savarigo, e dizer que quero novas d'elle; e assim...»

«Isso! Isso mesmo! — accrescentou Ermesinda, approvando. — É bem achado.»

«Só me toca obedecer-te, senhora; e saberás que se não voltar, será de outrem a culpa; que melhor estou aqui, dês que o cadieiro me fez sahir do escuro sótão da torre grande; nem querençoso sou de fazer vida com os desvairados na serra...»

O discurso do padre foi interrompido por umas vozes que vinham do portal do castro; e o som de uma d'ellas fez estremecer a donzella.

«Abaixae a ponte! — dizia a voz, que só com quebras se

distinguia.—Sou... do conde Roderico... noticias de Froya Gutheres.»

«Ahi está! Oh! meu Deus, por esta mercê Vos dou infinitas graças! Corrâmos, Astrildi, corrâmos ao seu encontro!»

Assim dizendo, voou Ermesinda pelo adarve, seguida da collaça; e quando chegaram ao terrado meridional, Guesto passava por baixo, entrando na praça.

Chamar por elle foi o impulso a que a donzella obedeceu logo; e o mancebo, galgando os degráos, achou-se n'um momento junto d'ella.

«De vaso e almáfega! — exclamou, reparando no toucado e no vestido branco e grosseiro das duas mulheres, distinctivo de luto um e outro.

«Se ha pouco mais de uma hora que vos tinha a ambos na conta dos mortos! Mas já me vou pôr de festa—respondeu Ermesinda alegremente.

Fôra ocioso dar conta da conversa que se seguiu, porque versou sobre incidentes já conhecidos do leitor. Contaram um ao outro o que lhes tinha succedido desde a sua separação; e com esta troca de noticias, derramaram reciprocamente bastante luz para esclarecer os pontos negros ou duvidosos que até ali cerravam o limitado horizonte de cada um, horizonte que, alargando-se agora, parecia tambem allumiado do sol da esperança.

Pelo que lhe dissera o conde Froya, julgava o trovador que Ekaredo tinha morrido na matança de Ferreirós; mas agora veiu no conhecimento de ter o seu rival escapado áquella sorte, em companhia de outros tres ou quatro; e quando Ermesinda lhe referiu o que entre ambos passára, na mesma noute em que ella se separou de Guesto, percebeu este que a emboscada da subida de Tolsun, que por pouco lhe não custára a vida, fôra armada pelo mosarabe, cuja seria a gente encarregada da execução.

Quando, por outro lado, constou a Ermesinda o risco em que estava seu pae, de ser assassinado pelos servos se a cavallaria por ventura invadisse o acampamento, anuviou-se-lhe o rosto, e foi tomada de grande susto e tribulação de espirito, por causa do ataque que se meditava pôr em obra pela madrugada. Via a necessidade de obstar a que

se cumprisse, ao menos por em quanto e pela traça imaginada.

Finalmente, attenta a proxima chegada do conde Gondemir, de que Leodaka lhe déra noticia, Guesto fez ver a Ermesinda que o primeiro cuidado de ambos devia ser, achar meio para que Affonso sahisse do castro ás occultas, e com toda a brevidade; porque de outro modo, com a pouca gente que elle tinha, e a muita que comsigo trazia Gondemir, aquelle estaria qual peixe na nassa, e á mercê de quem tinha o maior empenho em prendel-o. Que, vencida a difficuldade de o pôr fóra d'ali sem ser sentido de Ekaredo, poderia o principe acolher-se por em quanto ao convento de Subrego, onde não havia senão parciaes seus, e onde estaria seguro ainda que a verdade depois se descubrisse, por ser o sitio de arduo accesso e facil defensão.

«Sobre isso fallarei á puridade com o fiel Theudas e o conde Roderico. Sabes, Ermesinda, onde os acharei?»

«Estão na ceia com Affonso e os outros—respondeu esta.—Tambem ali está o filho de Gondemir; tem conta com elle, Guesto!»

«Vem deveras muito a ponto! Assim não faz mister que se lhe mande signal de juiz, nem fuste nem palha; está diante de maiorinos de boa justiça, e d'elles o mór já foi rei, e será ainda. Ora me vou á sua alçada com querimonia d'esse dom tredo, que do preito sahirá com a coima pintada no rosto affrontado. Al não peço; e dará forte remedio ao que mais nos dava cuidado... E vamos já!»

D'ahi a minutos entravam nos paços.

XX

A DENUNCIA

Ordenamos que sejam submettidos pelo juiz á prova da caldeira.

CODIGO DAS LEIS WISIGOTHICAS.

N'um salão dando sobre a galeria do norte, estavam ceando o principe e seus nobres companheiros. Occupava aquelle o logar de honra, tendo á sua direita Ekaredo, e Theudas do outro lado.

«Acabada a ceia, irei dar-lhe a prolfaça da boa nova que temos do conde—disse Affonso, com referencia a uma observação que se fizera.

«E do outro?—ponderou Guther Menendes com intenção maliciosa.—Estou que a terá em maior conta.»

«Ora quem tal adivinharia! Por isso foi que em Sámanos o nosso cantor de soláos se empenhou tanto comnosco—observou o conde Roderico com sorriso ironico.

«Da empreza todavia sahiu-se o menos bem escançado, sendo aqui o maisquerido de nós todos—tornou Guther, insistindo.

«Salva vossa paz, sois enganados, senhores—interpoz Ekaredo com as faces um pouco incendiadas; — não me parece que a senhora Ermesinda tenha o coração rendido ao filho de Ansur; é certo que o pae tomaria d'isso paixão».

«Tomasse embora! A fruta defeza é que sabe melhor—respondeu Roderico com uma risada.— Desmaiar sobre luto, que já não era tão fresco; isso, quando demos pela falta de Guesto, não era como se a donzella mostrasse os bofes?»

«Estou morto por ver essa perola da Galliza!—disse o

cavalleiro ruivo, acabando de despejar um pichel com vinho.—Tardei em entrar no castro, por minha desdita; apenas vi as roupas a essa formosura, quando a levavam desmaiada atravez da praça, depois da pratica que tivera com o nosso rei que foi, e será ainda se Deus quizer...»

«Felizes de nós se virmos chegar esse dia!—exclamou o mosarabe em tom vibrante, aproveitando o ensejo para desviar a conversa.

«Foi para nol-o abbreviar, quiçá, que vosso pae lhe armou a tramoia?—ponderou Roderico com ironia.

«Tramoia não houve—protestou Ekaredo.—Interpretando mal os motivos da viagem de quem já foi acclamado, e o será ainda, como dizeis, e acredito, houve uma espera, isso sim; mas, como já vol-o disse, sem intento de vos fazer damno, senhor,—e assim dizendo, voltou-se para o principe.—Isso foi-nos imposto pelo dever. Mentes vosso tio fôr dos vivos, ser-lhe-hemos fiel eu e meu pae.»

«E com isso seguis o bom caminho—disse o principe, approvando.

«Depois, se a eleição sahir com Hermenegildo, que remedio salvo compormo-nos com a vontade preponderante? Mas se vós, senhor, fordes alçado rei, não tereis em nós desaffeiçoados; e em mim achareis toda a devoção, juro-o ao Corpo de Deus!»

«Isso não farieis, Ekaredo Gondemires, se tivesseis no castro uma meia tinfadia; se o mando fosse vosso, e não meu. Sois muito avisado para querer subir ao céo sem azas—disse Roderico seccamente.

«Ao céo todavia appello, e d'ali me virá o desaggravo, se o passado der querella da minha sinceridade—respondeu o mosarabe sem se anojar; e, dirigindo-se de novo a Affonso, accrescentou: —Mas que homem de boas intenções, conhecendo-vos, senhor, se não curvará perante a vossa magnanimidade? Se já me foi dado ver-vos em outro tempo, só hoje hei podido conhecer-vos, e medir a grandesa do vosso coração; um verdadeiro coração de rei! Quanto mais alto se accommoda o ninho, mais tempo dura, e tanto mais nobre é a casta da ave. O vosso ainda está no pincaro em que o construiu Pelagio; o ninho em que nasceu Mauregato, já o desfez a enxada do servo. Seu filho Her-

menegildo é um pobre corvo tibio e submisso, a par de vós o falcão girifalte, ardido e soberbo.»

«A quem faz conta ter corvo ninhego — respondeu o principe com um sorriso meio benigno, — achará talvez cáfaro o nobre falcão. Tendes sido franco commigo; sel-o-hei comvosco.»

«Assim apraza a Deus! — exclamou o conde Ero. — Rei da nossa escolha hade dar de mão aos advendiços. Aguia não quer no ninho filho que não olhe direito para o sol. Nós queremos guerra com o Ismaelita!»

«Isso digo eu tambem! — bradou Guther, apoiando.

«E queremos todos; tanto que o tempo dê jazigo, e acabe a tormenta que nos acossa — accrescentou o principe.

«Ah, senhor, quanta razão tendes! — disse o mosarabe. — Se eu fosse da curia, teria votado pela guerra depois da morte de Abderrahman.»

«E com acerto. Mas admira-me que o digaes — tornou Affonso.

«Nasci em Cordova; mas ali deixei os bonecos e bugiarias d'aquella idade. Tambem meu pae, que guarda melhor as lembranças da vida passada, não é dos que approvam esta paz eterna.»

«Consta, porém, que o conde Gondemir é quem governa a curia.»

«Não tanto como imaginaes, senhor. Mas fosse assim, o homem mais poderoso não despreza o peso do numero, nem o gosto do soberano, e tem de ir pelo foro da terra. Somos fieis ao nosso dever; mas se as cousas mudassem de rumo, o dever seria acompanhal-as em prol do bem commum. Na minha opinião os tempos estão chamando por uma guerra na primeira occasião propicia.»

«Quero acreditar que sois sincero, Ekaredo Gondemires...»

«De godos falsos e renegados temos fartura! — protestou Roderico, cortando com isenção e sem ceremonia o discurso do principe; — não queremos que nos venham mais, salvo para cavar a terra. Na curia seriamos mais bem servidos dos proprios agarenos, que de seus fracos arremedadores.»

«Não vos parece, senhor — disse o mosarabe, disfarçan-

do a ira que sentia no intimo, e dirigindo-se ao principe — não vos parece que haja ainda grande proveito a tirar dos godos de Spania? Quem melhor do que elles affeiçoaria ao governo christão os territorios que estaes destinado a conquistar?»

«Pensava agora n'isso mesmo! — exclamou o principe, admirado. — E Theudas sabe que não é de hoje o pensamento.»

«Que, se tivesseis ensejo, tomaria peso e vulto — accrescentou o valido. — Os christãos que acceitaram a lei dos sarracenos não nos são aqui precisos; fiquem onde estão, que com o tempo lá chegaremos, para, com sua ajuda e em seu proveito, rehaver o que foi herança de nossos avós.»

«Dizem que Gondemir é uma cabeça forte — ponderou Affonso; — parece-me que o filho lhe não fica atraz; e sobre isso é mais razoavel.»

«É encomio que não mereço. A vantagem que levo jaz na bemquerença com que me honraes, senhor. Só digo eu: a cada geração a sua obra! A que está virando no remate para coroar o termo, teve por incumbencia refazer e fomentar as forças, que as guerras continuas de vosso avô deixaram minguadas. O encargo tem-se cumprido. Tudo está apercebido para o levantar do novo sol, chamado a derramar a luz, o calor, a vida, acordando este povo da sua longa somnolencia e lethargia. Deus já marcou o dia no seu calendario, sem nol-o revelar, comtudo; mas quiz que o brilho do novo astro, ainda antes do seu nascimento, como a aurora matutina, se manifestasse aos madrugadores bem fadados. Nós aqui o saudamos!»

O mosarabe fez uma profunda reverencia ao principe.

Com quanto alguns conservassem um silencio desdenhoso, e entre elles, Guther, Ero e Roderico, a maior parte dos cavalleiros acolheu este discurso com vivos applausos.

«Que te parece? — disse Affonso ao ouvido do favorito. —O homem é de bom conselho; será de boa confiança?»

«Eis a duvida; e por muito que a merecesse, deve sernos suspeito, até dar melhor provas de si — foi a resposta no mesmo tom.

«Mas quando virá apparecendo a rainha da belleza, a

rainha da noute?—gritou Pelagio, que no entretanto se havia entregue a copiosas libações.—Quando virá essa branda luz no esplendor de lua cheia, acompanhar o casto sol que se levantou ardente? Oh, quando?»

Houve uma explosão de gargalhadas.

«Quando o dia e a noute se casarem—respondeu alguem.

«Ou as nuvens lhes toldarem a cama—accrescentou outro.

«Depois de passar o aguaceiro—disse Guther, assentado á esquerda do cavalleiro ruivo.—Não venha ella até 'li! As lagrimas pegam-se como pega 'kemiso' ou gibão debaixo de chuva.»

«Ora essa! Que cousa ha que mais chame a vista?—replicou Pelagio.

«O que? o pranto?»

«Oh, que és sandeu, homem! O kemiso a pegar nas bellas carnes!... Vê, vê!... quanto convidam as mãos!... Oh, que cintura fina!... Que collo de cysne!... Ai, ai, essas ilhargas curvas, tão tenras, tão firmes!...»

«Cautela, amigo! Affonso a franzir os sobr'olhos—disse o visinho á direita.

«Pois que franza!... Bem se vê que tal lindeza nunca...»

«Cala-te, homem dos diabos!—e o tal visinho, com a mão, aferrou no hombro ao cavalleiro ruivo, cujo corpo balanceava sacudidamente.

«Levem-te elles primeiro!... Vê aquelles braços!... delgados, cheios, nervosos! São mesmo feitos para enlaçar... Ah, Ermesinda!...»

«Atrevido!—bradou o mosarabe, levantando-se pallido, e tremulo de indignação.

«Ó circumcidado! Ó maldito feto das hervas!—vociferou Pelagio, procurando pôr-se em pé, mas cambaleando e tornando a cahir no seu logar.—Que tens tu com a filha de um homem de geração?»

«Meu braço t'o dirá, homem bruto, desboccado e de máo ensino—tornou Ekaredo com a mão nos copos da espada.

«Paz, cavalleiro!—disse Affonso, interpondo-se, e obrigando-o a sentar-se.—Não vedes que o homem mal sabe o que diz?»

«Mal sabe o que diz!... Sei muito bem o que digo; e cem vezes o direi... É um liberto dos perros de Mafoma!... E tu, Affonso, vê bem como os trazes á sirga, se não queres depois andar á sirga d'elles... Isso é que não soffreremos em rei nosso!... Não é assim, amigos?... em rei nosso... quer sejas tu, quer seja Bermudo; pois...»

«Cala-te! que és o demonio em carne!—disse-lhe Guther ao ouvido, tapando-lhe a bocca com a mão.

«Que diz o beberrão? Ao demo com elle!—gritou Theudas, com um movimento de susto.

«Bermudo... é... estava eu... contra... mas—dizia o ruivo em altas vozes, debatendo-se com varios que o seguravam, e livrando a bocca uma ou outra vez.

«Endoudeceu!—exclamou o principe.

«Fóra com elle! Fóra com o endemoninhado! Que vá coser a bebedeira! Deixa passar esse odre!—clamaram diversos cavalleiros, dos quaes alguns estavam quasi no caso de se lhes applicar tambem estas ultimas intimações.

Na luta que se seguiu, Pelagio estrebuxava-se como um touro furioso; mas dominado pelo numero, arrastaram-n'o para fóra do aposento, no meio dos berros que dava, e das palavras descosidas que lhe escapavam.

«Em Sámanos o jurámos... Viva... Asturias!—foram as que da galeria vieram saudar os ouvidos dos commensaes do principe.

«Que dislate!—exclamou este, rindo, para dissimular a sua irritação.—O vinho poz-lhe os miolos a bailar.»

«Por pouco escarrava tudo!—soprou-lhe ao ouvido Theudas.

«Que o diabo leve o homemsinho! Para onde vae ha sempre briga e traquinada—disse Roderico.

«Sinto ter dado causa a isso. Se percebesse a tempo o estado do cavalleiro, certo que não fazia fundamento do que dissera—protestou Ekaredo apologeticamente.

«Foi preciso deital-o fóra d'aqui—observou Theudas;—quando não, sahia com a espada a dar em tudo e em todos. É seu costume.»

«Pareceu-me pouco firme dos pés, que n'esse jogo valem tanto como os braços — respondeu Ekaredo com um sorriso duvidoso, em que o sarcasmo se sentia.

«Quando Pelagio está folgasão, quando o vinho o alegra, abunda um trago mais para tirar-lhe a força das pernas, e o juizo do cerebro; mas d'ali a nada, entra-lhe pelo corpo o inferno em peso: então, cavalleiro, é um touro com feno nas pontas... é dar-lhe corro!—isto dizia o conde Ero, a quem não escapára a expressão assás suggestiva do mosarabe.

N'esta conjunctura a attenção de todos foi divertida pelo som de passadas batendo no lageado da galeria.

Á porta assomou o vulto do trovador.

Ao pôr-lhe os olhos em cima, teve Ekaredo um estremecimento, levantando-se a meio; mas recobrou logo o accordo, tornando a assentar-se com pallor no rosto.

«Guesto Ansures!—exclamaram diversos.

«Louvado seja Deus!—disse Affonso com mostras de sincera satisfação.—Ha pouco soubemos que estáveis em vida, mas preso dos servos; e agora nos appareceis! A que milagre devemos esta fortuna?»

«Senhor — respondeu Guesto, adiantando-se, — isso vos direi logo. Trata-se agora de um negocio de outra e maior urgencia.»

Fallando assim parecia fulminar com a vista o mosarabe.

«Que novidade temos?»

«Sabeis quem está ao vosso lado?»

«É Ekaredo, filho de Gondemir, que se tem mostrado pouco affecto á nossa pessoa; mas este se me afigura ser homem de boa cabeça e coração verdadeiro. Com quanto pareça inclinar-se a nós, conserva-se fiel ao rei que serve, e confessa-o aqui no meio de seus contrarios. Homem de tal feitio tem valor, e deve ter prestimo.»

«Esse homem é cobarde, aleivoso, homicida! É tres vezes infame! Esse homem trahir-vos-ha, se poder.»

Houve em todos um sobresalto de supremo espanto.

«Cobarde? Infame? Appello eu!—bradou Ekaredo, pondo-se em pé de um salto, e dando um arranco para tomar a espada.

«Não é tempo de fazermos armas de sanha—continuou Guesto com tranquillidade.—Estaes aqui diante de um tribunal que vos dará devassa; e se, ouvida a causa, obti-

verdes licença para pôr o feito a combate, achar-me-heis prompto a sustentar a verdade com a minha espada.»

«Porque trazeis vós tão graves accusações contra este cavalleiro?—perguntou o principe.

«Digo que Ekaredo Gondemires é cobarde, porque fez de espião; e cobarde foi e infame quando usou de prema, e do que colhera da espionagem, para, pelo terror de uma fraca mulher indefeza, lhe arrancar uma promessa de casamento, a qual porém não conseguiu, porque Deus se interpoz. Digo mais que Ekaredo Gondemires é aleivoso e infame, e seria homicida se o intento não mallograsse; porque, ha tres dias, aqui perto, na subida de Tolsun, armou contra este vosso fiel servidor uma emboscada de tres bucellarios, que, attacando-me de improviso, na escuridão da noute, e á mão tenente, me teriam morto, se não fôra a poderosa intervenção com que a Nosso Senhor aprouve acudir-me, a mim tambem.»

«Accusaes, pois, este cavalleiro de ser mandante na nefanda tentativa de que nos déstes noticia ha pouco?»

«Assim o confirmo.»

«Do outro caso ignoramos ainda as particularidades, e quem seja a mulher a que vos referistes.»

O trovador passou a narrar os incidentes havidos na encosta do Bustilho, e o mais que acabava de lhe ser revelado sobre o que se passára entre Ermesinda e o mosarabe, quando este a foi procurar nos seus aposentos.

«Que tendes que dizer em vossa defeza, Ekaredo Gondemires?—perguntou Affonso.

«O acaso serviu-me—respondeu o mosarabe com desembaraço, tendo-lhe passado o effeito do primeiro abalo;—fez-me senhor de um segredo; aproveitei-me d'elle como pude, no que não houve cobardia, nem infamia. No momento em que ia mostrar-me a Ermesinda, ouvi uma voz de homem em conversa com ella. Escutei. Quem o não faria?»

«Ainda que isso fosse de louvar—respondeu o principe com severidade,—é certo que proceder como procedestes, sómente em vosso proveito, contra uma donzella desamparada, não era de homem forte e brioso.»

«Passei aqui o dia inteiro de hontem, com todo o castro

a meu dispôr; e tendo tão bom azo para aventura, nada fiz que fosse molesto áquella donzella. E, compassivo por extremo da afflicção em que a suppunha por amor do pae que se cuidava morto, nenhum achaque tomei sequer para fallar com ella, nem me lembrou exigir-lhe a resposta a que se compromettera, e cujo prazo expirou hontem mesmo, á hora de sexta.»

«Boa duvida! Os poucos homens que Froya Gutheres aqui deixára, eram muitos todavia para consentirem em qualquer torto que se intentasse contra sua filha—ponderou Guesto.—Sabe Deus do que ella faria queixume a esta hora, se a tivesseis achado sem essa protecção!»

«A isso não respondo, porque fantasia não são factos—replicou Ekaredo desdenhosamente, accrescentando com energia:—Quanto á emboscada, d'ella não sei rem.»

«Que tendes que propor em face d'esta negativa?—perguntou o principe ao trovador.—No rancuroso assenta o cargo de fundamentar a sua accusação.»

«Provas evidentes não as tenho—respondeu elle;—mas todos os factos, todas as circumstancias estão bramando a uma voz, e a dizer: Ekaredo Gondemires, mentiste!»

«Como se não ha posto praça, mal sei rebater essa vossa estocada, salvo ao som por onde vaes—treplicou o mosarabe.

«Queremos saber em que fundaes o que até agora são meras suspeitas—disse Affonso.

«Se póde haver rivalidade entre aquelle que quer mais bem a quem ama, que a si mesmo; e aquelle que, cuidando amar, só põe a mira em saciar a propria paixão; se póde haver competencia entre o desinteresse e o egoismo, então, senhor, somos rivaes, eu e o filho de Gondemir. N'estes termos, descobre elle, como ouvistes, que me propunha ir com rosto em Sámanos. Mal passa uma hora, e sou assaltado no caminho. N'este comenos vae elle, o espião, ter á presença d'aquella que é o norte dos pensamentos de ambos, aliás impellidos por ventos tão contrarios. Ali está, emquanto os seus emissarios se atiram a mim, ali está elle opprimindo a coitada com requestas e ameaças, até que, vencida do terror, ella tomou o compromisso que já sabeis. Ora, vos pergunto eu, quem senão elle sabia do meu des-

tino, do caminho que devia seguir, da hora em que passaria por Tolsun? Quem afóra elle lograva vantagem com a minha morte? A não ser elle, quem, em nome de Deus, intentou roubar-me a vida á falsa fé?»

«Lá isso é verdade; e todas as presumpções estão contra vós, Ekaredo Gondemires—disse o principe.

«Estão! Foi elle! Aleivoso! Infame!—estas e outras vozes apoiaram o voto.

«Embora as apparencias clamem contra mim, senhor—respondeu o mosarabe com deferencia,—são falsas. Mantenho a minha negativa. Pintado hade ser quem prove o contrario!»

«Isso não basta, ater-vos a uma negativa; e, segundo reza a lei, *ou jure ou prove*, deveis dar provas da vossa innocencia, ou confirmal-a por juramento—disse Guesto.

«E quem responderia pelo seu juramento?—ponderou Roderico com uma risada de brutal desprezo.

«O mesmo demonio em que o prescito se arrima para guardar esse disfarce—foi a resposta suggerida pelo conde Ero, com egual intenção.

«A vossa parcialidade, senhores, ou quiçá melhor, o odio que me haveis testemunhado, e assim mais alguns d'entre vós, tira-vos toda a competencia n'este pleito—replicou Ekaredo com dignidade.—Ainda não fizemos juiz louvado, porque para isso devem conformar-se os competidores. Mas se o meu accusante está contente, assim como não hei sido revél até agora, serei parte querente paz no que sentenciar o illustre Affonso, rei nosso que foi, e será se Deus quizer. Em suas mãos me entrego, e de mais ninguem.»

«Aqui, e só aqui jaz um ponto de conformidade entre nós—respondeu Guesto.—Tambem me submetto em tudo e por tudo á sentença que passar quem melhor que outro nenhum hade fazer verdade e justiça direita.»

«Quizeramos poder prometter-vol-o—disse o principe, depois de pequena meditação;—mas a pendencia é tal que nos não parece ser da alçada do juizo humano. No referente aos primeiros artigos do libello, que, sem envolverem crime, constituem feitos d'isso mui visinhos, como filhos da impiedade e geradores de infamia, já não ha materia de inquirição; e damos o réo por confesso. Mas em

respeito á emboscada com intento de matar, nenhuma das partes escora o dito em testemunhas; havendo da uma, suspeitas, posto que fundadas, e da outra, uma positiva negação, e mais nada. Em caso de tamanha duvida, em que todavia o réo não parece poder purgar-se da suspeita estabelecida pelo interpellante, que n'isto lhe leva a vantagem, não se nos afigura que abundasse um simples juramento para nos convencer da sua innocencia, e portanto o não propomos; e tendo, a prazimento das partes, tomado conhecimento da causa até onde conhecer se póde, havemos por bem entregar a decisão final do pleito ao Juizo de Deus. Determinamos, pois, que ao réo se administre o juramento, e que elle o robore com a prova da agua fervente, se a tal pena se quizer sujeitar, descobrindo o braço e tirando com a mão, por uma só vez, seis seixinhos que serão lançados no fundo da caldeira. Se os tirar, e depois de envolto o braço e sellado o envoltorio, não apparecer signal de queimadura ao cabo de tres dias, será tido e havido por innocente. Do contrario, será provado o crime; e outro sim em caso de negar-se o réo á prova da caldeira.»

Durante esta pratica, foi-se manifestando uma mudança no ar e na postura de Ekaredo, cujo desembaraço e confiança em si tomou o aspecto da insolencia; e quando ouviu o que, no remate, se lhe exigia, fez-se branco de desespero. Arredou-se alguns passos, cruzou os braços, e perdendo todo o respeito que até ali observára para com o principe, lançou-lhe um olhar fulgurante de colera, odio e desafio.

«Nunca houve aresto mais justo e adequado ao caso, nem o haverá que melhor se preste a outros taes — disse Theudas, no entretanto, e no meio de um murmurio approvador, em que outros commentos se ouviam, ratificando aquelle parecer.

Os olhos chammejantes do mosarabe correram por todos os assistentes, e com a provocação e raiva lançavam o desprezo.

«Ekaredo Gondemires—perguntou Affonso com solemnidade, — estaes pelo assento que ha tomado o tribunal a que vos entregastes?»

«Não estou! Quereis mais? O author do assalto fui eu! Era perder um gozo deixar-vos duvidar d'isso por mais tempo; um gozo que compensaria a pena que tenho do mallogro, se compensação podesse haver...»

«Basta!—bradou Affonso indignado com tal cynismo—Basta! sois infamado perante todos os homens de valia!»

«Infame! Aleivoso! Perro de Mafoma! Enxotem o cão! Fóge, damnado, para as matilhas d'onde vieste!—clamaram diversas vozes.

O mosarabe não se movia; escumava pela bocca, e na cara um escarneo infernal desafiava a todos. Parecia uma fera que se volta contra os acossadores.

«Parte d'aqui, desgraçado!—disse o principe, indicando a porta;—comnosco é que não podes demorar-te. O ingenho e os dotes que recebeste do céo, pozeste-os ao serviço do inferno e dos anjos malditos. Aqui não é teu logar. Sahe do castro; vae esconder o teu aviltamento aonde Deus te encaminhar. E vê se te arrependes!»

«Senhor—disse Guesto, chegando-se ao pé do principe,—importa que elle não sáhia do castro. O porquè vol-o direi já...»

«D'esta não escaparás, villão!—gritou Ekaredo, cahindo sobre o trovador com a espada nua.

Affonso, que vira o abalo, teve ainda tempo de se deitar sobre o possesso, arremessando-o ao chão. A ponta da espada tocára apenas no peito do mancebo sem penetrar as carnes. Foi só devido á opportuna intervenção do principe, que o trovador escapou a um golpe mortal.

Todos se tinham posto em pé, levados de um só impulso; e Theudas, lançando-se sobre o mosarabe, no momento em que este ia levantar-se, puchava já de um punhal, quando Guesto conteve-o pelo braço, dizendo:

«Não o mateis! Basta desarmal-o.»

XXI

O MAGNATE DA CURIA

> Agora, senhora, creo que vos posso lembrar pera me fazerdes merce, pois vos nam esqueço pera vos servirdes de mi.
>
> .....
>
> Elle morreo...
>
> FRANCISCO DE MORAES, *Palmeirim d'Inglaterra.*

No dia seguinte, de manhan cedo, chegou o pae de Ekaredo, confirmando-se a informação dada pelos vigias dos rebeldes, aliás exagerada, pois que a força que o acompanhava não excedia trezentos homens.

Vinha na duvida se encontraria o filho vivo ou morto, attentas as noticias imperfeitas chegadas a Lugo sobre o acontecido em Folgoso; e, obedecendo ao impulso que lhe dictava o amor paternal, resolvera vir pessoalmente a toda a pressa com o soccorro que pôde apromptar, deixando ordens para que no dia immediato seguisse outro corpo de tropa.

Foi o que, aliviado dos seus receios, convertidos agora em alvoroço, explicou a Ekaredo ao apear-se do seu corsel.

«É certo — accrescentou o conde — que afóra o serviço do reino, só tu, amado filho, tinhas força para romper a avesada que me prendia á alcándora em que os falcoeiros da curia me puzeram.»

Gondemir era homem de cincoenta e tantos annos, de bella e nobre presença. Por cima da armadura, trazia um vistoso manto zebral, ou por outra, de pelle de zebra, que n'aquelles tempos era tida em grande estimação. Segurava-se o manto por meio de um firmal tendo uma grande esmeralda no centro, e cravejado em volta de perolas e

diamantes. A pronuncia do magnate denunciava estrangeiro; a do filho não era assim.

Ekaredo não tardou em dar parte ao pae, dos acontecimentos dos ultimos dias; mas, a respeito de alguns, a sua versão deixava que desejar no ponto da veracidade, por quanto lhes dava tal apparencia que, onde lhe conviesse, alterava o valor dos factos. Sem o acompanhar na sua narração, diremos sómente que por ella o conde veiu a saber que o principe chegára a salvo a Sámanos; que d'ali viera com uma comitiva para o castro; que elle, Ekaredo, passára a noute da vespera n'um quarto em que o fecharam Guesto e outros amigos de Affonso; que d'ali o trovador o viera soltar havia pouco; e finalmente que o principe e os seus se tinham retirado do castro, sem se saber para onde. D'elles se deixára ficar apenas Guesto Ansures.

Seguiu-se um colloquio entre este e os dous mosarabes. Algumas das informações mutiladas por Ekaredo, foram ali corrigidas de um modo que pouco o abonaria aos olhos do pae, se este estivesse menos preoccupado, e mais disposto a encarar o comportamento de seu filho á luz da moral. Mas o conde parecia ter um só empenho: descobrir o paradeiro do principe. Guesto, interrogado, desdenhou-se de mentir; mas recusou formalmente dar qualquer noticia do que sabia, até que a final o conde, que parecia aliás bem disposto para com o mancebo, o mandou encerrar no mesmo quarto que servira de prisão a seu filho.

Conhecedora do succedido, acudiu Ermesinda com rogos e supplicações em prol de quem havia procedido com tanta lealdade e abnegação.

A delicada cortezia, os modos attenciosos e benignos com que foi acolhida pelo conde-mosarabe, revelando uma educação de que ella tinha visto rarissimos exemplos nos homens que costumavam rodear a seu pae, produziram-lhe uma impressão tão agradavel e animadora, que dava já por vencida a sua causa.

«Deus fez a mulher e descançou, diz o livro de Islam. Sou bom christão, senhora; mas vós sois a luz d'aquelle versiculo — dizia elle com polidez oriental, ao conduzil-a para um assento.

Na conversa que se seguiu, a qual lhe foi porém aguan-

do um pouco a sua confiança, a donzella revelou um facto que Guesto calára, e sobre o qual insistia em beneficio d'este, a saber: que na vespera o trovador salvára a vida a Ekaredo, que lh'a quizera tomar um momento antes.

«Nada tendes que recear, senhora, pelo nobre filho de Ansur — disse o procere-mosarabe em resposta a um d'esses appellos. — Tão insigne cultor das lettras merece galardão, e não castigo; assim diria o grande Haroun al Raschid, hoje rei dos reis do Oriente, e kalifa de todo o Islam. Nos meus dias escolares de Cordova, apprendi a conhecer as pedras d'esse toque; e sei melhor quanto preço têem, depois que vim aonde tão poucos se encontram. Mas se o amor mesmo tem de se reprimir diante do dever; se não posso largar o rubi que achei, acreditae que, como velho dragão, o trago entre os dentes não para esmagal-o, senão para allumiar-me na falta de vista.»

«Essa claridade em nada vos aproveitará, conde, se por ella cuidaes descobrir o caminho que Affonso levou; porque a firmeza de Guesto Ansures no dever e na amizade, hade transformal-a em luz toldada. Se elle traz a affeição posta no rei desthronado, este é marca de o saber apreciar.»

«E quem m'o diz é filha de Froya Gutheres!»

«Não vos admireis d'isso, conde. E o mesmo Mauregato póde tomar descanço, em quanto Deus lhe não mandar o derradeiro. Affonso tem a alma muito nobre para meditar trahição.»

«Não vem a Galliza caçar lobos; nem com curiosidade ociosa de pêga; nem com mera saudade de grou ou de andorinha, voltando ao ninho antigo. Mas vem d'agacho como rouxinol ou cotovia, de vôo baixo e acautelado, para que se lhe não descubra o pouso. Bem sabeis, senhora, que o camelo cheira agua uma legoa distante — e um sorriso ironico franzia os labios de Gondemir.

«Posso segurar-vos que não veiu por mal; e quando fosse, não teria d'isso culpa o filho de Ansur. Mandae-o soltar, conde; fazei-me esta mercê.»

«A vós pertence mandar, senhora, e não pedir; ou só como pede a rosa nos jardins de Irem el Cheddad, quando o orvalho tarda em baixar do céo, na certeza de que será servida.»

«Oh, mil graças, conde!»

«Mas...»

«Ah! Entendi-vos mal? Hesitaes? Ó, amigo de meu pae, attendei aos meus rogos!»

«Os vossos rogos são emanações do mais doce perfume, que, com a mulher, são as duas dadivas sobre todas preciosas, outhorgadas por Deus aos homens. O perfume respira-se, não se rejeita, bella Ermesinda.»

«Oh, quanto vos sou obrigada! Bem vos adivinhei, conde.»

«Porém...»

«Assim que me illudo?... Ah! aqui aos vossos pés!...»

«Por Deus, senhora! — exclamou Gondemir, acudindo com a mão. — As flores até morrem de pé. Já é muito que lhes penda a cabeça; não quizera eu que fosse com paixão...»

«Não... não me levantarei em quanto não condescenderdes com as minhas supplicas. Ah, nobre Gondemir, a filha de vosso amigo, hoje só e sem protecção, mas fiada do vosso amparo...»

«A linda e airosa palmeira de Bellad al djerid não tem que pedir amparo; offerece-o aos que o buscam, com o refrigerio da sua sombra dourada. Todavia...»

«Assim pois recusaes?»

«Longe de mim o labéo de desgalante! Só quiz fazer-vos sentir que obedecendo-vos, toca-me a mim ser supplicante.»

«Não atino com o vosso sentido — respondeu a donzella, levantando-se, ajudada da mão do procere.

«Está em vosso poder mandardes soltar a Guesto Ansures, annuindo ao pedido que vou depôr aos vossos pés.»

«Isso não vem ao som de mercê concedida; mas de condição imposta — replicou Ermesinda entre séria e risonha. — Dizei, porém, o que pretendeis de mim?»

«Não ignoraes o desejo que afagamos este vosso servidor e o conde Froya, de vermos perpetuada a nossa amizade nos filhos.»

«A amizade não é bem de successão — ponderou a donzella, disfarçando n'um sorriso a agitação interna.

«Mas é penhor d'isso o quinhão antecipado, sendo accei-

to; e tem de avantagem não soffrer desconto ou quebra na transmissão.»

«Cousa de tanto primor acceita-se como dom de Deus, e obrigada; e podeis crer, senhor, que achareis em mim toda a correspondencia.»

«Trata-se tambem de meu filho.»

«Assim o entendo.»

«E com a amizade dar-lhe-heis a mão; e a mim a ventura e gloria de vos chamar filha?»

«Pois estamos ainda tão longe de nos entender, conde Gondemir!»

«Não o queira Deus! O entendimento que anda em competencias com tão rara formosura, é fiança de acerto em vós, e concerto entre nós.»

«Ekaredo já sabe que o meu coração nunca póde ser d'elle.»

«O caminhante do deserto não indaga d'onde nasce a fonte em que bebe. Se o annel nupcial é hoje de ouro, já foi de ferro em outros tempos; mas como signal não valia menos. Guardae o coração; só pedimos em esmola a vossa mão.»

«Nenhuma felicidade traz a mão sem o coração; mas sim amargura.»

«O aloés é amargo, bella Ermesinda; mas suspenso no portal, defende o lar contra todo o maleficio.»

«Não posso conceder-vos o que recusei a meu pae — replicou a donzella com enfado.

«A indulgencia é rocha contra a qual se quebra a vontade, senhora.»

«Bem vejo que sob o musgo das palavras, vós encobris a dureza dos rochedos.»

«Os rochedos fallam, porém; respondem á voz maviosa com a mesma brandura.»

«Pobre Guesto!—exclamou involuntariamente a donzella, já perdida a esperança.

«Pobre Guesto! — disse o procere-mosarabe com um sorriso. — Vosso pae não vos faria echo assim, por sem duvida. Bem vedes quão outro seria eu para vós, se chegassemos a concerto.»

«Basta, conde! — exclamou Ermesinda com um rasgo

de altivez, dirigindo-se para a porta. — Concerto nenhum póde haver entre nós; e da vossa compaixão já nada espero.»

Com isto sahiu do aposento.

.....

Gondemir, por mais de um motivo, desejava debellar a revolta quanto antes. Mas, d'accordo com o filho, deliberou tentar primeiro os meios pacificos, despachando um mensageiro á serra para saber dos servos o que pretendiam, e offerecendo-lhes no emtanto perdão do passado, se voltassem á obediencia e soltassem Froya Gutheres.

Zacoi foi encarregado d'esta missão, em quanto o condemosarabe descançava das fadigas da jornada.

Ao cabo de quatro horas voltou o presbytero-servo, achando Gondemir e seu filho no terrado do sul, onde tambem estavam alguns homens da escolta.

A summa das exigencias do chefe dos sublevados era a liberdade para elle e seus companheiros, com terra para cada familia, de que pagariam pensão, isso confirmado por carta regia; e como segurança do compacto até a confirmação, daria e pedia refens, devendo incluir-se n'estes o filho de Gondemir.

«Cid Octavio, que alguns já chamam *al modafer*, outros *o vencedor* — concluiu o padre-servo; — porque na noute de hontem ganhou outra batalha, derrotando a Sigulfo Gondesindes em Formegueiros...»

«De veras? Muit'em hora má! — exclamou Ekaredo.

«E que mais apraz ao modafer? — perguntou o magnate da curia em tom de zombaria.

«Não pede nada — continuou Zacoi; — mas manda prevenir o poderoso conde Gondemir de que se assentar em ir contra elle em som de guerra, tanto que os seus cavalleiros chegarem á altura da Cavana, será sem piedade degollado o conde Froya Gutheres.»

«É pois com potentado que tratamos! — exclamou o procere, disfarçando a vexação sob a apparencia do escarneo; e despedindo Zacoi, accrescentou: — Está bom, mohaddi, podes retirar-te.»

Os dous mosarabes apartaram-se dos circumstantes; e tomando pelo adarve, seguiram até o terrado do nascente,

dominado pela torre d'atalaya, onde se acharam sós. Na sua conversa empregaram o arabe, senão que, de vez em quando, Ekaredo, como que esquecido, voltava por momentos á lingua vulgar, que parecia ser-lhe mais familiar, ou a preferida.

«O passo é grave, por amor de Froya — disse o conde; — mas se o plano que combinaste em mentes eu dormia, for bem succedido esta noute, ficará tudo sanado; e amanhan com a chegada do reforço, voltarei para Lugo.»

«Tenho fé em que o golpe acertará, pois o guia é seguro; afiança-m'o o demonio da vingança que o governa. O mais tambem me parece em boa via. Se Affonso, como suspeito, voltou para Sámanos, estará para ti como o lobo no fojo.»

«Nem tanto assim; pois estará fóra do meu alcance, em quanto elle não transpozer os passaes.»

«Que importa, meu pae? É questão de dias, e de pôr cerco ao mosteiro, com boa vigilancia. O outro tambem deve de ali estar.»

«Que outro?»

«Bermudo.»

«Que fortuna, matar duas aguias com uma só frechada!»

«Cautela tive, conforme me ordenaste, em occultar a Froya a meditada prisão de Bermudo como preludio da acclamação de Hermenegildo; posto que, malpeccado, segundo as cousas se abalam, estaria bem fóra de poder oppôr-se a isso, se o proposito lhe surgisse á mente como receiavas.»

«Isso já não vem muito ao caso. D'onde soubeste, ou te nasceu a suspeita da estada de Bermudo em Sámanos?»

«Do que cuspiu um bebado na ceia de hontem. Nas borras do vinho medra a verdade; por isso lhe deram com a mão na bocca. Mas aventa-se o segredo no esforço de o envolver. Ha mais...»

«Que ha?»

«Tomou-se em Sámanos algum assento de magna importancia, e sob juramento.»

«Dize, pois.»

«Não cahi bem na razão do que transpirou. Mas suspeito que o diacono figurou ali por muito. Quiçá n'elle

puzessem os votos; e em tal caso, deu-lhe o seu o proprio Affonso.»

«Tudo isso é possivel, embora Bermudo ande desaffeiçoado com as cousas do mundo, em que todavia quer que o primo seja o mais avantajado. Tão máo é um como o outro. Ambos têem aleijão, e qualquer d'elles, subindo ao throno, andaria nas mesmas muletas.»

«Sim, qualquer d'elles daria o toque de finados a proposito de nós outros, meu pae; e o fruto de vinte annos de paz e de bom governo, se consumiria n'uma hora.»

«Deus affaste, meu filho! As mãos de homens grosseiros e ignorantes se apossariam então do leme do estado; e a nau, desgarrando-se, iria sem norte dar comsigo nas trevas de desconhecido oceano.»

«O oceano da guerra, meu pae, a que essas naturezas brutas se haviam de arremessar sequiosas de sangue, avidas de pilhagem, embriagadas pelo mesmo antegosto de paixões subitamente desenfreadas.»

«Mas para se afogarem, filho, como moscas em mel, no diluvio provocado pela cega impotencia do aturdimento.»

Este começo de ladainha prognostica, em que se revezavam o pae e o filho, foi interrompida pela chegada de um homem, que, entregando ao magnate-mosarabe um pequeno pergaminho fechado a nastro, lhe disse que vinha de Pravia por via de Lugo, onde chegára algumas horas depois da sahida de Gondemir.

Este, despedindo o homem, cortou o nastro com a adága; abriu a missiva, que media um palmo de comprido por duas ou tres polegadas de largo, e poz-se a ler.

Notou Ekaredo o estremecimento que teve seu pae, e a pallidez que lhe assomou ao rosto.

«Estamos bem aviados!—exclamou o procere.

«Que temos de novo?»

«Ouve!—e o conde leu de rijo, não em arabe, mas na lingua vulgar em que vinha escripto o documento:—'Perdemos o lobo, que Deus levou para si hoje á hora de prima'...»

«Morreu el-rei?—perguntou Ekaredo.

«É como dizes, filho—respondeu Gondemir, annuindo, e continuou a ler:—'Poucos aqui o sabem, e faremos por

guardar a puridade durante mais alguns dias. Recommendamos-te toda a diligencia no offerecimento do cachorro. Se a caçada sahiu boa, a raposa já nenhum damno fará; e com o podengo tanto sob a mão, pomos a nossa fé em teus esforços. Do bom ou máo fim que tiverem, pedimos aviso prompto'.»

«Percebo: o cachorro é Hermenegildo, que vaes fazer acclamar em Lugo. O peior é que a raposa não a poderam levantar, ou antes escapou aos monteiros; e o podengo, se acertei, não está tanto ao teu alcance como esteve, nem tornará a estar tão cedo como faria mister. Que te propões agora meu pae?»

«Voltar já, já para Lugo, levando commigo metade da força. Aqui te deixo o restante d'ella. Se o golpe não acertar esta noute, irás pairando á rebellião até termos o feito seguro em Lugo. Antes dar a alforria a estes perros amotinados, e com ella dar-lhes todas as terras em Riba-Lor ou no condado, do que arriscar a successão do filho de nosso Mauregato, que Deus haja em sua companhia! Isto para nós é lei suprema!!»

Retiraram-se os dous mosarabes, ignorando que no vão de uma das frestas da torre d'atalaya, havia quem tivesse presenciado o que se passára no terrado do nascente. Era Astrildi, que, sem perceber o sentido da conversa, ouvira e entendera o trecho da carta que se leu, e os commenos provocados pela leitura.

XXII

A FORÇA DAS COUSAS

Todo preyto que alguem fezer em prysson ou per força ou per medo nom valha...

Rei D. Affonso III, *Estabelecimentos*.

Profundas eram as trevas no meio das quaes resoavam em chão lageado, passadas irregulares que, parando de quando em quando, acabaram finalmente por se não ouvirem mais.

Então uma voz quebrando o silencio, encheu aquelle vacuo, vacuo para a vista, com accentos cujas inflexões variavam com os intervallos a que se faziam ouvir. Era já um suspiro ou gemido de dôr intima; já um echo prolongado do tedio; já uma expulsão de voz vibrando uma praga; já os fragmentos descosidos escapando de um discurso mental.

«O pae — dizia a voz, depois de um d'esses intervallos — o pae não me apartou da luz do dia... Voltou... Porque?... Estariamos em salvo... Assim foi melhor... Indo com elles, a nossa ausencia, a d'ella, fôra clarão... Era pôr archotes no caminho de Subrego... Estamos em poder do infame!... Tinha cara de quem visse espectro... Negou... Teve medo... Perdeu o tino... Confessou... Vingança atroz... N'este carcere cego... Prenuncio e antegosto... Ha! ha! ha!»

De repente, após uns minutos de silencio, soou outra voz, surda, seguida de um tinir metallico, e do estridor de uma chave dando a volta em fechadura. Os gonzos chiaram, e fez-se luz.

Um homem, segurando a candêa na mão alevantada, in-

troduziu uma mulher na masmorra; e depositando a candêa no chão, retirou-se sem proferir palavra.

Guesto Ansures e a filha do conde Froya estavam em presença um do outro.

«Ermesinda!»

«Em que jazigo te metteu o malvado! — exclamou a donzella, contrahindo-se sob o contacto do ar humido e miasmatico da estreita e medonha estancia.

«Para o noviciado da cegueira ou da morte, não foi mal escolhida clausura — respondeu o mancebo com um sorriso não alegre.

«É sahir já d'aqui, desditoso amigo! Estás livre.»

«Estou livre! E a ti o devo? De quem obtiveste a minha liberdade, Ermesinda? Sei que Gondemir já não está no castro.»

«Oxalá que estivesse, não estavas tu aqui! Teve de partir porque morreu Mauregato.»

«Morreu Mauregato!»

«Morreu; e Gondemir voltou para Lugo com o fim de fazer acclamar a Hermenegildo.»

«Bem vinda liberdade, que em tal conjunctura me permitte ir reunir-me aos amigos! Assim, com a morte do intruso, desapparece o ultimo obstaculo á nossa felicidade. Do conde Froya, estava eu já quasi certo; agora juro que será um dos nossos... Oh! Ermesinda, que ventura nos aguarda!... Já sei; ganhaste o carcereiro. É a liberdade de ambos; e vens fugir commigo. Oh, minha vida, fujamos!»

«Não posso acompanhar-te, Guesto — respondeu ella com voz baixa e hesitante.

«Não podes acompanhar-me! É pois sabido e consentido de Ekaredo que me vens soltar?»

«É como dizes.»

«E tu permaneces no castro?»

«Não tenho outra escolha.»

«Pois ficarei tambem.»

«Isso não podes; só começa a tua liberdade para lá da ponte.»

Houve uma pausa momentanea.

«Porque te elegeu o filho de Gondemir para seres men-

sageira da sua *clemencia?* — perguntou Guesto com ironia, ainda mais penetrante pelo pausado das palavras.

«Tens razão, foi malavisado em tomar sobre mim o encargo; ainda peior, em solicital-o.»

«Ermesinda, que razão te moveu a isso?»

«Ver-te, e dizer-te um ultimo adeus — respondeu ella com voz suffocada.

«Um *ultimo* adeus! E tens rosto para m'o confessar? Treme-te a mão; esta mão que me prometteste! Desvias o olhar do meu; a ternura que n'elle me encantava...»

«Meu coração é teu, e sel-o-ha sempre.»

«Então porque não iremos juntos?»

«Guesto!»

«Ir eu, e deixar-te aqui, isso nunca!»

«Não sou livre de sahir do castro; e só sahindo, podes tu sel-o.»

«Porque, e como foi que, impetrando liberdade para quem a perdeu sem razão, a perdeste tu que a tinhas tão inteira?»

«Perdoa-me!... Que havia de eu fazer?»

«Deixar-me estar aqui. Que me importa a liberdade sem ti? Porque condição a compraste?»

«Não sabes ainda... Tratava-se da tua vida, ou renunciar a ti...»

«E tomaste tão fatal compromisso? Mas isso nada vale; tiveste medo; forçaram-te a vontade. Isso annula o preito; nem estás ligada pela consciencia.»

«É peior; estou atada de pés e mãos, e sem poder que me venha desatar o nó.»

«Pois bem, renuncio eu a minha liberdade — disse Guesto, desvairando um tanto, — e á mesma vida... Estás pois desobrigada... Amo-te mais que nunca, Ermesinda. A idéa de te perder, mata-me. Por ti sómente me tem surgido os sustos n'estas horas de negra solidão... A não ser teu pae, quem tem direito de nos separar? e por elle respondo eu... Vem, fóge para as irmans de S. Miguel. Ali estarás segura. Fujamos, minha adorada, fujamos! — e pondo o braço em volta da donzella, quiz arrastal-a para fóra da masmorra.

«Arreda-te, malaventurado! Já me não pertenço... Sou d'outrem.»

«Que me dizes!—clamou o mancebo, largando-a com impeto.

Ella, meio desfallecida, cahiu de joelhos.

«Perdoa!»

«Barregan do circumcidado!—gritou o trovador com voz e gesto em que o desprezo sobrepujava a ira e o desespero.

«Oh, atroz injuria!—exclamou a nobre donzella no auge da indignação; e pondo-se de pé como se tivesse obedecido a um choque electrico, cruzou os braços com altivez, arquejando, pallida, convulsa, e com o fogo a chammejar-lhe nos olhos.

Contemplaram-se em silencio por um instante. Guesto mudou de tom.

«Perdoa! Enganei-me. Assim que fizeram-te já esposa? Foi prompto! Mas na estrebaria ha sempre ginete sellado; ha padre d'alva e estola na capella.»

«Sou *desposada*.»

«Ah, desposada? Do homem de Cordova? Do gentil mosarabe? Dou-vos a prolfaça, senhora. Ekaredo e Ermesinda, que mavioso concerto de nomes! Ah! ah!... duas rolas!»

«Estás sem piedade!»

«Quando são as nupcias? Quero ser das testemunhas em tão nobre casamento... Não; serei padrinho... Melhor, na falta de vosso pae, entregar-vos-hei, se m'o permittirdes.»

«Depois do ultraje, a ironia!»

«Porque?—proseguiu o trovador com sarcasmo desesperante.—Se eu vos desobrigo da palavra empenhada? Que mais se póde exigir? Se até me offereço a pôr-vos a mão na do vosso amante? Os pretendentes caninos dão descanço ás suas dentadas perante a escolha manifesta da...»

Guesto calou-se de repente, cahindo em si. Notára o olhar intensamente apprehensivo, agoniado, cheio de terror com que a donzella o encarava convulsa.

«Oh Deus de misericordia, até onde chegará esta provação!—disse ella em voz sumida.

«Tu escolheste um digno esposo. Para ti não ha dezar! Para ti não ha descimento de honra! Quem menêa o pu-

nhal do homicida, é cobarde; e cobarde é a mulher que se rende diante das ameaças. Sois um par; sêde pois felizes.»

«Feliz! Eu?... É o jugo da desgraça que me impoz a intensidade de meu amor por ti.»

«Já não tens direito para fallar-me d'amor; guarda-o para esse a quem te vendeste.»

«Se me vendi, se fui cobarde, foi para te salvar a vida, homem duro e cruel!—gritou ella com uma voz de desespero que rasgava o coração.

«Devias deixar-me morrer—respondeu elle, moderando-se.

«Guesto, a tua ironia queimava-me como braza ardente; o teu desprezo mata-me agora. Ouve, e quando souberes tudo, então condemna-me ou perdoa-me.»

«Perdoar-te! A ti, que, salvando-me a vida, m'a tens para sempre abysmado!»

«Imaginas que a tua prisão foi para te arrancar o segredo do destino que levou Affonso? Pois saberás que tinha fim mais occulto. Gondemir offereceu-me a tua liberdade sem outra condição que desposar-me com seu filho.»

«E acceitaste.»

«Recusei.»

«Não entendo.»

«Pois ouve, e entenderás. Ah! se Gondemir se tivesse demorado, não chegavam as cousas a semelhante lance. Mas, na sua ausencia, ninguem ficou para disputar o poder a Ekaredo. Estavamos ambos á sua mercê...»

«Fatal situação!»

«Sim, á sua mercê: eu, que elle persegue com o seu amor aborrecido; tu, que elle detesta como anjo máo a anjo bom, e agora com mil rancores accrescidos desde a terrivel lição que lhe déste na vespera...»

«E entre ti e a vingança, deu-te a preferencia?»

«Deu-me a escolher, mas com modos de gelada cortezia, entre acceital-o por marido, ou ver-te arrancar os olhos...»

«Que valor tinha para mim a vista, senão para a pôr em ti?»

«Hesitei; mas alfim mantive firmeza, rejeitando...»

Oh! ahi te reconheço; eras bem a minha Ermesinda! Mas?...»

«Foi então que o monstro te mandou lançar n'esta enxovia. Passado algum tempo, chegou-se furioso a mim; nunca assim o vira, parecia uma fera: Ou havia de consentir em ser sua mulher, ou no mesmo instante te mandaria matar.»

«Não queria a vida senão para a gozar comtigo... Acceitaste! Oh! fraqueza de mulher!»

«Se acceitei, foi só depois de muito esforçar, e com uma condição, que elle acabou por conceder.»

«Qual foi? — perguntou o mancebo n'uma expectativa suprema.

«E bem sei porque a concedeu. Pois esta noute...»

Deixemos o porquè; qual foi a condição? — segundou Guesto com impaciencia.

«A soltura de meu pae.»

«E o seu prazimento ao vosso enlace? — suggeriu Guesto com a esperança pintada no rosto.

«Por mofina, não. Recusou-se. E não estaria meu pae, como nós estamos, em poder d'esse ministro de Satan? Em nome do nosso passado, perdoa-me, Guesto!»

«Invocas esse passado? Pudera eu riscal-o da memoria! Passado de illusões, quando eu cuidava ver em ti um ente superior aos do teu sexo. E hoje acho em ti apenas uma... mulher!»

«Humilhada pela dor, e que por esmola só pede o teu perdão; — e abaixou-se-lhe aos pés.

«Lembras-te, Ermesinda, o que me disseste lá fóra, ha tão pouco tempo, e que te ouviram as estrellas? Que não medisse a tua alma pela fraqueza do teu corpo; que serias minha, ou de ninguem? E has de ser... vaes entregar-te... receber nos teus braços a esse... Oh raiva! Quizera odear-te; só acho desprezo pela mulher falsa!.. »

«Seja então esta misera vida o preço da minha redempção! — bradou ella com um rasgo de energico desespero, sacando um punhal que trazia escondido no seio.

Um leve corisco feriu a vista do trovador, que, com um movimento rapido, segurou o braço que descia já com a arma homicida, de que se apossou, arremessando-a de si.

«Tens razão — disse a donzella com desfallecimento; — era entregar-te eu mesma ao verdugo.»

«És deveras digna de piedade! — e na voz de Guesto já não havia senão tristeza. Depois de uma pausa, proseguiu: — Custa-me acceitar a vida que compraste por preço do teu corpo. Mas como thesouro a guardarei até ser vingado do infame que nos affrontou a ambos. Adeus, Ermesinda!»

«Oh! Guesto, nem palavra de perdão?»

«Que Deus te perdoe, pobre mulher!»

O cavalleiro atirou-se para a porta, e sahiu.

«Foi-se!... Ah, meu Deus! será para não mais o ver?... Oh! meu amado, mal sabes tu quão pouco merecia esta desgraçada o teu resentimento, o teu desprezo, as tuas contumelias! Mas breve saberás como te guardou a fé. Na hora do extremo, eis aqui o meu refugio! — com isto apanhou o punhal, que beijou, tornando a escondel-o no seio.

Dispunha-se a sahir do carcere, quando de repente lhe appareceu Guesto.

«Oh Ermesinda! Ermesinda! minha adorada, perdão, perdão! Aqui de joelhos t'o peço. Tu és um anjo de abnegação e de brandura! Fui um selvagem indigno de ti, indigno do que te venho supplicar! N'um momento de loucura, esqueci-me! A ira é paixão legitima; Deus nol-a deu para nos indignar do que é illicito; mas deu-nos tambem a razão para a cohibir quando se desmanda. Contra o teu angelico sacrificio não tinha eu direito de me revoltar com tal bruteza. E tu, na tua sublimidade, humilhaste-te diante d'aquella explosão ferina. Oh! mulher celeste! peço da tua mansidão um signal de que perdoas ao arrependido.»

«Guesto! — respondeu Ermesinda com o pranto a rebentar-lhe dos olhos — só tu eras capaz d'isto. Não sei já o que me disseste; mas se o perdão t'o póde fazer esquecer, como a mim, dou-t'o mil vezes, como te daria quanto me pertence dar-te, pelo bem que me fazes agora.»

«Mulher sublime! será possivel que Deus te deixe consummar este sacrificio? — exclamou o mancebo, levantando-se entregue á mais viva commoção.

«Confiemos n'Elle, meu amigo; pois contra a sua vontade não ha poder que valha. Mas vamo-nos d'aqui; esta de-

mora parecerá demasiada; eu mesma, por meu socego, quero ver-te passar o portal do castro.»

Com isto sahiram da masmorra.

XXIII

NEGOCIADOR E ESPIA

O corvo não póde ser mais negro que as asas.

JORGE FERREIRA DE VASCONCELLOS, *Eufrosina.*

Era passada a hora de recolher da duplice communidade em Subrego. Na sala grande velavam todavia os hospedes do convento, Affonso e os homens principaes da sua comitiva. Estava ali tambem um ancião, de roupas talares de estamenha, e uma senhora de veneravel aspecto trajando tecido do mesmo genero.

Guesto, chegado havia pouco, tendo dado uma relação circumstanciada de quanto lhe succedera desde a vespera, depois da partida dos cavalleiros para Subrego, constituia ainda o centro da attenção exercida nos circumstantes pelo interesse que despertára a sua narrativa.

A noticia da morte de Mauregato causou grande abalo, fazendo com que alguns suggerissem o regresso immediato para Sámanos, onde ficára a mãe do principe assistida de Bermudo, que, á espera da presumida eleição formal, foi antecipadamente acclamado pelos cavalleiros presentes, apoiando a voz levantada por Affonso, que deu o primeiro brado.

Depois de algum debate, foi adiada a partida para a manhan seguinte, e por duas considerações: a uma, porque achando-se o diacono em Sámanos, não o julgavam em perigo immediato; a outra, para descobrir meio de salvar Ermesinda da situação arriscada em que estava; isto, at-

tendendo ao calor com que Guesto advogava uma causa aliás tão sympathica á maior parte dos cavalleiros, se não a todos. Manifestou-se n'esta occasião, com maior emphase, a mudança que se effeituára já desde a vespera, no animo d'aquelles que até ali pareciam ser-lhe hostis, nomeadamente com respeito ao conde Roderico, que, mesmo oppondo-se a alguma proposta do trovador, o fazia agora sem azedume.

Guesto queria que se tentasse um golpe de mão n'essa mesma noute; mas com quanto alguns o apoiassem, entre elles Guther e Pelagio, outr'ora acerrimos contradictores do poeta-guerreiro, a maioria da assembléa oppoz se a uma empreza tão aventurosa, em presença das novas condições politicas do paiz, as quaes iam reclamar todo o desvelo e todos os esforços dos que patrocinavam a candidatura do diacono.

Assentou-se por fim no expediente de despachar alguem com o proposito de colher informações sobre a sortida que se meditava contra os servos; porque, se ella tivesse bom exito, obrigaria a maior parte da guarnição a acudir á serra, para ter os rebeldes em respeito, e tornar effectiva a sua submissão. N'esta conjunctura apresentar-se-hia de manhan diante do castro, a força commandada pelo conde Roderico, annunciando a morte de Mauregato e a candidatura de Bermudo, o que provavelmente daria em resultado que os seus poucos defensores se submettessem sem combate, associando-se mesmo aos que lh'o intimassem.

Mas quem seria encarregado de uma missão que se resolvia n'um acto de espionagem? Era preciso em todo o caso que fosse homem conhecedor dos sitios. Guesto, que se offereceu, não foi acceite por lhe faltarem algumas das condições requisitadas.

«Talvez a veneranda abbadessa queira eleger um dos irmãos para este serviço que lhe pedimos — suggeriu o principe, dirigindo-se á senhora mencionada acima.

«Que vos parece, Vimaredo? — disse ella ao prior, em tom indeciso.

«Correria perigo se cahisse nas mãos dos rebeldes — respondeu este; — mas... Ah! Aqui temos quem nos ha-de valer melhor que ninguem.»

Apparecia n'este momento um novo personagem.

Apenas transpoz o limiar, estacou, contemplando a reunião com surpreza, que, passado um momento, se demudou em embaraço. Da parte do principe e dos seus companheiros, manifestou-se o espanto, que porém não durou muito.

«Que tendes vós, irmão? Chegastes a fallar com Octavio? — perguntou o prior ao recem-chegado.

«Que meada é esta? — exclamou Affonso. — Levaremos uma vaia, se aquella é a cara que já vimos.»

«Oh, se é! Foi tal e qual o pasmo de Sámanos — disse Theudas.

«Eis ahi o gilvaz na testa — accrescentou Roderico; — e fomos logrados!»

«Ha! ha! ha! Aqui temos, pois, a sombra, o phantasma, o espirito maligno por meu pobre cantar evocado das moradas extramundanas; mas que, voltando assim á hora costumada das almas errantes, a ninguem já põe medo! Não é o demo tão feio como o pintam.»

Assim dizendo, Guesto aproximou-se áquelle que attrahia os olhos de todos.

«Quem é esse homem, Vimaredo? — perguntou o principe.

«Osoredo, presbytero de S. Damião e S. Cosme de Tolsun — respondeu o prior.

«A quem, abaixo de Deus, sou devedor da vida, e de uma noute de boa hospedagem — accrescentou o trovador.

«Este indigno ministro de Deus mui humildemente se acurva ao regio filho de Munia; — Osoredo adiantou-se, saudando o principe respeitosamente.

«Accrescentarei o que lhe não soffre a modestia declarar por si — disse Guesto: — Não vos conheço, senhor, parcial mais decidido, nem amigo mais affeiçoado do que este digno sacerdote.»

«É como diz o cavalleiro; mas entre os homens nenhum valor tem a voz de Osoredo.»

«Muito folgaria poder vol-o agradecer sem condições — disse Affonso com reserva; — causastes um grande abalo á rainha; e a vossa apparição a outra noute, e prompta retirada, pedem alguma explicação.»

«Eu ignorava, Senhor, que estivesseis em Sámanos com vossa mãe — respondeu o presbytero; — mas sabia estarem ali muitos cavalleiros; e fui com intento de lhes dar conta do que se passava em Riba-Lor, e pedir-lhes soccorro, por nenhum haver mais perto.»

«Foi, por ser o unico capaz d'isso — observou a abbadessa.

«Porquê o unico?»

«Porque no meio do tumulto que andava lá por fóra, qualquer outro homem livre punha a vida em ventura. Mas Osoredo, dês que veiu ha muitos annos avizinhar comnosco, tem sabido merecer o amor de todos, já pela caridade com que acode aos doentes, já pela boa sombra com que recebe os mais humildes, e prestança que lhes faz.»

«Dirieis melhor, irman — suggeriu modestamente o presbytero, — que se escapei ao odio, foi por ser quasi o unico homem livre n'estes sitios, que não tem terras, nem servos; apenas chamo meu a um macho, para as jornadas mais compridas.»

«Sabeis d'onde veiu? — perguntou o principe á abbadessa.

«Nunca nol-o ha querido dizer.»

«Presbytero! Amurrio foi a vossa patria; sois aquelle que a rainha cuidava morto. Não é assim?»

«Osoredo nunca mentiu, senhor; e não hade negar-se hoje á verdade.»

«Só não approvo terdes fugido tão açodadamente, qual fera com medo dos monteiros. Deixar a minha mãe, e a todos nós, possuidos de uma tremenda illusão, era, me parece, ter em pouca estima a verdade.»

«Nem sempre damos boa razão dos nossos actos, que assim podem dar má conta de nós. Fui senhoreado de uma força occulta n'aquelle momento. Encantoado desde muito n'este rincão, e vendo-me a ponto de ser descoberto, assustei-me. Mas foi debalde! O passado é como o crime, de que todavia não tenho para que me accusar; deixa indelevel o seu signal, e não perdôa. Seja feita a vontade de Deus!»

«Não tendes porque affligir-vos, amigo presbytero — re-

plicou o principe com olhar benigno;—nem motivo para receiar contrariedade na vida que escolhestes, de que não poucos já tiraram proveito.»

«E ninguem mais do que nós outros—disse o prior.—A sua intervenção contribuiu tanto senão mais que a agrura do sitio, para que se levantasse o cerco em que nos puzeram nossos servos.»

«Não vos esqueçaes, primo—ponderou a abbadessa,—de que as nossas vidas nenhum perigo correram, ao parecer. Os pobres desvairados vieram com olho na fazenda, e foram-se em boa hora satisfeitos com o gado e o que acharam nos celleiros. Basta o máo, sem pintal-o peior.»

«Não faremos questão d'isso, Sára; vamos ao que mais importa—replicou o prior.—Ora, dizei, Osoredo, levastes a mensagem de que a abbadessa vos encarregou na vespera?»

«Levei; e agora mesmo venho da serra.»

«Porque tardastes tanto?»

«Cheguei lá ainda com a luz da estrella d'alva; mas negaram-me entrada para além do vallado, sem licença do capitão. Disseram-me que havia pouco voltára de uma facção...»

«De Formegueiros, sem duvida, onde fôra esperar Sigulfo Gundesindes, como vos contei inda agora, senhores, sem comtudo saber como lhe tinha sahido o commettimento—disse Guesto, interrompendo o padre.

«Foi isso mesmo, como vim a saber mais tarde—continuou Osoredo:—e desde já posso certificar-vos que Sigulfo, indo dar com a sua turma n'uma cilada, levou a formidavel derrota que lhe deu o nosso aloucado.»

«Que tal é o aloucado!—exclamou Affonso com assombro.

«Não fôra crivel—ponderou Theudas—se não tivessemos já o exemplo de Froya Gutheres.»

«Tinha eu vontade de ver esse heroe!—disse Roderico n'um tom a que não conseguiu dar toda a ironia que se propunha.

«Como ia dizendo—proseguiu Osoredo,—não o quizeram despertar do somno que tomava, e tive convite de volver passada a hora de sexta. Quando regressei, sahia de lá Za-

coi, o padre de S. Pedro, com resposta a uma mensagem que levára da parte do conde Gondemir. Depois de esperar muito tempo, trouxeram-me esta soberba resposta: 'Que o leão mandára intimar paz ao que elle cuidava ser abutre de unha fraca e sem nervo para segurar prêa viva, a que só morta e podre arrisca o cobarde bico. Mas já hade saber o leão que quem lhe faz rosto é aguia de voz tão terrivel como a sua, de olho tão certo na côr e que no chammejar em nada lhe cede, de garra tão robusta como a d'elle e que só aferra carnes palpitantes. Que a aguia espera lá em cima a replica do leão, e se nega, por inutil, tratar com quem represente menos'. Em summa, para encurtar razões, sabereis que foi só depois de desengan lo pelo recado que lhe mandei, em seguida a uma visita que fiz ao castro, e muito instado por mim, que o aloucado alfim consentiu na minha ida ao Seixo da Cruz, sendo já noute fechada.»

«Que resposta nos trazeis do nosso desencaminhado Octavio? – perguntou a abbadessa.

«Que resposta nos trazeis d'aquelle marão de Satan, que por tanto tempo nos vendeu a todos com os seus modos de jogral, ora folgasão, ora triste, mas sempre humildoso e amoravel, um verdadeiro acólytho do pae da mentira?— perguntou o prior, com um olhar de leve censura á nimia indulgencia de sua prima.

«A resposta não é qual a desejaes — tornou Osoredo. — Nada consegui; nem pude demover o homem da sua teima e contumacia.»

«E a carta de alforria, que lhe passei com o prior— perguntou a abbadessa,— confirmada por todos os irmãos e irmans d'esta casa, não lh'a lestes?»

«Do começo até ao fecho; mas metteu a barato.»

«Então duvida de nós! — disse Sára, insistindo. — Não lhe fizestes notar as maldições a que nos expomos indo contra o concedido?»

«Duas vezes lhe li aquelle rol de temerosas imprecações —respondeu o presbytero, tirando da cinta um pergaminho que desenrolou, lendo de rijo: — 'e se alguem d'entre nós ou d'entre os nossos, o que não cremos, ou algum estranho for contra este nosso acto espontaneo, com intento

de o romper, ou de annullar o que n'elle promettemos, seja anathema maranatha, e sepultado vivo com Dathan e Abiron, e condemnado ás penas eternas com o traidor Judas Iscarioth, e privado do lume da vista em ambos os olhos, e accommettido da lepra desde a cabeça até as plantas dos pés, e separado da communhão do corpo e sangue de Jesu Christo, e mais cáhiam sobre elle todas as maldições contidas no livro de Moyses pelos seculos que não tem fim; e pague em dobro o damno que fizer, e ao senhor da terra dous talentos d'ouro, e seja esta escriptura firme até o fim do mundo'.»

«Que mais queria elle? — exclamou o prior, indignado. — Para que tivesse mór força e firmidão, cuidei em tornar excepcionalmente tremendas as penas incorridas por quem fosse ousado de infringir a nossa carta.»

«Não foi essa a duvida — continuou Osoredo; — mas limitar-se o beneficio concedido aos que pertencem, ou, como elle dizia, pertenceram a Subrego, e já não eram servos de ninguem. 'Pois imaginas', bradou Octavio afinal, como se quizesse tomar o céo com as mãos, 'pois imaginas que heide levantar o campo, como exiges, ou abandonar meus parceiros, deixando-os á misericordia de seus inimigos, para irmos descançadamente, nós outros de Subrego, em guisa de homens forros, haver de presúria os alfoufes que ora nos querem dar por medo? Os lobos só rasgam e comem o companheiro ferido de morte, e eu heide me olvidar dos meus ainda sãos e vivos! Isso não farei, em que o preço fosse ser rei em Pravia'. Foi aqui cortado o seu discurso por acclamações de *viva o capitão! viva o nosso cid! viva al modafer!* pois em roda de nós se apinhava muita gente. Depois accrescentou Octavio: 'Ao meu appello responderam estes, que são hoje meus filhos. Nos perigos serei vibora, que na bocca acolhe os pequeninos ameaçados, e d'ali mesmo despede a arma com que os defende. Boi ou vacca no busto não engorda nunca sem parçaria. Nós, antigos servos, hoje homens forros, ficaremos em um só rebanho; por outra arte não havemos de medrar. Aqui nos ajuntámos; e d'aqui nos iremos juntos, ou aqui juntos havemos de morrer. Seja a abbadessa, se lhe apraz, o nosso avindor. Obtenha ella para os demais, o que bem quiz

offerecer-nos hoje, a nós que fomos e já não somos servos seus. Então poderás tornar aqui sobre paz e composição; antes, não'.»

«A resposta é nobre, nem parece vir de tal gente — observou o principe.

«Veremos o que se póde fazer — disse a abbadessa com um suspiro. — Se todas essas ovelhas desgarradas fossem dignas do novo pastor que lhes coube em sorte; se se não tivessem mudado em tigres; se não houvessem morto tantos senhores de terra, ter-nos-hia sahido mais facil, quiçá, a tarefa que nos impõem.»

«Foi o que a Octavio me pareceu lembrar — observou o presbytero; — e elle respondeu que o remedio está no bispo de Lugo, ou no proprio rei.»

«Fallaremos com Bermudo sobre o caso—disse o principe.

«Ou não o conheço—ponderou Guesto com convicção.— ou tenho por certo que o nobre diacono, que em breve será nosso rei, hade usar com elles benignamente. Alguma desculpa merecem os mofinos, pela crueldade e tyrannia com que eram muitas vezes perseguidos.»

«Entre discorrer com os affeiçoados na sombra dos loureiros de Lugo, ou ler o breviario no claustro de Sámanos, e trazer na mão o sceptro das Asturias, vae grande distancia, meu amigo. São dous officios, que, postos em um só homem, o farão tambem dous—disse Theudas com um sorriso para o trovador.

«Ingenuar os servos—disse Roderico, servindo-se da expressão em uso n'esses tempos,—ingenuar os servos de todo um condado, não fôra de prudente politico. Compôr-nos com elles, tambem não; ou só no ultimo extremo. O que Bermudo tem de melhor a fazer, depois de assentado no throno, é mandar uma tiufadia contra esta corja; e será até sobejidão.»

«Assim tudo acabaria em sangue! Deus affaste!—exclamou a boa Sára.—Não era assim que o Salvador soia chamar a si os extraviados.»

«Ha peior que isso—disse Vimaredo com mais fleugma e menos caridade que sua prima.—Se os servos morrerem, ou a mór parte d'elles, quem nos hade lavrar as villas e

deganhas? E ainda que el-rei lhes perdoasse a servidão, não póde isso fazer-se com cedo, e entrará a fome por esta casa do Senhor! Os ladrões limparam os celleiros lá em baixo; e tudo por fóra está feito um deserto. O que temos cá nas casas mal chegará para o quarto minguante, e então sentiremos falta de mantimentos!...»

As lamentações do Jeremias de Subrego, foram interrompidas pelo principe, que pediu a Osoredo o serviço de se encarregar da missão a Folgoso, a qual se discutia quando elle appareceu. O presbytero prestou-se de boa vontade; e em quanto não voltasse a dar conta de si, a sociedade dispersou-se, indo cada um descançar no logar que lhe fôra assignado.

. . . . . .

A communidade e os seus hospedes estavam dormindo o somno da modorra, quando o religioso servindo de porteiro, despertou ao som de golpes no portal. Suppunha que seria Osoredo, regressando da incumbencia que acceitára; mas não foi pequena a sua admiração, ao reconhecer o conde Froya, acompanhado de Savarigo e mais alguns servos.

XXIV

ALPE

> Por qualquer cousa matava, queimava, destruia, fazia cousas de todolos diabos. Não havia cem homens, que na força de minha colera me tivessem rosto meya hora. Todos assombrava, todos tremião, onde quer que meu nome soava, fazia espanto, e assi era chamado o segundo Annibal.
>
> Antonio Ferreira, *Bristo.*

Á mesma hora em que Octavio servia de assumpto aos commentos que ouvimos em S. Miguel de Subrego, estava elle em pessoa na cabana habitada por Leodaka e seu pae.

Recostava-se ella nos coxins ao pé da cama, como a vimos já em outra occasião.

Caio e o caudilho dos rebeldes estavam sentados junto da parede, com a mesa entre elles, sobre a qual havia copos e um gomil de prata, contendo uma bebida fermentada composta principalmente de mel e losna, diluida em agua.

O reposteiro estava levantado, suspenso a uma cavilha, e Alpe dormia deitado do outro lado da porta.

O rosto do pae denunciava máo humor. No da filha via-se um como enfado somnolento. A desconfiança transparecia no semblante do ex-moleiro, em despeito do esforço que fazia para occultal-a.

«Torno a repetil-o, Leodaka; desculparás o acto como te aprouver, mas sempre faltaste ao preito a que eras obrigada — disse elle, quebrando o silencio que durára alguns momentos.

«Pois seja, já que o queres assim — respondeu ella. — O mal ás vezes só com mal se remedêa. O damnado cura-se com beber do sangue e comer da carne do cão que o mordeu.»

«Tudo vinha a parar no mesmo, Octavio — disse Caio; — só fizemos o que terias feito ao voltares.»

«Sem duvida. Mas vamos que Sigulfo me escapasse, ou vencesse, voltando nós de fugida?»

«Eu tinha fé nos teus fados, Octavio. Sempre disse, e direi sempre: andas inspirado em algumas cousas; em outras, não. N'essas em que obedeces ao teu bom genio, tudo hade sahir-te bem.»

O caudilho perdeu n'um instante a expressão de dissabor, desfazendo-se n'um sorriso que muito lhe avantajava o aspecto, sorriso provocado pelo tom levemente afagador da feiticeira, ou por um sentimento de vaidade, ou talvez por ambos.

A mudança durou pouco; e com aquella insistencia dos animos que á perspicacia reunem a tenacidade, voltou á carga.

«Assim, assim, meu paraiso! Mas vamos de vagar e mansinho. Se tinhas tanta fiusa em mim, se me vias já aferrando a relé, como assor a perdiz; porque não esperaste o fim da caçada? Porque não deixaste o nosso captivo estar á estaca, até que eu mesmo o fosse soltar?»

Leodaka não se dignou de responder.

«Isso é ser emperrado! — disse o pae, impaciente. — Se minha filha hade ser tua mulher, não ha mal que tenha parte no poder que te foi dado; tanto mais que a ella o deves, se de nosso igual te fizemos homem de marca.»

«Por quem sois, Caio, quero que sejas o galgo, eu a lebre; e até, quando não ha escapar-te, farei como ella gyrando qual pião sobre o bico. Aqui a sós, vá! Mas cuidado, homem, no que disseres lá fóra! É advertencia, com olho no passado. Tudo tem o seu quando; e Deus acuda áquelle que me queira pôr o pé diante!»

«E tem tu cuidado, homem, em como fazes de assomado e soberbaço. É aviso de amigo, com olho no porvir. Sempre és um ingrato de cabo a rabo, nem amizade conheces.»

«Quando de nada se faz algo, sendo fortuna de muitos a que nos prende um laço mais forte que a mesma amizade ou gratidão, nada lhes devemos, se ha ahi estorvo ao que nos obriga. É ter paciencia.»

«Alguns ha, e não poucos, que a vão perdendo já, aborrecidos de não pôres nunca os negocios no parecer de teus centuriões; mas, dando-te ao proprio conselho, pedires obediencia cega á tua vontade.»

«Entrou na avença.»

«Adeus avença! se fizeres recordar com saudade a servidão que sacudimos.»

«Commigo irá sempre a minha grey; commigo hãode bradar a todo o lance os homens de sangue romano; e são outros tantos como os demais juntos. Assim mesmo não quizera que chegasse a tal passo; nem quero baralha. Quero que, divididos só em molhos e pavêas, como as espigas, me tenham todos a mim por vencelho.»

«É muito *quero* e *não quero,* amigo. Estás concho em demasia.»

«Pois hade ser por mais que digas, gritando, o que outros quiçá dizem entre dentes. Não os illuda eu com promessas falsas; mas acerte em fazer chegar a minha barra, e a crença que elles têem em mim, hade ir crescendo com os dias.»

«Até dares com tuas abastanças uma topetada no fecho

de algum arco que as não deixe passar, e te esmigalhe o craneo.»

«É mais facil seja arco de triumpho.»

«Digo-te que ao primeiro desacerto virás ao chão; porque se o amor em reserva dá passada ao erro, o medo é estribo que, perdendo-se, não perdoa a quéda. D'ella não te levantarias.»

«Se do baque aleijar, d'accordo! Mas em quanto os ossos não se romperem, e me vier a falla pela bocca, os meus fados me hão de valer. D'esta mão — e Octavio alçou o punho da dextra com arrogante confiança digna de um imperador romano — d'esta mão já não se podem libertar os que, por vista ou soada, sabem quanto pesa e quanto póde; e são todos.»

«Isso não! — bradou Caio, levantando-se com revoltoso impeto. — Aqui vês um que se nega a essa servidão.»

Alpe ergueu a cabeça, dando um latido surdo.

«Pae, pae! — exclamou Leodaka, anuviando-se-lhe o rosto, e correndo para elle. — Não haja aqui contenda! Lembra-te de quanto vae em sermos ou parecermos um e conformes na vontade. Que seria de nós todos, se isto chegasse a desmancho!»

O pae cedeu, tornando ao seu logar com mostras de amuado.

O caudilho não se movera, nem se deu por offendido; veiu-lhe apenas um sorriso como de quem soffre o despique de uma creança. Seguiram-se alguns momentos de silencio; até que, quebrando-o de repente e como que endiabrado na sua pertinacia, Octavio disse para Leodaka:

«Já que estavas tão inclinada á misericordia, porque não soltaste tambem a Froya Gutheres?»

«Porque fôra mutilar a tua obra, senão cortar-te a mão com que a ordenaste; fôra trahir-te, com dar a liberdade ao refem, faltando o preço do resgate, que é a nossa — respondeu ella tranquillamente.

«Dize antes, porque o conde não é Guesto Ansures! — replicou o caudilho com um riso sardonico e um olhar cheio de ciume. — Dou ainda graças a Deus que o nosso refem não te levasse os olhos quanto fez o outro com seu garbo. Ainda que a vida de nós todos pendesse de termos

o passaro fechado na gaiola, ter-lhe-hias aberto a porta.»

«És injusto, Octavio. Tenho dado muitas provas de quanto sou devota á nossa causa... e a ti.»

«Hui! Vejo as orelhas da egoa a saudarem a mão afagadora. Sei que pelas curvas do espinhaço dá o gato mostras de affeição. A cada especie o seu modo! Tomára me dissesse minha amada, onde devo buscar os signaes com que responde o seu agrado?»

«No prazimento dado ao que de mim quizeste... até onde pôde ser. Dar o que se não tem, está fóra do alcance. Preveni-te; acceitaste não obstante.»

«Não me preveniste de que tinhas o coração entregue alhur. Dás-me a mão, que é menos que a vida, esta davas tu pelo cavalleiro.»

«Em paga, sim, do bem que nos fizera. Se tu estás acima da gratidão, nem todos podem acompanhar-te — ponderou o pae, com enfado.

Alpe deu uns roncos surdos, e levantando-se sahiu da cabana.

«E' escusado vires com isso, homem. Bem sei que tua filha ama o cavalleiro — replicou Octavio com simulada tranquillidade.

«Como se ama sempre o que é bom — disse a joven. — Ainda que eu tivesse a loucura de pôr a esperança n'elle, como a podia eu ter de alguma conformidade? Era querer que Pico Passaro inclinasse a soberba fronte para a pobre ereita do castro, cuja torre, embora alta, se lhe abaixa aos pés.»

«Dizes bem; e por isso a torre olha com desdem a quanto a rodêa. Leodaka, pensas tu que ceguei? Antes d'aquelle dia em que nos vimos pela ultima vez em S. Pedro os teus olhos cahiam sobre mim sem calor; mas com amizade de irman para irmão. N'aquelle dia... n'aquella mesma hora, fizeste de esquiva, querendo fugir-me; no teu olhar virou-se a amizade em desprezo... Acabavas de ver Guesto Ansures!»

«Não sei o que vi n'essa hora — disse Leodaka lentamente, com ar distrahido e entoação impressiva. — Vi um ente a quem nenhum de nós dava pelos pés; um ente acima de tudo quanto tinha visto até'li. Que era eu junto d'el-

le?... Que era meu pae? Que valias tu, Octavio, a par d'elle?... Foi uma visão mandada de Deus!... O lume sahido d'aquelles olhos, vinha do céo!...»

«Queres provar-me a paciencia, misera? — exclamou Octavio, pondo-se de pé como se sentisse a farpa penetrante de um abelhão.

Caio receando pela filha, escudou-a com o corpo, posto que o outro nenhum signal désse de querer pôr a mão n'ella.

Mas a situação acabou bruscamente pela entrada do rafeiro ladrando de contente, e um vulto a igual passo tomava o vão da porta.

«Gonzarri! — exclamaram os dous homens a um tempo.

«Então, amigo, escapaste do castro? — perguntou Octavio.

«Escapei — respondeu elle assentando-se esfalfado, com signaes de muito e violento andar — e se não receiasse o teu genio insoffrido, dar-te-hia um conselho, cid.»

«Como deitas a falla cançada!... Pois quero ouvir-te o conselho.»

«O castro está cheio, a não poder conter a gente...»

«Menos deve de haver que esta manhan, pois Gondemir voltou para Lugo com boa parte da que trouxera.»

«Mas chegou inda agora uma grande partida de cavalleiros.»

«D'isso falta-nos aviso, havendo por lá esculcas que até agora não falharam.»

«Toste receberás o aviso. Podes entrementes acreditar no meu.»

«Como escapaste? — perguntou o caudilho com ar desconfiado.

«Por obra de Mariame, que para o seu Savarigo manda recado.»

«E os nossos, que aprisionaram comtigo?

«Eu sei lá d'elles! Estivemos juntos até que se lembraram de dizer que eu tinha aqui alguma voz... Muito menos, já se sabe, do que desacertou em imaginar o filho do conde que no castro é ora o poderoso.»

Estas palavras foram ditas n'um tom e com um gesto de desacostumada humildade.

«Porque te apartaram dos outros?»

«Foi pela paixão que tomou esse mesmo, que chamam Ekaredo; pois de tal guisa lhe fallei, bradando que seria sempre por ti a unhas e dentes, que fui apenado em pena de açoutes e mettido n'uma enxovia, até que Mariame veiu abrir-me a porta... Mas já que me dás trella aos conselhos, digo que seria bom preitejares.»

«Hoje mesmo veiu do castro Zacoi, o preste, a quem fiz saber as nossas condições; e como não tiveram resposta...»

«Por ventura que não sabes ter-se deitado o feito a zombaria. Por Mariame sei eu que ao nascer do sol vão lançar todo o castro em peso contra o vallado. Estás pois prevenido. É certo que d'esta vez não se hade ter rosto a tanto poder de cavallaria?»

«Pensa no que diz Gonzarri — recommendou Caio. — O conselho não é para se metter a barato.»

«Já? E apenas começada a obra? Oh corações mulherigos! — o gesto de soberano desprezo que acompanhou estas palavras, perdeu parte do seu effeito pela tristeza que havia no olhar do caudilho.

«Pae! — clamou Leodaka com accento agudo e penetrante, e apontando para Gonzarri — não te fies d'esse homem. Octavio, tem cuidado com elle, e olha por ti! Vem com achaque de nos pôr de sobre aviso, mas com a lingua afiada na mentira.»

«Ès o nosso anjo guardião, bella filha de Selima! — disse o chefe com fervor e renovada energia. — O tono falso offende-te os ouvidos; a cara diz os seus segredos a teus olhos; de longe aventas o refolho dos velhacos, e na noute dos fingimentos velas por nós como grou no telhado.»

«Em mim não ha fingimento nem mentira! — protestou Gonzarri. — Se não acertares em tolher o perigo, ouvirás o trovão, como quando os demonios de tropel pisam as nuvens. Tens livre toda a noute; aproveita-a, e pede para *ti* o que muito bem quizeres. No castro tem-se medo do modafer; assim m'o disse Mariame.»

Alpe atirou-se de repente para fóra da cabana.

«A abbadessa de S. Miguel fez melhor: enviou-nos a sua carta de alforria já lavrada, em beneficio de nós todos que fomos de Subrego — respondeu Octavio com desdem.

— Em meu logar acudias logo ao cevo, sem curar dos nossos irmãos. Homem, queres medir-me pela bitóla do teu coração traçoeiro? »

Ouviu-se um som de passos, procedente da banda do monte Abezul, cuja ladeira septentrional vinha morrer no Seixo da Cruz.

«Quem vem lá! — exclamou Caio, sahindo para fóra.

Houve uma pausa momentanea. O caudilho escutava com a mão no ouvido. Soou de repente o ladrar do cão. Gonzarri, que tinha seguido com os olhos o movimento de Caio até que este desapparecêra, voltou-os de relance, fuzilando um clarão sinistro ao seu chefe, que, afim de se armar antes de sahir, deu um passo para a parede fronteira, onde se via uma acha d'armas.

«Gonzarri, és um trahidor! Guarda-te, Octavio! — bradou Leodaka pondo-se em pé.

«Sou ora quem manda aqui, pelo ferro da vingança! — clamou o miseravel, puxando por uma grande faca, e atirando-se ao outro antes que conseguisse apossar-se da acha.

«Oh baba de Judas! Escarro do inferno! — vociferou Octavio, enlaçando o agigantado antagonista, e impedindo-lhe o braço armado.

«Querem-te entregue nas suas mãos; primeiro hasde morrer ás minhas! — disse Gonzarri forcejando por livrar-se do abraço.

Se Octavio era de estatura inferior, nem por isso cedia nas forças ao seu contrario, que tinha porém livre o braço esquerdo; e depois de um momento de lucta, cahiram ambos, succedendo com o choque soltar-se o outro braço de Gonzarri.

«Alpe! Alpe! — gritou Leodaka aterrada.

«Alpe! — bradou tambem Octavio. Este já via a faca brandida contra si, e logo a sentiu rasgando-lhe as carnes do peito. — Mataste-me, infame traidor!... Mas morrerás commigo!»

«Que fizeste, homem refalsado e satanico! Oh, que horror! que horror! — clamou a joven, ao ajoelhar-se junto da victima; e arrancando da cama um lençol, procurou estancar o sangue que sahia ás golfadas.

«Matei um tyranno; estou vingado! — disse Gonzarri com diabolica satisfação, erguendo-se.

Mas não estava ainda firme nos pés, e já se via face a face com outro antagonista.

O rafeiro, chegando á porta em precipitada carreira, teve-se suspenso um breve instante. Lançou um olhar para o amo estirado no chão; viu o assassino no mesmo ponto de levantar-se com a faca na mão, gotejando sangue; soltou um uivo estrondoso e medonho, e arrojou-se de golpe sobre Gonzarri.

Este, n'um movimento rapido, vibrou a arma, que, descendo, parecia sepultar-se no corpo do possante animal; mas o braço cahiu inerte, e a faca no chão.

O enorme rafeiro tinha enterrado os dentes nas guelas do matador de seu amo; e não largava a presa.

«Trahição! trahição!... Estamos invadidos!... Eis vem os cavalleiros!... Aqui do conde!... Aqui d'el-rei!... Que será de nós!... Misericordia!»

Estes e outros gritos proferidos em todos os tons, por homens e mulheres repentinamente accordados do somno, romperam os ares, até se perderem ou confundirem no crescente estrepito de passos precipitados.

Dentro da cabana jaziam dous cadaveres, sobre um dos quaes ululava o fiel rafeiro, quando á porta chegou Ekaredo.

Leodaka já se não via ali.

XXV

O CONVENTO DUPLEX

No figueiral figueiredo
A no figueiral entrey.
Seis niñas encontrára,
Seis niñas encontrey,
Para ellas andára,
Para ellas andey,
Lhorando las achára
Lhorando las achey,
Logo lhes pescudára,
Logo lhes pescudey,
Quem las maltratára,
Y a tão mala ley.
.....
No figueiral figueiredo
A no figueiral entrey,
Mouro que las guardava
Cerca lo achey,
Mal las ameaçára
Ei mal me anoguey,
Troncom desgalhára
Troncom desgalhey,
Todol-os machucára
Todol-os machuquey,
Las niñas furtára
Las niñas furtey,
La que a mim fallára
N'alma la chantey,
No figueiral figueiredo
A no figueiral entrey.

Romance antigo, de author desconhecido. (Apud Fr. Bernardo de Brito, *Monarchia Lusitana*, e Miguel Leitão de Andrada, *Miscellanea*).

No dia immediato, pouco depois de levantar-se o sol, estava tudo em actividade no cenobio de S. Miguel de Subrego.

O teso em que era situado, destacando-se da encosta da serra Paredes que lhe fica ao N. O., erguia-se isolado não longe da margem direita do Lor, que se deslisava em onda tranquilla e crystallina a cerca de quinhentos pés no fundo. O cume ou chão superior tinha menos área que o de Folgoso; era porém mais elevado e consistia n'um cumulo de rochedos, que, como estatua sobre a peanha, assentavam n'uma base de maior amplidão, formando esta aliás dous terços da altura total.

Fôra aqui antigamente o castro romano, de que já então restavam poucos vestigios, excepto as muralhas meio desmanteladas que circundavam aquelle cabeço. No recinto que ellas deixavam, via-se uma igreja de modestas propor-

ções e architectura mui singela; e em redor da mesma, figurando uma aldeola, estavam as moradas dos membros da communidade, quer de um quer de outro sexo. Não passavam muito de uma duzia, sendo de diversos tamanhos; mas todas ao rez do chão, e construidas em pedra piçarra, bem como a igreja, cuja porta estava aberta: havia pouco que se acabára de recitar o officio de prima. Notava-se ainda uma casa maior que as outras; era para uso geral, e foi no salão d'esta que vimos reunidos na vespera a abbadessa, o prior e os seus hospedes.

Por baixo do cabeço rochoso, na parte inferiôr e mais ampla da collina, cuja raiz se confundia com a ladeira de Subrego, existiam os celleiros, casaria para criados, abegoarias, telheiros e curraes onde se agasalhava o gado destinado ao serviço particular da communidade. Chegava-se ali, de cima, por uma senda em zig-zig. A communicação com o mundo de fóra, estabelecia-se por uma ponte levadiça, que dava passagem para a encosta ao N. O.

Os cavalleiros serventes, ajudados de alguns monges, estavam aqui aparelhando os cavallos.

«Os servos levaram-nos todo o gado — disse um religioso que segurava o macho a que um homem d'armas, um bucellario, apertava a cilha; — e não sei como farão a jornada o conde Froya e Guesto Ansures.»

«Tudo se hade accommodar — respondeu o outro. — Póde o conde ir de garupa até Folgoso, pois não passa além; ou um dos bucellarios lhe hade ceder o cavallo. Quanto a meu amo, irá n'este macho, e eu a pé.»

«Sentes-te com força para isso, Itaultus? Não estás ainda de todo refeito da quentura.»

«Não tem duvida; quiçá um dos companheiros me leve nas ancas do rossim; é só até o castro — foi a replica do bucellario que Guesto deixára doente no convento.

Os que formavam o assumpto d'esta troca de palavras, praticavam com o principe e Vimaredo, no plano superior, debruçados sobre a muralha do sul; em tanto que o resto dos cavalleiros constituia diversos grupos já em outra parte das muralhas, já no recinto de permeio, acompanhados dos monges. A parte feminina da congregação estava tambem de pé e á vista. Algumas tiravam ou traziam agua do poço;

outras preparavam comida, lavavam roupa, ou entravam e sahiam de casa, occupadas em diversos misteres domesticos. Seriam ao todo uma dezena, e os homens um pouco mais numerosos. Apenas metade da aldeola parecia habitada permanentemente; mas, assim mesmo, accommodar tantos hospedes, não havia de ter sido facil, reclamando sem duvida todos os recursos do convento e das suas dependencias.

Affonso e Froya mostravam estar de perfeito accordo.

D'aquelle ponto elevado gozava-se de um bello panorama pelo valle do Lor, tanto acima como abaixo, correndo o rio de norte a sul. Para além d'este, da parte do nascente, e portanto á esquerda do pequeno grupo, fechavam a vista as amplas ilhargas de Ferreirós, vestidas n'uma rica manta florestal; e um tanto acima da borda d'agoa, na parte limpa de arvoredo, appareciam os vestigios de um incendio recente na deganha do conde Froya, ou melhor, na villa attinente habitada por seu villico Cencirigo. Tendo escapado como jogo de rebate falso, não fôra poupada no dia immediato, ao rebentar a revolta. Encimadas á encosta de Ferreirós, apontavam mais para o sul, as cumiadas e vertentes do monte Passaro, cujos tres picos se desenhavam com muita nitidez no ambiente matinal.

Ao poente, a ladeira de Subrego formava uma subida gradual desde o rio, coberta de fertil camada, disposta aqui em campos cultivados, além em hortas e pomares, e mais acima em soutos de carvalhos e de corpulentos e folhudos castanheiros, que chegavam até o dorso da serra. Essa ladeira estava como aberta n'um vasto e fundo semi-circulo, a cujo extremo norte se erguia o teso do convento. O caminho, partindo d'aqui, descrevia uma curva em nivel quasi plano, passando primeiro pela azenha de Octavio junto do arroyo e salto chamado da Fonte, que lhe dava a agua. Vinham depois as choupanas servis, agora desertas, meio escondidas por cima, na espessura dos castanhaes.

Mais além, um bom pedaço, havia um chão plantado de figueiras, passado o qual, sahindo do nivel plano, a estrada ia ao lançante entre um pomar e uma torrente, que, sombreada por uma matta de arvores seculares, só de quando em quando se avistava do convento, graças a alguma quebra na ramagem.

No extremo meridional do semi-circulo, fazia cotovello o caminho, seguindo ávante pela margem direita do rio até a ponte mencionada no capitulo quinto, occulta porém pela volta que dava a encosta.

Continuando a narração que encetára, dizia o conde Froya:

«Foi assim que, conhecendo o estado das cousas, e achar-se invadida a serra, estiveram a ponto de me pôr o cutello á garganta. 'Amigos, disse-lhes eu, nas minhas guelas escancaradas achareis vós a vida segura, visto estar tudo perdido para vós? Não seja isso couce de asno á cara de quem o quer despear'! Elles perceberam; e quiçá melhor por ter dado jazigo o mar de odios no peito do desnoivado servo, que fazia de chefe da guarda. Convieram pois em dar-me a vida, em troca da que lhes prometti com a alforria; com tanto que os acompanhasse na fuga, furtando-nos ao acampamento, onde se não queriam arriscar. Aqui viemos pois occultamente pelas picadas da serra de Ferreirós.»

«Se a revolta está superada, conde...»

«Para mim não ha que duvidar — disse Froya, atalhando a palavra ao principe. — Parece que os invasores, todos a pé, chegaram pelo passo dos Cervos, entre o Traspando e o Abezul, posto que, pelo arduo e fragoso d'aquelle vão, se podesse ter em conta de forte muro á prova de escalada. Mas por certo foi como dizem; porque só por ali podiam vir sem serem sentidos, cahindo todos de chofre no Seixo da Cruz. Assim parecia cousa baralhada por incanto, quando, á luz da lua, um dos guardas deu fé do que em baixo se passava. E como fosse estancia d'aquelle maluco do diabo, e ali tivesse seu somno, não escaparia de ser preso, por muito milagre que tenha feito. E perdida a cabeça commum, que não era de vento como cuidámos, podeis crer, senhor, que os rebeldes hão de ter perdido cada qual a sua.»

«Deus assim o tivesse por bem! — disse o prior. — Mas não sei que pensar; e dá-me cuidado a demora de Osoredo.»

«Não haja mais demora da nossa parte. Os cavallos estão promptos!— exclamou Guesto com impaciencia febril.

«Vamos! Vamos já! — bradou Froya. — Ia-me esquecen-

do a coitada de minha filha! A cavallo, senhores, pelo amor de Deus!»

«A cavallo, pois! — e Affonso deu o signal da partida.

«A cavallo! A cavallo! — disseram a vozes os guerreiros.

Abalaram todos, dirigindo-se de tropel para a senda em zig-zag.

«Um instante, cavalleiros! — clamou o prior, que olhava com attenção para o que quer que fosse na distancia. — Aqui vem talvez o objecto dos vossos e meus cuidados. São dous homens e sete mulheres.»

«Cada tres com o seu, e uma de penitencia — ponderou o incorrigivel Pelagio, em quanto todos voltavam para junto da muralha.

«És um musleman chapado em terra de christãos! — disse-lhe Guther no mesmo tom de gracejo. — Se ali ha penitente, andam todos de parçaria. São quiçá romeiros da devoção de S. Miguel.»

«Deram então com o diabo no caminho, e fogem como se lhes viesse no encalço — accrescentou Roderico.

«Serão servos debandados de volta aos lares — suggeriu o conde Ero.

No outro extremo da vasta encosta semicircular, vinha com effeito pelo caminho que costeava a torrente, um magote de gente que, apezar da subida, se adiantava a passo cheio, olhando de vez em quando para traz.

«É o mais de crer — disse Froya, que forcejára em vão por distinguir os individuos d'aquelle grupo; — e não ha porque demorar a nossa ida.»

«Ha toda a razão para avial-a; pois ali vejo um vulto e um andar que não são de serva.»

Assim dizendo, e sem esperar os outros, atirou-se Guesto em direcção á senda, e d'ahi para o plano sotoposto, onde alguns dos cavallos estavam já sellados. Sacudindo as redeas das mãos de um dos religiosos, montou de um salto, não no macho de Itaultus, mas no primeiro cavallo que topou, e batendo as pernas ao animal, partiu a toda a brida, transpondo a ponte e seguindo por diante.

O mancebo não tirava os olhos dos fugitivos, até onde lh'o permittia a ramagem que intervinha. A distancia para

percorrer era outra tanta, ou mais, que a medida pela vista; pois esta formava a linha transversal, e aquella a circumferencia. Em breve passou pela azenha, e não estava longe da aldèa, quando de repente, na volta do caminho, apontou o vulto de um homem montado. Após elle veiu outro, e mais outro, e ainda um terceiro... Guesto excitava o cavallo com a voz, as mãos e os pés faltos de esporas. Estavam perto do figueiral os fugitivos, entre os quaes reconhecia agora uma fórma, que, confirmando-se a suspeita que tivera, lhe poz o coração em maior tumulto... Os perseguidores são sete, e vão ganhando terreno rapidamente... As mulheres somem-se na espessura das figueiras. Deus lhes acuda! os cavalleiros que com ellas se acossavam, dão comsigo lá dentro um instante depois, desapparecendo todos á vista.

O trovador, ainda distante na afflicção que o opprime, não se convence da carreira vertiginosa em que andava. Pára junto de uma arvore; arranca-lhe uma vara forte, desfolha-a de um cabo a eito, e parte de novo, dando no cavallo sem dó e sem tregoa.

A este tempo sahia do portal do convento, o couce da comitiva principesca. Representava uma como longa fila de batedores, correndo sem ordem, a intervallos de distancia desiguaes.

Altos gritos saudavam já os ouvidos de Guesto; e ninguem a sahir do figueiral!

De repente, atravez da folhagem, enxergou o que lá por dentro se passava.

Os cavalleiros haviam-se apeado. Um d'elles tinha a mão n'um ecclesiastico desconhecido de Guesto, o qual nenhuma resistencia oppunha. Dous outros, segurando com difficuldade o antigo e ainda robusto desposado de Munia, que ao debater-se estivera a ponto de escapar-lhes, recebiam n'este momento o auxilio de um terceiro, que provavelmente se havia separado de outros dous, sob cuja custodia estava uma pequena roda de mulheres.

A poucos passos aquem, Ermesinda forcejava por livrar-se do contacto de Ekaredo, que lhe apertava o braço. No meio d'esta lucta, escapa uma das mulheres do grupo, e atirando-se como uma possessa sobre o mosarabe, colhido

de improviso, livrou sua ama da prisão: era Astrildi. Ambas deitaram a correr como duas gazellas na direcção d'onde vinha Guesto sem porém vel-o.

Mas quando este entrou no figueiral, desapparecendo á vista dos que o seguiam em distancia, como frecha penetrando em alta meda á borda da eira, estava a nobre donzella outra vez em poder do seu perseguidor, e deitada aos seuspés.

Saltou para o chão o guerreiro-poeta... Estava sem espada! Nem sequer um punhal achou no cinto, ou nas dobras do trajo.

Desespêro! Não tivera ainda ensejo de substituir as armas perdidas durante o captiveiro.

O mosarabe, com quanto se lhe visse a espada ao lado, estava tambem sem pavez ou armadura. Parecia vestido á pressa. Uma camisa de lan cobria-lhe o tronco, tendo por cima um manto zebral, ou de pelle de zebra, apertado no peito por um broche ou fivelão de pedras finas. Uma saya que chegava um pouco abaixo dos joelhos, e meias compridas vestiam-lhe o resto do corpo. Vinha calçado; e na cabeça tinha uma gorra.

A entrada de Guesto fôra tão subitanea, poisque no meio da vozeria, ninguem ouvira os passos do cavallo, que Ekaredo foi tomado de sobresalto. No descuido do primeiro abalo, escapou-lhe de novo a presa, que, ajudada de Astrildi, se refugiou para junto do trovador.

Elle, obedecendo ao instincto ou á inspiração, arrancava n'este momento um ramo da figueira que lhe crescia ao pé.

«Ermesinda do meu coração! D'esta vez é para sempre! — exclamou o mancebo, recebendo-a no braço esquerdo.

«Oh Guesto! — foi quanto ella pode responder, no alvoroço que lhe causavam o terror e a alegria.

«Esse *sempre* terá prompto fim, como curto vae ser o espaço entre nós! Não és tu que me hasde roubar a desposada! — bradou Ekaredo, arrancando do ferro. Estava fullo.

«Tua *desposada!* Onde está meu pae? — disse Ermesinda, protestando.

«Com este lenho que desgalhei, te heide machucar até á morte, a ti e aos teus! — foi a resposta de Guesto.

Seguiu-se um combate furioso entre os dous rivaes.

O ramo com que Guesto se defendia, e atacava, era grosso; e forte e dextro o braço que o manejava. Os talhos de espada não chegavam ao corpo do mancebo, e pouco damno faziam no lenho.

O mosarabe pelo contrario ia sentindo o peso d'essa arma de feição nova; e depois de pequeno espaço, recebeu uma pancada no hombro esquerdo, que o fez recuar com o braço deslocado.

Dous homens adiantaram-se com maças de ferro, em quanto as mulheres que elles vigiavam se espalharam, tornando a reunir-se em volta de Ermesinda. Entre ellas via-se Mariame e sua mãe Sahema, unica que não era moça.

«Arredae-vos! — gritou a donzella. — Não haveis que vêr n'esta contenda, que pertence aos dous cavalleiros decidirem entre si.»

«Se o partido se fizer desigual, ahi vem vindo muitos em meu auxilio, ou para me vingarem — disse Guesto.

«E vem! É uma turma! — disse um dos dous.

«É quasi uma tiufadia! Não nos mettamos com ella! — disse o outro, e aconselhando-se da prudencia, tornaram a affastar-se.

«Rende-te, filho de Gondemir! Estás ferido. Não preciso da tua vida, mas da tua submissão — disse o trovador.

«Nunca a esperes de mim! O que quero é o teu sangue; não poupar o meu — respondeu Ekaredo, que, aproveitando-se de um momento de apparente descuido, se lançou ao adversario com proposito de lhe atravessar o corpo com o ferro.

Mas o outro, furtando-se á estocada, distanciou-se um pouco pelo lado; e em seguida, avançando de repente com o madeiro empinado, fel-o baixar com força, bradando:

«Pois vae com esta!»

Tal foi o acerto, que Ekaredo cahiu com a cabeça fendida e a cara em sangue.

«Perdoa-lhe a vida! — clamou Ermesinda, adiantando-se ao ver que o trovador se apossára da espada do vencido.

«Não é para o acabar — respondeu este com um olhar e um meneio do braço, significando que repellia a idéa. — Que viva!»

«Estivesse na sua mão fazer-me esmola da vida, lh'a não acceitaria — disse Ekaredo, exprimindo-se com difficuldade; — mas na vossa está, Ermesinda, que a deixe perdoado.»

«Eu vos perdôo de todo o coração; e se não ha salvar-vos, que Deus se amercêe de vossa alma.»

A donzella rasgava a borda do vestido para fazer uma ligadura; mas Astrildi e Sahema acudiram a tomar sobre si a piedosa tarefa; ao passo que Osoredo e Zacoi, pois tal era o padre desconhecido, se aproximavam do grupo que se formára em redor do ferido.

«Isto está fóra de poder humano, e não hade durar muito — disse o de Tolsun, depois de tel-o examinado.

«Ekaredo, peza-me saber que estejaes tão proximo da morte, e por minha mão; mas já que não tem remedio, acabe entre nós toda a inimizade. Perdoae-me a mim, como eu vos perdôo — e Guesto, com modos compassivos, tomou a mão do mosarabe.

«Assim deve de ser em hora tão solemne. Haja paz entre ambos! — disse Osoredo.

Essa mão retirou-se, porém, com um movimento brusco; e uma expressão feroz veiu encrespar o semblante já desfigurado do moribundo. Quiz fallar, talvez fulminar uma maldição, mas o sangue sahiu-lhe em jorro da bocca.

«Não vos apresenteis diante de Deus com o coração assim tomado de ruins paixões — murmurou-lhe ao ouvido o padre-servo, apoiando o conselho de seu collega livre.

As palavras não pareciam ter produzido effeito no animo de Ekaredo, quando, passados alguns momentos, um pallor mortal se lhe dilatou de repente pelas faces; o olhar, já vago e incerto, avivou-se de um brilho passageiro, d'onde se haviam dissipado os fumos do odio, e dirigia-se agora para Guesto, de cuja mão o moribundo a custo procurava apossar-se. O trovador teve pressa em lh'a ceder, e sentiu n'ella um ligeiro aperto.

«Orae ambos... — mas a voz de Ekaredo, apenas perceptivel, não pôde ir além.

N'este momento chegou o conde Froya, que logo descavalgou.

«Meu pae! Meu pae! E vives? Não morreste? — excla-

mou a donzella, correndo ao seu encontro, e apalpando-o como se ainda duvidasse. — Mil graças, meu Deus!»

«Como vês, filha minha! — respondeu elle, abraçando-a. — Porque me fazias morto? Soffreste algum damno ás mãos do malvado? Cheguei tarde, mas...»

«Deixa-o finar em paz, meu pae. Elle já teve seu castigo, e morre contrito — disse Ermesinda, retendo-o.

«Que te fez elle?»

Passou a donzella a explicar o caso; e no entretanto chegáram o principe e Theudas, e successivamente o resto do sequito.

Resumiremos a narrativa.

Algum tempo depois da expedição nocturna ter partido para a serra, constou a Ermesinda que uma guarda, que rondava o castro por fóra, havia aprisionado o presbytero de Tolsun, desconhecido da mesma por ser composta de homens estranhos ao sitio. A sua intercessão para que o soltassem, foi baldada; e com quanto elle tivesse liberdade dentro dos muros, não se lhe consentiu sahir sem ordem de Ekaredo. Era alta noute quando este voltou com uma pequena escolta, tendo deixado na serra o peso da sua gente para ali ordenar as cousas até o nascer do sol. Chegou em breve aos ouvidos da donzella que seu pae não fôra encontrado no Alto de Folgoso quando ali o procuraram, sendo corrente a opinião de que os servos o tinham assassinado. No meio da sua dôr, vieram dizer-lhe que Ekaredo, antes de recolher a descançar, dera ordem para que deixassem sahir os que estavam refugiados no castro. Communicou então a Osoredo a sua resolução de tentar fugir, se houvesse meio de o fazer. Approvada a deliberação, assentou-se n'um plano cuja execução se effeituou pouco antes da hora d'alva. Sahema, Mariame e tres jovens servas sahiram do castro, postando-se perto da muralha do norte, onde existia uma antiga porta tapada havia muito. Então os dous padres Osoredo e Zacoi, collocados no parapeito do adarve, fizeram descer Ermesinda por meio de uma cinta de couro e de uma corda, cujo extremo inferior era segurado, do outro lado do fosso, por Sahema e as suas companheiras. A tentativa teve um optimo exito. Astrildi passou pelo mesmo caminho; e logo

depois os dous padres. Cortando pelo monte Bustilho, seguiram todos caminho de Subrego. Fôra só depois de passarem a ponte que deram fé de que a fuga tinha sido descoberta, e que os perseguia um troço de cavalleiros.

Concluida a narração, approximaram-se todos do logar onde se via Osoredo só, curvado sobre o moribundo.

«Acaba de expirar — disse aquelle, erguendo-se, e deixando á vista as feições ensanguentadas do joven mosarabe, ora placidas no somno da morte, e sem vestigio das paixões que as alteravam havia tão pouco tempo.

«Deus lhe leve em conta o arrependimento da derradeira hora, e dê descanço a sua alma! — disse Ermesinda com sentimento.

«Amen! — accrescentou Guesto a modo de responso. — Não era, quiçá, tão máo como cuidavamos.»

. . . . . .

Aqui termina a serie de acontecimentos em que se acharam envolvidos os nossos principaes personagens; e o que nos resta dizer será em grande parte previsto do leitor.

O principe e a sua comitiva acompanharam o conde Froya até o castro de Folgoso, onde annunciando-se o fallecimento de Mauregato aos cabos e homens d'armas deixados ao mando de Ekaredo, estes accommodaram-se com a nova situação, e talvez com menos difficuldade por quanto havia noticia de que Astarico Osoris, de Quiroga, regressando da serra Golada com a força do seu commando, chegára ás vertentes do Pico Passaro pelo desfiladeiro de Formegueiros. Despediu-se então Affonso, proseguindo com os seus affeiçoados na jornada para Sámanos.

Guesto porém ficou.

N'esse mesmo dia chegaram, quando já não eram precisos, os bucellarios que elle mandára chamar na antevespera.

O seu enlace com Ermesinda celebrou-se pelos fins do anno, na capital do reino, para onde Froya e sua filha tinham sido convidados a comparecer na côrte do novo monarcha.

A esse tempo, Savarigo e Mariame eram já casados. Esta e seus paes tiveram carta de alforria, passada pelo conde, que impetrou do rei igual mercê a bem do noivo. Aos libertos fez-se doação de Villar-Zendo.

O padre-servo foi tambem agraciado com a liberdade e uma terra em Riba-Sil, no territorio então chamado Verossino ou Verosno, com a qual Froya quiz recompensal-o pela parte que tivera na fuga de sua filha, quando escapou do castro.

Osoredo continuou a sua vida de abnegação e beneficencia, pastoreando as almas no sitio de Tolsun e em seus arredores.

Finalmente, antes de se despedir de Folgoso, Guesto fez as possiveis diligencias para ter novas de Leodaka; mas foi debalde. Ninguem d'ali a viu mais, nem soube do destino que levára a gentil feiticeira de S. Pedro.

GUESTO E A LENDA

Diz a lenda que Guesto Ansures adoptou o appellido de Figueiredo, para commemorar a victoria no figueiral. Mas lenda nem sempre se toma á má parte, e não nos consta nada que implique com a tradição, que faz do nosso heroe tronco da linhagem dos Figueiredos. Muito folgariamos que a viesse roborar a conta que elle deu de si mesmo e dos seus ascendentes, ao presbytero de Tolsun.

Frei Bernardo de Brito teve as suas razões para se lisongear de haver descoberto em Figueiredo das Donas, a tres legoas de Viseu, o figueiral em que foram salvas as seis donzellas. O respeitavel cisterciense, sendo grande mestre na lingua, não o era todavia na critica da historia. Bem se vê que as taes donas eram irresistiveis, acabando por seduzir o santo homem.

Da sua parte, Miguel Leitão de Andrada quer que a façanha tivesse por campo Figueiró dos Vinhos, a sete legoas de Coimbra. Mas com ser cavalleiro de prosapia e sobre isso esforçado, afóra escriptor engenhoso de estylo aprazivel, deixou-se embriagar nos vinhos d'essa localidade, pela gloria de fazer figurarem os seus antepassados no feito de armas que historiava.

Pelo que nos toca, no presupposto de que a veracidade do nosso heroe não será suspeita, só temos de aventurar uma conjectura quanto a factos subsequentes. Ao pé de Pico de Regalados ha uma aldêa chamada Figueiredo. At-

tento isto, é muito crivel que, na sua velhice, senão antes, Guesto tivesse ensejo de recuperar posse da antiga herança de seus paes; feito o que, lhe teria dado aquelle nome, identificando-se esse bem solarengo na referida aldêa; isto, ao achar-se o districto Bracarense livre da dominação dos infieis, como esteve entre os annos de 835 e 841, podendo ser que anteriormente se désse um intervallo não menos apto, ignorado da Historia.

Do que, porém, nunca nos daremos por persuadidos, é que «o figueiral» estivesse ali, ou em outro qualquer Figueiredo, Figueiró ou Figueira aquem do Minho e Sil, supposto o caso de não termos acertado com o sitio nas ribeiras do Lor, onde colhemos, por signal, umas bellas folhas de figueira, que conservamos. Repugnar-nos-hia conceder que um Guesto Ansures, competidor, na acção que lhe deu fama, do heroe gallego Peito Burdelo, que um homem de taes quilates, um portuguez ás direitas (ainda que, como tal, em estado de embryão), se curvasse de boamente ao jugo odeado imposto no seu paiz (com quanto fosse apenas berço á espera de Portugal, e se chamasse então Galliza todo o territorio lusitano até o Mondego), imposto, sim, pelos sectarios de uma crença, a cujo abrigo, n'aquelles tempos, só consentiam viver os fracos, que com o tributo remiam bens e liberdade, pagando-se de um socego aviltante. Para homens de condição isenta que recurso havia afóra a emigração?

Temos muito respeito pelas tradições; mas nenhum pelos enxertos, salvo nos dominios de Pomona.

CONCLUSÃO HISTORICA

Chegou o embaixador de Affonso rei de Galliza e Asturias, por nome Froya...

ANNAES DOS FRANCOS, *anno* 798.

Pouco depois de ser investido da soberania, Bermudo associou á administração o filho de Munia; e no terceiro anno do seu reinado, em 791, vendo que seu primo havia grangeado o amor do povo asturiense, aquelle principe magnanimo abdicou da coroa, tornando voluntariamente á vida ecclesiastica em que manteve, até a sua morte, as mais affectuosas relações com Affonso II denominado o Casto.

A guerra com os sarracenos, que rebentára já no ultimo anno do governo do diacono-rei, renovou-se varias vezes no longo reinado de seu primo e successor.

Em 797 Affonso fez com fortuna uma irrupção pelas terras do futuro Portugal, chegando até as margens do Tejo, e penetrando, segundo se diz, na cidade de Lisboa, mas sem d'ella se apoderar, ou pelos menos sem conseguir retel-a.

Foi por este tempo que começaram as relações de amizade entre o rei das Asturias e Carlos Magno, que, estando em Heristal pela Pascoa de 798, recebeu uma embaixada de que Froya, o pae da nossa heroina, era chefe, com a incumbencia de apresentar ao futuro imperador o magnifico pavilhão (*miræ magnitudinis*, diz Regino, *miræ pul-*

chritudinis, dizem os Annaes Fuldenses e outros), que lhe mandava offerecer Affonso o Casto. No inverno do mesmo anno, voltou Froya de embaixador á côrte dos Francos, com outra remessa de presentes, acompanhado d'esta vez de um collega tendo igual categoria, chamado Basilisco. Constavam os presentes de sete captivos mouros, com outras tantas armaduras e bestas muares, despojos da victoria havida em Lisboa. Carlos Magno acolheu os embaixadores com benevolencia, tratando-os de modo honroso, e fazendo-lhes dons á sua despedida (Eginhard colloca a primeira embaixada sob o anno 797; mas segundo os Fuldenses, Mettenses, e outros annaes dos Francos, bem como ao dizer do chronista Regino, realisou-se no mesmo anno que a segunda embaixada).

Essa amizade ou alliança parece ter durado até 802, quando — ha quem diga, por causa d'ella, attenta a opinião que se propalára de que fosse indicio de dependencia ou submissão — um partido forte e numeroso, levantando-se contra Affonso, o derrubou do throno pela segunda vez, e o fez encerrar n'um mosteiro que o Albeldense chama *Abelania*, e que se não tem podido identificar em outro qualquer conhecido.

Não consta que se elegesse novo rei, sendo certo que o captiveiro teve pouca duração; poisque, ainda no mesmo anno, Affonso foi soccorrido por seus parciaes sob o mando do fiel Theudas, que o leitor já conhece, e que o poz em liberdade, assentando-o novamente no solio. D'ahi por diante viveu em paz com os seus subditos, até o anno de 842, em que morreu. Foi Affonso o Casto que, de Pravia, mudou a capital do reino para Oviedo, para onde se havia dirigido ao sahir de Abelania.

FIM

NOTAS

1—«O homem vestia um laudel ou saya de malha» etc., pag. 9.

O vestuario de Guesto e de Ermesinda (pag. 10 e 11), bem como de Mariame (pag. 62) e do conde Froya (pag. 63), está conforme com o que se vê em duas esculpturas do seculo VIII, existentes no mosteiro e igreja de Villanueva, representando o rei Favila e sua mulher, confirmado aliás, quanto ao estylo do trajo em que figura o conde, por outra lapida referente ao mesmo rei, a qual se acha no claustro da sé de Oviedo. É n'esta ultima que vem a imagem de um cavallo ajaezado segundo o nosso texto (pag. 11). É sabido que n'aquelles tempos, e ainda muito depois, as donzellas andavam com a cabeça descoberta e de cabellos compridos; ao passo que as viuvas cortavam o cabello e traziam touca. A de Munia (pag. 148) tirou-se de uma das alludidas esculpturas de Villanueva. Vide as estampas em FLOREZ, *Reynas Catolicas*, e na obra *Bellezas de España*.

2—«A transferencia de meu tio... para Mendumeto», pag. 13

Mendumeto, ou como hoje se diz, Mondoñedo, no rio Masma, e não longe do mar, occupa um sitio perto da antiga Britonia, destruida durante a primeira invasão dos sarracenos nas Asturias (de 714 a 716); e foi fundado pouco depois d'este acontecimento. No seculo seguinte era já lugar importante. Vid. *España Sagrada*, Tom. 18, p. 49.

3—«Aqui... via-se uma pequena igreja» etc., pag. 27

Ha ainda restos d'essas igrejinhas. Veja-se a descripção (que seguimos) da de Cavadonga, e da de Santa Cruz ao pé de Cangas: MORALES, *Chron.* Tom. 4, Liv. 13, fl. 5 verso e 15 verso.

A nossa descripção de outra igreja (pag. 89), apoia-se n'uma das já mencionadas esculpturas de Villanueva, pertencentes ao seculo VIII. Vide a estampa em FLOREZ, *Reynas Catol.* Tom. 1, p. 35. A actual igreja de S. Pedro del Incio é do seculo XV ou XVI.

4—«Vi-o no tempo da sua estada no mosteiro de Sámanos; pois que vinha demorar-se uma ou outra vez... em S. Miguel de Subrego», pag. 32 e 33.

«Postea vero vene Proabus meus jam supradictus Dominus Adefonsus ad huc in pueritia, *remorabit ibidem in Sammanos, et in alium locellum quod dicunt Subregum in ripa Laure* cum fratres (sic), multo tempore, in tempore persecutionis ejus», diz Ordonho II em um privilegio de 922 (*Esp. Sagr.* Tom. 14, append. 3).

Subrego é o logar hoje chamado Sobredo. Affonso II, o Casto, erigiu-o em couto real, privilegio que vigorou até a extincção, no presente seculo, de semelhantes honras e exempções. Affonso o Casto é um personagem legendario para o povo de Sobredo, que conserva com ufania a tradição da sua residencia ali, e memoria do sitio (por nós descripto a pag. 253–256) do antigo castro, ou do castello que depois se levantou, e de que não restam hoje vestigios, como pessoalmente verificámos.

5—«cá ficam sempre os sabujos com que lhe darão caça», pag. 49

O costume de se lançarem cães ensinados atraz dos fugitivos, é antiquissimo, e de todos os tempos, sendo a bem dizer concomitante com a servidão. Existia, ainda ha poucos annos, nos Estados Unidos da America. Nem sempre se limitava a sua applicação á gente infima. Na vida de S. Giraldo (§ 12), do seculo XII, refere-se o caso de um

villico que empregou cães na busca que fez para colher uma dona *nobre* fugida aos montes. Vide PORTUG. MONUM. HIST. *Scrip.* Vol. 1, p. 56.

6—«Mal sabe o pobresinho», etc., pag. 57

Diz Alexandre Herculano (não nos lembra onde) que se comia antigamente na Peninsula, a carne do ONAGRO, ou burro montez. Assim acontecia tambem no Oriente. Os soldados de Cyro acharam-na mais delicada que a carne de veado, quando, pela primeira vez, a provaram no deserto, segundo affirma Xenophonte (*Anab.* L. 1 c. 5).

Da ZEBRA, animal que hoje pertence á Africa, ha igualmente noticia em Portugal até o seculo XII, parecendo que da sua carne tambem se fazia uso. (Docum. no *Elucidario*, verb. «Zevro», palavra que Viterbo traduz por boi, vacca, novilho ou vitella; mas pela qual, segundo J. P. Ribeiro, nas suas *Correcções ao Elucidario*, se deve entender a propria zebra africana, cuja pelle era das mais estimadas para vestuario).

7—«Se tomar pelo porto de Pedrafita», etc., pag. 84

Achámos menção de PEDRAFITA n'um diploma de 922 (*Esp. Sagr.* Tom. 14, app. 3), e o bem conhecido *porto*, ou passo na serra, por onde segue a estrada, devia ter n'esses seculos antigos o mesmo nome que hoje.

A TORRE ROMANA existe ainda em bom estado; acha-se junto do rio, n'um dos extremos da villa de Doncos, que está no meio de um souto de magnificos castanheiros.

Da ESTRADA ROMANA subsistem hoje vestigios, não só da calçada, senão tambem das pontes, desde antes do rio Valcarce. Atravessa a planicie entre os rios Sil e Qua; segue por entre os montes em direcção a Gestoso, e d'ali dirige-se para o sul até Villa-martin, Rua, e Cigarrosa, sitas na margem do Sil.

8—«O florido valle do Cabe», etc., pag. 88 e seg.

O sitio aqui descripto corresponde ao que se chama hoje PAÍS DEL INCIO, cujas principaes freguezias são: HOSPITAL DEL

Incio (com uma pequena igreja do seculo xi ou xii digna de se ver pelo estylo e bem conservado da obra, contendo os tumulos de alguns commendadores da Ordem do Hospital, e annexa ás ruinas do convento dos freires), Cruz del Incio, S. Pedro del Incio (onde collocámos a residencia do presor), S. Miguel del Incio, Santa Maria de Outara, e Santa Maria de Ferreirua. No tempo dos romanos havia ali uma população industriosa, devido ás minas de ferro que se exploravam; e ainda se vêm algumas ruinas d'aquelle periodo. Quanto a certos costumes, e ás condições agricolas a que se faz allusão, reportamo-nos aos nossos Apontamentos Archeologicos vi e x.

9—«na villa que comprei com sua familia, por bons talentos d'ouro», pag. 94

Na comminação da pena fiscal, formulada no remate dos diplomas, figura o talento d'ouro, nos de 747 até 841; e d'ahi por diante, já o talento d'ouro, já a *libra d'ouro*, conhecendo-se, da comparação, que deviam representar o mesmo valor, ou moeda de conta (Vide *Esp. Sagr.* Tom. 40, os documentos do Appendice). Confrontem-se nomeadamente as escripturas xv e xix do citado Appendice. Isto vem confirmar os exemplos do mesmo facto, produzidos por du cange, no *Glossario*, com referencia a França.

10—«Ora te vou eu decepar as mãos, não para o senhor da terra, que d'esta vez lh'as não pagarei», pag. 107

Do foro ou pensão da mão ou mãos do urso, paga pelo caçador, temos tambem noticia em Portugal. O foral de Covellinas, do anno 1114, estabelece que se pague *uma* mão de cada urso morto; assim o de Tavares, e o de Ferreira d'Aves, de 1126 (vid. Port. Monum. Hist. *Leg.* Tom. i pp. 360, 367, e 494; Viterbo, *Elucid.* verb. «Apeiro»); ao passo que o foral de Souto Maior, de 1196, quer que ao senhor da terra se paguem *as mãos* (vid. Ribeiro, *Dissert. Chronol.* e *Crit.*, Tom. 1 pag. 348).

Foi um dos capitulos do romance inglez *The Cloister and the Hearth* por Charles Reade, que nos despertou a idéa

do conflicto com o urso, que aliás quadra mui bem com as circumstancias do tempo e do logar.

11 — «á hora da campana», pag. 114

Parece que ainda hoje ha vestigios da antiquissima superstição que na Galliza se chamava CAMPANA, significando a visita nocturna das almas dos defuntos a seus parentes, que, n'esta expectativa, ao recolherem-se de noute, costumavam muitas vezes deixar aberta a porta da cerca, ou da horta que rodeava a casa de habitação.

12 — «Muitos annos ha que nos falta rei que tome a cruz das mãos do bispo; e o pendão do magnate»... pag. 122

Quando o rei sahia para a guerra, recebia, depois da oração, no altar-mór e das mãos do bispo, a cruz de ouro contendo um fragmento da verdadeira cruz (a qual, como se póde conjecturar, fazia as vezes de lábaro ou estandarte real); e a cada um dos assistentes (*accedentes unusquisque*, devendo entender-se como incluidos n'estes sómente os homens principaes) era, por um padre, entregue o seu pendão (*bandos suos*) em quanto cantava o coro. Concluidos os actos religiosos, montava primeiro a cavallo um sacerdote levando a cruz; depois vinha o rei, e em seguida aquelles que o assistiam. No regresso da expedição, dirigiam-se logo para a sé, onde os acolhia o bispo. Veja-se o *Ritual Antigo de Silos*, cap. 18, em BERGANZA, *Antig. de Esp.* Parte 2.ª Apend. p. 684 e seg.

Berganza, no texto da sua obra (lib. 2 n.º 10) interpretou *bandum* por banda ou talim («vanda ó tahaly»), o que de feito corresponde a uma das definições d'aquelle vocabulo; mas tambem lhe cabe o significado de bandeira ou pendão, unico que nos parece accommodar-se ao contexto; pois lê-se: «Postquam omnes bandos suos *levaverint*...» e mais adiante: «quamdiu omnes qui ipsos bandos *portant*»..., o que se nos afigura pouco applicavel a um mero talim ou banda.

13—«Depois da carta de Elipando... o homem adoptivo ou perfilhado.» pagg. 140 a 144

As cartas de Elipando, por uma parte, de Beato e Etherio, pela outra, bem como diversos documentos relativos á controversia sobre a doutrina da ADOPÇÃO, encontram-se na *España Sagrada*, Tom. 5, append. 10. Veja-se tambem, no Tom. 11, pag. 119 e segg., a epistola de Alvaro de Cordova, § 24 e segg., e designadamente o extracto que dá de uma carta de Basiliscus, § 28.

14—«o acto... que deu fama á joven india Pocahontas», pag. 180

Funda-se a allusão n'um episodio da Historia dos Estados Unidos relativo ao seculo XVII. Achando-se o capitão John Smith a ponto de ser degollado por ordem de Powhatan, chefe de uma tribu india, foi perdoado a rogos de Pocahontas, joven de doze annos, e filha de Powhatan. Mais tarde, segundo a tradição, casou o capitão inglez, com aquella a quem devera a vida, deixando geração que, cremos, ainda tem representantes.

15—«Encurralou-se um dos touros bravos», etc., pag. 191

Este episodio está em harmonia com as idéas do tempo, fundando-se n'um facto referido pelo author da *Historia Compostellana*. É o caso: Ataulfo, bispo de Compostella desde o anno de 851 até 867, tendo sido accusado de um crime gravissimo (mencionado pelo chronista, mas que nos abstemos de particularisar), foi por ordem do rei exposto a um touro bravo, que lhe não fez mal nenhum, com quanto se procurasse excitar a furia do bruto lançando sobre elle alguns cães de fila. Julgou-se assim provada a innocencia do bispo.

16—«o rubi... para allumiar-me na falta de vista», pag. 222

Nos tempos em que se não tinham os dragões por fabulosos, acreditava-se que, ao perderem a vista, aquelles reptis a substituiam por meio de um rubi que seguravam entre os dentes.

GLOSSARIO

Algumas d'estas palavras tem diversas accepções; aponta-se aqui sómente aquella em que vão empregadas no texto.

Acoimar morte, tomar vingança do matador.

Adur, *adv.*, apenas, mal.

Alcheria, fazenda ou herdade de pastagens e lavoura.

Alfaraz, *subst.*, cavallo (como termo generico, posto que seja mais proprio de *egua*, segundo o orientalista Fr. João de Sousa), cavallo de batalha; — *adj.*, *cavallo alfaraz*. ligeiro e generoso.

Alfama, couto, asylo, refugio.

Alferena, estandarte bellico.

Alfoz, territorio incluido n'uma jurisdicção, governando-se pelos seus usos e costumes.

Aljama (erro, por *al jami*), vid. *Jami*.

Almáfega, vid. *Vaso*.

Almocavar, cemiterio.

Antifaes, antiphonarios, livros do coro contendo as antiphonas.

Arcas e **mamoas:** qualquer d'estes vocabulos significava demarcações de territorios, estradas, propriedades rusticas, etc. Ha quem os tenha por synonymos, como constituindo montes de terra ou pequenas collinas, o que nos não parece provado; pois que se a *mamoa* era de terra, ha indicios fazendo suspeitar que fosse de pedra a *arca* (sem confundir-se com outra especie chamada *pedra fixa*, cujo nome se explica por si mesmo); talvez constasse a *arca* de um cumulo de pedras. Quanto a nós, havia uma differença qualquer entre ellas; mas em todo o caso serviam de balizas ou marcos.

Aroche; os melhores gaviões eram de *Aroche* na serra Morena, e de *Ubrique* na serrania de Ronda.

Asceterio, um pequeno convento com a sua igreja. Era situado muitas vezes em terras de dominio particular.

Asinha, *adv.*, depressa.

Avindor, medianeiro.

Barato, *subst.*, favor, beneficio, vantagem, bem: *esperar um barato da fortuna*, esperar um beneficio da fortuna; *haver por seu barato*, ter por bem, por sua vantagem. — Significa «desprezo» na locução: *metter a barato.*

Bucellario, dependente militar, vid. pag. 27.

Busto, terreno fechado, em campo ou monte, para pastagem de gado.

Bus, vid. **Chus.**

Campana, vid. Nota 11.

Cadieiro, carcereiro.

Chus nem bus (nem), nem mais nem menos (subentendida, *palavra, conversa,* etc.)

Citreiro, caçador sabio na arte citraria ou de volateria, assim como no ensino e cura das aves.

Contia (hora da), hora da tomada de contas, i. é, do julgamento.

Deceinar, trazer a ave na mão de noute, depois que haja sahido da muda, para a amansar de novo.

Deganha (ou Daganha), propriedade rustica, sendo terras que de maninhas se reduziram a cultura.

Destrenga Deus, Deus queira, permitta, etc.

Diurno matineiro, livro contendo as orações das matinas.

Encaminhe Deus, vid. *Destrenga.*

Ende, isto, este motivo.

Encouto, multa.

Ereita, altura, teso.

Esclavagem, adornos de mulher, para o pescoço, constando de perolas ou outras joias.

Filhar pannos (i. é, **de segurança**), tomar o habito religioso.

Fiusa, confiança.

Fossado, correria em territorio inimigo.

Fuste, symbolo fazendo fé para citações verbaes.

Jami, templo mahometano maior que mesquita.

Maiorino, juiz da ordem mais elevada (havia tambem maiorinos menores).

Mamoa, vid. *arcas.*

Mansilha (ou Mansilla), flagello, azorrague.

Mesnada, companhia de guerreiros; exercito.

Messar, puxar a alguem pelas barbas com intento de o insultar.

Mohaddi, padre.

Mosárabe, christão residente entre os arabes de Hespanha, ou que, tendo ali vivido, contrahira mais ou menos os costumes d'aquella gente. Significa *imitador dos arabes*. Vid. pag. 79.

Optimates, grandes.

Palha, vid. *Fuste*.

Panascal, campo não lavrado onde cresce herva.

Parança, estado em que o negocio pára.

Parcioneiro, cumplice, socio.

Peitar, pagar, satisfazer.

Preitar, o mesmo que *peitar*.

Pervinco, parente o mais chegado.

Plantada, chão com vinhas ou arvores ali postas.

Prasmada façanha, acção abominavel.

Presor, senhor de terra por virtude de presúria.

Presúria, tomada de posse: acto de tomar posse de terras, authorisado por qualquer titulo legitimo ou reconhecido. Nunca significou «conquista». Vid. Apont. VI.

Primates, grandes.

Prisão de Deus (na), doente.

Rancuroso, a parte querelante n'um litigio.

Sacada, direitos de exportação.

Samicas, (a pag. 113) *adv.*, talvez.

Sedenho, cilicio.

Senhos, *adj.*, tantos... quantos, a cada um o seu (do latim *singuli*).

Senra, chão lavradio.

Sesicas, direito (segundo J. P. Ribeiro) que tinha o dono de um moinho situado em chão alheio, de substituil-o por outro quando aquelle se arruinava; assim como, em circumstancias identicas, de plantar outra arvore em logar d'aquella que se cortára.

Signal do juiz, authorisação escripta (carta, sello, ou simples firma) para citações, etc.

Soforar, esporear, fustigar, etc.

Spania: os povos das Asturias e de Galliza assim designavam a parte da Peninsula sujeita aos sarracenos. Estes, do seu lado, davam o nome de **Afranc** não só a França, mas tambem á Hespanha christan.

Teedor das estradas, salteador.

Terra calva, chão esteril e não cultivavel.

Tiufadía, corpo de mil homens nos exercitos godos, cujo chefe se intitulava *tiufado*, cargo envolvendo attribuições judiciaes. N'um documento de Guimarães de 1050, figura o tiufado Pelagio Mitit na

qualidade de juiz (Viterbo, *Elucid.*, verb. «Tyufado», e no Suppl., verb. «Verdade». Já n'este tempo o cargo teria perdido o seu caracter militar).

Tornar a (ou **hi**), tomar vingança (sendo acto de particular); punir (sendo da authoridade).

Toste, *adv.*, cedo, sem demora.

Ubrique, vid. *Aroche*.

Vaso e Almáfega. *Almáfega* era um panno de lan grosseiro, ou burel, de que se vestiam os anojados. Quanto a *vaso*, nome do toucado que se trazia por dó, não é certo se este termo se referia ao material, ou á fórma. No sec. xv consta que era negro, e talvez fosse capello ou veo, como se tem conjecturado, com quanto a interpretação de Viterbo nos pareça exagerada. O mais provavel é que variasse na feição e na cor, segundo os tempos. Nos primeiros seculos da nova monarchia, o branco parece ter sido a cor caracteristica de luto.

Vessada, campo que se lavra e correspondendo em superficie a uma geira.

APONTAMENTOS ARCHEOLOGICOS

RELATIVOS AO SECULO VIII

PELO

VISCONDE DE FIGANIÈRE

I

DO NASCIMENTO DO REI MAUREGATO

Na chronica de Sebastião, bispo de Salamanca, lê-se: «Silone defuncto, Regina Adosinda cum omni Officio Palatino Adefonsum filium fratris sui Froilani Regis in solio constituerunt paterno: sed præventus fraude Maurecati, Tii sui, filii Adefonsi maioris *de serva* tamen *nati*, a regno dejectus, apud propinquos matris suæ in Alava commoratus est. Maurecatus autem regnum, quod calidè invasit, per sex annos vindicavit. Morte propria decessit, et sepultus in Ecclesia S. Joannis Apostoli in Pravia fuit. Æra DCCCXXV» (anno de Christo 787, devendo porém emendar-se para 789).

Consta mais que Mauregato não era bastardo no sentido restricto da palavra, mas só no generico; era filho *natural;* poisque nasceu sendo viuvo seu pae, como refere Lucas de Tuy, que, depois de mencionar os filhos legitimos de Affonso I, accrescenta: «Mauregatum, post hæc habuit filium, qui fuit natus de ancilla quadam de Caso pulchra nimis *post mortem Hermesendæ Reginæ*» (Chron. Mundi, era 776). D'este trecho conhece-se tambem que a mãe de Mauregato, alem de ser mui formosa, era

natural de Caso (logar situado no districto de Liebana), sendo portanto *asturiana*, não moura como acreditam alguns escriptores, illudidos por uma presumida etymologia do nome Mauregato *(Mauregnatus)*, nome aliás não singular, como suppunham; porque documentos ha coevos, que dão testemunho do contrario. De feito, Florez cita dous em que occorre esse nome, um do anno de 878, outro de 960 (Vid. *Reyn. Catol.*, tom. 1, p. 48); e, corroborando essas attestações, tambem o encontrámos em outros dous diplomas: n'um, de 832, figura como testemunha um certo *Mauregatus* (Risco, *España Sagr.*, tom. 40, app. 15), e em outro, de 991, lê-se entre as testemunhas: «*Maurgado* Presbiter» (Ribeiro, *Dissert. Chronol.*, tom. 1, app. 9, p. 202).

Quanto á duvida suscitada pelo proprio Florez, sobre se a mãe de Mauregato fosse simples «criada» *(ancilla*, voz de que se serve o Tudense e outro chronista), ou «escrava» *(serva*, como diz Sebastião de Salamanca), parece-nos ociosa semelhante duvida, fundada n'uma concepção errada do valor d'esses termos, duvida que em todo o caso se resolve sem difficuldade, se nos lembrarmos de que, n'aquelle tempo, não havia *escravos* no reino neo-gothico, entidade que só appareceu a contar do seculo IX, quando os christãos começaram a poupar a vida aos prisioneiros mouros, reservando-os para a *escravidão*. A classe dependente eram *servos da gleba*, e não escravos no sentido genuino e legal de propriedade.

Ora, os vocabulos *ancilla* e *serva*, empregados respectivamente pelos chronistas, devem interpretar-se como tendo igual valor, e applicados a uma pessoa de condição *servil*, quer ella sahisse de familia destinada ao serviço domestico, quer de alguma d'aquellas que se occupavam nos trabalhos rusticos. Já no tempo dos godos eram synonymos (mas com referencia ao estado propriamente de escravidão), como se conhece dos textos do Codigo Wisigothico, lib. 3, tit. 2: «Si mulier ingenua *servo* alieno... se matrimonio sociaverit... sit *ancilla* domino ejus *servi*.» (§ 3). «Si mulier liberta *servo* alieno se conjunxerit... sit *ancilla* domino ejus cujus *servo* conjunxit.» (§ 4). «Quicunque *ancillam* suam *servo* alieno... uxorem dederit... dominus

servi ancillam ipsam cum filiis omnimodis suis vindicabit.» (§ 5; vid. Port. Monum. Hist., *Leges*, vol. 1, pag. 35). Aqui a distincção no uso dos dous termos limita-se ao sexo do individuo, applicando-se *servus* ao homem, e *ancilla* á mulher. Observa-se a mesma differença na legislação de Justiniano: «Si quis *ancillas* cum suis natis legaverit, etiamsi *ancillæ* mortuæ fuerint,» etc... «... si ordinarii *servi* cum vicariis legati fuerint...» «sed si *servus* cum peculio, etc...» (*Instit.*, lib. 2, tit. 20, § 17).

Com quanto a voz *ancilla* (derivada do verbo antigo *anclo*, i. é, «eu sirvo») tivesse na origem um significado que se não ligava necessariamente com a idéa de escravidão, chegou comtudo a adquirir esse valor, tanto na linguagem forense (vid. as citações supra; e, entre outros logares: «... nemine permittentes, neque invitam mulierem, *ancillam*, aut *liberam* in scenam, aut orchestram pertrahere,» Justin. *Cod.* lib. 1, tit. 4, § 33), como na classica («ancillam *œre emptam suo*», Terent. Phorm. a. 3, sc. 2), sendo tambem o sentido que lhe dá a Vulgata, e em nenhuma passagem com maior clareza do que na Epistola aos Galatas: «Quoniam Abraham duos filios habuit, unum de *ancilla* et unum de *libera*.»

Servus, por outro lado, era uma derivação genuina da idéa de escravidão, formando-se do verbo *servo*, i. e. «eu guardo», «conservo», «reservo», «preservo», «salvo», etc., com applicação ao aprisionado na guerra (*preservado* da morte, *reservado* para o serviço), que foi a origem da escravidão. Como, n'esta hypothese, tivesse primitivamente uma referencia exclusiva a homens, porque de ordinario só elles vão á guerra, temos talvez aqui a explicação do estylo que predominou, de se designar o escravo pela palavra *servus*, e a escrava pela de *ancilla* (palavra mais antiga do que aquella, assim como a liberdade é mais antiga do que a escravidão, na historia do mundo); isso em preferencia a *serva*, com quanto esta fórma não fosse desconhecida da boa latinidade

(«Olli *serva* datur»... Virg. *Æn.* V, 284;
«Mæoni regi quem *serva* Lycymnia furtim
Sustulerat»... *Ibid.* IX, 546),

e Ulpianus a empregue n'um trecho do *Digesto* («qui ser-

vum, *servam*, alienum, *alienam* recepisse»... lib. 11 tit. 3). Mas *serva* é todavia de rara occorrencia como substantivo, antes da decadencia da lingua; e mesmo no latim barbaro do começo da idade media, a voz *ancilla* é de uso trivial, como por exemplo na phrase *ancilla Dei* por «serva de Deus»; e n'um diploma do anno 835. lê-se: «et omnes *servi* Dei, seu (entenda-se *et) ancillarum* Christi» (ARGOTE, *Mem. Eccles. de Braga*, tom. 3 app. 3), conservando a distincção dos tempos classicos relativa ao sexo.

A verdade é que as palavras ficam, mesmo depois de modificados os costumes e as instituições. Nos periodos romano e wisigothico *servus* e *ancilla* designavam «escravo» e «escrava», individuos legalmente tidos por propriedade. Posteriormente, no tempo do reino asturiano, essas mesmas palavras indicavam «servas ou servos adscriptos á gleba», e não propriedade pessoal, os quaes só por abuso se podiam separar da *terra a que pertenciam;* e então começou tambem o emprego frequente da voz *serva* como synonymo de *ancilla*.

II

DOS CASTROS

Sabido é que em boa latinidade *castrum* significa um castello, uma fortaleza, ou cidadella. É comtudo assás provavel que designasse originariamente apenas uma barraca *(casa)* ou pavilhão militar defendido por muro e fosso; porquanto este significado conservou-se ao plural *castra*, isto é, acampamento (collecção de pavilhões) cercado de defensas. Mais tarde chamou-se tambem *castrum* a uma villa fortificada, sita em logar eminente; e *castellum* a uma aldéa ou simples habitação nas mesmas condições.

Segundo a opinião que tem prevalecido, a voz *castro* que precede o nome de numerosos povoados na peninsula hispanica, indica um logar em que existiu antigamente uma fortaleza ou praça romana *(castrum)*. Em alguns casos constituiria sem duvida uma villa fortificada; mas em outros, e com maior frequencia, é provavel que a povoação se agglomerasse posteriormente em volta ou junto da

praça de guerra; e quiçá não raro só depois de abandonada ou destruida esta ultima.

A opinião dos antiquarios em outros paizes vem corroborar a dos nossos. Na Gran-Bretanha qualquer villa cujo nome acaba em *caster* ou *chester* é considerada como occupando o sitio de uma antiga praça romana *(castrum)*. *Castres* é o nome de diversas villas em França, attribuindo-se sempre a origem d'esse nome ao facto de ter existido no sitio ou na visinhança, algum acampamento romano *(castra)*.

Em 1844, o fallecido doutor João da Cunha Neves Portugal e Carvalho publicou um artigo no PANORAMA (vol. 3, ser. 2, pag. 269; veja-se tambem o ARCH. PITTORESCO, vol. 5 pag. 83 e 84) a respeito dos chamados *castros* em Tras-os-montes; e arrimando-se ás proprias observações feitas na localidade, e ao juizo emittido por D. José Verea y Aguilar na sua HISTORIA DE GALICIA (Ferrol, 1838), ácerca dos *castros* de Galliza, disputou a opinião vulgar, avançando a idéa de serem simplesmente templos celticos, os sitios chamados castros.

O principal argumento adduzido para destruir a crença popular, é que os castros em questão se achavam geralmente em planicies, consistindo em pequenas eminencias circulares com apenas uma vara de alto, e em cuja superficie mal caberiam trezentas pessoas. D'ahi, concordando com o sr. Antonio Ferreira de Sousa, arcebispo de Lacedemonia, confirmou-se o doutor João da Cunha «na opi-«nião de que os taes *castros* não podiam ter sido o que «indica este nome, e que o dizerem eram reductos ou «fortins levantados pelos christãos para se defenderem das «correrias mouriscas não era mais do que a explicação po-«pular e banal de que acima fallámos, attribuindo tudo «a mouros, ou ao tempo dos mouros.» Allega depois o testemunho do historiador da Galliza para formular a conjectura relativa a templos celticos.

Não contestamos o resultado do exame local feito pelos illustres escriptores, nem a plausibilidade da sua hypothese; isto é, não o contestamos dentro dos devidos limites. Mas seria grande erro generalisar semelhante sentença. Nem a todos os logares qualificados de *castro*, con-

vem a descripção apontada acima; muitos ha que não entram n'essa cathegoria. Por exemplo, Castro de Caldelas, onde estivemos, na provincia de Orense, é uma villa de muitas ruas e assás povoada, sita na beira da serra, a uma grande elevação do leito do rio, e tendo no centro um castello medieval. D'ali gosa-se um magnifico panorama que se extende até a terra de Lemus.

No que de boamente consentimos, é que a alguns sitios a designação *castro* fosse dada pelo povo em tempos relativamente modernos, enganando-se quanto á origem d'aquellas antigualhas. Mas sustentamos haver outros sitios onde o nome *castro* se conservou por tradição desde a remota antiguidade. N'estes ultimos casos, a applicação do nome é correcta e adequada; por sem duvida houve ali fortalezas romanas. N'esses outros, a expressão originou-se na ignorancia do povo. Isto é tanto mais de notar, porquanto, nos casos genuinos, o nome *castro* não podia fundar-se no facto de haver existido «reductos ou fortins levantados pelos «*christãos para se defenderem das correrias mouriscas*», segundo se exprime o doutor João da Cunha com vista na tradição local, que, em casos como estes, não surgiria antes do seculo VIII. Nos casos genuinos, pelo contrario, a tradição seria já antiga n'esse seculo, tendo tido origem no periodo da dominação romana.

Eis como se podem conciliar dous factos que aliás se confutavam mutuamente, ao passo que, nos respectivos limites, não eram para se rejeitar, nem um nem outro.

De feito, quanto á opinião antiga e prevalecente, a que nos restringimos agora e por diante, confirma-se ella assás com o texto de documentos authenticos, ou melhor, pela inferencia que se deduz do seu exame. Os dos seculos VIII e IX, colligidos no tomo 40 da ESPAÑA SAGRADA, mencionam onze logares na Galliza, da cathegoria que nos occupa; a saber: castrum de Recimir, castrum de Bagasius, castrum Sanctæ Christinæ, castrum Sanctæ Eulaliæ, castrum Francos, castrum Ortogi, castrum Sancti Martini; castrum Sancti Cipriani, castrum de Boemir, castrum Salamiri, e castrum Insulæ Minei.

Em um d'estes logares, castro Santa Christina, encastellou-se o musulmano Mahamud com os seus companheiros,

quando, ingrato ao acolhimento que, na sua desgraça, tivera de Affonso o Casto, se sublevou contra a sua authoridade. O rei poz cerco ao sitio, que tomou, passando ao fio da espada os sarracenos, inclusivamente o seu caudilho («omnium Sarracenorum cervices ad terram postravi... interfecto ipso Principe»; doc. de 832, que indica assim o local: «castrum *quoddam*, quod vocatum est *ab antiquis* castrum Sanctæ Christinæ»). Um diploma de 897 colloca castro Santa Christina em *terra de Humano*, sendo pois possivel que occupasse o sitio da actual aldêa de Castro, na freguezia de Santa Christina de Paradela, a duas legoas da margem esquerda do rio Minho.

Referindo-se á rebellião de Mahamud, o monge de Albelda chama *castrum* a Santa Christina; mas Sebastião de Salamanca emprega o vocabulo *castellum* duas vezes, e *castrum* uma vez, com referencia ao mesmo logar. Eram pois termos synonymos.

Com relação a castrum Ortogi, lemos o seguinte n'um documento de 841: «et ipsum castrum integrum cum *edificiis* et *parietibus*.»

Das nossas citações, conhece-se que as muralhas se achavam de pé, pelo menos em parte; e na segunda, relativa a castro Ortogi (situado na então chamada *terra de Licinio*, entre os rios Minho e Cabe), faz-se até allusão aos *edificios* (do povoado), como vimos. As condições eram, pois, muito differentes das descriptas por D. José Verea e o Dr. João da Cunha no tocante aos castros que viram em Galliza e Tras-os-montes.

Nem seria resposta dizer-se que os castros da nossa lista eram castellos no sentido medieval. Com effeito, o que, pela primeira citação, se deixava já suspeitar, á vista da palavra *quoddam*, de que tambem se serve o bispo Sebastião na sua chronica (isto é, que os castros não eram aproveitados então pela authoridade como praças de guerra; e que ter Mahamud lançado mão de um d'elles, foi caso accidental, e mesmo corroborativo da suspeita), torna-se de todo evidente ao vermos que tanto esses dous, Santa Christina e Ortogi, como os outros nove constantes da lista supra, figuram nos documentos como *objectos de doação*, feita á sé de Lugo, juntamente com herdades e outros bens. Isto

mostra que nenhum valor se attribua já, em sentido militar, a essas antigas praças.

O trecho citado acima é aliás eloquente: «castrum quoddam quod vocatum est *ab antiquis* castrum Sanctæ Christinæ», d'onde se vê que, em 832, esse castro era obra de tempos já então antigos, sendo a natural interpretação que fosse uma praça romana cujas fortificações subsistiam em estado de se poderem utilizar, embora mais ou menos arruinadas; poisque d'ellas se aproveitou Mahamud.

O facto de terem quatro d'esses castros, recebido nomes de santos, viria dar força ao nosso modo de ver, de que as povoações, pela maior parte, eram *posteriores* á construcção das fortalezas, pertencendo estas geralmente aos tempos do paganismo, e aquellas á era christan. Cumpre notar que em todos os onze castros havia igreja, sendo pois de crer que em alguns casos o nome do castro, ou do respectivo povoado proviesse da invocação da igreja.

Não obstante o facto que estabelecemos, do abandono em que os neo-godos deixaram os onze castros ou antigas praças romanas mencionadas na lista, facto que se póde generalisar sem grande risco de desacerto, é comtudo provavel que de alguns, em outras partes, se aproveitassem quando as condições vantajosas do sitio e o estado de conservação das obras de defensa, coincidissem com alguma necessidade publica ou local.

Na margem direita do rio Lor, uma legoa ou mais ao sul da villa de Seoane, existe a povoação de Castro Mogoche, onde, segundo ouvimos dizer a pessoas da visinhança, se vêm ainda hoje restos de uma antiga fortaleza ou castello. A tradição corrente na localidade, é que os sarracenos ali estiveram fortificados durante a occupação mahometana da Galliza, que não passou de quarenta annos, começando pelos de 714 ou 716; e tão arreigada é a crença no povo dos arredores, de que os arabes deixassem thesouros enterrados em Castro Mogoche, que ainda hoje se fazem ás vezes excavações em busca d'elles.

É de feito muito crivel que nem todas as praças romanas estivessem completamente desmanteladas ainda no seculo VIII, subsistindo algumas em estado soffrivel de conservação, as quaes, fortalecendo-se com novas obras, em-

bora estranhas á arte antiga, fossem aproveitaveis como pontos de defensa ou de atalaya. Serve de apoio á nossa conjectura a solidez que os romanos davam ás suas obras de alvenaria; do que permanecem muitos monumentos em diversos paizes, e n'aquelle mesmo o attestam agora as muralhas de Lugo, que, com quasi todos os seus torreões de meia cana (sendo primitivamente outenta e seis), têem ficado em pé desde a epoca do dominio romano.

Além d'isso, e finalmente, é presumivel que os godos de Toledo, pelo menos nos primeiros tempos do seu governo, se servissem militarmente das praças deixadas pelos romanos, conservando-as portanto com obras de restauração ou accrescimo, o que muito teria contribuido para a existencia, ainda no periodo neo-gothico, de alguns d'esses antigos monumentos de guerra.

III

DA NOBREZA

Nos documentos pertencentes aos dous ou tres primeiros seculos do reino asturiano, vem mencionados os grandes e nobres com varias designações, querendo Antonio Caetano de Amaral que sejam synonymas, a saber: *optimates*, *comites*, *capitanei*, *maiores natu*, *magnates*, *principes*, *potestates*, *proceres*, *primates*, *ordo consularis*, *nobiles*, *milites*, *fideles*, designações que figuram ás vezes com adjuntos (como, *regni*, *terræ*, *curiæ*, *palatii*, etc.); e outras vezes sem elles (vejam-se as citações nas notas 152 a 162, na Mem. IV de Amaral, *Mem. de Litter. Portug.* tom. 7, pp. 135 a 143).

Que muitos d'esses titulos se empregassem em sentido generico, é assás provavel, mas seria arriscado subscrever á opinião de Amaral em toda a sua latitude. Parece-nos que alguns indicariam pessoas exercendo, ou tendo exercido, alguma commissão regia; e não uma mera distincção de casta. Assim, por exemplo, *maior natu* não seria expressão equivalente a *ordo consularis*, importando aquella a idéa de casta, e referindo-se esta ultima á circumstancia da dignidade official.

O titulo *comes* ou conde não tinha n'essa epoca a restricção que lhe era propria no tempo dos wisigodos, quando se attribuia exclusivamente ao cargo de governador de uma *cidade*, como o de *dux* ou duque ao incumbido da administração de uma *provincia*. Do que se colhe dos diplomas, póde-se inferir que, a par do seu significado de governador, fosse de uma cidade, fosse de um territorio (pois que o titulo *dux* já não apparece mais), significado que continuou a subsistir no novo reino, tambem se dava a pessoas occupando outros e diversos ministerios no paço ou no estado; e que o titulo de conde começou a considerar-se como inherente ao individuo, mesmo depois de este achar-se exonerado do seu cargo, mas sem caracter hereditario.

Com relação ao tratamento de *principe*, comquanto figure ás vezes como synonymo de *rei*, parece equiparar-se em geral aos outros titulos de grandeza. Nenhuma indicação achámos de que, no seculo VIII, se applicasse com especialidade a individuos da estirpe real; nem tam pouco que aos filhos e filhas de soberano se désse o titulo honorifico de *rei* e *rainha*, como, em seculos posteriores, foi uso e costume nos reinos da peninsula hispanica.

Se portanto nos servimos a miudo, pela conveniencia, da designação *principe* com respeito ao desthronado Affonso, não pomos todavia esse titulo na bocca de nenhum dos personagens do romance.

O tratamento de *dom* e *dona* não era ainda do estylo no seculo VIII. Começou nos fins do seguinte, ou principios do X; mas com intermittencias, como se conhece de escripturas produzidas na *España Sagrada*, e por Berganza, nas *Antiguedades*. Em um documento de 899, por exemplo, figurando de *dom* varios particulares, mencionam-se porem o rei Affonso e os condes Munio Nuñez e Gonçalo Fernandez, sem esse titulo (BERGANZA, nos appendices, Escrip. 7; vid. et Escrip. 17). A partir dos fins do seculo IX dava-se em geral o tratamento em questão ás mulheres nobres, no emtanto que muitas vezes se omitte com respeito a seus maridos (vide os documentos nas obras citadas, *passim*).

Quanto ás graduações de *rico-homem* e de *infanção*, ain-

da não figuram nos documentos do tempo que nos interessa.

Os infanções começam a apparecer no seculo x. O foral de Castro Xeriz, de 974, menciona-os (Herculano, *Hist. de Portugal*, tom. 3, pag. 284, 1.ª ediç.). No exemplar do Concilio Coyacense, constante do Livro Preto, a elles se allude como governadores juntamente com os condes: «Ut omnes comites et *infanciones imperantes terre* et regales vilici per justitiam subditos regant;» é do anno 1050. O exemplar hespanhol de Muñoz y Romero, traz *maiorini regales* em logar de infanciones (ambos vão reproduzidos nos Portug. Monum. Hist., *Script.*, vol. 1, *Conc. Coiac.* sob o tit. 7). Vê-se pois que os infanções, como os condes, tinham então não só poderes administrativos, mas tambem attribuições judiciaes.

Quanto a Portugal, uma das noticias de origem mais remota ácerca do titulo ou jerarchia de *infanção*, acha-se no Censual da sé do Porto, a fol. 96 verso, citado por Ribeiro, nas *Dissert. Chron. e Crit.* tom. 4, part. 2, pag. 149. Lê-se ali: «et illos *Infanziones* que erant in Portugale Gomize Eicazi, Menendus Gonsalviz, et Godino Venegas, et aliorum multorum filium omnium bene nadorum qui erant in Palenciam de Conde,» etc.; é do anno 1059.

Finalmente, e voltando da nossa digressão, o tratamento de «cavalleiro» *(miles)* que damos a Guesto Ansures, era um dos termos genericos para designar um homem nobre sem dependencia de cargo; fundava-se na idéa de casta, na guerreira, que era a nobre. Não seria synonymo dos titulos de grandeza *(optimate, conde, magnate*, etc.); porque, incluido n'estes, não os abrangeria elle todavia. O *nobilis, miles*, e *fidelis* seriam porém synonymos, com quanto este ultimo, talvez, tivesse um sentido mais restricto e exclusivo, como que referindo-se aos nobres e grandes que fossem companheiros e partidarios do soberano, distincção muito a proposito e significativa n'aquella idade de frequentes guerras intestinas.

IV

DA ACCLAMAÇÃO DE MAUREGATO

A opinião de alguns historiadores, de que Mauregato se apossou do throno com o auxilio de uma força musulmana enviada por Abderrhaman, emir de Cordova — havendo mesmo quem diga que «foi alçado rei en Toledo» *(Cronicon del monasterio de Cardeña,* publicado por Berganza, *Antig.* part. 2, app. pag. 583), — não assenta em noticia alguma acceitavel; e de quão pouca authoridade é o citado chronicon de Cardeña, se póde ver em Masdeu, *Hist. Crit. de España,* tom. 16, cap. 3, art. 2, n. 13.

Os chronistas mais antigos omittem a circumstancia. O primeiro a mencional-a é Rodrigo de Toledo, que viveu quatro seculos e meio depois do successo. O Padre Manuel Risco *(Esp. Sagr.* tom. 37, pp. 121 e 191) não rejeita essa versão, apoiando-se no § 11 do instrumento das actas do Concilio Ovetense sob o anno de 811. Seu antecessor, porém, o Padre Henrique Florez, tivera por apocrypho o documento em questão, e n'isso foi seguido por outros.

Na sua dissertação (tomo citado, cap. 22), Risco pretende vindicar a genuinidade das actas; mas parece desconhecer quanto isto militaria contra a opinião de um auxilio mahometano prestado a Mauregato, opinião que elle propende a favorecer.

No § 11 do instrumento apontado, trata-se de uma batalha ferida cerca de Oviedo entre «los Moros y algunos malos Christianos... de una parte» (reza o texto do original: *alienigenæ et plerique falsi christiani),* capitaneados por um certo Mahamud, e «el Rey Catholico y gran multitud de Christianos de otra» *(quibus Rex Catholicus occurrens cum multitudine Christianorum, loco prædicto commiserunt bellum).*

Ora, esse «Rey Catholico» não seria outro senão o proprio Mauregato, como se conhece do texto *(principiante Asturiensibus Christianis Mauregato invasore regni Adefonsi Casti).* Isso mesmo reconhece Risco, que, de mais a mais,

colloca o feito sob o anno 783, dando Affonso como já fugido e em caminho para Alava. Apresenta-nos pois Mauregato combatendo, no anno da sua usurpação, contra aquelles mesmos que tinham vindo em seu auxilio, ou contra uma parte d'elles! Ou então fôra necessario suppôr que, depois de prestado o auxilio, as tropas amigas se convertessem em devastadores do paiz; mas na falta de outra base para semelhante illação ou hypothese, é no que a boa critica não póde consentir, e muito menos estando sujeito á suspeição o monumento que estamos ora considerando.

Admittida comtudo a sua authenticidade, constituiria, quanto a nós, um argumento de alguma força contra a affirmação de Rodrigo de Toledo relativa ao auxilio. De feito, poderiamos assim conjecturar plausivelmente que os sarracenos nada mais fizessem do que aproveitar-se da dissenção que havia nas Asturias em consequencia da eleição de dous reis, para invadirem o paiz *(quia si in Asturiis non fuisset dissensio, et duorum Principum electio...*, como reza o precitado § 11 das actas).

Finalmente, as palavras de que se serve Affonso o Casto n'uma carta de confirmação á sé de Lugo em 832, com allusão ao usurpador: *quod fraude Mauregati calida amiseram* («Ego... postquam auxiliante Deo, Regni totius Gallecie, et seu Hispaniæ suscepi culmen, quod fraude Mauregati calida amiseram», *Esp Sagr*, tom. 4 append. 15), referem-se claramente a um acto de perfidia, não a uma simples invasão do territorio, embora houvesse n'aquelle acto alguma violencia como é licito suspeitar, O mesmo deduz-se do texto do bispo Sebastião, citado no principio do Apontamento I: *præventus fraude Mauregati;* e, no trecho que se lhe segue mais abaixo (*quod calidè invasit)*, pede o contexto que *invasit* seja traduzido «se apoderou», que é tambem um dos significados proprios d'esse verbo.

V

DOS CONDADOS DE LUGO

No tempo dos suevos e dos godos, o territorio de Lugo dividia-se em onze condados, como se conhece das actas do Concilio Lucense, em que lhes vem determinados os seus respectivos limites.

Florez, no tomo 4.º da *España Sagrada*, deu essas actas por apocryphas; mas, com quanto deveras não sejam as originaes, podem e devem fazer fé dos factos que referem, como bem mostra o Padre Risco no tomo 40 da mesma obra.

É questão que não faz ao nosso proposito; senão apenas observar que, apezar da allusão feita aos condados em varios diplomas dos reis das Asturias, não se deduz claramente que subsistissem n'esse tempo como divisões administrativas ou judiciaes, antes se pode inferir o contrario; e os nomes que lhes dá Affonso II, o Casto, na sua carta de 832 (*Esp. Sagr.* tom. 40 append. 15), onde os designa como *provincias*, não correspondem pela maior parte aos nomes dos condados constantes das citadas actas do concilio; posto que talvez sim, algumas vezes, quanto á área e aos limites, que todavia o rei não particularisa.

No tempo neo-gothico as divisões administrativas da provincia de Lugo deviam ser, em bastantes casos, outras que no periodo dos suevos e da sujeição ao governo de Toledo.

VI

DA PRESÚRIA, E MODO DE POVOAR

Os christãos mosarabes, emigrando do sul forçada ou voluntariamente, constituiam o principal elemento da nova população. O homem mais importante do grupo emigrante tomava posse *authorisada*, de terras virgens ou propriedades vacantes, e por ventura mesmo de um territorio ou

districto inteiro, como succedeu com Odoario, bispo de Lugo.

Este acto denominava-se *presúria*, d'onde veiu qualificar-se de *presor* o chefe dos povoadores, e mesmo o das subdivisões do grupo, qualidade ou titulo que transmittia aos descendentes com a herança. Este titulo, porém (se assim se póde chamar o que designava antes uma classe), envolvia geralmente a idéa de um homem não nobre. Não parece que o adoptassem homens de consideração como Odoario e outros que tomaram sobre si povoar grandes territorios; mas sómente aquelles que o faziam em menor grão por sua propria conta, e muitas vezes até por conta alheia.

A *presúria* não assignalava uma conquista; era um acto pacifico, como se infere do contexto dos diplomas, significando simplesmente «tomada de posse». Seria porém acompanhado de alguma formalidade legal ou consuetudinaria? É provavel; e talvez variasse conforme o paiz. Mas só temos noticia de dous documentos no caso de esclarecer o ponto; ambos do mesmo anno, 870, e referentes á nossa provincia do Minho.

Um é o instrumento de doação de Cartemiro e sua mulher Astrilli, encontrado no cartorio do mosteiro de Pendorada, e produzido na integra por João Pedro Ribeiro (*Dissert. Chron. e Crit.*, tom. 1 append. 2), documento aliás já antes d'isso citado por Viterbo (*Elucid.* verb. «Alvende»). Eis aqui a passagem que nos interessa: «Contestamus ad ipsa Eclesia illa hereditate, per suis terminis, quos habuimus de presuria, quos preserunt nostros priores, *cum cornu, et cum alvende* de Rege», etc.

O outro foi descuberto no Livro de Doações de Mummadomna, sendo produzido por José Anastacio de Figueiredo na *Nova Historia de Malta*, part. 1 § 159; e a elle tambem se refere o mesmo Viterbo no supplemento do *Elucidario*, verb. «Cornu». É uma carta de dotação passada a uma igreja por Flomarico e suas *duas* mulheres (*«conjugea* mea Gundila Scelemondo et *uxore* mea Astragundia»); e com referencia á villa de Negrellos, diz: «que presimus *cum cornam et albende* Adfonsus Principem et Comite Lucidu Vimarani.»

Viterbo deu primeiro o mesmo valor ás duas vozes

cornu e *alvende*, i. é, «alvará», «escriptura», «licença», «authoridade», «decreto real», etc. (*ibid.*, sob os dous respectivos vocabulos). Mas depois, em presença do documento de Flomarico, mudou de parecer quanto á palavra *cornu*, dando-lhe a significação de «tinteiro», e conservando a *alvende* a definição de «alvará», etc. Ribeiro, nas suas correcções ao Elucidario, traduz *cornu* por «buzina bellica», e *alvende* ou *albende*, por «bandeira» ou «estandarte bellico» (*Dissert. Chron. e Crit.*, tom. 4 part. 2 pp. 110 e 118).

A interpretação de Viterbo, posto que litteralmente errada, era fiel quanto ao espirito; e d'este ultimo não destoa a correcção de Ribeiro, que é compativel com um acto pacifico. Quer dizer que, nas terras do Minho, a *presúria*, a tomada de posse, fazia-se *ao som da buzina e com a bandeira despregada*, por authoridade do soberano («*de Rege; Adfonsus Principem*»), e com a intervenção, ás vezes, do governador territorial («*et comite*»...) Era uma formalidade ao parecer marcial, mas de facto pacifica. Se o nosso costume era observado na provincia de Lugo, e em outras terras sujeitas ao throno asturiano, é o que não sabemos determinar, com quanto nos pareça assás verosimil nos casos em que a presúria se authorisava n'uma concessão regia, o que nem sempre succedia, como veremos já de passagem.

Reatando pois o fio da nossa exposição, faremos notar que a presúria não se limitava sómente á apropriação de maninhos ou vacantes, se é que se fizesse nunca sem algum titulo justificavel, o que nos não parece averiguado, nem d'isso conhecemos exemplo. Fundava-se já n'uma authorisação ou concessão do poder soberano («Nos omnes pressores... venientes de Africa ad pressuram ad Gallecia terra... per *jussionem* domni Adephonsis Principis, et *presimus* villas et hereditates», etc.; documento de 757, *Esp. Sagr.* tom. 40 append. 11); já n'um contracto com particulares («item terris quæ *pro justo pretio emimus*, et per nostras pressuras *presimus*»; mesmo doc., ad fin.). A primeira citação refere-se a herdades antigas que tinham cahido em vacancia; ao passo que a segunda é relativa a uma compra, que foi o titulo em que se fundou a presúria, e *que a precedeu*, circumstancia, seja dito com referencia ao

já expendido, que explica bem a significação pacifica d'aquelle acto. Viterbo definiu a palavra *presúria* de «conquista», «reivindicação feita com mão armada», e n'isto foi seguido pelos diccionarios; a interpretação é, a nosso ver, de ponto em ponto errada. O unico documento allegado no texto do *Elucidario* (verb. «Presuria I»), nenhuma luz derrama sobre o assumpto, ao posso que na respectiva nota no fim da pagina, citam-se trechos de varios diplomas que desabonam aquella definição; é tanto assim que a nota acaba com esta glosa: «E bem claro está, que estas tomadias, e outras muitas, não fôrão feitas com mão armada.»

Presúria, já o dissemos, significa apenas «tomada de posse.»

O presor estabelecia uma familia de seus servos em cada propriedade adquirida que se propunha povoar (*ex familia populare*). Ás vezes era uma «villa» já balizada anteriormente pelos antigos donos; outras vezes demarcava-se uma área determinada de terra virgem, que era confiada á familia servil. As expressões dos diplomas «ex squalido planare», «de squalido adprehendere» eram applicaveis a uma e outra especie; porque *squalidus* assignalava apenas o estado inculto (*squalidus ager* da latinidade classica), quer se referisse a um chão maninho, quer a uma granja reduzida a matto pelo abandono. D'esta ultima hypothese temos um exemplo claramente indicado:... «habet *eam* (villam) Dominus Episcopus de sua presa *in scalido jacente* (*Esp. Sagr.* tom. 16 append. 1), trecho que só convinha a uma antiga «villa», i. é, quinta ou granja despovoada. Em abono da outra applicação do vocabulo, offerecem-se-nos as seguintes passagens de um documento de 781:... «istum locum quod dicunt Oveto, tu jam dicte Maximus *prius* erexisti, et *planasti* illum, una cum servos tuos *ex squalido*, nemine possidente, et populante de monte», etc. E mais abaixo: «hunc locum *squalidum* a nemine habitante *irrumpimus*» (*ibid.* tom. 37 append. 6). Tratava-se aqui evidentemente de um sitio que nunca fôra d'antes arroteado, isto é, segundo a memoria dos homens de então.

N'um e n'outro caso, a propriedade tomava o nome do chefe da familia servil; e o presor fornecia a esta, senão

sempre, pelo menos algumas vezes, os utensis e animaes de lavoura, bem como auxilio de braços extraordinario para a construcção da casaria, ou concerto da que porventura já existisse.

Acontecia tambem por vezes ser de condição livre a pessoa a quem se confiava a herdade ou granja a povoar; algum amigo, companheiro de emigração, ou mesmo parente (*ex stirpe populare*) do principal povoador. Este tambem transmittia o seu nome ao sitio.

Outras vezes o chefe da familia servil adquiria os foros de homem livre, bem como os outros membros d'ella; mas parece serem casos excepcionaes.

Deduzem-se estas particularidades dos documentos na *España Sagrada*, tomo 40, appendices 9, 10, 11 e 12.

Nos chamados testamentos (nome que se dava então ás mesmas doações *inter vivos*) do bispo Odoario, e em outros diplomas do seculo VIII tocantes a Lugo, todas as propriedades rusticas são designadas «villas», salvo uma ou outra menção de herdades (*hereditates*).

Villa era a palavra acceita desde os tempos classicos, como se vê de muitos authores latinos, e nomeadamente em Varro (*De Re Rust.* lib. 1 c. 12 et passim), e em Catão (*De Re Rust.* c. 3, 4, 14 et al.), referindo-se estes escriptores mais particularmente á casaria, (villa *urbana*, *rustica*, *fructuaria*, para distinguir a residencia do dono, da dos caseiros, e dos celleiros); mas applicando-se a palavra tambem não raro á propriedade em toda a sua superficie. É este ultimo o sentido que lhe dão os documentos do periodo neo-gothico, e ainda posteriormente, correspondendo portanto ao que hoje chamamos *granja* ou *quinta*.

Isto não obstante, é possivel que ás vezes *villa* significasse tambem «povoação» como synonymo de aldêa, ou mesmo de municipio, como pensou Alexandre Herculano (*Hist. de Portugal* tom. 2 pag. 294, 1.ª ediç.); mas não acontece assim nos documentos que temos á vista, senão que póde ser, como aliás é provavel, que n'algumas d'essas granjas, as habitações dos servos, pelo seu numero, formassem deveras uma aldeola. Ha porém casos em que todos os moradores da «villa» vem mencionados pelo nome. Assim, «villa Marci» era habitada por *homines humil-*

limi, libertos de Odoario, a saber: Alvitus e sua mulher Ika, e mais onze parentes referidos nominalmente. Já não eram muitos para constituir uma aldêa; mas como suppôr que se formasse uma, dos *quatro* servos estabelecidos na «villa de Benati,» ainda que tivessem filhos?

Mais tarde apparece com frequencia outra especie de bem rustico, chamada *villar* ou *villare*. Em diplomas do seculo VIII só a encontrámos uma vez:... «et per ipsum *Vilare* que dicitur Desiderii» (doc. do anno 775, *Esp. Sagr.*, tom. 18 append. 2). Era vocabulo desconhecido dos latinos como substantivo, e mesmo como adjectivo occorre talvez apenas em Plinio *(Villaribus gallinis;* Nat. Hist. X, 41). Mas pelo facto de se encontrar bastantes vezes a par da palavra *villa*, e no mesmo documento—(*villares* cultos et incultos»... «Ecclesia N. cum suo *villare*»... «*Villare* ubi fundata est Ecclesia N. et inde vadit a *Villa* Evolati,» doc. de 841 na *Esp. Sagr.* tom. 40 app. 16; «*Villas, villares*, terras, saltos,» etc., doc. de 842, *ibid.* app. 18; «*villa* que dicunt Viogio»... «*villare* que dicunt Parata,» doc. de 922, *Esp. Sagr.* tom. 14 app. 3)—é claro que *villar* designava outra ordem de propriedades, quer pela menor extensão do terreno, quer pela classe inferior das casas, e provavelmente por ambos os motivos. Duvidamos que lhe seja applicavel em Hespanha, a interpretação de Du Cange (Gloss., verb. *Villare);* isto é, aldêa de dez ou doze fogos ou familias. Parece-nos mais certo corresponder ao diminutivo *villula*, na accepção que tinha nos tempos classicos, significando portanto «pequena granja». Encontrámos tambem, é verdade, o proprio diminutivo *villula;* mas poucas vezes («Ecclesiis et *villulis*,» doc. de 841, *Esp. Sag.* tom. 40 append. 16 p. 377; veja-se tambem um doc. de 832 em que occorre, nos *Anales de Galicia* por Huerta y Vega, tom. 2 escript. 20). No testamento do bispo Miro, anno de 979, lê-se: «Et in comitatu Jerundense... in villa N. et per alias villas vel (entenda-se *et*) *villarunculos*»; e, mais abaixo: «villas et *villarunculis* cum terris, et vineis,» Bofarull, *Los Condes de Barcelona*, tom. 1 pag. 99 e 101.

VII

DAS REVOLTAS POPULARES

Posto que sejam fraquissimos os vestigios que nos restam do primeiro seculo do governo neo-gothico, apparece por vezes nos diplomas alguma palavra suggestiva, como clarão em noute fechada, e cujo valor cumpre não desprezar.

Assim, importa distinguir a significação das revoltas de que nos fica memoria.

A contar do tempo de Pelagio até o reinado de Mauregato, fazem os chronicons menção de tres revoltas: duas foram obra dos *povos* de Galliza (uma no reinado de Froila, a outra no de Silo); e só de uma foram authores os *servos*, occorrendo no governo de Aurelio.

Ora, as duas revoltas attribuidas aos povos *(populos Galliæ... rebellantes)* só se explicam bem pela injustiça dos homens novos (os godos refugiados) para com os moradores primitivos, que na sua maxima parte eram da raça celtica, ou celto-romana, e povoavam os districtos montanhosos do norte, á chegada dos godos em busca de um asylo contra a invasão dos arabes.

Os *povos rebeldes* dos chronicons eram pois os descendentes dos celtas; e esta parte da população livre foi, durante os primeiros reinados, um elemento de sedição; circumstancia que, quanto a nós, devia favorecer a immigração mosarabica, promovida pelos reis das Asturias não só para repovoar a terra, que talvez o precisasse menos do que se tem geralmente conjecturado; mas tambem para conter e cohibir o elemento celtico pela juxtaposição dos elementos gothico e romano, temperados pela civilisação arabe.

Os sentimentos do celta Osoredo expressos a paginas 29 até 31 do romance, fundam-se n'essa inferencia.

VIII

DAS FRONTEIRAS MERIDIONAES

A Historia não aponta quaes fossem os limites meridionaes do reino christão pelo lado da Galliza e de Leão, depois da morte de Affonso I, que, nas suas expedições militares, tão longe se internou no territorio mahometano. Contenta-se com affirmar vagamente que as fronteiras variavam conforme os successos, aliás desconhecidos pela maior parte, sendo o Douro o limite extremo pelo lado do sul. É provavel que este modo de dizer represente a verdade dos factos.

É mui verosimil que o dominio christão até o rio Douro se conservasse ainda no reinado de Froila I; porque outro Froila, seu tio, irmão de Affonso I, e pae de Bermudo o diacono, parece ter governado no territorio confinante áquelle rio pelo espaço de doze annos e meio; e, com quanto se não saiba em que anno começou este governo, é provavel que alcançasse ainda uma parte do reinado de Froila I, que durou de 756 a 768 (vid. Monachi Silensis Chronicon, na *Esp. Sagr.*, tom. 17 app. ultimo, á pag. 280).

Consta que em 832 Braga e Orense estavam em poder dos musulmanos *(Esp. Sagr.* tom. 40 app. 15); que em 835 a primeira d'estas cidades achava-se restituida ao dominio christão (Argote, tom. 3 app. 3); e que em 841 os infieis a possuiam de novo *(Esp. Sagr.* tom. 40 app. 16). Não temos porém subsidios para fixar a data, sequer aproximativa, em que, depois das conquistas de Affonso I, o dominio mahometano tornou a extender-se entre o Douro e o Minho; nem tampouco para determinar até que linha chegasse, ou se passava ainda para o norte do rio Minho.

Ha comtudo um acontecimento que, considerado em si, e á luz de monumentos coevos, nos parece permittir estabelecer o seguinte:

Que nos reinados que medearam entre Affonso I, o Catholico, e seu neto Affonso II, o Casto, a authoridade dos reis das Asturias, e de seus logar-tenentes, extendia-se

para além do rio Sil, e pelo paiz do Vierzo, ainda suppondo, com referencia a este, que o territorio a leste da grande serrania de Leão não fosse incluido, o que de feito é mais duvidoso, posto que seja geralmente acreditado que os christãos conservassem posse das cidades de Leão e Astorga desde a sua tomada por Affonso I.

O acontecimento que se nos afigura esclarecer o alludido ponto, foi a invasão dos sarracenos em 791, reinando Bermudo I, o diacono. N'esse anno mandou o emir Hixem uma expedição de 39:000 homens contra os christãos do norte, a qual entrou pelos territorios de Astorga e de Lugo, onde fez grandes destroços, voltando carregada de despojos. Mas um dos corpos do exercito invasor teve de luctar com as forças de Bermudo em Burbia, logar sobre o rio do mesmo nome, perto de Villa Franca do Vierzo; e da batalha sahiu Bermudo victorioso, segundo os chronistas christãos, ao passo que os historiadores arabes reclamam a victoria para os seus. Mas estes ultimos consignam o facto de que *toda a Galliza* foi percorrida e talada pelos sarracenos (Conde *Hist. de la Dom. de los Arabes*, part. 2 cap. 27). A invasão não passou pois de uma correria; e os vencedores, se é que o fossem, evacuaram em seguida aquelles territorios.

Não está isto indicando que o dominio de facto pertencia aos christãos em toda, ou quasi toda a Galliza, e no Vierzo?

Dados fornecidos por outras especies vem corroborar a illação.

Lê-se na chronica de Sebastião de Salamanca: «Iste (i. é, o rei Silo) cum Ismaelitis pacem habuit. Populos Gallæcie contra rebellantes in *monte Cuperio* bello superavit et sub Imperio subjugavit.» Ora, o monte Cuperio era o mesmo que hoje se chama Cebrero, situado umas cinco legoas ao norte do Sil, em territorio que, pelo facto referido no trecho acima, estava certamente sob o dominio dos reis das Asturias.

No privilegio de Ordonho II ao mosteiro de Sámanos, em 922 (*Esp. Sagr.* tom. 14 app. 3), faz este soberano um resumo historico do mosteiro desde a sua segunda fundação, ou, melhor, a sua restauração pelo abbade

Argerico em dias do rei Froila; e dá uma relação de algumas das «villas» e «villares», ou digamos granjas e casaes que «per hordinatione ipsius Principis *prendiderunt*»; quer dizer, que os monges tomaram de presúria e povoaram. Entre outras, figuram as seguintes propriedades: «In Bercio (i. é, Vierzo) villa que dicunt Viogio. Et fecerunt Eglesia Santi Jhoanni, *inter duos discurrentes Sile et Cua*». O rio Cua, ou, como hoje se escreve, Qua, desagua no Sil, depois de este ultimo ter recebido o Valcarce augmentado do Burbia. Em seguida lê-se: «In Jorres (i. é, Orres, hoje Valdeorras) senrra semine modios VIIII. In Karioga (hoje Quiroga) villare que dicunt Parata.»

Ora, tendo Argerico tomado posse d'estes bens no reinado de Froila, posse regular, authorisada (*per hordinatione*), e pacifica, em summa, *por presúria* na linguagem do tempo, bens situados em territorios banhados pelo Sil, é claro que esses bens estariam incluidos nos dominios christãos. Isto vem corroborado e amplificado pela menção feita em outros documentos, de terras pertencentes á sé de Lugo, em Riba-Sil, sitas não só na margem direita, como essas outras, senão tambem na esquerda, designadamente no paiz regado pelos rios Castro, Arroyo e Mao, que correndo do meio-dia, desaguam no Sil, (vid. as cartas regias de 832, 841 e 897. na *Esp. Sagr.* tom. 40, app. 15, 16 e 19).

Offerece-se aqui não obstante uma duvida. Ter-se-hia deveras achado incluido nos limites do dominio christão, o paiz de Orres, hoje Valdeorras? N'este fertilissimo territorio, cujos vinhos foram muito estimados no tempo dos romanos, como ainda o são, a par dos vestigios da colonisação d'aquelle povo, existem outros que dão testemunho de uma residencia mais ou menos demorada dos sarracenos. Pertencem, pois, estes restos ao tempo da occupação da Galliza que se prolongou, em parte, de 714 a 753? Ou serão evidencia de que os infieis continuaram de assento n'esse canto extremo da Galliza, quer por virtude das armas, quer por tolerancia ou desleixo dos christãos, a não ser por composição com elles, mórmente nos tres reinados pacificos de Aurelio, Silo e Mauregato?

Qualquer das hypotheses explicaria o facto assignalado.

A respectiva noticia extrahida do privilegio de Ordonho II, daria porém a preferencia á primeira.

IX

DOS CLERIGOS-SERVOS

A servidão, na linguagem dos canonistas, era uma *irregularidade;* quer dizer, um impedimento para a admissão nas ordens sacras, salvo no caso de manumissão, ou no de previo consentimento do amo. O impedimento abrangia o liberto cujo patrono estivesse no seculo (porque, como se sabe, o vinculo do dever não se rompia de todo), segundo a mais antiga provisão conhecida sobre o assumpto, a do Concilio de Elvira *(Illiberis),* no anno de 304-305 (cap. 80).

Infringir o estabelecido envolvia a deposição do servo ordenado, e a sua restituição ao amo, se este o exigisse, conforme se decretou no Concilio de Toledo, anno de 633. As disposições do Concilio de Orléans (anno de 511) eram mais suaves, fixando uma compensação em beneficio do amo, igual ao valor em dobro do servo ordenado.

O espirito d'esta legislação é a incompatibilidade do estado servil com o estado ecclesiastico, envolvendo a liberdade do escravo indevidamente ordenado, ou, na alternativa, a sua exautoração, *quia vilis persona manens Sacerdotii dignitate fungi non potest,* como argumenta um d'esses estatutos.

O simples facto de se legislar sobre a materia, prova a existencia de abusos não sómente em França e em Hespanha (já nos tempos do governo relativamente regular dos wisigodos), senão tambem em outros paizes, como se conhece das cartas de diversos papas, do seculo quinto em diante. Duas d'estas cartas allegam mesmo a frequencia dos casos (Gelasius, Herculentio, Stephano et Justo Episcopis; Leo Papa omnibus Episcopis, *Epist.* 1 c. 1). Ainda mais, esse estado de cousas parece ter continuado durante a maxima parte da idade media, pelo que se lê em diplomas apostolicos e actas de concilios provinciaes do tempo (Concil. apud Alichi,

anno 917; Concil. Triburiensi, an. 1035; Alexandr. Papa III archiepisc. Turon. epist., sem data, mas escripta entre 1159 e 1181. Vid. LANCELLOTTI, *Corp. Jur. Canon.*, tom. 1 pp. 181 a 188, e tom. 2 pp. 112 e 113, ed. Venez. 1782). No Oriente occorriam os mesmos abusos, até com a dignidade de bispo, como attestam as constituições do imperador Leão (annos 886 a 911). Const. IX «De servo, qui ignorante domino *clericus factus est*»; Const. X «De servo, qui inscio domino *monachismum suscepit;* Const. XI «De servo, qui ignorante domino *Episcopus factus est*» (IMP. LEON. AUG., *Novel. Const.*, apud *Corp. Jur. Civil.)*.

Nada ahi indica que o abuso em questão chegasse ao ponto de constituir um estado de cousas, senão consuetudinario, pelo menos *reconhecido* da authoridade civil ou ecclesiastica. Este facto excepcional realisa-se comtudo no meio da anarchia social dos dous primeiros seculos do reino neo-gothico. É de crer que não fosse muito frequente; mas dous monumentos authenticos dão testemunho positivo da sua existencia. Um é do anno 747, o outro de 812.

O primeiro é o testamento do bispo Odoario do anno apontado, no qual ha o seguinte trecho: «Item in dexteris Lucense Villa de Benati de mea præssura stipata de *mea familia* per suis terminis, ubi edificavimus *ipsa mea familia* per mea jussione Ecclesia S. Stephani, prænominatos Bennato, et Sunnilla, et Gundesindus *Presbiter*, et Abolo Roderico» *(Esp. Sagr.* tom. 40, pag. 360 e seg.). Eis pois um presbytero de condição servil, como indica a voz *familia* a que se refere. Este trecho repete-se com leves variantes, na confirmação de Affonso III, de 897 *(ibid.* pag. 387), d'onde o copiou Alexandre Herculano *(Hist. de Port.* tom. 3, nota 15, num. 12).

O outro é uma doação de Affonso o Casto á sé de Oviedo, em que, entre os objectos que *doa*, figuram nominalmente um *presbytero*, um *diacono*, e cinco *clerigos*, além de outros que não nomea, dizendo tão sómente: «mancipia id est Clericos Sacricantores.» Um dos clerigos fôra *comprado* a Lauri Baca, e o diacono *adquirido* de Corbello e Taffilane. Vê-se que *adquirir* se tomava aqui na sua accepção de «comprar»; porque na menção subsequente que faz o rei, de muitos servos leigos que tambem doava á sé, emprega,

ao parecer indifferentemente, as expressões: «quos *habuimus* de N.», «quos *compravimus* de N.», «quos *adquisivimus* de N.», como que servindo-se d'estes termos em guisa de synonymos *(Esp. Sagr.* tom. 37, app. 7, doc. de que se aproveitou Herculano).

X

DA PROVINCIA DE LUGO

COM REFERENCIA Á CIVILISAÇÃO

Ao regressarem da sua expedição no norte de Hespanha em 765, referiam os arabes que «os povos de Galliza *viviam como feras;* que nunca lavavam as suas pessoas, nem os seus vestidos, que os não mudavam, trazendo-os no corpo até cahirem em farrapos, e que entravam nas casas uns dos outros sem pedirem licença» (Conde, *Hist. de la Domin. de los Arabes en España*, part. 2, cap. 18).

Este quadro de barbaria, que aliás destoa da asserção («volveram a Cordova com *muitas riquezas*, gado e captivos») que precede o trecho citado acima, nenhum credito merece em presença das revelações dos diplomas. Ainda que houvesse um certo fundo de verdade na ultima parte d'essa passagem, com relação á classe infima, a servil, nem por isso envolveria necessariamente o estado de selvageria geral da sociedade gallega, que constitue a idéa fundamental das representações dos inimigos, circumstancia esta que bastaria já para as tornar suspeitas de calumniosas.

Quanto á primeira invasão, pelos annos de 714 a 716, não obstante o estado em que os arabes deixaram a cidade de Lugo e seu territorio, ou parte d'elle, quando tornaram a evacual-o, expulsos por Affonso I, deduz-se do proprio documento que nos dá melhor conhecimento do facto, o chamado segundo testamento de Odoario (an. 760), bem como do primeiro testamento d'este bispo (an. 747), que os estragos não foram tão importantes ou excessivos como nos fariam acreditar certas asserções geraes dos escriptores.

Com referencia ás propriedades rusticas que Odoario mandou povoar por gente da sua dependencia (que nem

sempre seriam servos seus proprios, mas talvez não raro da corôa); conhece-se, pela expressão de que se serve com frequencia — «per suis terminis *antiquis*», «locis *antiquis*», etc., — que a respeito de muitas, senão da maior parte d'ellas, se tratava de uma mera *restauração*, e não de povoar charnecas ou terras virgens.

O primeiro testamento d'esse bispo menciona nominalmente, entre «villas» e igrejas, com seus pertences e familias servis, o numero (salvo erro) de outenta e uma propriedades, além de nove grupos em que não nomêa os sitios por nome, mas cumulativamente (assim, por exemplo: «ecclesia S. Vicentii... *et Villas*»; ou «ecclesia Sancti Eusebii, et *omnes hereditates* per ubi eas potueritis invenire», etc.), devendo pois exceder bastante de cem o numero total de semelhantes bens; isto, afóra outras outo «villas» de que trata o segundo testamento.

Ora, de todos esses bens, apenas vinte e outo (salvo erro) figuram como tendo sido cercados de vallado *pelos servos do testador* («stipata de familia mea», que é a locução do texto); isto é, cerca da quarta parte, ou menos; e só a respeito de um, declara-se explicitamente fosse fundação mais inteira, completa e radical («Item in Ripa Minei territorio vocitato Lizino Monasterium Sancti Stephani Vallis Athanæ, quod ex propria familia extipavi, et *ex radice fundamentavi*»). É pois de crer que, tirando essas vinte e outo propriedades, as demais representassem apenas igrejas e granjas antigas *restauradas*. Seria aliás conforme com um trecho da escriptura de doação passada em 745 por alguns libertos de Odoario, trecho que todavia nos parece exagerado nas suas expressões, e demasiado exclusivo com referencia ás diligencias attribuidas ao bispo: «Præfatus vero gloriosus Odoarius Præsul ipsam Urbem (i. é, Lucensem) et *universam Provinciam studuit restaurare*, ac propria familia stipavit» (*Esp. Sagr.* tom. 40, app. 9). É possivel que os bens que se mandaram cercar de vallado, ou uma parte d'elles, fossem tambem simples restaurações; porque a expressão «stipata de familia mea» não indica de necessidade uma colonisação radicalmente nova.

É de notar ainda que Odoario não faz allusão a terras

incultas, pelo menos explicitamente; nem se serve das respectivas locuções em uso no seu tempo («ex squalido planare», «de squalido adprehendere», etc.), excepto unicamente quando se refere ao motivo de aggravo que tinha contra seu irmão Ermiario («In Mera Ecclesia S. Eolalia Alta et S. Maria Alta, et ejus familiæ ab integro, et Ecclesia S. Joannis de Mera, quos *predivit* germanus meus Ermiarius *de Escalido*, et contestavit a me indignum», *Esp. Sagr.* tom. 40 app. 10), conhecendo-se d'aqui que as terras adjacentes ás igrejas tomadas por Ermiario, estavam em charneca ou incultas; poisque *squalidus* escrevia-se tambem *scalidus*, *escalidus;* e no documento do appendice 11, lê-se: «et presimus Villas et hereditates *de Escalido* et de Ruda Silva, etc.» Os trechos citados devem pois ler-se: «predivit... de escalido», «presimus... de escalido», na accepção de *inculto* (presúria feita em maninhos).

Além do exposto, as palavras «ubi se dividit cum *alias villas* per petras fixas et mamolas antiquas», estão revelando que havia granjas ou quintas confinantes ás que se mencionam, e pertencendo a outro senhorio, separadas por balizas e marcos antigos.

Em summa, Odoario reformava um paiz mais ou menos talado pelo inimigo, no qual subsistiam ainda bastantes recursos, restos da passada prosperidade, e, quanto a nós, só parcialmente despovoado.

Para nos convencermos d'isto, basta lembrar o facto de haver sido Lugo reconquistado aos sarracenos pelos annos de 740 a 742; e, em seguida, inteirar-nos do resultado já obtido por Odoario em 747, devido aos esforços que empregou para restabelecer a sua diocese, tal e qual nol-o representa em seu primeiro testamento *(Esp. Sagr.* tom. 40 app. 10). Semelhante resultado no espaço de cinco, seis ou sete annos, seria assombroso, incrivel, se houvesse envolvido uma mudança de cousas tão radical como se poderia inferir, tomando-se á risca certas expressões hyperbolicas dos documentos. Não se tratava de povoar um deserto, nem de compôr um cahos.

O certo é que do compulsar d'esses dous testamentos, a par de outras escripturas nos appendices do citado tomo da *España Sgrada,* concluimos que a provincia de Lugo,

no primeiro seculo do governo neo-gothico, offerecia condições de existencia e de sociedade mui diversas da fereza e grosseria a que alludem os arabes que saquearam a Galliza.

Em primeiro logar, a população devia ter uma certa densidade para explicar o numero de igrejas e de predios rusticos relativamente á área que os incluia, tendo presente a circumstancia de que Odoario não seria o unico que se occupasse na restauração; e que além da corôa, outros individuos mais ou menos poderosos participariam na mesma obra, o que aliás se conhece positivamente de pelo menos um documento (*Esp. Sagr.* tom. 18, app. 13).

Em segundo logar, ha especies que, ao corroborarem essa inferencia, dão testemunho de um certo gráo de bem-estar, e de deferencia para com o direito alheio.

Assim, vemos que o direito da pesca era reconhecido, attenta a menção que fazem os diplomas (ao relacionarem os pertences da respectiva propriedade) de pesqueiras e nassas ou naceiros: «cum nasariis et piscariis.» Esta phrase de per si demonstra aliás que era então conhecida a distincção entre essas duas classes de armação piscatoria, ambas em uso ainda hoje no Douro. É de tradição no nosso povo de Riba-Douro, que aquella invenção veiu originariamente do rio Minho. Póde ser que de lá se nos transmittisse, mas não se originou ali; porque existia, pelo menos a *nassa*, em tempo dos romanos, e d'ella fazem allusão figurada alguns poetas e prosadores classicos («inclusus carcere *nassæ*,» diz Juvenal, *Sat.* XII, 123; e em Cicero, que emprega a antiga orthographia, lê-se: «ex hac *naxa* exire constitim, non ad fugam, sed ad spem mortis melioris,» *Ad Attic.* XV, 20). Quanto á *pesqueira*, não nos consta noticia d'ella relativa á antiguidade policiada; poisque n'aquelle tempo o vocabulo latino *piscaria* significava um logar onde o peixe se *vendia*, não onde se apanhava; foi no latim barbaro que lhe deram tambem este ultimo sentido.

A expressão «*sesicas (sexigas, sessiones* e outras variantes) molinarum», aliás trivial nos diplomas de seculos posteriores, mostra que o direito de reedificar os moinhos, depois de cahidos, quando eram situados em terreno alheio, tinha o mesmo caracter privilegiado e perpetuo que teve

em tempos mais proximo a nós; e'n'um dos diplomas que estamos examinando, vem isto consignado de modo mais explicito: «molendinorum sessiones *cum suo cauto*» (*Esp. Sagr.* tom. 40 app. 16).

Referem-se as mesmas escripturas ás *pedras fixas*, *arcas*, e *mamoas*, nomes de diversas especies de balizas marcando os limites das propriedades; e assim aos ingressos e egressos. Que bastantes d'essas propriedades eram, alem d'isso, fechadas com vallado, se manifesta, como já vimos, pelo respectivo termo em uso: «villa *stipata*», occorrendo uma vez a seguinte entrada: «Villa Rubini per suis terminis antiquis sicut est *vallata in omni circuitu* (*ibid.* app. 10). E devemos suppôr que houvesse muitas outras em igual caso, se é que se não possa dizer o mesmo quanto á maior parte; porque, em regra, Odoario só consigna o facto (de se achar qualquer granja fechada com vallado) para declarar que fôra feito por gente sua.

Fallam-nos os mesmos documentos, não só de vinhas, hortas, pomares, figueiraes, de bois e jumentos para lavoura, e de carros; mas ainda, segundo entendemos, das servidões relativas a aguas, indicadas pela expressão *aquas aquarum* (e locuções accessorias) de que se servem.

Não se tem ainda interpretado a citada expressão; e se João Pedro Ribeiro a deu por inintelligivel (*Diss. Chron.* t. 1 p. 198, nota), foi de certo por não ter feito um estudo demorado d'este enigma dos cartorios. A tentativa que fizemos deu em resultado convencermo-nos de que a primeira parte da phrase tão vulgar em documentos antigos de Portugal e Hespanha: «*aquas aquarum* et ductus earum» (variando aliás quanto á segunda parte), constitue um idiotismo peculiar aos tabelliães peninsulares, devido a terem estropiado a construcção da formula primitiva: *aquas, aquarumque ductus:* converteu-se «que» em «et», e, omittida a virgula, tornou-se o genitivo *aquarum* dependente de *aquas*, em vez de conservar o seu valor de complemento de *ductus*, nascendo d'ahi a necessidade de um demonstrativo—*earum*. A construcção original *aquas, aquarumque ductus* era equivalente á formula dos diplomas de França, Allemanha e Italia: *aquas, aquarumque decursus*, que não temos visto explicada em Du Cange, nem em ou-

tros escriptores estrangeiros. Quanto á letra, são de facil traducção: «as aguas, e as suas derivações;» e quanto ao espirito, a interpretação que nos parece dever dar-se a qualquer d'essas formulas, é que representava em linguagem forense os direitos correlativos a duas servidões, a saber: 1.º, *aquas*, direito de tirar agua *(haustus aquæ*, da legislação romana); 2.º, *aquarum ductus* ou *decursus*, direito de a derivar atravez de predio alheio *(ductus aquæ* ou *aquæductus*, da mesma legislação). *Decursus*, que tinha originariamente um significado especial como palavra technica (i. é, a parte do aqueducto correndo ao lançante até o *ventrem* no fundo do valle, chamando-se *expressio* a subida opposta, Vitruv. VIII, 7), parece depois ter adquirido o mesmo valor generico que se attribue a *ductus*, e n'este sentido se emprega n'uma lei de Receswinthns (*Cod. Wisigoth.* lib. 8 tit. 4 lex 31). Os dous termos, *decursus* e *ductus* eram pois synonymos, tendo-se adoptado o ultimo na nossa Peninsula, e o primeiro em outros paizes; mas *ductus* tambem se encontra por excepção em diplomas italianos. Na locução pois (a nosso ver) estropiada, a palavra *aquarum* é redundante e sem valor; omittindo-a, temos: *aquas et ductus earum*, que significa precisamente o mesmo que *aquas*, *aquarumque ductus*; e o que reforça a conclusão, é haver exemplos em que de feito falta o genitivo *aquarum*. Quanto á outras particularidades e argumentos d'este estudo, reportamo-nos ao que se acha exposto na nossa Memoria sobre o valor da phrase *aquas aquarum* empregada nos diplomas antigos, apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa, na sessão da segunda classe, do dia 1 de junho de 1882. Das noticias que produzimos, como exemplos, no Appendice á dita Memoria, faremos apenas allusão a uma, pelo que suggere no relativo ao assumpto d'este Apontamento na sua generalidade. Lê-se pois, no primeiro testamento de Odoario, feito em 747: «In valle Uria... (ecclesia) Sanctæ Mariæ de Saure... *cum suo canale* et suos santos ab integro stipata de familia mea.» Ora, o aqueducto de que se tràta aqui, fosse elle de pequenas ou maiores dimensões, parece em todo o caso ter sido obra duravel, e destinada a preencher alguma necessidade local; por quanto a elle se refere outra escriptu-

ra, um seculo e meio depois: «In Saure ecclesiam S. Mariæ... *cum canali* et saltu et familia» (*Esp. Sagr.* tom. 40 app. 19, doc. do anno 897.)

No Apontamento VI, já citámos a outro proposito o seguinte trecho de um diploma de 757: «terris *quæ pro justo pretio emimus*, et per nostras pressuras presimus, et juri possessa retinemus» (*ibid.* app. 11). Ora, esta passagem é, a nosso ver, evidencia em abono da these que defendemos no presente Apontamento, e a dous respeitos; porque, em primeiro logar, comprar terras indica bastante população, um certo bem-estar e uma condição social regular; e em segundo logar dá campo a presuppor que as terras sem dono não abundariam na visinhança.

Apontaremos, finalmente, que nos referidos documentos, encontram-se allusões a coutos, ao censo, a direitos reaes e do fisco, e ás leis («ita ut *lex* docet», «dantes et confirmantes decimas et primitias secundum *consuetudinem legis*», etc.); assim como a caminhos e estradas *(via antiqua, strata publica)*, assignalando-se duas d'estas ultimas pelo proprio nome: *stracta de Castelion*, no paiz entre Minho e Cabe, e *iter publicum S. Jacobi*. Para concluirmos: vem mencionados diversos «portos» *(portus de Guntin, portus Polumbarii, portus Minei*, etc.), constando assim que em logares determinados, havia barcas para o transporte de viajantes, de um lado para outro dos grandes rios; porque aquelle vocabulo se usava para designar tanto a propria embarcação, como o sitio em que estacionava para commodidade publica; isto, não obstante empregar-se tambem a mesma voz *portus* com allusão ao passo n'uma serra.

Ora, escusado é dizel-o, o que colhemos d'esses subsidios, só podia convir a um paiz que estivesse já em certo gráo de adiantamento, ou de relativa policia e prosperidade; não, de certo, n'um modo de existencia digno a bem dizer dos tempos prehistoricos, ou dos povos lacustres. As circumstancias materiaes e a cultura moral da Galliza do seculo VIII, não eram peiores do que no resto do reino neo-gothico, e talvez fossem mais avantajadas do que na parte chamada Asturias. O estado de cousas que nos denuncia a revista que acabámos de fazer, não differe muito,

aliás, até onde podemos alcançar, das condições economicas ou sociaes reveladas pelos monumentos dos tres seculos immediatos, É que, na verdade, as civilisações succedem-se com o revolver do tempo; nos seus principios a marcha do progresso é sempre lenta e demorada. Torna-se precipitada, vertiginosa, sómente quando o desenvolvimento vae attingindo o seu auge — é uma como lei moral de gravitação.

XI

DAS FEITICEIRAS

As reuniões nocturnas destinadas a praticas mais ou menos supersticiosas, parece serem uma tendencia natural e constante do estado servil. Os *nocturna sacrificia dæmonibus* do codigo wisigothico, e tambem da lei salica, dão-se ainda hoje no Brasil, entre os pretos; mas aqui, de envolta com o motivo de genuina superstição, ha tambem muitas vezes, não diremos sempre, o attractivo da devassidão, acabando por bacchanaes semelhantes aos de que são accusadas as assembléas de bruxas em Allemanha e França no seculo XVI.

As reuniões nocturnas no monte, para consultarem alguma feiticeira predilecta (uma como Meditrina, ou deusa dos remedios, não uma Veleda; pois nada havia ahi do manticismo das *alrauns*, ou druidizas), foi costume antigo mui seguido dos servos da gleba, o qual se conservou por toda a idade media, como se deduz das leis consuetudinarias. Antes do seculo XII não se imputava ás bruxas e feiticeiros um pacto concluido positiva e directamente com o demonio, como ao depois aconteceu (WRIGHT, *Sorcery and Magic*, pag. 6). Na Hespanha-arabe a bruxaria não era condemnada nem pelos costumes, nem pelas leis (ENNEMOSER, *History of Magic*, tom. 2, pag. 94). A obra de Michelet, *La Sorcière*, é uma das mais interessantes sobre o assumpto, com relação á idade media.

XII

DA SERVIDÃO

A passagem do estado da escravidão (vigente entre os wisigodos, cujas leis consideravam os d'esta classe como pertencendo ao amo, não á terra) para o estado de adscripção á gleba, que prevaleceu desde os principios do reino neo-gothico, foi tão erudita e luminosamente exposta pelo fallecido Alexandre Herculano na sua *Historia de Portugal* (liv. 7, part. 2) que a esta obra referimos o leitor que deseje aprofundar a materia.

Aqui nos limitaremos a lembrar o facto geral, que a transição operou-se de dous modos: pela migração forçada, e pela voluntaria.

Havia pois em certas terras das Asturias e da Galliza, na epoca de que nos occupamos, servos (ou seus descendentes) que junto com os proprios amos, e talvez contra a vontade de uns e outros, se tinham para ali transportado dos dominios sarracenos, impellidos pelos guerreiros christãos no seu regresso de expedições victoriosas em territorio inimigo. Os servos da migração forçada, segundo a hypothese de Herculano, estabeleciam-se «por uma especie de colonato da corôa, semelhante mais ou menos á condição do servo fiscal wisigodo.»

Em outras terras do mesmo reino, os servos eram aquelles, ou descendiam d'aquelles que haviam acompanhado de bom grado os seus senhores quando estes emigraram voluntariamente de «Spania»; e teriam acceito facilmente o partido que lhes fosse proposto, porque sendo *escravos*, melhoravam, ou cuidavam melhorar a sua sorte, passando d'essa condição para a de *servos adscriptos á gleba* na nova patria. É de primeira intuição que os emigrantes ricos voluntarios, os senhores, não podiam levar comsigo os seus escravos senão com o consentimento d'estes. Os servos, pelo menos da migração voluntaria, não podiam ser vendidos, em regra, senão juntamente com o chão a que pertenciam.

Havia outras distincções attinentes á condição dos servos, e á sua maior ou menor sujeição, as quaes porém só tiveram um caracter consuetudinario, uma graduação regular e conhecida pelo tempo adiante.

No primeiro seculo do reino neo-gothico, a confusão era demasiada para se não parecer nas suas feições geraes, com todas as epocas de transição, em que não ha nada de bem definido: é o choque de instituições decadentes com os rudimentos informes, supposto que vigorosos, de uma nova existencia. Os abusos haviam de ser a regra; o respeito pelos contratos, o seu cumprimento vigoroso, seria a excepção. O servo da gleba foi sem duvida em muitos casos, e em sentido pratico, um verdadeiro escravo.

Que fosse ainda sujeito ao castigo de açoutes, sabemol-o por documentos *(Esp. Sagr.*, tom. 37, app. 5, doc. de 780; tambem Argote, *Mem. Eccl. de Braga*, tom. 3, app. 7, do sec. xi); o que, alem de parecer significar, n'este ultimo documento, uma inflicção judicial, nada tem de notavel, visto ser um supplicio comminado a cada passo no codigo wisigothico, que, mais ou menos modificado, continuou a vigorar no novo reino. E ainda menos reparo merece, em presença da carta de Aflonso II, de 811, decretando que qualquer leigo (incluindo portanto homens livres) que ousasse perturbar os monges de Sámanos na posse dos seus bens, afóra a pena fiscal do costume, receberia deitado cem açoutes *(centum flagella extensus accipiat*, Esp. Sagr. tom; 40, app. 14).

Já lembrámos em outro logar (Apontamento I) o facto da não existencia n'este periodo, do *escravo mouro*, entidade que só desde o seculo ix em diante, começou a tornar-se commum na nova sociedade christan da Peninsula. Antes do seculo apontado, os guerreiros da Cruz passavam ao fio da espada todos os mahometanos do sexo masculino, que lhes cahiam nas mãos, segundo asseveram os chronistas coevos.

XIII

DO MOSTEIRO DE SÁMANOS

No privilegio passado por Ordonho II em prol do mosteiro de Sámanos, em 1 de agosto do anno de Christo 922, refere-se o rei a uma antiga inscripção ali existente n'aquelle tempo, a qual reproduz, dizendo: «... quomodo ibi scriptum resonat in illa Petra:

... Gaudeat acceptum hîc sibi remedium:
Et atrium interius Populi non cedat in usus:
Nec unquam illic introeat Mulier,
Publica invitus hic nemo negotia solbat,
Flos ubi jam tenerum Cenobialem migat.»

Em 1753, por ensejo de se abrir no pequeno claustro uma porta para a livraria, foi descoberta uma pedra partida em tres pedaços, nos quaes, sendo unidos, se conheceu haver uma inscripção disposta em duas columnas. A columna da direita era já illegivel; a outra decifrou-se, e rezava assim:

«Ast ego Ermefredus Lucensi presul in urbe
Dispensans plebi jura sacerdotii
Talia confirmans edictis vota per evum
Restitui Lapsa cepta bene cumulans
Hujus xp̃e gregis tu tantum claustra tuere
Noxia ne pestis turbet ovile patens
Hic igitur monacale decus per secla nitescat
Vinceat hic animas regula sc̃a ..»

Esta lapida — que, como verificámos pessoalmente quando estivemos em Samos, já não se acha no mosteiro, tendo sido transportada provavelmente para algum museu, se é que se não perdesse no tempo da expulsão dos monges, cerca do anno 1840 — esta lapida pois foi sem duvida a mesma de que falla Ordonho; e os versos por elle citados, achar-se-hiam na columna á direita, illegivel quando a viu Risco, ou seu informante.

Ermefredo, bispo de Lugo, author da inscripção, vivia

no meiado do seculo VII; e como, segundo elle mesmo confessa, fosse sómente reformador do mosteiro, parece que a primeira fundação perde-se na noute do christianismo. Esta reforma vigorou até a invasão dos sarracenos na Galliza pelos annos 714 a 716.

Do mencionado privilegio de Ordonho, consta que a segunda restauração do mosteiro, que parece ter sido completamente destruido pelos arabes, effeituou-se no reinado de Froila I, que fez doação do sitio, além de outros bens de raiz em diversos districtos, a um chamado abbade Argerico e a sua irman Sára, que tinham vindo do territorio ou da fronteira dos sarracenos *(de finibus Spanie)*. Foi Argerico o fundador do novo cenobio em Sámanos entre os annos 756 e 768. Conforme um diploma de Affonso II, datado de 811, a área jurisdiccional era de meia legoa em torno *(milliarium et semis ex omni parte per gyrum Ecclesiæ*, etc., Esp. Sagr. tom. 40, app. 14), o que, pelo estreito horizonte do valle, abrangia todas as encostas circumvisinhas.

Embora figure uma mulher, Sára, na qualidade de donataria juntamente com o irmão, não se deve suppor que Sámanos fosse então, ou nunca, convento duplex; nada abona semelhante conjectura, nem a tradicção, nem as circumstancias conhecidas. Ella figuraria sómente como coproprietaria dos bens doados, mas sem ingerencia nem morada no cenobio depois da fundação. Prova-se até, por inferencia, em vista do facto allegado no mesmo privilegio, relativamente a outros dous refugiados de Spania, o abbade Ophilus e a Deo-vota Maria, a quem no seculo IX, por ensejo de nova reforma, se fez doação do mosteiro e das suas terras, sem porém dar-se a conhecer que a communidade fosse duplex; pelo contrario, fazendo-se apenas allusão a monges.

Com quanto chegasse em tempos posteriores a ser da ordem benedictina, não é certo que o fosse desde o principio, attento que, no precitado privilegio, affirma-se que fôra fundado «segundo a regra dos Santos Padres *(secundum Normam Sanctorum Patrum)*, ou, conforme a phrase de Manuel Risco, «dos antigos padres», a qual regra era um conjuncto de outras. Em todo o caso, deduz-se das pa-

lavras do rei que a disciplina prescripta por Argerico, e que prevaleceu por bastante tempo sob os seus successores, devia ser a primitiva, constante, no relativo a tres pontos, da citação do rei reproduzida acima; por um d'esses preceitos, como se viu, era prohibida a entrada no mosteiro de qualquer mulher. Isto tambem corrobora a convicção de que nunca fosse duplex, instituição desconhecida em Hespanha anteriormente á restauração devida a Argerico.

O mosteiro tinha uma albergaria *(ospitium)*, destinada ao recolhimento de pobres e de caminhantes ou estranhos *(pauperum et peregrinorum)*, segundo refere o alludido privilegio.

O nome do sitio e do mosteiro abbreviou-se mais tarde em *Samos*, syncopa que recorda a bem conhecida ilha do mar Egeo e por isso menos feliz e apropriada, porque faz esquecer mais depressa a ethymologia da palavra. Segundo o glossario gothico de Francisco Junio, allegado pelo Padre Risco, *saman* queria dizer «união de uma cousa com outra»; d'aqui *samanos* significaria um logar onde diversos vivem em communidade, derivação que, como lembra o mesmo Risco, se corrobora em presença do vocabulo anglo-saxão *samanon*, que significa «muitas cousas juntas em uma.»

Em confirmação d'isto, accrescentaremos que o gothico *samo, sama*, o islandez *same*, o hollandez *saemen*, o sueco *samme*, o allemão *zusammen*, tudo vale o mesmo, pouco mais ou menos, i. é, «n'um logar», «ao mesmo tempo», «junto». No saxão, *sam* entrava na composição de muitas palavras, communicando-lhes sempre a idéa de «juntamente»; e no inglez, *same*, que hoje só se emprega na accepção de «mesmo», «identico», etc., usava-se ainda no seculo XVI, no sentido primitivo de «junto». Os russos tem a mesma palavra *sam* (e *samo* para composição), significando «mesmo»; ignoramos, porém, se, na origem, teve esse outro valor de «junto».

Parece, pois, fóra de dúvida que *samanos*, quer derivasse do gothico, quer do suevo, significava, em sentido lato, «congregação», «communidade», ou, por outra, cenobio ou mosteiro; e que foi a casa religiosa, cuja primeira

fundação data do tempo dos suevos, que deu o nome ao sitio.

O privilegio acha-se em Florez, *Esp. Sagr.* tom. 14, app. 3; vide et Risco, mesma obra, tom. 40, pag. 202 e seg.

XIV

DE THEUDAS

O nome do fiel vassallo de Affonso o Casto é diversamente escripto tanto pelos authores modernos, que se servem do castelhano, como pelos chronistas compondo em latim. Entre aquelles, Lafuente escreve *Teudha*, Masdeu *Teudan*, e Risco *Theudio*. D'esses outros, temos Mariana, que diz, no genitivo, *Theudii;* Rodrigo de Toledo, no ablativo, *Theudo;* e finalmente o monge de Albelda, o mais antigo de todos (sec. IX), que escreve, tambem no ablativo, *Teudane*.

O nome com quanto seja raro, não é singular. Ao leitor biblico occorrerá talvez o *Theodas* mencionado por Gamaliel nos Actos dos Apostolos («Ante hos enim dies extitit *Theodas*...» V, 36); ao passo que Marco Tullio se refere a um liberto de Trebiano, conhecido por esse nome («proximeque *Theudæ*, liberto tuo, totum me patefeci...» Cicer., *Epist. ad Famil.* VI, 10). Em uma nota relativa a este trecho, diz Grutero que *Teudo* era erro vulgar. Mudado o «d» em «t», conhecem-se tambem os nomes *Teuta*, da altiva rainha dos Illyrios que ousou desafiar os romanos, tendo-lhes rosto por algum tempo; e *Theutis*, de um principe arcadio que esteve na guerra de Troya. *Teutas* era o nome, ou um dos nomes que os gaulezes davam a Hermes ou Mercurio.

Adoptámos o nominativo *Theudas* com applicação ao personagem historico de que se trata. O nome não é romano; e póde ser que o *liberto* de Trebiano fosse primeiro um d'esses prisioneiros que os vencedores traziam comsigo das guerras do Oriente, ou de paizes além dos Alpes, e que passavam logo para a condição de escravos; ou póde ser que fosse apenas filho de um tal. O heroe da proeza

em Abelania era provavelmente de origem goda, ou descenderia pelo menos de uma das outras tribus barbaras estabelecidas em Hespanha.

XV

DOS CONVENTOS DUPLICES

Pouco se sabe no tocante aos arranjos internos d'esta especie de communidades. Quer Viterbo que as moradas dos monges e das monjas fossem separadas por altas paredes, e que nem até na igreja se vissem uns aos outros, tendo cada communidade a sua. Isto não assenta em dados positivos. É possivel, provavel mesmo, que pelo tempo adiante, houvesse clausura mais rigorosa; não ha todavia vestigios d'isso, mas sim do contrario, pertencentes ao periodo que nos interessa, no qual começava apenas, quanto á Hespanha christan, a instituição de conventos duplices, segundo se póde colher dos subsidios.

Ha de feito um documento que derrama alguma luz sobre a materia, do qual Viterbo não tirou proveito n'este particular, citando-o no emtanto a outro proposito *(Elucid.* tom. 2, pag. 242, nota). Alludimos á carta de doação do abbade Astrulfus, do anno 842, publicada integralmente na *España Sagrada* tom. 40, app. 18.

D'ella consta que Seniorinus, tio, já então defunto, do referido Astrulfus, rompera os maninhos *(squalidavit)* n'um logar chamado Barrato, sobre o rio Minho, fundando ali a igreja de Santa Maria, plantando vinhas, e fazendo *muitas* casas com auxilio de religiosos e religiosas *(fratribus et sorroribus)*, que ali se estabeleceram em communidade.

O documento não refere a data precisa da fundação do convento de Barrato, assignalando apenas que foi em tempo de Affonso II, cuja administração começou em 791. Devia ser no começo do reinado; porque Astrulfus diz que seu tio, fundador aliás de outras igrejas na visinhança, permaneceu no governo d'aquelles bens e da communidade *per multa curricula annorum*, tendo por successor seu sobrinho o presbytero Bellarifonso, que foi ali abbade tambem

per multa curricula annorum, até que, fallecendo, substituiu-o seu irmão, elle Astrulfus, então abbade.

Referindo-se depois á communidade que pastoreava, diz: «illi qui hodie mecum sunt in *unô* Cenobio Presbyteri, Clerici, et *Devotæ*, quorum nomina hæc sunt.» Passa Astrulfus a dar uma lista de quatorze nomes, onze de homens, e tres de mulheres. Haviam porém de exceder esse numero, attenta a declaração que vem no remate do rol: «vel (synonymo de *et* no estylo medieval) alii plures, quorum nomina *longum* scribere est», indicando assim que haveria ainda muitos, e entre elles provavelmente não poucas mulheres.

Aqui temos pois um convento duplex, cuja communidade, não obstante passar de muito quinze individuos dos dous sexos, vivia sob a direcção exclusiva de um abbade. No tempo da sua fundação, parece que era distribuida em habitações separadas (*casas multas*, reza o diploma); e a expressão de que depois se serve Astrulfus relativamente ao seu tempo («in *uno* Cenobio»), não obsta a que continuasse o mesmo estado de cousas; porque a referencia seria ao ser collectivo, não a um edificio.

Na era primitiva do monachismo, parece ter sido essa a ordem predominante, com respeito á habitação. Nos cenobios do Oriente, conhecidos pelo nome de *laurœ*, tão celebrados a partir do seculo quinto, as cellas dos anachoretas (pois que não incluiam mulheres) eram dispostas separadamente em volta da igreja; e posto que cada religioso tivesse a sua, e que não houvesse communidade senão em certos actos rituaes, obedeciam todos os membros da laura a um unico superior. Ha tambem exemplos da separação das moradas nos cenobios anglo-saxonios, como se deprehende da chronica de Bede. E ainda dous ou tres seculos mais tarde, no tempo da dominação normanda em Inglaterra, vemos a celebre abbadia de Croyland constituindo uma reunião de casas sobre si, em madeira, segundo a descripção de Ingulph (veja-se a sua chronica sob o anno 975). Na Russia e no Caucaso, visitámos alguns mosteiros em que ainda hoje apparece aquelle caracter primitivo. A antiquissima laura de Kief, a cujas catacumbas acodem milhares de peregrinos, consiste n'uma serie de habitações em

madeira, formando o lado esquerdo do pateo entre o portão e o templo; mas em cada uma accommodam-se uns poucos de monges. Em Astrakan tivemos ensejo de ver um convento, cujo nome nos não lembra, onde as cellas são meras cabanas independentes, construidas de cepos, e tendo a igreja no meio d'estas.

Quer-nos parecer que temos n'este ultimo um exemplar do que succedia com relação a muitos conventos e asceterios fundados nos primeiros seculos da monarchia asturiana, quer fossem de monges ou de monjas, quer fossem duplices. É sabido aliás quão atrazada estava então a architectura, facto confirmado pelo que refere Sampiro a respeito da basilica de Santiago de Compostella, que, levantada por Affonso I, o Catholico, em proporções humildes (*ex lapidibus et luteo opere parvam*), começou apenas no seculo seguinte (anno de 872) a tomar as fórmas grandiosas do edificio actual, isto por industria de Affonso III, o Magno (*ex calce, quadratisque lapidibus marmoreisque columnis, sive basibus construxit eam valde pulcherrimam;* vid. Sampiri *Chron.*, in *Esp. Sagr.*, tom. 14).

Voltemos a considerar o assumpto sob o aspecto do *governo* e da *clausura* nos conventos duplices.

Conhece-se de bastantes documentos que essas communidades eram ás vezes regidas unicamente por um abbade ou prior, outras vezes por uma abbadessa, dando-se tambem casos de haver ao mesmo tempo prelados de um e outro sexo. N'estes ultimos deve presumir-se que cada sexo tivesse casa separada; mas quanto aos outros, infere-se do contexto dos diplomas que a morada era em commum; e d'isto já produzimos acima um exemplo positivo. Torna-se ainda mais provavel em presença da declaração que occorre não raro, de se compor a duplice communidade de poucas pessoas. Era frequentemente fundada e mantida em propriedade particular, formando parte d'ella o proprio senhorio, ou parentes seus. Estas eram meros *asceterios*, como então se designavam, quer fossem duplices, quer não.

O simples facto pois de serem governadas algumas communidades duplices por um superior commum, fosse de um, fosse de outro sexo, está indicando de per si que a clausura não era então de rigor, como se tornou ao depois.

Na Igreja Oriental, chamada orthodoxa ou grega, a clausura nos conventos de mulheres está longe de ser observada, mesmo hoje, com a austeridade que se exige no Occidente; e d'isso fomos testemunha occular nas nossas já alludidas viagens na Russia e no Caucaso. Ora, os costumes d'aquella Igreja são ainda os primitivos a diversos respeitos; e ali temos sem duvida o typo do que prevaleceu em certos pontos disciplinares da communhão latina, antes das modificações resultantes do desenvolvimento legitimo, coherente, saudavel, e gradual d'esta ultima. A pujança, digamol-o assim, da Igreja Romana foi-se manifestando mórmente depois do grande schisma, que começou no seculo IX para confirmar-se definitivamente no XI. A Igreja Grega pelo contrario tem-se conservado estacionaria, diremos mesmo entorpecida (contra as leis do vigor, que, assim no moral como no physico, pedem o movimento para medrança) desde o segundo Concilio Niceno, verificado no anno de 787, ultimo reconhecido por ella com o caracter ecumenico.

Os conventos duplices foram prohibidos pelo referido Concilio; mas aquella providencia nenhum effeito produziu na nossa Peninsula, porque temos noticia d'esse genero de communidades até o seculo XII. Se nos limitassemos ao testemunho exclusivo de documentos conhecidos, teriamos de concluir que os conventos duplices só começaram a fundar-se em Hespanha cerca do tempo da prohibição, e que raros houve antes do seculo IX.

Vejam-se os diplomas citados por AMARAL (*Mem. de Litter. Port.* tom. 7 p. 96 n. 72, noticia de um convento duplex ao pé de Cordova, destruido em 853, e p. 184 n. 220), RIBEIRO (*Dissert. Chron. e Crit.*, tom. 4 part. 2 p. 113), e VITERBO (*Elucidario*, tom. 1 pp. 24, 39, 284, 285, 362, 364, 429, e 436; tom. 2 pp. 47, 105, 164, 204, 205, 282, e 312).

XVI

DAS FORMULAS DE ANATHEMA E MALDIÇÃO

EMPREGADAS NOS DIPLOMAS ANTIGOS

Este estylo, que alguns antiquarios fazem começar com os reis godos de Hespanha, teve, quanto a nós, uma origem mais remota, poisque já se lhe encontram os rudimentos em alguns edictos dos imperantes romanos successores de Constantino. Eis como se exprimem Gratiano, Valentiniano e Theodosio no anno de 380: «Hanc legem sequentes, Christianorum Catholicorum nomen jubemus amplecti: reliquos vero dementes vesanosque judicantes, hæretici dogmatis infamiam sustinere: *divina* primum *vindicta*, post etiam motus (animi) nostri, quem ex cœlesti arbitrio sumpserimus, ultione *plectendos*.» É o primeiro exemplo que nos deparam as nossas pesquizas. Do sexto seculo ha diversos; eis um de 528, são palavras de Justiniano: «Hæc igitur cum ita se habeant, *anathematizamus* omnem hæresin, præsertim vero Nestorium.»

A pratica de formular o anathema eventual (abstrahindo os exemplos biblicos de maldição, conforme á Antiga Lei) nasceu nos concilios do Oriente; e se os imperadores seguiram a mesma praxe foi unicamente na sua qualidade de defensores da Igreja e para darem força ás actas d'aquellas assembléas. É o que se deriva de varias especies. Diz Justiniano em 530 (15 kal. novem.): «Si vero quis ausus fuerit adversus hæc tentare... fiet *ecclesiasticæ multæ* subjectus *apud sanctissimum Patriarchum*,» etc.; e em 533 (7 kal. april.) «... omnes enim qui *ab iis* (isto é, *conciliis*) *damnati et anathematizati sunt*... anathematizamus.» Ainda mais, ha esta formal declaração do imperador Marciano no concilio de Chalcedonia (an. 451): «Nos *ad fidem confirmandam*, non ad potentiam ostendendam, exemplo religiosissimi Principis Constantini, *Synodo interesse voluimus*, ut inventa veritate, non ultra multitudo pravis doctrinis attracta discordet» (vid. act. VI do mesmo conc.)

Do Oriente pois (não de Toledo, como querem alguns authores) espalhou-se esse estylo para e pela Europa, observando-se não só nas actas dos synodos e concilios, mas tambem nos diplomas regios, posto que com maior afinco e persistencia por parte dos reis godos de Hespanha, ou melhor, dos concilios cujas decisões confirmavam, notando-se outro sim maior energia nas formulas gothicas e um caracter atrabilario que ainda não apparece em outros paizes. Continuou no periodo neo-gothico, indo sempre em augmento como regra de chancellaria.

Ha quem tenha encarado este uso como significando por parte dos soberanos uma avocação a si do direito de comminarem penas espirituaes; e o illustre Lafuente diz que por tal fórma a magestade arrogava as attribuições do pontificado (*Hist. de España*, tom. 3 pag. 230). É doutrina, a nosso ver, insustentavel em presença dos monumentos. Não foi esse o intuito dos imperantes em Constantinopla, como vimos; e não parece, á vista das poucas especies que nos restam da chancellaria dos reis de Toledo, que as pretenções d'estes fossem mais além do que as professadas pelos defensores natos da Igreja. Diz Recaredo, n'um edicto: «Si quis... obediens esse noluerit... *ab omni concilio* excommunicationi subjaceat» (Aguirae, *Concil. Hisp.* t. 3 p. 234); não era pois elle que excommungava. Com quanto seja menos explicito, succede o mesmo com Ervigio, cuja comminação contra o infractor consiste no seguinte: «diutinam Ecclesiasticæ disciplinæ excommunicationem excipiat» (*ibid.* p. 290), limitando se, como entendemos, a sujeitar o culpado á acção do braço ecclesiastico.

Sahindo da Peninsula, temos alguns exemplos analogos. N'um estatuto dos Alemanni do sexto seculo, lê-se: «Dei judicium incurrat, et excommunicationem *Sanctæ Dei Ecclesiæ*» (Mabill. *De Re Dipl.* lib. 2 c. 8 § 7); isto é, a pena seria imposta pela Igreja. Se um dos capitulares de Carlos Magno nos depara este trecho: «sit... a communionis gratia sequestratus» (Pertz, *Mon. Ger. Hist.* Leg., v. 1 p. 34), em outra determinação do mesmo soberano, citada por Mabillon, lemos: «*ab Episcopis* nostris anathematizetur», podendo-se considerar a primeira locução como redigida no mesmo espirito.

A idéa fundamental das formulas em questão ao serem

empregadas pela authoridade civil, quando não era sujeitar o transgressor ao poder espiritual para a execução da pena, como transluz dos exemplos supra, cifrava-se n'um mero appello para o ceo, afim de inspirar o terror e prevenir as infracções, meio que em seculos de viva fé não deixaria muitas vezes de sortir effeito. A illação, além de ser mais consentanea, adquire maior força e solidez attenta a pratica seguida por particulares e simples leigos nos contratos e outras escripturas lavradas em seu nome, nas quaes apparecem formuladas as mesmas maldições, constituindo deveras palavras tabellioas.

Mui cedo começou este costume na terra dos Francos. No sexto seculo uma rica dona quer que o infractor eventual das clausulas que mandára pôr por escripto, *incorra a ira da Santa Trinidade e seja excommungado das luzes da Santa Igreja.* Os cartularios e collecções ineditas que se tem publicado ultimamente em França, offerecem outras especies do mesmo genero referentes a esse seculo e ao immediato, tornando-se mais vulgares nos seguintes. Se na peninsula hispanica começam apenas com o seculo VIII, é sem duvida porque os cartorios gothicos soffreram os effeitos destruidores da invasão arabe, ou das commoções civis do periodo musulmano; poisque tudo persude ter-se observado o estylo com maior constancia aqui do que em outros paizes. Um dos mais antigos exemplares que encontrámos é do anno 745, sendo obra de humildes libertos, que se exprimem assim: «Si quis hanc seriem dotis violaverit sit anathema ab Concilio, videlicet Sanctorum segregatus, nisi conversus egerit pœnitentiam.» N'uma doação de 871 passada por Cartemiro e sua mulher, temos: «Et qui..., sedeat separatus et excommunicatus et cum Juda traditore habeat participem.» Abundam os cartorios de Portugal e Hespanha em documentos da mesma classe. Na epistola de Osbern sobre a tomada de Lisboa em 1147, dá-se conta de como alguns soldados inglezes fulminaram formalmente a excommunhão contra outra parte do exercito (vid. PORTUG. MON. HIST. *Escrip.* v. 1 p. 397). Ora, ninguem se lembraria de sustentar que estes leigos se arrogavam o direito de impor a excommunhão ou de comminarem penas espirituaes.

Existe aliás um documento que revela de um modo mais positivo a idéa fundamental das imprecações formuladas por seculares. É uma carta de doação da infanta D. Urraca, filha de Fernando I de Castella, exarada em 1071. Eis o trecho que nos importa: «si quis aliquis Regis aut quælibet potestas, hunc meum factum... convellere voluerit, ut tu cum omnibus Sanctis, dum cum Christo ad judicium veneris, ut vocem Ecclesiæ tuæ intendas, ipsum tibi tuæque domni contemptorem *facias* demergi in tartarum cum diabolo et angelis ejus, et cum Datam et Aviron, Judæque Scharioth partem habeat in æterna dampnatione.» Era pois um mero appello, a expressão de um anhelo.

Se a verdadeira significação das formulas não transsuda tão evidentemente das cartas regias pertencentes á Peninsula, por ser quiçá teor corrente e intelligivel de per si, ha entre os diplomas estrangeiros alguns que dão mais cabal testemunho do facto. Guilherme o Conquistador, n'uma lei prohibindo aos seculares intrometterem-se em questões da competencia do foro ecclesiastico, commina a excommunhão, mas como que deixando a execução ao bispo; não vimos porém o texto, apenas a citação por Hardouinio (*Concilia quædam*, an. 1085). A seguinte especie é mais certa: diz Ricardo I de Inglaterra n'um diploma: «Nos vero, *quantum potest rex*, excommunicamus, et concedimus, quod incurrat indignationem Dei omnipotentis» (Mabill. l. 2 c. 8 § 22). A limitação expressa é concludente quanto ao espirito da comminação de penas espirituaes por parte do poder temporal. Na chamada bulla aurea de Rogerio, conde-soberano de Calabria e Sicilia, diz elle com referencia a quem não obedecesse ao bispo «jubeo anathematizari», e quanto áquelle que intentasse violar esta carta de doação, accrescenta: «habeat anathema a Patre, Filio, & Spiritu Sancto, & a trecentis decem & octo Deiferis Patribus, & cum Diabolo æterno igne punietur» (Italia Sacra, t. 1 col. 950, texto grego e latino). A primeira d'estas formulas parece-nos cingir-se a um appello para a authoridade ecclesiastica, e as outras para os poderes celestes. Quem sejam os 318 padres de attributos deificos, ou inspirados de Deus, é mais do que sabemos dizer; nem nos consta outro exemplo d'esta formula singular do seculo XII. N'um tratado entre o

rei de França e o conde de Flandres, estipula-se a excommunhão contra a parte que violasse o pacto; *mas seria lançada pelos bispos* (vid. o texto em LEIBNITZ, *Codex jur. gen. dipl.* p. 11). N'um diploma de Guilherme II de Inglaterra, o arcebispo de Canterbury é quem commina a pena espiritual, ao passo que a confirmação regia limita-se a isto: «*quantum in me est* confirmo» (RYMER, *Fœdera*, vol. 1, p. 5, ed. de 1816). Na Magna Carta de 3 de maio de 1253, as formulas de anathema são dos bispos, sem que n'ellas tenha parte o rei (vid. o texto em MATTH. PARIS., *Hist. Maior* p. 580, ed. 1644).

Que não houvesse proposito nos soberanos de avocarem a si os attributos ecclesiasticos, transparece tambem dos ritos seguidos na coroação dos imperadores allemães. Entre os quesitos formulados pelo papa, havia este: «*Anathematizas* etiam omnem hæresim extollentem se adversus Sanctam Ecclesiam Catholicam? Respondet (i. é, o imperador): *Anathematizo*» (vid. o ceremonial em MURAT., *Antiq. Ital.* t. 1, p. 103). É evidente que o papa não exigia, nem acceitava a resposta imperial como tendo outro valor, ou envolvendo outro principio que não fosse referente ao apoio do braço secular; o mesmo que se dava com Constantino e seus successores.

Outro argumento em abono d'esta doutrina, é que a voltas de fulminarem o anathema contra os infractores, consignavam os estipulantes não raro uma benção em prol dos que respeitassem as clausulas do documento. Esta maneira trazia as raizes de mui longe: apparece nos concilios do Oriente, e, em rudimento, nos edictos imperiaes; encontra-se nas actas Toledanas e de outros concilios do Occidente, nos diplomas regios do neo gothismo, nos da chancellaria pontificia (mórmente antes dos meiados do seculo XII; depois é mais vulgar a maldição desacompanhada), e até em documentos de leigos particulares, senão formalmente, pelo menos de um modo rudimentar (na clausula *nisi* do remate).

Quanto á intensidade das expressões, podem as formulas, até onde alcança o nosso exame, co-ordenar-se em tres periodos, a saber:

1.° Até o seculo IX são geralmente concebidas em ter-

mos singelos ou menos redundantes, embora haja casos excepcionaes de maior energia, de que se vem exemplos nas actas de alguns concilios de Toledo.

2.º Do seculo IX ao XII chegam em violencia a um excesso incrivel, degenerando na extravagancia e no absurdo, e variando conforme a fantasia dos tabelliães ou seus committentes. Verifica-se tanto nas actas dos concilios, como nos diplomas regios e particulares. É o que se póde chamar, n'esta especialidade, *o periodo da anarchia*. Um dos seus caracteres distinctivos é abrangerem as formulas imprecações applicaveis á pessoa e ás suas relações sociaes: calamidades, infortunios, doença, perda da vista ou de algum membro do corpo, orphandade, viuvez, morte dos filhos, etc., insistindo-se não raro nas particularidades as mais hediondas.

3.º Do seculo XII ao XIV as formulas são mais regradas, voltando á singelesa primitiva, e tornando-se menos frequentes até desapparecerem de todo nos fins d'este ultimo seculo.

Entre as formulas ha porém algumas que são communs a todos os periodos e a diversos paizes. Acham-se n'este caso, além de outras, as que se referem a Judas, e a Dathan e Abiron, as quaes, apontando já no seculo VII, parece pela sua frequencia desde o seculo immediato, serem as maisqueridas, sujeitas a variantes sómente na dicção.

As formulas de anathema e maldição resolvem-se n'um ramo da diplomatica que tem sido pouco estudado, merecendo que o fosse mais por ser um subsidio assás valioso para a hermeneutica. Como exemplo, diremos, em relação ao celebre privilegio post-baptismal attribuido a Constantino o Grande, que quando faltassem outros argumentos contra a sua authenticidade, bastaria, quanto a nós, para o tornar suspeito, a phrase das suas formulas de anathema: «Si quis..., æternis condemnationibus subjaceat innodatus, et sanctos Dei, Principes Apostolorum, et Petrum et Paulum, sibi in præsenti et in futura vita sentiat contrarios; atque in inferno inferiori crematus, cum Diabolo et omnibus deficiat impiis», etc. (vid. o doc. na sua integra: LANCELL., *Corp. Jur. Canon.* t. 1 dis. 96 c. 14). E' estylo desconhecido do seculo IV, denunciando o documento como obra pos-

terior ao seculo VI. A locução «in inferno *inferiori*» parece-nos pertencer exclusivamente ao segundo periodo; não a temos encontrado em outro logar, antes do seculo nono.

A carta regia de Chindaswinthus, do anno de 646, produzida por Yepes (*Cron. de San Benito* t. 2, app. 13) é sujeita a suspeição pelas formulas de anathema, que omittimos por brevidade; basta dizer que a expressão: «Sit... repetita anathema maranata, id est *duplici* perditione damnatus» é propria do seculo X, e não do VII. N'este ultimo, a clausula correspondente, quando se exprimia, era «sit anathema maranatha, hoc est perditio *in adventu* domini nostri Jesu Christi» (construcção explicativa aliás mais correcta que a outra, porque *maranatha* quer dizer «adventus»). Accresce que, em logar de «æternis suppliciis condemnetur», que, com as suas variantes, era o modo de dizer mais usual no sec. VII, a carta de Chindaswinthus traz: «tartareas pœnas... perenni perferat cruciatu», de que não nos consta outro exemplo antes do sec. VIII; e mesmo n'este vimos apenas um (vid. infra, o extracto do testam. de Odoario, an. 747); é só no sec. X que parece tornar-se mais vulgar. O documento pecca tambem pela ordem seguida nas formulas que chamamos *communs;* e vistas no seu conjuncto são, com leves variantes, uma copia das maldições formuladas no testamento do conde Osorio Guttierez, datado da era 1007, correspondente ao anno 969 (vid. este dipl. *Esp. Sagr.* tom. 19. app. 17).

Na carta de fundação do mosteiro de S. Maria de Obona, datada de 780, entre as maldições vem o seguinte: «in presenti vita semper in aprobium vivat, membris magis necessariis careat,» expressões que não costumam figurar nos monumentos do seculo VIII, e pertencem ao segundo periodo. Pellicer, fundando-se em outras circumstancias, intentou mostrar que o diploma em questão foi lavrado nos fins do seculo X, tendo-se alterado a data posteriormente para dar apparencia de maior antiguidade ao mosteiro. O nosso argumento vem reforçar os de Pellicer.

Em seguida damos mais algumas amostras das formulas relativas aos tres periodos, supprimindo geralmente o trecho expressivo da eventualidade que começa *si quis*, para evitar a repetição inutil da mesma idéa.

PRIMEIRO PERIODO:

«Si quis convellit, tentaverit dona nostra, quæ hic in dote concessimus, sit condemnatus, et perpetuam ultionem percussus in conspectu Domini nostri Jesu Christi, et Sanctorum ejus, ut de hoc sæculo sit Dathan et Abiron, quos continuo factum, et tartareas pœnas cum Juda Christi traditore perenni perferat cruciatu...»

Primeiro testamento de Odoario, bispo de Lugo. Anno 747.

«Si quis..., in iram Dei et ipsius Sancte Virtutis incurrat periculum.»

Doação feita por certo Guinifredi de Pistoia (Italia). Anno 767.

«Qui..., sit maledictus et excommunicatus et cum Datham et Abyron damnatus, et quidquid..., segregatus a corpore Christi sit, et nihil in sua potestati sit, sed sit excommunicatus...»

Doação do abbade Fromistano. Anno 781.

«Si quis..., hic a Christi communione privatus fiat... anathemati perpetuo subjaceat, quæ bona sunt in Hierusalem cum electis Dei non videat, cum Dathan et Abiron et Juda proditore Domini pœnas perenniter sentiat...»

Carta de Confirmação do rei Affonso II, Anno 812.

SEGUNDO PERIODO:

«Si quis contra hunc magnum testamentum perverse quod locutus fuit a lingua sua vermes dill *(lacuna)* cum cibo sumpserit. Sit vita in præsens orbatus filius et suis luminibus, Dathan et Abiron sint consolatores, vel sui socii: absorveat eum terra adhuc præsens in vita, quemadmodum fecit illorum corpore: sit ante Christum filius perditionis, socius et Juda traditoris in req. *(lacuna)* ultricibus perpetuis æternis in flammis habeat *(lacuna)* et post mortem a Christo confussio dupla quod est anathema...»

Doação de S. Gennadio, bispo de Astorga. Anno 916.

«Si autem (quod absit)..., a cœtu in hac vita anathema-

tizetur fidelium, & in tremendo Dei examine astantibus cœlorum agminibus hominumque turmis, necnon & horrendis erebi vernulis, palam cunctis damnetur, cum hædis, averni cruciamenta sine fine luiturus, ni ante obitam condigne emendaverit.»

Diploma do rei Ethelred de Inglaterra, assignado por elle, diversos bispos, abbades, etc. Anno 990.

«Quisquis..., fracta manu, pede et cervice, evulsis oculis, fusis intestinis, percussus lepra, uno gladio anathematis. in æterna damnatione cum diabolo et angelis eius luat pœnas.»

Actas do concilio de Leão. Anno 1020.

«Si quis..., fracta manu, pede, et cervice, evulsis oculis, lepra percussus, frangat eum Deus in conspectu omnium inimicorum suorum, sit maledictus et excommunicatus usque in septimam generationem, in conspectu Patris, et Filii, et Spiritus Sancti et insuper cum Dathan et Abiron, et cum Juda Domini proditore, cum Simone Mago, et Nerone, pares pœnas sustineat in æterna damnatione. Amen.»

Confirmação e juramento do rei de Aragão, nas actas do concilio de Oviedo. Anno 1130.

Terceiro periodo:

«Si quis..., deleatur nomen de libro vitæ, & cum Juda traditore pœnas perpetuas participet.»

Carta do abbade e convento de S. Albano (Inglaterra).

«Si quis..., iram Dei habeat et maledictionem et regiam indignationem incurrat...»

Carta de Confirmação de Affonso IX. Anno 1199.

«Quisquis..., ex parte Dei patris Omnipotentis, et de nostra sit maledictus et anathematizatus, et in inferno cum Juda traditore sine fine damnatus...»

Doação de Affonso IX. Anno 1206.

«E se ome *(homem)* veer da nossa parte, ou da estraya *(estranha)*, que esta carta britar queyra, seya maldito e es-

cummungado e com Judas traedor no inferno danado...»

Carta de venda a Pero Rodrigues e sua mulher, por Mem Rodrigues e sua mulher Anno 1275.

«E mando a todos aquelles que de mim veerem so pena de beençom e de maldiçom que façam cumprir...»

Carta regia de D. Diniz. Anno 1283.

«E o que nom fezer... seja pera senpre con Judas treedor confuso no Inferno, e aja a maldiçom de Sam Bento, e de Sancto Augustino.»

Compromisso entre os prelados e monges de diversos mosteiros. Anno 1387.

O que precede é um resumo da Memoria que temos prompta, salva a redacção, para offerecer á Academia Real das Sciencias de Lisboa, Memoria em que a materia sujeita se discute com o desenvolvimento que comporta a grande cópia e variedade de exemplos subsistentes, de que mais de cem vão reproduzidos e classificados, extrahidos de diplomas da nossa peninsula e de paizes estrangeiros.

PUBLICAÇÕES

DO

MESMO AUTHOR

Fid. Cav. da Casa Real; Cav. da Ordem da Conceição; Gran Cruz da Ordem de Santa Anna, da Russia; Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario que foi de Portugal em S. Petersburgo, nos annos de 1870 a 1876; Soc. Hon. do Instit. de Coimbra; Soc. Corr. da Acad. Real das Sciencias de Lisboa, e do Instit. Hist. e Geog. do Brazil; Soc. da Real Assoc. de Archit. de Lisboa; Soc. Academico da Societ. de Lingua univers. de Madrid; Soc. Prof. Corr. da Acad. de Jurispr. e Legisl. de Madrid; Mem. do Cobden Club de Londres.

1—**Catalogo** dos manuscriptos portuguezes no Museu Britannico, por Frederico Francisco de Figanière — *Lisboa*, Impr. Nacional, 1853, 8.º de XXV—415 pag. *Restam vinte exemplares.*

2—**A guerra e o commercio livre**, por Frederico Francisco de Figanière—*Lisboa*, Typ. do Panorama, 1854; opusc. de 33 pag., 8.º, a favor da liberdade de commercio.

3—**Memorias das rainhas de Portugal**,—D. Theresa até Santa Isabel (inclusive) — por Frederico Francisco de Figanière; com documentos, facsimiles e retratos—*Lisboa*, Typ. Univers., 1859, 8.º gr. de LXXI—336 pag. *Edição esgotada.*

4—**A Liberdade e a Legislação**, vistas á luz da naturesa das cousas, por Frederico Francisco de Figanière—*Petropolis* (Brazil), Typ. de B. P. Sodré, 1866, 8.º gr. de VIII—204 pag.— N. B. These em defensa da manutenção da independencia do povo portuguez. *Edição esgotada.*

5—**Suum Cuique**—O primeiro tomo das «Rainhas de Portugal» por Francisco da Fonseca Benevides, Lisboa, 1878, e as «Memorias das Rainhas de Portugal (D. Theresa até Santa Isabel)» por Frederico Francisco de Figanière (hoje visconde de Figanière) Lisboa, 1859 — *Lisboa*, Livraria Ferreira, Editora, 1880; folheto de 60 pag. 8.º peq.

6—**Quatro regras de Diplomacia,** pelo visconde de Figanière — *Lisboa*, Livr. Ferreira, Editora, 1881, 8.º de 239 pag.

EM FRANCEZ

7—**Lettres japonaises** sur la civilisation en Europe comme produit du Christianisme et de la voie qu'elle suit actuellement — *Paris*, E. Dentu, 1875, 8.º peq. de VI—139 pag.—N. B. Publicou-se anonymo. Das 15 cartas appareceram as seis primeiras, traduzidas, na «Correspondencia de Portugal», nos n.ºs de 28 jan., 13 e 28 fev., 13 e 28 março, e 29 agosto de 1877.

EM INGLEZ

8—**A Chronological Table,** of the European Emperors, kings and sultans, of the Popes, and of the Doges of Venice, from the year of Our Lord 800 to the present day, so arranged that, at a glance, all contemporary Sovereigns may be found.—Compiled by F. F. de Figanière—*New York*, 1850. Consta de uma folha grande. *Tiragem esgotada.*

9—**Notes** taken during a trip to Santarem, Batalha and Alcobaça—*New York* Office of Parker's Journal, 1852, 12.º de 60 pag.—N. B. Traz sómente as iniciaes do author, F. F. de F., sendo a reproducção (para distribuição particular) de uma serie que appareceu no «Parker's Journal».

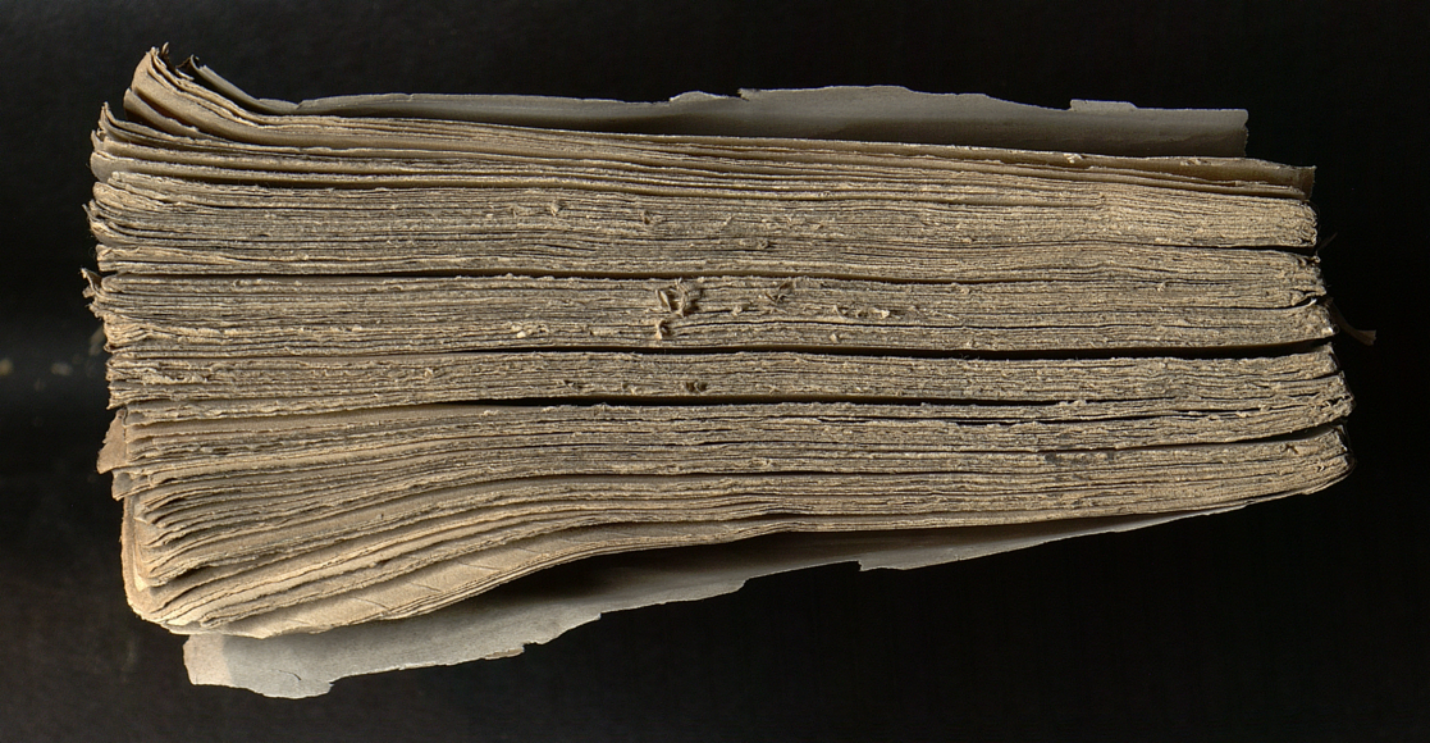
10—**Vasco Peres,** the Cooper of Alcobaça.—Appareceu, sem nome do author, no «New York Ledger», n.ºs de 2, 9, 16, 23 e 30 de nov., 7, 14 e 21 de dez. de 1861.—N. B. Romance fundado em incidentes da batalha de Aljubarrota, constando de 18 capitulos.

11—**Palmitos,**—A novel—By Viscount de Figanière — *London*, T. Cautley Newby, 1873, 3 vol. 8.º de 396, 357 e 379 paginas respectivamente.—N B. Romance descriptivo da vida na roça, e dos colonos portuguezes no Brazil, fundado em observações pessoaes do author, outr'ora Secretario da Legação de Portugal n'aquelle imperio (de 1862 a 1867). *Edição esgotada.* Da reserva do author restam 15 exemplares.

12—**My Recollections of Russia**—By a Diplomatist.— Serie publicada no semanario The Whitehall Review, de *Londres*, desde 21 de out. de 1876 até 13 de jan. de 1877. Consta principalmente de esboços do Tzarewitch, hoje Imperador, principe Gortchacow, diversos estadistas, generaes, etc.

13—**Notes on Russian Life**—By one who has lived in Russia.—Serie assignada *Basil*, e publicada no semanario Financial Opinion, de *Londres*, desde 9 de agosto até 28 de dezem. de 1877.

14—**Elva** — A story of the dark ages—By Viscount de Figanière—*London*, Trübner & C.º, 1878, 8.º peq. de VIII—194 pag. — N. B. Poema em cinco cantos, fundado nas lendas Biscainhas do «Conde dom Moninho» e da «Dama Pé de Cabra» constantes do *Nobiliario do Conde D. Pedro.*

Das obras supra, numeradas 1, 2, 5, 6, 7, 11 e 14, podem-se obter exemplares na Livraria Ferreira, rua Aurea, n.ºs 132 e 134.

BIBLIOTECA NACIONAL